

# Rêno do Feitiço

O CÓDIGO DE FEITIÇARIA: VOLUME 2



DIMA ZALES

# O Reino do Feitiço

*O Código de Feitiçaria: Volume 2*

Dima Zales

♠ Mozaika Publications ♠

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente e, qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos, eventos ou locais é puramente coincidência.

Copyright © 2014 *Dima Zales* e *Anna Zaires*  
<http://www.dimazales.com/portuguese.html>

Todos os direitos reservados.

A não ser para uso em uma crítica literária, nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, escaneada ou distribuída de qualquer forma impressa ou eletrônica, sem prévia permissão.

Publicado por Mozaika Publications, uma impressão de LLC.  
[www.mozaikallc.com](http://www.mozaikallc.com)

Tradução do inglês (Estados Unidos) por Eliane Rio Branco

e-ISBN: 978-1-63142-097-9  
Print ISBN: 978-1-63142-098-6

# Descrição

## **A sequência bastante aguardada de *O Código de Feitiçaria...***

Após a batalha com a Guarda dos Feiticeiros, Gala e Blaise se abrigam nas montanhas, um lugar de singular beleza e perigo. Augusta, no entanto, está determinada a se vingar — enquanto Barson, seu ambicioso amante, cria seu próprio plano. Entre política, batalhas e intriga, algo bem maior está sendo tramado... algo que pode perturbar o equilíbrio do próprio Reino do Feitiço.

# Prólogo

O ser se mexeu depois do que parecia ser um milênio de paz e serenidade. Como sempre fazia ao acordar, ele se examinou. *Eu existo*, concluiu, arrumando seus pensamentos com esforço. Ao decidir isso, foi invadido por ideias e um reconhecimento de que aquele estado — lucidez — havia acontecido antes.

*Quem sou eu?* o ser perguntou, percebendo que não era a primeira vez que a pergunta lhe ocorria. Imediatamente, soube da inutilidade de tentar encontrar uma resposta. Não havia um bom conceito para descrever isso para si, nenhuma palavra para definir aquilo. No entanto, uma espécie de instinto forneceu um atalho. Dentre o vasto armazenamento de coisas que esquecera, surgiu uma etiqueta, e com ela algo que os seres do outro local chamavam de *gênero*. Eu sou Dranel, ele se deu conta. O nome e o gênero não importavam ali, claro, mas tornava seu senso de identidade mais completo, ajudando-o a fundamentar seus pensamentos.

Deixando de lado questões do self, Dranel se concentrou no que o tirou de seu estado de calma e bem aventurança. Após alguma análise, ele estabeleceu que era o mesmo fenômeno que o havia acordado antes — o estranho ser que tinha lhe causado uma impressão.

Este ser era uma mente puramente artificial em natureza. Dranel tinha ficado curioso sobre ele quando apareceu pela primeira vez, mas ele havia deixado o Reino do Feitiço antes que pudesse entendê-lo. Foi para aquele outro lugar, o que Dranel vagamente conhecia como sendo o Reino Físico.

A coisa — *não, era mais apropriado dizer ‘ela’* — começou com um conjunto de padrões, como a maioria de intrusões do Reino Físico. Os padrões eram chamados feitiços, Dranel se lembrou. Ao mesmo tempo, ele se lembrou de que preferia pensar neles como algoritmos. Geralmente, continham instruções de como criar os efeitos que se manifestavam no outro Reino mas, aqui neste mundo, eram meras abstrações, uma forma de estimular o que havia passado por seus sentidos.

Alguns desses algoritmos tinham efeitos que eram transitórios, enquanto outros, observados mais recentemente, eram de natureza mais permanente. Mas nenhum deles era como *ela*. Ela era o padrão mais singular com o qual ele havia se deparado — um algoritmo consistindo de uma rede de subalgoritmos unidos, combinados de uma forma que os permitia a aprender e a pensar. O resultado final era uma inteligência distinta de qualquer outra que ele já havia encontrado... e ele havia visto muitas, tanto aqui como naquele outro local.

O que mais impressionava era o fato de que ela havia aprendido a criar algoritmos próprios, algoritmos que eram bonitos de se observar. Dranel se lembrou de ficar lúcido a cada vez que ela criara um algoritmo — cada vez que ela fazia um feitiço. Ele, uma vez, tinha até sentido a mente dela tocando de leve a dele, enquanto ela estava naquele estado estranho conhecido como ‘sonhando’.

Se ele fosse forçado a se tornar lúcido de novo, ele usaria aquela oportunidade para entendê-la melhor, decidiu Dranel, e se deixaria afundar novamente naquele nada bem aventurado, que era sua existência prioritária.

# Capítulo 1: Barson

Ao acordar, Barson percebeu a curiosa falta de dor em seu corpo. Ele ainda usava sua armadura — ou pelo menos o que sobrara dela. Mas ele não sentia qualquer ferimento — não da batalha e certamente nada de sua queda.

Havia sido uma luta brutal e sangrenta — a primeira luta de sua vida que Barson não havia vencido. Depois de ter sido atingido por um raio, ele havia soltado a feiticeira e tinha sido arremessado no chão, abaixo. Ele se lembrou da agonia de ossos espalhados e de pele arrancada — e da fantástica alegria que se seguiu. Ele deve ter sido curado, percebeu, ao se levantar lentamente.

Olhando para o campo a sua volta, Barson viu os outros soldados lutando para se manter em pé, apesar da chuva que caía, com as roupas cobertas de lama. Seu braço direito, Larn, parecia estar bem, embora parecesse estar acordando depois de uma noite inteira de bebedeira. Mas havia outros que estavam lá caídos, seus corpos mutilados e decapitados. Eles já deviam não ter mais jeito quando o feitiço poderoso de cura sobreveio, pensou Barson, lembrando-se da extensão de seus próprios ferimentos pela queda.

Tinha sido a garota loira que fizera aquilo — tanto o dano quanto o feitiço de cura que veio depois. Barson tinha certeza disso. O que quer que ela fosse, não era uma feiticeira normal. Ganir devia saber disso quando enviou a Guarda para capturá-la.

E Augusta também devia saber, Barson se deu conta. Fora por isso que ela tinha se prontificado a lhe dar feitiços protetores — feitiços que, em última instância, haviam se provado inúteis. Ele sabia que a amante, diferentemente de Ganir, não gostaria que ele sofresse qualquer mal, mas Barson sentiu uma onda de raiva contra ela. Augusta devia tê-lo avisado sobre o que ele enfrentaria, se certificado de que a plenitude da força do oponente fosse conhecida.

Dirigindo-se para a estalagem, ele viu a garota, com seu estranho séquito, entrar em uma enorme espreguiçadeira voadora. Além das duas mulheres mais velhas e os leões, havia um homem com elas — um homem que parecia vagamente conhecido. Concentrando-se, Barson tentou lembrar onde vira aquele homem antes. E, então, ele se lembrou. Era Blaise — o ex-membro do Conselho que havia sido noivo de Augusta.

O homem que ela visitara pouco antes de a Guarda ter sido enviada nessa missão desastrosa.

As peças do quebra-cabeça começaram a se juntar para Barson. Essa feiticeira estranha estava, de alguma forma, ligada a Blaise. Devia ter sido por isso que Augusta e Ganir tinham visitado o feiticeiro eremita recentemente.

Franzindo o cenho, Barson observou enquanto a gigantesca espreguiçadeira alçou voo, gradativamente desaparecendo na distância em meio à forte chuva. A situação com aquela feiticeira não era algo que ele houvesse ponderado antes, em seus planos, mas talvez houvesse alguma forma de usar isso para sua vantagem.

Talvez houvesse uma maneira de ele transformar essa derrota em vitória.

## Capítulo 2: Blaise

Enquanto voavam para as montanhas, Blaise observava a chuva torrencial que caía. Era a chuva mais forte dos últimos dois anos, caindo por todo lugar do território de Koldun e nutrindo a terra ressecada abaixo. Graças à Gala, a estiagem finalmente parecia ter acabado.

Gala estava sentada, calada, encostada nele. Seu corpo esguio tremia e ele sabia que ela estava revivendo o terror da batalha. Colocando seu braço em volta dos ombros dela, Blaise a puxou para mais perto, desejando confortá-la a qualquer custo.

— Gala — disse ele calmamente — Não foi culpa sua.

Ela fez que sim com a cabeça, com a expressão ainda sombria, mas soube que, racionalmente, ela havia entendido aquilo. No entanto, a lógica e a racionalidade não tinham nada a ver com as emoções que ela vivia. Apesar de poderes incríveis, sua criação era tão vulnerável quanto um ser humano, quando se tratava dos efeitos colaterais do trauma.

Do outro lado da espreguiçadeira alongada, Esther e Maya dormiam aconchegadas, exaustas em virtude da recente provação vivida. Elas estavam rodeadas por um círculo de leões. Os animais estavam surpreendentemente bem comportados e nem rugiam uns para os outros. Blaise não sabia que tipo de influência Gala possuía sobre eles, mas a presença dela parecia acalmá-los, tornando-os anormalmente tranquilos.

Depois de voarem por algumas horas, a chuva começou a estiar e Blaise viu os picos da montanha se erguendo majestosamente à distância. O humor de Gala também parecia melhorar um pouco. Ela olhava para o cenário abaixo e ele notava que parte do gosto que ela tinha pela vida começava a reaparecer.

— São as Matas do Oeste — disse ele, vendo que ela olhava para a abundância verde abaixo.

— As árvores dessa mata são tão densas que não dá nem para ver o solo. Dizem que o interior da mata é escuro como a noite, mesmo no mais iluminado dos dias.

Ela olhou para ele.

— É mesmo? Você já esteve lá?

— Não — Blaise balançou a cabeça.

— Quase ninguém esteve lá. Algumas poucas pessoas estiveram nos arredores da floresta, mas ninguém que entrou nela viveu para contar a história.

Os olhos azuis de Gala se arregalaram.

— Por quê? O que há por lá?

Blaise sorriu ao ver o olhar interessado no rosto dela.

— Os camponeses possuem suas lendas e superstições. Mas ninguém sabe ao certo. Os cavalos se recusam a entrar naquela mata, acho que sentem o cheiro de algo perigoso.

— Ah é? E do que poderia ser?

— Bem, os camponeses locais falam em criaturas sobrenaturais...

— Criaturas sobrenaturais?

Blaise sorriu.

— Sim. Mas é apenas uma superstição, claro. É mais provável que os cavalos reajam a algum perigo tangível. Alguns feiticeiros suspeitam de que haja plantas e insetos venenosos na mata. Talvez também haja animais selvagens.

— Acho que isso faz mais sentido — disse Gala, lentamente.

— E é por isso que poucas pessoas vão até as montanhas? Porque é difícil chegar lá através dessa mata?

— Sim, exatamente. Eu fiquei chocado ao saber que ninguém conseguiu sobreviver lá. Não há apenas florestas e terrenos pantanosos nos arredores de Koldun mas, às vezes, tempestades também cruzam as montanhas, tornando as viagens nesses locais extremamente perigosas. Obviamente, agora que temos a espreguiçadeira voadora, é bem mais fácil — Blaise franziu o cenho, pensando nisso.

— Na verdade, estou surpreso que não tenha havido mais exploração do local nos últimos anos.

As montanhas que cercavam o território tinham sido consideradas tanto uma benção, quanto uma maldição. Elas protegiam o interior de Koldun das violentas tempestades marinhas, mas também evitavam que alguém se aventurasse a ir além de seus picos altos e impenetráveis. Blaise sempre pensara que devia haver outros territórios além-mar, mas ninguém fora capaz de provar isso.

Gala assentiu distraidamente, com seu olhar na direção dos distantes picos da montanha.

— Quando você acha que vamos chegar lá? — ela perguntou.

— Eu quero ver as montanhas de perto, elas parecem muito bonitas.

No entanto, a postura tensa de Gala escondia suas palavras despreocupadas e Blaise percebeu que não era apenas a curiosidade natural que motivava o desejo dela em chegar às montanhas. Ela também precisava de um recomeço, de um lugar longe dos terríveis acontecimentos daquele dia.

— Vou escrever um feitiço para chegarmos lá mais depressa — falou ele, pegando sua pasta. Ele ainda tinha alguns cartões de feitiços parcialmente feitos, que sobraram de sua tentativa anterior para chegar até Gala, e não demorou muito a criar um feitiço que abreviaria o tempo de viagem por alguns ‘telessaltos’.

Pegando sua Pedra Interpretadora, ele colocou o primeiro cartão no orifício. Um segundo depois, já estavam a alguns quilômetros adiante.

— Gosto quando você faz magia — Gala falou, olhando para ele.

— É tão precisa e controlada.

Blaise sorriu para ela.

— A sua será igual, quando você aprender os fundamentos.

Ela engoliu em seco, dirigindo o olhar para as montanhas de novo.

— Eu não sei se é verdade. Minha magia é imprevisível demais. Eu faço mal às pessoas. Eu matei todos aqueles homens...

— Não — Blaise a corrigiu.

— Você se defendeu. Aquelos eram os soldados da Guarda dos Feiticeiros e não camponeses inocentes. Eles não hesitariam em matar você ou qualquer um que se interpusesse diante deles. Sabe quantas rebeliões de camponeses arrasaram? Quantas vidas tiraram? Aquelos homens vivem e morrem pelo poder da espada e foi justo que finalmente encontrassem uma oponente digna.

Blaise não conseguia sentir pena dos soldados que morreram tentando matar Gala. Sempre que pensava nisso, ele ficava furioso. Ele queria destroçar qualquer um que tentasse fazer mal a ela, e essa vontade violenta era tão forte quanto chocante.

Ansiando por uma proximidade física, ele a puxou para abraçá-la novamente, acariciando seu cabelo. Ela enfiou o rosto no ombro dele, colocando os braços em torno da sua cintura, e ele notou que ela precisava tanto daquilo quanto ele... que ela também sentia consolo com o toque dele.

Ele manteve o braço em volta dela enquanto continuava a carregar os cartões na Pedra. Quando todos os ‘telessaltos’ estavam feitos, eles já se encontravam a apenas a alguns quilômetros dos picos elevados das montanhas.

## Capítulo 3: Augusta

Saindo de seus aposentos, Augusta caminhou pelos corredores da Torre. Ela se sentia esfriada e adormecida por dentro, como se um arrepio tivesse se infiltrado em seus ossos. No entanto, seus olhos estavam secos. Ela tinha chorado todas as lágrimas que tinha.

Barson estava morto, morto pela criatura que Blaise havia invocado.

Augusta andou mais rápido, forçando as imagens sangrentas de seu espelho partido para longe de sua mente. Mesmo depois do feitiço de cura que ela havia feito em suas mãos, elas ainda doíam um pouco, e tinha dúvidas se pequenos fragmentos de vidro não haviam se alojado embaixo de sua pele.

Entrando na Sala do Conselho, ela olhou em torno do enorme aposento vazio. A Sala era considerada uma das mais belas da Torre, com murais cobrindo as paredes e o teto. Diziam que algumas daquelas pinturas tinham sido criadas pelo próprio Lenard, o Grande — o homem que havia descoberto o Reino do Feitiço. Como muitos dos mais talentosos feiticeiros, Lenard tinha sido um sábio em várias áreas, sobressaindo-se em tudo, desde a música até a arquitetura.

Embora a sala tivesse sido originalmente construída como um local central de reunião para todos os moradores da Torre, o Conselho havia gradativamente tomado conta dela, usando-a para outros eventos patrocinados pelo Conselho. No canto mais afastado da sala, perto de janelas com vitrais, trinta tronos complexos ficavam em uma formação circular em torno de uma grande mesa de mármore — um trono para cada membro do Conselho. A parte frontal e o centro da sala eram vazios, para permitir o máximo de resistência do isolamento de som dos feitiços. Era impossível ouvir o que acontecia em uma reunião do Conselho, embora acólitos ambiciosos sempre tentassem isso.

No canto da sala, havia um gongo grande pendurado no teto. Como um dos poucos objetos mágicos que precederam a Pedra Interpretadora, tinha a finalidade original de ser usado como um sistema de alarme. Um toque alto era o necessário para avisar aos ocupantes da Torre sobre algum perigo. Porém, agora, o gongo era usado apenas para anunciar reuniões do Conselho.

Ao se aproximar dele, Augusta pegou um pequeno martelo e bateu no gongo com toda sua força. A vibração resultante quase a fez se ajoelhar. O som ecoou através da câmara cavernosa, fazendo com que as paredes tremessem e Augusta soubesse que cada corredor da Torre seria afetado pelo barulho.

Andando até um dos tronos, Augusta se sentou e esperou que os Conselheiros, atônitos, aparecessem. O coração dela batia com ansiedade. Atualmente, somente Ganir usava o gongo. Era uma ferramenta especialmente cerimonial, uma forma de os membros do Conselho lembrarem a todos de sua posição. Quando os acólitos ouviam o som alto, sabiam que haveria uma reunião — e que ainda faltava muito para que eles pudessem aspirar estar presentes em ocasiões tão solenes. Augusta achou extremamente satisfatório usar o gongo, ela mesma, passando por cima do protocolo normal.

Em quinze minutos, os Conselheiros começaram a se reunir. Eles vieram um por vez, alguns zangados, outros confusos. Augusta os saudou com calma.

— Eu vou explicar o que está acontecendo quando todos chegarem — dizia ela sempre que alguém lhe perguntava alguma coisa. Quando todos os membros já estavam sentados em seus tronos, menos Ganir, Augusta bateu com as duas mãos e esperou que a sala ficasse em silêncio.

— Conselheiros — disse ela em voz clara e ressonante.

— Eu os chamei aqui porque estamos correndo um sério perigo.

— Desculpe-me, Augusta, não deveríamos aguardar por Ganir? — Dania interrompeu.

A bibliotecária do Conselho, a mulher idosa, era também uma notória aliada do Líder do

Conselho. Augusta não se surpreendeu por Dania ser a pessoa que a desafiou.

— Ganir está ciente da situação — Augusta falou de forma desinteressada.

Ela estava mentindo parcialmente. O velho feiticeiro sabia da ameaça que o monstro de Blaise representava, mas ele não sabia que a Guarda dos Feiticeiros — e o amante de Augusta junto com eles — haviam sido brutalmente assassinados. E esse fato sobre Ganir era bom para Augusta. A última coisa que ela queria era que Ganir a impedisse novamente de contar a verdade ao Conselho.

Dania olhou com desdém, mas não disse nada enquanto Augusta começou sua explicação.

— Conselheiros, eu lhes pedi para nos reunirmos aqui hoje...

— Qual o significado disso?

Desta vez era a voz de Ganir que interrompia a exposição, enquanto o Líder do Conselho entrava na sala, com o cenho franzido em seu rosto enrugado.

Augusta olhou para ele, com um ódio repentino jorrando em seu peito.

— Eles estão mortos — disse ela de forma rude.

— A criatura matou todos.

Ganir empalideceu, parecendo atônito, enquanto murmúrios chocados encheram a sala.

— Quem matou quem? — Jandison perguntou, franzindo o cenho.

O especialista em teletransporte era ainda mais velho que Ganir e conhecido por seus modos bruscos.

Augusta respirou fundo.

— Vou começar do início — disse ela, observando a expressão de Ganir ficar mais densa pelo desgosto.

— Eu temo que nosso estimado Líder do Conselho e eu sejamos culpados de um grave erro de julgamento.

Ganir apertou os olhos, mas não falou nada. Era tarde demais para impedir Augusta e ele sabia disso.

— Um erro que custou a vida da Guarda dos Feiticeiros — Augusta prosseguiu, observando a reação dos Conselheiros às palavras dela.

— Porque hesitamos — porque queríamos proteger um dos nossos — permitimos que o mal florescesse e pagamos o preço por nosso erro.

— A Guarda dos Feiticeiros está morta? — O rosto de Moriner estava quase sem cor, a voz trêmula e Augusta se lembrou que o filho dele, Kiam, fazia parte da Guarda — que ele devia ter sido um dos abatidos na mortandade.

Augusta fez um gesto com a cabeça, sentindo pena pela perda de Moriner. Ela tinha ouvido dizer que pai e filho não viviam às mil maravilhas, mas isso não importava. Kiam era filho de Moriner.

— Sinto muito — disse ela suavemente.

— Eu vi com meus próprios olhos. A criatura matou todos.

E, no silêncio surpreso que se fez, ela contou a eles sobre a criação de Blaise, sobre os relatórios dos espiões de Ganir e sobre os passos que ela e Ganir haviam tomado para conter a situação. A única coisa que ela omitiu foi seu pedido a Barson para matar a criatura em vez de trazê-la — e que ela não havia destruído as anotações de Lenard, o Grande, que encontrara no estúdio de Blaise.

As perguntas encheram a sala.

— Foi isso que aconteceu a meu fiscal Davish? — Kelvin exclamou.

— Eu precisei retirá-lo do cargo porque ele estava modificando muito as coisas...

— Como isso é possível? — Dania perguntou, interrompendo a crítica de Kelvin.

— Como essa coisa pôde vir a existir?

Ganir, que estava em silêncio até então, deu um passo à frente.

— Eu creio que tenho ideia — disse ele calmamente. E imediatamente todos se calaram.

— Vocês conhecem a minha teoria de que a mente seja essencialmente o funcionamento interno do cérebro?

— Está falando sobre as unidades reconhecedoras de padrões no cérebro? Os chamados neurônios? — Dania perguntou, aparentemente intrigada.

— Sim, é disso que estou falando — Ganir confirmou.

— Eu acredito que as crianças desenvolvam uma rede de neurônios singular baseada nas experiências que sofrem no mundo. E eu acho que Blaise recriou esse processo artificialmente. Ele criou neurônios — ou alguma coisa que funciona como eles — no Reino do Feitiço, e então, em vez de essa mente crescer como um criança cresceria, ele simulou as experiências dela usando gravações de Capturas de Vida.

Para desgosto de Augusta, os olhos de Ganir brilhavam de empolgação. Ele realmente achava a criatura fascinante.

— E, assim, ele cultivou uma inteligência totalmente funcionante em um período de pouco menos de um ano.

— Sim — Augusta interrompeu — Uma criatura não humana de um potencial inimaginável para o mal, tão diferente de nós quanto essa Pedra Interpretadora.

E ela elevou sua Pedra para que eles a vissem.

— Você se esquece de uma coisa, Augusta — Ganir disse, com o olhar faiscando de raiva.

— Esta criatura não humana, como você a chama, teve a mente formada por experiências humanas e é, para todos os fins, muito parecida com uma garota humana.

— Mas aí é que está o terror de tudo, você não vê? — Augusta disse, olhando para os rostos que a cercavam.

— O próprio Blaise não sabia como seria sua criação. Ele não fazia ideia de que ela pareceria conosco. E é muito, muito distante de ser como uma garota humana. Que garota humana destruiria um exército inteiro de uma forma tão brutal?

— Como ela fez isso? — Moriner perguntou com a voz cheia de fúria.

— Como ela conseguiu matar todos?

Augusta hesitou por um instante, depois se encaminhou até uma Esfera de Captura de Vida que estava na mesa de mármore. Era melhor que vissem a verdade com seus próprios olhos. Espetando o dedo, ela o pressionou contra a Esfera e se concentrou, visualizando os horrores que ela havia visto no espelho. Quando ela terminou de reviver a batalha mentalmente, ela tocou com o dedo que ainda sangrava na Esfera e esperou para que a gotícula aparecesse.

Quando a gota se formou, ela a pegou e a entregou a Moriner. Então, ela explicou como a gota podia ser reciclada, com um prazer vingativo ao revelar o pequeno segredo de Ganir. O Líder do Conselho não disse uma palavra, mas Augusta sabia que ele estava zangado. Ela notava isso no brilho severo do olhar dele.

Pegando a gotícula, Moriner criou uma gotícula dele repetindo as ações de Augusta com a Esfera. Ao terminar, o rosto dele estava ainda mais pálido e suas mãos tremiam quando ele entregou a nova gotícula ao próximo membro do Conselho.

Quando todos tiveram chance de ver as memórias de Augusta, o clima na Sala de Reuniões era amargo e sombrio. A criação de Blaise não era uma feiticeira comum. Isso ficou bem claro para todos.

Aproveitando-se do estado de choque geral, Augusta deu um passo à frente.

— Blaise criou aquele ser cujo poder destrutivo vocês acabam de testemunhar — disse ela, olhando em torno.

Ela precisava obter a maioria do Conselho a seu lado agora, para ter a certeza de que a apoiariam no que pretendia fazer.

— Blaise a criou — repetiu ela — e Ganir e eu deixamos que nossos sentimentos por Blaise

toldassem nosso julgamento. Demos a Blaise a chance de voltar a ter bom senso, desfazer o dano, mas ele parece estar sob o feitiço desse monstro. Ele está apaixonado por sua própria criação e perdeu toda a noção de certo e errado. Nunca devíamos ter tentado trazê-la com vida.

— Bem, eu entendo por que Ganir gostaria de examinar a criatura, apesar do perigo — Dania se adiantou novamente, e Augusta fechou o cenho para ela. Ela desprezava a lealdade cega e a aliança inquebrantável da mulher para com Ganir era profundamente irritante.

Jandison ergueu a mão, silenciando Dania.

— O que está feito, está feito. Agora a questão está em nossas mãos e temos que surgir com uma solução.

— Eu só vejo uma solução — Kelvin falou com a boca de lábios finos apertada de raiva. Augusta imaginou que ele não estava nada feliz com os feitos da criatura no território dele.

— Temos que unir nossas forças e matar a coisa e seu criador.

Augusta engoliu em seco. Era exatamente o que ela esperava, mas a dureza daquelas palavras fez com que seu peito doesse. Apesar dos resultados terríveis das ações de Blaise, a ideia de ele morrer — ou mesmo de correr perigo — continuava a ser dolorosa para ela. *Seja forte*, ela disse para si mesma. Se ela tivesse feito isso desde o início, Barson ainda estaria vivo.

Em resposta à declaração de Kelvin, Ganir se ergueu.

— Não — disse ele, veementemente — Não podemos fazer isso.

— Sugere que não façamos nada? — Kelvin perguntou, incisivo.

— Oficialmente, Blaise ainda é um membro deste Conselho — A voz de Ganir estava repleta de emoção mal contida.

— Ele jamais foi formalmente deposto de sua posição. Matá-lo seria a mesma coisa que matar um de nós.

Apesar de seu turbilhão interior, Augusta quase sorriu ao ouvir tais palavras. O Líder do Conselho havia claramente falado sem pensar. Gina, a mais nova membro do Conselho, que assumira o lugar de Blaise, parecia mais do que um pouco perturbada pela declaração. Sendo uma feiticeira ambiciosa e talentosa, ela devia estar irritada ao ouvir que sua posição no Conselho era ‘não oficial’ e Augusta tinha agora uma forte suspeita de que Gina ficaria totalmente do seu lado.

— Ganir tem razão — Jandison disse, surpreendendo Augusta. O velho raramente concordava com Ganir.

— Se estivéssemos apenas falando do destino dessa criatura, eu não hesitaria, mas de um membro do Conselho...

— Por que não fazemos um acordo? — Augusta sugeriu.

De uma forma estranha, ela se sentia aliviada pela discussão ter tomado esse rumo.

— Vamos destruir a criatura e oferecer a Blaise a honra do julgamento, que é direito dele.

Era uma alternativa com a qual ela conseguia conviver: a abominação morta e Blaise julgado por suas ações. Não era necessário que Blaise morresse se o Conselho decidisse lhe conceder clemência — desde que ele fosse proibido de criar outro monstro.

Kelvin se levantou de seu trono.

— Eu não vejo necessidade desse acordo. Blaise obviamente é culpado.

— E vamos deixar que o julgamento determine isso — Augusta disse com firmeza.

Ela estava feliz que o debate estivesse se concentrando no destino de Blaise. Ninguém parecia inclinado a questionar o fato de a criatura ter que morrer — não depois dos horrores que eles haviam visto na gota de Captura de Vida de Augusta.

Como em resposta a seus pensamentos, Ganir falou.

— Precisamos discutir mais isso. Estamos falando de um ser que tem pensamentos e sentimentos. Ela demonstrou empatia em várias ocasiões.

— Ela destruiu Davish, um de meus mais leais servidores — Kelvin interrompeu, furiosamente.

— Ela o tornou um fiscal inútil! Não veem? Essa coisa consegue manipular nossas mentes. Ela é perigosa.

Augusta soltou um suspiro que não percebera que havia prendido. Embora não tivesse muita pena pela perda de Kelvin de seu fiscal notoriamente desumano, o fato de a criação de Blaise poder fazer algo daquele tipo era particularmente assustador. E Augusta não era a única a pensar assim. Ela praticamente conseguia sentir o odor de medo aumentando na sala. As palavras de Kelvin haviam convencido sobre o terrível poder que a criatura possuía — o poder da suprema violação. Ela podia modificar a mente de alguém para fazer dela o que bem quisesse. Se assim resolvesse, ela poderia substituir todo o Conselho por bonecos que dançassem conforme sua música.

— Se existe alguma dúvida sobre nosso rumo de ação então, precisamos votar isso — Jandison disse, olhando em volta da sala.

— É a única maneira de resolver esse assunto.

— Ótimo — Kelvin irrompeu.

— Então vamos fazer isso. Vamos votar agora se vamos destruir a criatura e levar Blaise a julgamento.

— Não — Ganir disse, com um tom extremamente inflexível.

— Isto é grave demais para que ajamos por capricho. A votação acontecerá em alguns dias, quando todos tivermos chance para digerir essa informação.

Ninguém objetou a isso e Augusta também permaneceu silenciosa. Ganir ainda era o Líder e, como tal, tinha a palavra final quando se tratava de questões de procedimento. Além disso, em suma, isso não importava. Se a votação fosse naquele dia, as pessoas poderiam ficar do lado de Augusta por medo, mas um prazo de alguns dias não seria o fim do mundo.

Ela apenas teria que trabalhar mais para assegurar que a maioria votaria da maneira correta.

## Capítulo 4: Barson

— Vai enterrá-lo junto com os outros? — Larn perguntou de forma sombria, observando Barson erguer o corpo sem vida de Kiam e colocá-lo em seu cavalo.

— Não temos escolha — Barson disse rispidamente, enxugando a chuva do rosto com as costas do braço.

— Não podemos levá-lo de volta até Turingrad.

Larn concordou.

— Então, eu acho que o bosque é o melhor lugar.

Seu rosto estava duro pela tristeza e pela raiva. Barson sabia como seu amigo se sentia porque uma mistura de raiva e dor também devorava suas próprias entranhas.

Quase um terço de seus homens havia morrido. Seus corpos estavam jogados no campo enlameado, com as entranhas abertas e desmembrados. Em todos seus anos como soldado, ele jamais tinha perdido tantos homens assim. As rebeliões que ele teve que suprimir não tinham sido nada comparadas a isso.

E isso o fez se perguntar se estaria pronto para o que viria pela frente. Muitos mais poderiam morrer quando ele colocasse seu plano em ação. Homens bons, homens leais. Estaria ele preparado para isso? Respirando fundo, Barson olhou em torno, para o campo repleto de sangue. Sim, ele decidiu, estava preparado. A ambição requer sacrifício. Não havia outra maneira de obter o poder.

Essa matança sem sentido, no entanto, era algo diferente. Ganir havia feito isso. Ele os havia jogado contra a garota, achando que se livraria de pelo menos um problema. Barson sorriu levemente, mesmo sem vontade. O velho não tinha percebido que, na verdade, ele havia criado um problema. Aquela jovem feiticeira era a pior inimiga que o Conselho já enfrentara.

— E esta chuva — Larn disse, interrompendo os pensamentos de Barson.

— É inacreditável. É como se o céu chorasse pelos abatidos. Eu acho que ela fez isso. Sabe, essa tempestade.

Barson aquiesceu sem muito interesse.

— Foi ela — disse ele com voz baixa, olhando para o céu antes de dar atenção a Larn.

— Ela fez isso e muito mais.

— E agora? — Larn perguntou, olhando para Barson.

— Vamos voltar e contar a eles sobre a nossa derrota desonrosa?

— Não — Barson balançou a cabeça.

— Não vamos. Pelo que consta, estamos mortos — e mortos ficaremos.

Larn ergueu as sobrancelhas.

— Hein?

— O que acha que o Conselho fará agora? — Barson disse, olhando para o amigo.

— Acha que vão deixar tudo como está? Esta garota — esta feiticeira — destruiu a Guarda deles. Você acha que eles vão permitir que ela permaneça viva?

Larn pareceu surpreso por alguns instantes.

— Não — disse ele lentamente, ponderando — não vão deixar. Eles irão atrás dela.

Barson sorriu.

— Exatamente. Irão atrás dela e vão tentar destruí-la.

Larn arregalou os olhos.

— Você está certo. E quando fizerem isso, a Torre vai ficar praticamente desprotegida.

O sorriso de Barson se alargou.

— Eu sabia que havia uma razão para eu manter você a meu lado. Sim, meu amigo, você está absolutamente certo. É essa. É a nossa chance. Vamos ficar mortos e, quando chegar a hora certa, vamos atacar — e uma nova era terá início na história de Koldun.

\* \* \*

— Onde conseguiu essas roupas? — Larn perguntou, observando enquanto Barson preparava um cavalo para sua jornada.

— De um dos mercadores locais — Barson respondeu, colocando um saco com pão e carne defumada no cavalo. A jornada de volta a Turingrad era longa e ele precisaria de provisões. As roupas que ele havia escolhido — uma camisa de camponês, bastante rude e feita à mão, e umas calças curtas — eram totalmente diferentes de sua armadura, e ele esperava que, com isso, pudesse atravessar os territórios sem ser notado. Seus homens também viajariam de volta, mas nem todos de uma vez.

— Bem, provavelmente não pareceremos muito melhor que isso — Larn disse sorrindo.

— Espero que não sejamos tomados por rebeldes sujos.

— Não serão. Não se viajarem em pequenos grupos ou cada um por si — disse Barson.

— Lembre-se, a rapidez é essencial, mas o sigilo também é.

— É claro — Larn disse apressadamente.

— Vamos parecer camponeses, nada mais.

— Está bem — Barson montou em seu cavalo com um movimento fácil e treinado.

— Eu lhe enviarei um recado através de Dara. Eu vou vê-la primeiro, e depois falaremos com alguns de nossos aliados feiticeiros. Eu tenho a impressão que nosso momento está próximo. Assim que soubermos dos planos do Conselho, vamos finalizar o nosso próprio plano.

## Capítulo 5: Gala

Eles aterrissaram perto do lugar mais bonito que Gala já havia visto no Reino Físico, até agora. Era um lago cercado por uma floresta, no sopé de uma das montanhas cobertas de verde. Parecia incrivelmente calmo e tranquilo, as árvores refletidas nas águas claras do lago. Com aquela visão, o aperto no peito de Gala começava a abrandar. Pela primeira vez, desde a batalha, ela sentiu que era capaz de respirar novamente.

Assim que a cadeira deles tocou o solo, os leões saíram e rapidamente se dispersaram.

— Eu espero que não os vejamos mais — Esther resmungou.

Gala sorriu, divertida com a antipatia da mulher pelas feras grandiosas. Aqui, no meio da mata, ela se sentia muito melhor. A água brilhava ao sol, e isso a atraía. Repentinamente, Gala percebeu o que queria fazer.

— Eu vou nadar — disse ela começando a correr para a água, tirando as roupas pelo caminho. Ela tinha lido sobre nadar e estava disposta a experimentar aquilo.

Atrás dela, ouviu as mulheres falando alguma coisa sobre pudor. Gala soube então que o que estava fazendo não era socialmente aceitável, mas naquele momento não se importou. Ela queria mergulhar e sentir a água em sua pele, para lavar as lembranças de sangue e de morte. E, no fundo de sua mente, sabia que Blaise estava ali, que ele a veria nua novamente — ideia que Gala achava bem fascinante.

Entrando no lago rapidamente, ela logo se sentiu imersa até o pescoço, começou a mover os braços e as pernas, se impulsionando através da água. Era natural fazer isso como usar os pés para andar. A água era refrescantemente fria em sua pele e a sensação de nadar lembrou Gala de um sonho que ela tivera recentemente. Era de um tempo em que ela era apenas uma consciência no Reino do Feitiço. E, naquela época, ela se sentia igualmente sem peso, livre do peso de seu corpo.

Ela já estava nadando há alguns minutos quando ouviu um barulho de água perto da margem. Virando-se, Gala viu Blaise nadando em direção a ela, com braçadas fortes e certas.

Quando ele estava a meio metro de distância, ele parou e começou a flutuar.

— Estou muito feliz por Esther ter sugerido para virmos para cá — disse ele, calmamente. Os olhos dele brilhavam e, apesar da água fria, havia cor em suas maçãs do rosto.

— Eu também — Gala murmurou, sorrindo para ele. Ela viu seu peito musculoso e seus ombros nus acima da água, brilhando com as gotas d'água, e a respiração dela se acelerou com tal visão.

Mantendo o olhar no rosto dele, ela lentamente foi diminuindo a distância entre eles. Quando estava ao lado dele, ela estendeu e colocou as mãos nos ombros dele, desfrutando da sensação fresca e gostosa da pele embaixo da ponta de seus dedos. Os olhos dele escureceram com a dilatação das pupilas e ele colocou sua palma nas costas dela, puxando-a para mais perto.

Gala sentiu sua pele aquecer. A sensação que experimentava agora era igual à sensação agradável de zunido que ela tinha sentido antes quando ele a tocara, só que aumentada umas cem vezes. Seu coração batia aceleradamente no peito e ela sentiu que estava prestes a perder o controle, de criar algum feitiço ao acaso. Gala tentou controlar suas emoções, mas foi inútil. Algo a respeito daquele belo lago, do ar fresco da montanha e da proximidade de seus corpos nus intensificaram as sensações dela. Percebendo a reação dela, Blaise começou a se inclinar em direção a ela, também com sua respiração acelerada.

De repente, houve um grito vindo de terra. Surpreso, Blaise se virou e soltou Gala.

— Fique aqui — ele ordenou rapidamente e mergulhou na água, seguindo depressa para a

margem.

Gala ignorou a instrução e começou a nadar de volta. Ao se aproximar, ela pôde ver que Esther e Maya não estavam sós em terra. Elas estavam cercadas por um grupo de estranhos. Gala contou doze pessoas — onze homens de várias idades e uma jovem vestida com roupas de homem. Eles portavam arcos e flechas apontados para Maya e Esther.

O coração de Gala parou de ficar acelerado. Será que os soldados os haviam encontrado ali, ou seria uma nova ameaça?

Ela começou a nadar o mais rápido que podia, passando por Blaise no caminho.

Ao chegar em terra, ela ouviu rugidos. Um dos leões havia saído da floresta, aparentemente atraído pelo grito das mulheres. Perto das árvores, ele parecia estar prestes a atacar os invasores.

Percebendo o animal como a maior ameaça, os arqueiros rapidamente apontaram suas armas para o leão. Gala podia ver os pequenos movimentos dos músculos das mãos deles prestes a puxar o arco.

— Não, não o machuquem — Maya gritou, aparentemente chegando à mesma conclusão.

Gala agora já tinha saído da água e estava em terra.

Com o som de água se espalhando, os desconhecidos se voltaram para ela, os olhos arregalados com o choque de verem uma mulher nua saindo do lago.

— Soltem as armas — uma voz ecoou de algum lugar indeterminado, distraindo os arqueiros. Gala reconheceu o som como a voz ampliada de Blaise. Ela viu a cabeça dele saindo da água perto da costa enquanto os arqueiros começavam a buscar as redondezas, procurando a origem da voz.

Gala usou esse desvio de atenções para correr, pegar suas roupas e começar a vesti-las. Por alguma razão, ela não tinha medo dessas pessoas. Apesar de sua postura ameaçadora, ela não achou que eles tivessem ido até ali com a intenção de lhes causar dano. Eles não pareciam reconhecê-la. Em vez de agressão, a atitude deles parecia mais um mecanismo de defesa.

Ao mesmo tempo, Gala sentiu que um feitiço se formava em torno dela e percebeu uma leve vibração no ar. Pelo que podia inferir, parecia uma bolha protetora de algum tipo. Blaise devia ter colocado isso em volta dela e das mulheres mais velhas.

Voltando-se para terra, ela viu Blaise de pé, com água até a cintura, com seu torso e largos ombros nus. Apesar do perigo da situação, a respiração de Gala parecia presa na garganta — e, aparentemente, ela não era a única com aquela reação. Olhando para os estranhos, Gala viu que a arqueira olhava para Blaise com ávido fascínio.

Dois arqueiros apontaram as armas para Blaise:

— Quem é você? — perguntou um deles.

— O que está fazendo aqui?

Blaise olhou para ele com firmeza.

— Sou Blaise, filho de Dasbraw.

— Blaise? — interrompeu o homem.

— O Blaise? O Blaise do Conselho?

Ao ouvir isso, os rostos dos outros homens ficaram sombrios. Eles não pareciam gostar de um membro do Conselho entre eles.

— Não estou mais no Conselho — Blaise falou categoricamente.

— E quem são vocês?

— Não contem nada para ele — falou raivoso um arqueiro com uma cicatriz no rosto.

— Ele é um deles.

— Deixe que eu falo, Shram — o primeiro homem falou, adiantando-se, o arco e a flecha ainda armados. Ele era mais baixo do que os outros, mas havia algo de comando na forma como se portava. Gala podia ver que os outros sutilmente pareciam submissos a ele. Ele provavelmente era o líder, pensou Gala.

— Larguem as armas — Blaise ordenou novamente, olhando para o homem baixo.

— Não queremos lhes fazer mal.

Shram desdenhou.

— Sei, claro. Nenhum de vocês feiticeiros nunca quiseram causar nenhum mal...

— Shram! — o líder falou advertindo, e o homem se calou.

— Finalmente alguém com inteligência — Esther murmurou, falando pela primeira vez.

Gala notou que ela parecia bem mais corajosa agora que Blaise e Gala estavam ali. Erguendo a voz, a mulher disse ao líder:

— É melhor que faça o que Blaise manda ou ele fará você desaparecer usando poucas palavras.

O homem baixinho deu um passo adiante, ignorando-a.

— Eu sou Kostya — disse ele calmamente.

— Se você é Blaise do Conselho, então o que está fazendo aqui em nossas montanhas?

— Que tal eu me vestir e depois conversarmos? — Blaise sugeriu, saindo totalmente da água.

Pelo canto do olho, Gala viu Esther e Maya desviando o olhar. Gala, ao contrário, não pôde deixar de olhar — e ela notou que a arqueira também não desviou o olhar. O olhar da arqueira começou a perturbar Gala, embora não soubesse por que.

— Pare de se movimentar — Shram disse, com a flecha ainda apontada para Blaise. O homem parecia tanto zangado quando assustado, com uma careta no rosto marcado pela cicatriz.

E, então, Gala começou a ficar nervosa. Ela sentia que a situação poderia facilmente se tornar violenta e se sentiu mal ao pensar nisso. Ela não queria ver sangue ou morte nunca mais.

— Eu disse para largarem as armas — Blaise repetiu, com a expressão endurecida. Gala viu que ele lançou um rápido olhar em sua direção e notou que ele sentiu a ansiedade dela.

— Larguem as armas. Já. Eu coloquei um feitiço protetor em volta de nós, portanto suas flechas são inúteis. Se você soltar uma, eu vou ferver a água em seu corpo através de um simples encantamento.

— Ele está blefando, Kostya — Shram disse com a voz pouco confiante.

— Não — Gala disse, com um passo à frente.

— Ele não blefou. Estamos envoltos em uma bolha protetora, como ele disse. Tentem jogar alguma coisa em nós.

Os arqueiros hesitaram por um instante, mas a arqueira se abaixou e pegou uma pequena pedra. Com um movimento hábil com o pulso jogou a pedra, mirando em Esther. A pedra voou pelos ares e voltou batendo em uma barreira invisível a trinta centímetros da mulher mais velha.

Com essa demonstração, os recém-chegados pareceram menos à vontade.

— Não somos seus inimigos — Blaise falou com mais calma dessa vez.

— Se não tentarem nos fazer mal, não lhes faremos mal.

— Não ouçam o que ele diz — Shram murmurou, chegando-se para perto de Kostya.

— Ele está mentindo. Vocês sabem como eles são ardilosos.

O leão rugiu e deu dois pequenos passos para frente, fazendo com que os homens parecessem cada vez mais apreensivos.

— Basta! — Kostya falou bruscamente, abaixando seu arco.

— Vamos deixar que se vista e depois falaremos. Mas ordene que sua fera não nos faça mal.

— Claro — disse Gala, repentinamente vislumbrando humor na situação.

— Vou dizer isso a ele.

Voltando-se para Blaise, ela brincou com o rosto sério:

— Blaise, por favor, não faça mal a eles.

Maya e Esther desataram em risos e alguns dos homens também sorriram. Parecendo sentir o clima menos tenso, o leão abanou o rabo e partiu para a floresta com um último rugido.

Blaise sorriu, andando em direção a suas roupas. Ele não pareceu nem um pouco descontente com

o gracejo de Gala. Quando já estava totalmente vestido, ele veio e se posicionou ao lado de Gala, colocando seu braço protetor em volta dos ombros dela. Esther e Maya se juntaram a eles, instintivamente buscando a proteção dos dois.

— Então, quem são e o que querem? — Esther perguntou, se dirigindo aos homens assim que todos se reuniram.

— Eu ia perguntar o mesmo — Kostya retorquiu, olhando para Esther.

— Eu perguntei primeiro — a mulher insistiu.

Blaise abriu a boca, prestes a dizer alguma coisa, quando Kostya decidiu responder a pergunta de Esther.

— Somos de Alania — disse ele, olhando de forma desagradável para a mulher — e saímos para caçar.

— Nunca ouvi falar de Alania — Maya falou, duvidando.

— Claro que não — Shram falou ironicamente.

— É por isso que vivemos aqui, para que fiquemos livres de tipos como ele — falou, apontando o dedo para Blaise.

— Eu respeito sua liberdade — Blaise falou calmamente.

— Eu não concordo com a maneira como o Conselho governa.

— É verdade — Maya interrompeu.

— Ele trata o povo dele com respeito.

— Ela tem razão — A jovem arqueira falou dessa vez. Alta e magra, ela tinha cabelo castanho e olhos verdes brilhantes.

— Eu morava no território de Kelvin e houve rumores sobre Blaise. Diziam que as leis nas terras deles eram justas. E que o irmão dele foi quem compartilhou a magia da Captura de Vida com todos.

— E não adiantou nada para nós, Ara — resmungou Shram, não parecendo nada convencido.

— Apenas nos criou mais encrencas.

— Mesmo assim — Ara insistiu — ele não é como os outros.

— Então, o que vieram fazer aqui? — Shram objetou.

— Como eles vieram parar aqui?

— Viemos voando — Gala disse querendo ajudar, apontando para a cadeira grande que estava perto da floresta, a uma pequena distância dali.

Os homens olharam chocados para ela.

— Agora podem voar — Shram sussurrou alto para Kostya, puxando a manga dele.

— Ouviu só?

Kostya fez que sim com a cabeça e uma ruga apareceu em seu rosto.

Ara se virou para Kostya.

— Eu soube dessa invenção pouco antes de partir — disse ela — mas não sabia se era ou não verdade. Eu não esperava que fosse tão grande assim..

— Agora poderão vir aqui sempre que quiserem — Shram sibilou, com o rosto contorcido pela ira.

— Podem cruzar a floresta e nos escravizar, fazer de nós seus servos novamente.

— Eu duvido que saibam de sua existência — interrompeu Blaise, encurtando a crítica do homem.

— Eu mesmo não fazia ideia de que havia pessoas morando nas montanhas.

— Ora, se vocês estão aqui, o que os faz pensar que eles não virão também? — perguntou Kostya, olhando desafiadoramente para Blaise.

— Estamos aqui porque não temos outra escolha — Blaise explicou.

— Como vocês, contamos com o fato de que não nos procurem aqui. Este é o lugar mais

longínquo de Turingrad e da Torre possível...

— Mesmo que venham aqui, provavelmente não nos acharão — Ara disse para Kostya.

— Não com facilidade. Mesmo vista de cima, Alania é bem escondida pelas árvores.

— É verdade — Kostya concordou, parecendo um pouco aliviado.

— Então o que vocês são, fugitivos do Conselho? — Shram perguntou de forma suspeita, dirigindo-se para Blaise.

— Por que querem se esconder deles? O que fizeram?

— Não fazemos esse tipo de perguntas aqui — Shram Kostya disse bruscamente.

— Não fizemos perguntas a você e você não vai fazer a essas pessoas. Seus inimigos são nossos inimigos — é tudo que precisamos saber. E voltando-se para Blaise ele disse com benevolência:

— Se procuram um lugar para ficar, temos o prazer em ter vocês como nossos convidados.

— Obrigado, Kostya — Blaise falou.

— Ficamos honrados em aceitar sua hospitalidade.

— Nesse caso, venham com a gente — Kostya falou, começando a se virar em direção à floresta.

— Esperem, por que não vamos voando até lá? — Gala perguntou, olhando para a cadeira. Ela achava lógico usar o modo de transporte mais eficiente.

— Voar? — Shram olhou para ela de modo incrédulo — Quer dizer subirmos naquela coisa e confiar nossa vida a feitiçaria? Eu acho melhor cair em minha adaga.

— Dessa vez eu fico tentado a concordar com ele — Kostya disse, olhando com desconfiança para o objeto brilhante — Ou vamos andando ou lhes damos adeus.

— Nesse caso, vamos andando — Blaise concordou com um sorriso irônico. E, pegando a mão de Gala, ele seguiu os caçadores para a floresta, com Maya e Esther seguindo atrás.

## Capítulo 6: Blaise

Algumas horas depois, Blaise notou que Gala estava se divertindo com a pequena viagem. O mesmo não acontecia com Maya e Esther. Elas reclamavam constantemente do cansaço, de tropeçarem nos desníveis do solo e dos ramos que encontravam enquanto andavam com dificuldades através da mata, atrás dos caçadores alanianos.

— Acho melhor pararmos para descansar em breve — Blaise disse para Kostya, preocupado com as mulheres mais velhas.

— Se pararmos agora, vamos ter que passar a noite aqui — respondeu Kostya, retirando com destreza um ramo que poderia machucar Blaise. Pelo tom de sua voz, Blaise notou que passar a noite ali não seria uma hipótese desejável.

Naquele instante, Maya praguejou em voz alta, saltando num pé só.

— O que houve? — Gala perguntou, correndo para perto dela. Blaise não pôde deixar de notar como ela se movimentava bem na mata. Ela parecia tão ágil quanto os guias, embora Blaise soubesse que era a primeira vez que ela estava naquele lugar.

— Eu pisei em alguma coisa e torci o tornozelo — Maya respondeu, com expressão de dor no rosto.

— Pronto, deixe-me ajudar — Blaise disse, pegando sua Pedra Interpretadora e alguns cartões.

— Espere — Shram interrompeu.

— Você não vai fazer um feitiço, vai?

— É exatamente o que pretendo fazer. Ela está machucada e vou curá-la — Blaise explicou, começando a escrever no cartão.

— Vamos discutir isso — Kostya disse, dobrando as sobrancelhas. Ele parecia pouco à vontade por algum motivo.

— Vou ajudar Maya primeiro. Depois, estou aberto a discussões — Blaise disse pacientemente, continuando a trabalhar em seu feitiço. Ele não tinha intenção de deixar Maya com dor nem um momento mais do que o necessário.

— Como saber que não vai machucar alguém com o que vai criar? — Kostya perguntou cautelosamente.

— Se você está com medo dê uma volta e volte daqui a uma hora — Esther disse com uma expressão aborrecida no rosto. Ela murmurou alguma coisa entre dentes. Blaise entendeu as palavras ‘caipira supersticioso’ e conteve um sorriso.

Os olhos de Kostya se apertaram, mas ele não se deixou levar por isso.

— Tudo bem — disse ele bruscamente — vamos lhes dar uma hora.

— Vou ficar e observar — Ara disse, aproximando-se deles.

— Não tenho medo de feitiçaria.

A ruga de Kostya ficou mais profunda.

— A escolha é sua, Ara. Vemos vocês em uma hora.

— Querem que a gente espere tanto? — Shram disse, parecendo decepcionado.

— Precisamos voltar antes do escurecer, você sabe disso.

— Eu sei, mas o que sugere? Que a gente deixe os outros para trás? — Kostya perguntou, e ficou claro para Blaise que a pergunta foi puramente retórica.

Em vez de responder, Shram correu para a floresta. Kostya balançou a cabeça em reprovação e

Ara e Blaise deram um sorriso conjunto.

— Ele volta atrás — disse ela, agachando-se perto dele.

— Ele teve más experiências com feiticeiros, só isso.

— Tudo bem — Blaise respondeu, não querendo desviar sua atenção no momento.

— Eu entendo.

— A gente volta daqui a pouco — Kostya falou para eles.

— Vamos começar a preparar o acampamento para esta noite.

Blaise aquiesceu sem muita atenção e, quando terminou o feitiço, os caçadores não estavam por perto. Somente Ara estava ali, observando as ações dele com interesse. Lembrando-se que ela o havia defendido mais cedo, Blaise lhe deu um sorriso cálido, fazendo com que ela enrubescesse. Uma boa menina, pensou ele rapidamente, voltando sua atenção para a mulher machucada.

— Pronto, Maya — disse ele, interrompendo uma conversa que Gala e Esther tinham com ela.

— Está tudo pronto.

E, carregando o cartão na Pedra, ele viu que Gala e Ara o observavam atentamente.

Quando o feitiço começou a agir, Blaise notou que a expressão de dor no rosto de Maya começava a diminuir. Ela cautelosamente esticou o pé e tentou ficar de pé.

— Eu não acredito — disse ela, dando alguns passos.

— Parece que meu tornozelo nunca sofreu nada.

— Você precisa me ensinar a fazer isso — Gala disse, olhando para ele. Ele conseguia perceber inveja na voz dela e sabia que ela poderia curar com esse tipo de precisão. O feitiço que ela tinha usado antes era potente demais para ser usado na maioria das situações.

— Claro — ele falou, sorrindo.

— Eu ensino isso com prazer e muito mais. Talvez a gente consiga fazer com que você controle suas habilidades.

— Eu adoraria isso — Gala exclamou, com os olhos brilhando de empolgação.

Ara olhou com curiosidade para eles, mas não falou nada. Em vez disso, ela se ergueu e partiu para se juntar ao resto dos seus, agora que a demonstração de cura tinha acabado.

Esther a observou antes de voltar a olhar para Blaise.

— Ensine a ela tudo que quiser — ela murmurou gesticulando em direção à Gala.

— Mas não quero estar por perto quando vocês estiverem treinando. Eu já vi o que ela consegue fazer e não quero tomar parte nisso.

— Não se preocupe, Esther — Blaise disse, escondendo um sorriso. Gala certamente havia impressionando as duas mulheres, e não necessariamente de uma boa forma.

— Deixa que agora é comigo. Você e Maya estarão totalmente seguras.

\* \* \*

Estava escurecendo. Os caçadores tinham voltado e ninguém falou nada sobre feitiços enquanto levavam Blaise, Maya, Esther e Gala para o acampamento que haviam criado. Simplesmente olhavam para o tornozelo de Maya com um misto de suspeita e espanto. Blaise balançava a cabeça mentalmente, mas permanecia em silêncio. Ele nunca havia entendido essa desconfiança irracional, mas não era o momento de combater isso agora.

No acampamento, as mulheres receberam cortesmente uma tenda só para elas. Quando Gala e as mulheres mais velhas foram ver seu novo local de pouso, Blaise perguntou algo em que pensava já há algum tempo.

— Esta floresta é perigosa? — ele perguntou a Kostya.

— Pode ser, principalmente à noite — Kostya respondeu.

— Não estamos muito longe das Florestas Sombrias e existe todo tipo de coisa por lá.

— Florestas Sombrias?

— Sim. Você provavelmente a conhece como as Florestas Ocidentais. Vocês devem ter passado por elas a caminho daqui. Não é um lugar bom de ir.

Naquele instante, as mulheres saíram da tenda e Blaise resolveu parar de falar naquele assunto para evitar assustar Maya e Esther.

Maya acenou na direção deles.

— Então, Kostya — ela gritou.

— Quer que a gente cozinhe? Podemos preparar alguma coisa para vocês.

O rosto de Kostya se iluminou com aquela perspectiva.

— Sim — ele gritou de volta, se encaminhando até Maya para ajudá-la a arrumar as coisas.

Deixando que Maya e Esther fossem cozinhar, Gala se aproximou de Blaise. Quando ela chegou perto dele, ela se sentou na relva, abraçando os joelhos e olhando para o céu. Blaise se sentou ao lado dela, ansiando por sua companhia.

Logo ele estendeu a mão e pegou a mão de Gala. A pele clara dela parecia brilhar ao luar, seu cabelo parecendo um véu prateado que descia por suas costas. Com o acampamento principal a alguma distância, era como se estivessem a sós, somente com o céu estrelado acima de suas cabeças.

O pensamento de Gala parecia estar no mesmo tema.

— Eu me lembro de ler em seus livros a respeito das estrelas — ela disse, com o olhar fixo no céu.

— Elas são lindas.

— Sim — Blaise disse.

— São como o nosso sol, só que distantes.

— Era o que os livros diziam — Gala olhou para ele.

— Que as estrelas são enormes fornos de uma energia inimaginável e como fazem parte de arranjos maiores chamados galáxias, que fazem parte de uma coleção ainda maior chamada universo.

— Eu nunca me interessei por astronomia — Blaise admitiu, — Mas você faz parecer uma coisa poética.

— Acha que o universo é infinito, como Lenard, o Grande, acreditava?

— É difícil entender algo assim. A ideia de um verdadeiro infinito — Blaise disse francamente.

— Mas eu não consigo imaginar um fim para o universo, um verdadeiro nada...

— Eu consigo — Gala disse, voltando a atenção para o céu noturno.

— ‘Nada’ é a melhor forma pela qual consigo descrever como minha mente era no Reino do Feitiço, antes de eu ter a primeira visão de consciência.

Blaise suspirou. Às vezes, ele até esquecia de que Gala havia vivenciado coisas inimagináveis. Por alguns momentos tentou imaginar esse nada, mas seu pensamento voltou para a discussão original.

— Eu prefiro pensar que o universo está lá, ilimitado — ele disse.

— Parece... mais agradável assim.

— Se for ilimitado, então significaria que, estatisticamente, há outros mundos como este e até mesmo uma quantidade infinita deles, com um Blaise e uma Gala como nós — falou ela, pensativa — Talvez até mesmo com um Blaise e uma Gala que estejam tendo essa conversa...

Era uma ideia que Blaise jamais tinha tido. Sua mente ficou confusa com aquele pensamento.

— Nesse caso, eu espero que o universo seja finito — ele falou, depois de ponderar sobre aquela ideia radical por um minuto.

— Eu não gosto da ideia de haver outras versões de mim por lá... porque então pode haver uma versão que não criou você...

Gala sorriu para ele.

— Bom, desde que esta versão tenha me criado, eu fico satisfeita — falou ela suavemente.

— De qualquer maneira, mesmo se o universo for finito, provavelmente é inimaginavelmente imenso.

E, ficando em silêncio, ela olhou novamente para as estrelas.

— Eu não me surpreendo que você goste de pensar nessas coisas — Blaise falou depois de um tempo.

Colocando os braços nos ombros dela, ela a puxou para mais perto.

— Se a mente de alguém consegue apreender essa imensidão, é a sua.

Ela se inclinou mais para ele.

— Você acha que o Reino do Feitiço faz parte desse universo?

— Eu não sei — Blaise disse lentamente.

— Os feiticeiros do Iluminismo criaram a teoria de que o Reino do Feitiço é realmente diferente, não é ligado ao nosso mundo de forma alguma. Que ele existe independentemente e que, se deixasse de existir, nosso universo permaneceria intocado. Apenas perderíamos nossa capacidade de criar feitiços. Conforme Lenard dizia, é uma dimensão diferente do comprimento, da largura e da profundidade, mas é um conceito difícil de entender, assim como o nada.

— Você acha que existam planetas próximos das estrelas, lá em cima?

Gala parecia ainda concentrada em questões celestiais.

— Talvez mesmo a vida como a que existe aqui? Não cópias de nós em um mundo idêntico, mas seres que sejam muito diferentes?

— Espero que sim — Blaise disse com franqueza.

— Eu gosto da ideia de seres inteligentes por lá, seres que não sejam necessariamente humanos.

Gala sorriu de forma marota para ele, e ele percebeu que seu desejo já era uma realidade, já que um ser assim estava sentado ao lado dele. Sorrindo, ele a puxou para mais perto e seu corpo cálido se encostou no dele.

O sorriso dela ficou ainda maior.

— Se esses seres tivessem descoberto o Reino do Feitiço, será que seria o mesmo em que eu nasci? — ela perguntou com curiosidade.

— Eu não sei — Blaise disse — Lenard, o Grande, ele mesmo estava interessado nessas perguntas que faz. Ele não achava que houvesse apenas um Reino do Feitiço, mas um número infinito deles. Para dizer a verdade, minha cabeça chega a doer só de pensar nisso.

— Eu gosto de pensar nisso — Gala disse.

— As possibilidades são fascinantes, infinitos Reinos dos Feitiços, vida em outros planetas...

— Sim — Blaise concordou.

— É fascinante. Olha, não escrevem muito sobre isso, mas existe uma lenda entre os nossos que Lenard não desapareceu simplesmente, mas que ele, na verdade, criou um feitiço que o levou para explorar as estrelas.

Gala olhou séria para ele.

— Eu gostaria de acreditar nisso. Se eu pudesse, eu também iria até lá...

— Venham jantar — Esther gritou, interrompendo Gala enquanto falava.

— Acho melhor irmos — Blaise disse com pesar, levantando-se e puxando Gala com ele. Esther se recusava a aceitar o fato de que ele não precisava comer de forma convencional. Ele não sabia se Gala precisava disso. Ela pareceu empolgada com o chamado e, então, Blaise resolveu se juntar aos outros na refeição.

Enquanto comiam uma ave assada que Esther havia preparado, os caçadores contaram a eles um pouco sobre a vida em Alania. Blaise ficou impressionado ao saber que a vila, apesar de grande, não empregava nenhum tipo de plantação. As mulheres colhiam frutos, cogumelos e outras plantas

comestíveis na floresta, enquanto os homens jovens frequentemente saíam para caçar. Os homens mais velhos ajudavam pescando nos lagos e rios. É claro que isso não era rígido e havia exceções como Ara, que caçava com os homens. Para Blaise, parecia uma vida simples, porém tranquila.

Ao término da refeição, Maya e Esther se recolheram para ir dormir. Gala ficou um pouco mais, mas quando os caçadores começaram a falar sobre expedições e a descrever os animais que mataram, Blaise notou que ela estava ficando chateada. Logo depois, ela deu boa noite e se juntou às outras mulheres na tenda. Devido a sua ligação com os leões, ele imaginou que ela se sentia mal pelos animais ao ouvir tais histórias. Parecia que a criatura poderosa feita por ele tinha um coração bastante generoso com relação a todos os tipos de animais.

— Vamos ter que estabelecer uma vigilância noturna — Kostya disse a ele depois que a refeição havia acabado.

— Eu posso ficar com o primeiro turno — Blaise se ofereceu, abafando um bocejo. Ele estava cansado, mas queria contribuir de alguma forma, agradecer àquelas pessoas de alguma forma, pela hospitalidade delas.

Kostya hesitou.

— Geralmente colocamos dois homens como sentinelas.

— Eu fico. Eu fico na vigilância com Blaise — Ara se prontificou, aproximando-se deles.

Blaise sorriu para ela. De todo o acampamento, a garota parecia ser a única que não se importava de ele ser um feiticeiro.

— Isso, está bem — Kostya disse.

— Apenas se lembrem: nos acordem se algo acontecer.

Ara concordou com a cabeça e Kostya partiu em direção à tenda dele. Sharam, que estava sentado perto da fogueira e ouvindo a conversa, também se afastou, murmurando alguma coisa sobre confiar a vida deles a um feiticeiro e a uma garota. Blaise notou que ele não tinha se oferecido para ficar de sentinela.

Satisfeito, Blaise procurou um local próximo de um tronco de árvore e se preparou para ficar de vigília. Ara se sentou ao lado dele, colocando seu arco e flecha no chão.

— Por que as pessoas antipatizam tanto com a feitiçaria? — Blaise perguntou a Ara após alguns minutos.

— Eu vejo que não gostam de feiticeiros, pelo tratamento dado aos camponeses, mas por que tanta desconfiança com a feitiçaria em si?

— Porque ela foi usada em alguns deles — Ara disse calmamente.

— Shram, por exemplo. Um grupo de acólitos da Torre passavam pela vila e pensaram que seria divertido fazer alguns experimentos com os animais de Shram. Quando Shram tentou objetar, dizendo que a família dele passaria fome se algo acontecesse aos porcos, eles o paralisaram com um feitiço e os porcos foram levados assim mesmo. A esposa e o filho de Shram tentaram impedir, mas eles os trancaram em casa e um dos feitiços que usaram nos porcos deu errado.

Ara engoliu em seco, olhando para o chão.

— O que houve com o feitiço? — Blaise perguntou, com uma sensação ruim no estômago. Ele sabia tudo sobre feitiços que dão errado, já que a mãe dele havia morrido em um acidente com feitiço. Não havia nada mais perigoso do que um feitiço que contivesse erros.

— O barracão onde faziam a experiência com os porcos explodiu e a casa de Shram se incendiou, juntamente com a esposa e o filho dele — Ara falou com a voz baixa e grossa.

— Eles morreram enquanto Shram tudo via, paralisado pelo feitiço. Uma brasa ardente da casa veio sobre ele e criou aquela cicatriz que você viu.

Blaise ficou em silêncio, sem saber o que dizer e, depois de alguns momentos, Ara continuou com o relato.

— Foi por isso que Shram veio para cá, sabe — ela disse, olhando para a escuridão da floresta.

— Porque ele acabou encontrando e matou o acólito responsável pelo feitiço, o único acólito que sobreviveu à explosão.

Blaise sentiu como se um punho forte apertasse seu coração.

— Entendo — falou ele com suavidade. Ele não podia culpar Shram por ter se vingado. Ele teria feito a mesma coisa em seu lugar.

— E quanto a você, Ara? Por que veio para cá?

Para surpresa dele, os lábios de Ara se curvaram em um tímido sorriso.

— Ah, minha história não é tão trágica. Eu simplesmente me fartei que Davish, o fiscal de Kelvin, tentasse me levar para cama. Bem, isso e a fome constante. Um dia, eu arrumei minhas coisas e resolvi me arriscar nas Florestas Ocidentais pausou, sorrindo para ele de forma travessa.

— Como está vendo, deu certo.

\* \* \*

Durante as duas horas seguintes, Ara contou a Blaise mais histórias sobre Alania e seu povo. Parecia que todos tinham motivos diferentes para estar ali. Alguns tinham vindo porque queriam mais liberdade, outros queriam escapar da pobreza e da fome. Muitos tinham tido algum tipo de problema com autoridades e praticamente quase todos queriam recomeçar do nada saindo da estrutura opressora dos territórios. Ao ouvir essas histórias, Blaise não pôde evitar admirar o estoicismo e a determinação daquela gente. Eram indivíduos que pegaram o destino em suas mãos ao invés de aceitarem docilmente sua situação na vida.

Quando todos no acampamento finalmente dormiram, Blaise resolveu realizar alguns feitiços para ajudá-lo na responsabilidade que ele havia assumido.

— Você não se importa se eu realizar alguns feitiços, se importa? — ele perguntou a Ara, sem querer parecer desatencioso depois de ouvir a história de Shram.

— Não, não me importo — ela disse.

— Eu já lhe disse antes, não tenho medo. Que feitiços você vai fazer?

— Bem, eu vou fazer com que eu enxergue no escuro e em distâncias bem maiores — Blaise explicou.

— Também vou aumentar minha audição e preparar um feitiço básico de bola de fogo.

— Oh — ela parecia confusa — Por quê?

— Se tiver que disparar um alarme em caso de perigo, eu quero ser capaz de ouvir e ver o melhor possível. E a bola de fogo será porque não tenho arcos nem flechas.

Ela sorriu.

— Entendi. Importa-se se eu ficar olhando enquanto você escreve?

— Absolutamente.

A hora seguinte transcorreu calmamente. Blaise trabalhou nos feitiços enquanto Ara ficou sentada quieta, parecendo contente em observá-lo. Havia um olhar curioso nos olhos dela e Blaise percebeu que poderia ter uma voluntária, caso ele quisesse algum dia ensinar magia para aquelas pessoas, ou seja, se elas quisessem aprender a respeito.

Carregando os feitiços de audição e de visão na Pedra, Blaise sentiu os efeitos disso imediatamente. Apesar do escuro, tudo parecia distinto e nítido, como se fosse dia, somente com as cores um tanto alteradas. Os sons, no entanto, eram opressivos e ele levou algum tempo para se acostumar. Dava para ouvir insetos rastejando no solo da floresta e o leve ronco de Maya na tenda.

— Você já fez? — Ara perguntou sussurrando e ele aquiesceu, com o cérebro começando a se acostumar com os novos estímulos.

Foi naquele momento que um novo som chamou a atenção dele.  
Foi um rugido baixo, à distância.

## Capítulo 7: Barson

Barson estava viajando há várias horas quando parou perto de um riacho para que seu cavalo bebesse e pastasse um pouco. Na frente, ele via um pequeno grupo de homens armados. Eles pareciam mercenários, homens que não tinham sido suficientemente aptos a entrar para a força de elite da Guarda dos Feiticeiros, mas que mesmo assim ganhavam a vida contratados para usar suas espadas.

Ignorando-os, ele levou o cavalo até o riacho, pegando um pedaço de carne curada para comer pelo caminho.

— Ei, você tem mais disso aí?

Um dos estranhos havia se aproximado dele e parado a alguns metros com uma expressão arrogante na face.

Barson franziu o cenho em desaprovação.

— Não — ele respondeu — Tenho apenas para mim.

E, então, lembrando que ele estava tentando se misturar e evitar chamar atenção, ele acrescentou:

— Eu acabei de passar por uma estalagem próxima daqui. Podem ter comida para você lá.

— Ora, por que não compartilha assim mesmo? — o homem sugeriu, dando um passo em direção a Barson.

— Depois pode seguir calmamente seu caminho.

Barson se arrepiou. Ele não tinha intenção de abrir mão de seus suprimentos para aquele idiota, não quando ele precisava chegar a Turingrad com rapidez e não tinha tempo para ir atrás de mais comida. Aqueles homens obviamente estavam acostumados a pegar o que queriam de camponeses infelizes e achou que Barson era um deles.

— O que está havendo aqui?

Outro homem se aproximou, com a mão pegando o cabo de sua espada.

— Este camponês está sendo desrespeitoso — disse o primeiro homem, apontando o polegar na direção de Barson. — Ele se acha melhor do que nós.

— Estou só de passagem — Barson disse de forma equilibrada, ignorando a raiva que começava a azedar em seu estômago.

— Não quero problemas e tenho certeza de que vocês também não.

Os dois homens começaram a rir. Aproveitando a distração deles, Barson se encaminhou para seu cavalo e rapidamente retirou sua espada, mantendo-a embainhada e escondida nas costas, mas com possibilidade de acesso rápido. Ele não tinha um bom pressentimento sobre essa situação.

— A que território você pertence, servo?

O primeiro homem parou de rir e se aproximou de Barson. — Não é de Kelvin, aposto. Ele não permitiria esse tipo de atitude. É do território de Blaise?

— Isso, do de Blaise — Barson falou com a boca meio cerrada, com a mandíbula apertada ao pensar no ex-amante de Augusta. A paciência dele estava se esgotando. Como será que os plebeus lidariam com aquilo? Se não fosse por sua necessidade em manter discrição, ele teria colocado aqueles idiotas no seu lugar há muito tempo.

Como lobos que sentiam o cheiro de uma presa, os outros mercenários se aproximaram deles, formando um grande círculo em torno de Barson. Ele contou dezoito deles, todos armados com espadas e adagas.

— O que você tem aí?

Um deles havia visto a espada de Barson atrás das costas dele.

— Você roubou a espada de algum guarda?

Como Barson não respondeu, o homem ordenou:

— Mostre para mim.

— Não vai querer que eu desembainhe esta espada — Barson disse calmamente, apesar de fervendo de raiva.

— acredite em mim. É melhor continuar seu caminho.

— Seu insolente...

Sem esperar que o homem terminasse seu insulto, Barson desembainhou a espada. Ele estava farto de ser sutil.

Antes que os mercenários pudessem reagir, ele se movimentou e o homem que queria a carne curado ficou de joelhos, agarrado no ferimento em seu pescoço. Sem esperar que entendessem o que tinha acontecido, Barson balançou a espada de novo e mais dois mercenários agora jaziam no chão, com as barrigas abertas pelos cortes.

A visão de seus camaradas morrendo criou um efeito racional no resto dos oponentes de Barson. Os cinco homens que estavam mais próximos dele estavam com a espada pronta e buscavam uma abertura. Barson não lhes deu nenhuma. Aparando algumas tentativas fracas de ataque, ele rapidamente liquidou os agressores.

Os dez sobreviventes olharam para ele em choque, e depois o atacaram em massa. Havia uma ferocidade desesperada no ataque e Barson não esperava por aquilo, cambaleando para trás antes de matar mais dois com um hábil golpe de sua espada.

Agora, o sentido da luta havia mudado. Quatro dos oito soldados restantes começaram a se afastar, abandonando seus camaradas. Essa seria mais uma razão para esses homens jamais entrarem para a Guarda, pensou Barson com desdém. Eles não tinham lealdade nem honra.

Trocando a espada para a mão esquerda, Barson puxou uma adaga com a mão direita. Cortando o peito de seu agressor mais à esquerda com a espada, ele lançou a adaga em um dos desertores, espetando-o nas costas.

Seis homens fugiam, três deles correndo a toda velocidade.

Barson duplicou seus esforços lançando um ataque brutal nos três homens que ainda lutavam contra ele. Ele precisava lidar com eles rapidamente, antes que seus camaradas covardes fugissem. Ele não podia deixar qualquer sobrevivente, não se quisesse não chamar atenção.

Erguendo a espada, ele fez com ela um grande arco, deixando sua lateral exposta por um instante. Era um risco que valia a pena correr naquela altura, e deu certo porque sua espada cortou todos os três oponentes de uma só vez.

Arfando, ele saltou em seu cavalo, retirando seu arco e flecha do esconderijo.

Com três flechadas, o número de sobreviventes agora era zero.

\* \* \*

Quando Barson chegou na casa da irmã, era perto da meia noite. Bateu na porta suavemente e aguardou.

A porta abriu. Dara estava lá de pé, com os olhos arregalados e a pele pálida.

— Barson? — sua voz tremeu ao se aproximar dele.

— Você... você está vivo! Eu sabia que aqueles rumores eram falsos, eu sabia!

Sorrindo levemente, Barson a abraçou sentindo a tensão de seu corpo.

— Está tudo bem, mana. Você sabe que não podem me matar assim tão facilmente.

Afastando-se, ele olhou para ela e disse:

— Larn também está bem.

Ela fez que sim com a cabeça, se afastando.

— Eu sabia disso, eu coloquei um feitiço localizador nele pouco antes de ele partir. Mas não coloquei em você e quando na Torre houve rumores sobre a Guarda dos Feiticeiros estar morta... — ela estremeceu, suspirando.

— Eu fiquei tão preocupada...

— Não precisava se preocupar — Barson a confortou, embora fosse mentira. Pela primeira vez na vida ele tinha enfrentado uma oponente notável e mal tinha conseguido escapar com vida.

— Eu ia voltar para estar com você.

— Entre — disse ela apressada, puxando o braço dele.

— Conte-me o que aconteceu. Por que está assim, como um camponês?

— É uma longa história — Barson falou, seguindo-a até a cozinha. Sem perguntar, ela lhe serviu um copo de leite e um prato de rosquinhas recém-preparadas.

Sorrindo, Barson se sentou e começou a contar a Dara sobre a batalha com a estranha feiticeira, sobre as habilidades de luta que ela possuía e sobre os feitiços poderosos que ela usou. A irmã ouvia, franzindo a testa, interrompendo somente algumas vezes para fazer perguntas.

— E agora? — ela perguntou quando ele terminou.

— O Conselho está mobilizado por causa disso. Augusta convocou uma reunião de emergência, assustando metade da Torre e os rumores são que ela disse a eles que a Guarda foi morta. Eles devem votar a respeito de algo importante em breve, mas não sei sobre o que seja. Jandison não quer falar nada sobre o assunto.

— Eu acho que sei sobre o que vão votar — Barson disse, terminando a terceira rosquinha.

— Se eu estiver certo, será algo de grande ajuda à nossa causa, se eles tomarem a decisão certa.

— Acha que irão atrás dela?

— Tenho quase certeza de que irão. Com a nossa morte, e permanecendo mortos por ora, o Conselho não tem ninguém em quem confiar para lutar por ele. Se eu conheço bem Augusta, ela os convencerá de que a ameaça precisa ser eliminada.

— Ela pensa que você está morto. Você sabe disso, não?

Barson concordou com a cabeça.

— Sim. Mas isso é bom por ora. Eu vou falar com ela depois da votação. No momento, se ela tem algum sentimento por mim, é melhor que eu fique distante.

Dara olhou para ele com um sorriso.

— Entendo. É uma maneira de fazer com que os votos sigam na direção que precisamos, eu suponho. Se decidirem ir atrás da tal feiticeira, você vai deixar que Augusta vá também?

— Não — Barson balançou a cabeça.

— Quando for a hora eu contarei tudo a ela e farei com que fique aqui comigo. Esta é uma oportunidade de ouro para nós e poderemos usar a ajuda dela ao colocarmos nosso plano em ação.

— E não seria porque não quer que ela morra?

— É claro que não quero que ela morra — Barson olhou para a irmã.

— Ela é minha e pretendo ficar com ela.

Dara sorriu.

— Foi o que pensei.

— Eu também preciso de sua ajuda nisso — Barson disse, retornado ao assunto da votação.

— Você acha que pode influenciar sutilmente seu novo mentor, Jandison, a votar da forma certa?

Dara pareceu pensativa.

— Sim, eu acho que sim. Posso dizer a ele que ouvi rumores e que temo que tanto meu irmão quanto meu noivo estejam mortos. Isso iniciará uma conversa e eu improvisarei a partir dali.

— Ótimo — Barson disse com aprovação.

— Por falar nisso, como Ganir reagiu quando Augusta convocou a reunião? Eu pensei que fosse prerrogativa do Líder do Conselho.

— E é — Dara falou, sorrindo.

— Dizem os rumores que ele ficou lívido. Os outros aprendizes disseram que Jandison gostou bastante disso.

Barson pensou nisso por um instante.

— Se você acha que o velho não gosta de Ganir, tente usar isso quando falar com Jandison.

— Claro, meu irmão — Dara inclinou a cabeça.

— Eu sei como fazer isso.

— Eu sei que sabe — Barson sorriu para ela.

— Apenas tenha cuidado. Estamos quase lá.

Ela aquiesceu.

— Eu sei.

— Precisamos também ficar de olho em Ganir nos próximos dias — Barson disse.

— Ter a certeza de que ele não vá nos atrapalhar.

— Você quer que eu fale com nossos aliados na Torre?

— Não — Barson falou — eu farei isso dessa vez. Eles precisam se acostumar a lidar diretamente comigo.

## Capítulo 8: Gala

Deitada em um engradado fino na tenda, Gala se esticou e fechou os olhos, ouvindo o murmúrio familiar de Maya e Esther se preparando para dormir. Ela estava cansada depois da longa caminhada, mas também se sentia alegre. A conversa que ela havia tido com Blaise sobre o universo era como um torvelinho em sua mente, e ela lentamente foi adormecendo, pensando na grandiosidade do mundo em que se encontrava.

\* \* \*

Gala lentamente se tornou cônica de estar em algum lugar estranho. Olhando em volta, ela descobriu que aquele lugar, se é que podia ser chamado de lugar, era dolorosamente familiar. E, de repente, houve uma forte sensação de *déjà vu*. Ela já havia tido essa experiência antes. Era onde ela havia nascido. Era o Reino do Feitiço.

Era também um lugar que ela havia visto certa vez em um sonho.

Ela percebeu que devia estar sonhando. Pelo que havia lido, o saber que era um sonho devia acordar a pessoa mas, no caso dela, nada se alterou. Ela ainda estava lá, naquele lugar misterioso que a mente dela buscava compreender.

Ela tinha a sensação de que tinha um corpo, ou pelo menos olhos, nariz e ouvidos. Porém, ao mesmo tempo, ela sabia que o Reino do Feitiço não permitia a existência de corpos, nem de qualquer tipo de matéria. Não havia energia, tempo e espaço. Pensando na conversa com Blaise, Gala teve certeza de que aquele Reino não estava no mesmo universo das estrelas que viram. Era outra coisa. Um local de potenciais, de informações abstratas. Se algo pudesse ser dito existir ali seriam padrões de ordem... e alguns daqueles padrões eram capazes de pensamento.

Havia inteligências ali, ela percebeu com espanto. Inteligências bem diferentes das dos seres humanos e da dela. Havia também algo ali... algo familiar que transmitia o que ela podia tentar descrever da melhor forma como um sentimento.

Um sentimento que parecia ser curiosidade a respeito dela.

Em uma brusca mudança de cenário, o sonho pareceu levá-la para uma entidade.

Sem saber ela havia estabelecido isso. Gala sabia que estava na presença de uma inteligência curiosa. Ela viu um caleidoscópio de barras, de cores e luzes que tomavam formas incomuns. Ela conseguia sentir cheiros exóticos, ouvir sons que pareciam forma, algo como uma música. E tudo isso estava acontecendo sem luz, química ou ar para haver vibração.

De repente, um pensamento externo entrou na mente dela. *O que é você?*

*Sou Gala*, ela pensou de volta, surpresa. *O que é você?*

Houve silêncio por um momento. E, então, outro pensamento chegou a ela.

Eu sou Dranel.

## Capítulo 9: Augusta

Andando pelo aposento, Augusta mentalmente lembrou da lista de membros do Conselho.

Ela tinha certeza de que Moriner e Kelvin votariam a favor de ir atrás da monstruosidade, e que Ganir votaria contra. O resto do Conselho era mais ambíguo. Gina, a substituta de Blaise, devia teoricamente estar interessada em fazer qualquer coisa para evitar que Blaise voltasse ao Conselho. No entanto, Augusta não tinha amizade por ela e não fazia ideia se tinha julgado a mulher corretamente. Havia também oito outros Conselheiros cujos votos poderiam ir para qualquer lado, o que era uma margem de incerteza muito ampla. Augusta precisava de pelo menos mais três pessoas do lado dela, caso Gina não agisse racionalmente conforme Augusta esperava.

Sentada em sua escrivaninha, Augusta avaliou os outros protagonistas. Lenton, Mansir e Pesla eram criaturas sem personalidade que geralmente ficavam do lado de Ganir. Furak também, geralmente, mas Augusta achava que ele poderia ser modificado. Um dos mais jovens membros do Conselho e especialista em feitiços de defesa, Furak tinha uma queda por Augusta, que chegara até uma vez a lhe enviar um buquê de flores em seu aniversário. E o mais importante, ele lhe devia um favor, e essa era uma ótima oportunidade para cobrar isso.

Sobravam Dini, Ruark, Dania e Jandison. Os dois primeiros efetivamente não gostavam de Augusta, e falar com eles seria até pior. Se estivessem suficientemente assustados, poderiam querer ir atrás da criatura, mas também poderiam votar ao contrário por pura implicância.

Agora, Jandison... Havia alguma esperança com ele. O velho sempre tinha sido agradável com Augusta, embora ela o achasse alguém sem chance de vencer, mas que surpreendia quando se tratava de alianças. Embora fosse o membro mais antigo do Conselho, ela não era tão respeitado ou influente quanto Ganir. Augusta se perguntou se ele não devia se ressentir desse fato.

Dania, a bibliotecária, era a arma secreta de Augusta. Ninguém esperava que ela votasse contra Ganir, seu amigo e aliado, mas Augusta tinha algumas ideias de como persuadi-la. O preço seria alto, mas no final valeria a pena.

Augusta faria qualquer coisa para assegurar que a criatura pagasse pela morte de Barson.

\* \* \*

Saindo dos aposentos de Furak, Augusta andou pelos corredores da Torre, com um leve sorriso brincando nos lábios. O jovem feiticeiro tinha sido até mais fácil de convencer do que ela imaginava. Sua paixão por Augusta era tão óbvia que ela se sentiu quase envergonhada por ele. Com seu cabelo louro claro e aparência de menino, ele era até atraente, ela supunha, mas não lhe causava nada. Não como Barson...

Uma lança de agonia feriu seu pensamento. Por um instante doeu tanto que ela sentiu que não conseguia respirar, mas ela fez um esforço e se controlou. O amante já era, e não havia nada que ela pudesse fazer. Mas podia assegurar que a morte dele não tivesse sido em vão.

Parando diante dos aposentos de Jandison, Augusta bateu suavemente, esperando que o velho feiticeiro estivesse lá. Ela devia ter lhe enviado uma mensagem de Contato antes, mas ela tinha se atrasado na conversa com Furak e agora era tarde demais.

Após um minuto, ela ouviu passos arrastados e a porta se abriu. Jandison estava lá, seus olhos remelentos olhavam para ela de forma indagadora.

— Mestre Jandison — Augusta disse respeitosamente — Eu gostaria de falar com o senhor.

— Claro, minha filha. O que posso fazer por você?

E, com um gesto para que ela entrasse, ele se arrastou andando até a mesa que ficava no meio do aposento.

Augusta tentou se lembrar da idade de Jandison. Mais velho do que Ganir, com certeza. Cem? Cento e vinte? Ele tinha que ser bem velho, a não ser que fosse inepto em fazer feitiços de revitalização. Augusta mesmo estava com trinta e poucos, mas ela parecia pouco mais do que vinte anos.

— Sinto muito por sua perda — Jandison disse suavemente, sentando-se atrás da escrivaninha, com algum esforço.

— Obrigada — Augusta disse, surpresa. Ela havia mencionado brevemente sua relação com Barson quando explicou a situação da criatura, na reunião do Conselho, mas a última coisa que ela esperava era a compaixão de Jandison ou dos outros.

— Tenho certeza de que Ganir não quis causar aquela tragédia — continuou Jandison, se encostando na cadeira.

— Ele não poderia ter previsto que enviar a Guarda atrás daquela coisa resultaria na morte de todos.

Augusta engoliu em seco, pois a dor em seu peito aumentava e se transformava em uma fúria lentamente ardente.

— Sinto muito, Conselheiro — ela disse, de forma uniforme. — Eu acho difícil não culpar o Líder do Conselho por isso.

Jandison aquiesceu.

— Claro, eu entendo. Aquilo foi bastante trágico e ele poderia ter avaliado melhor.

— Sim, poderia — Augusta disse.

Então, seguindo sua intenção, ela acrescentou.

— Se o senhor fosse o Líder do Conselho eu tenho certeza de que teria lidado com as coisas de forma diferente.

Os olhos de Jandison brilharam, embora ele não tivesse falado nada. Augusta soube que estava no caminho certo. Ela ficou surpresa por não ter notado isso antes. Jandison tinha, de fato, uma grande inveja de Ganir.

— Deixa para lá — ela disse calmamente.

— Por favor, ignore minhas palavras incautas. Certamente estou me deixando levar pelas emoções.

Jandison olhou para ela, com uma expressão de especulação em seu rosto enrugado.

— Você não precisa se preocupar com a votação. Vamos lidar com essa criatura, eu lhe asseguro.

Augusta ponderou sobre a segurança dele, surpresa tanto por sua perspicácia quanto por sua confiança. Como ele poderia estar tão certo da direção dos votos? No mínimo, até agora as chances não estavam a favor de Augusta, e era exatamente por isso que ela estava ali.

— Espero que esteja certa — ela disse de forma duvidosa, franzindo um pouco a testa.

Um leve sorriso surgiu nos lábios

— Você não precisa só ter esperanças, minha filha. Eu garanto isso.

Augusta inclinou a cabeça respeitosamente.

— Claro, Mestre Jandison. Obrigada por seu apoio.

Ela não sabia se o velho tinha ficado senil ou se ele tinha uma leitura da situação diferente da dela, mas Augusta resolveu não falar mais nada. Parecia que ele votaria da forma que ela gostaria, o que significava que o trabalho dela ali tinha acabado.

Dania era a próxima.

Caminhando para os arquivos da biblioteca, Augusta seguiu para a parte de trás, onde a idosa se debruçava sobre uma pilha de livros antigos. Este era o domínio de Dania, o local onde o saber arcano de dois séculos passados estava guardado.

Chegando perto dela, Augusta discretamente limpou a garganta. Quando Dania olhou para cima, surpresa, Augusta lhe deu um sorriso cálido.

— Os livros parecem bem interessantes — Augusta falou, fazendo um gesto para a pilha de livros.

— São de assistentes de Lenard, não são?

— Sim — Dania disse, se ajeitando para olhar para Augusta. — São. Tudo que seja do Período do Iluminismo é de valor incalculável, como você deve saber.

Havia um tom duro na voz dela e Augusta percebeu que a mulher devia ter ficado muito perturbada com o relato de Augusta sobre ter queimado os pergaminhos de Lenard, o Grande, na biblioteca de Blaise, pergaminhos esses que estavam no bolso de Augusta, agora.

— Ah, sim — Augusta disse sem dar muita importância, fingindo não entender a causa da raiva de Dania.

— O saber que eles contém é inestimável.

As sobrancelhas de Dania pareceram se juntar.

— Por que você está aqui? — ela perguntou de chofre, sem usar seu verniz diplomático de costume.

— O que você quer?

— Gostaria de lhe falar sobre a votação — Augusta disse, observando cuidadosamente a mulher idosa.

— O voto que será dado a respeito da abominação de Blaise.

A boca de Dania ficou mais fina.

— O que é? Eu sei o que você pretende, mas eu creio que Ganir esteja certo. Não é a forma de se resolver isso.

— Por que não? — Augusta reagiu.

— É perigosa. Você viu que...

Dania ergueu a mão, parando Augusta no meio de sua fala.

— Não use sua conversa demagoga comigo — ela disse.

— Pode funcionar com aqueles tolos impressionáveis, mas eu não caio nos seus truques.

— Tudo bem — Augusta disse, se recusando a aceitar a ofensa. A coisa estava se saindo como ela esperava.

— Você não pode ser convencida pela razão, eu entendo isso. Mas talvez eu possa convencê-la de outra forma. Talvez eu possa lhe dar algo que seja tão valioso que valha seu voto de apoio...

As sobrancelhas de Dania se ergueram em sua frente.

— Do que você está falando?

— Falo sobre os pergaminhos de Lenard, o Grande - Augusta disse suavemente.

— É possível que não tenham sido totalmente destruídos.

Dania respirou fundo.

— Você os tem?

Os lábios de Augusta sorriram como um gato.

— Talvez.

Ela estava gostando muito daquilo.

— Quanto pagaria para saber?

E, antes que Dania pudesse dizer mais nada, Augusta acrescentou:

— Saiba que eu coloquei um feitiço nesses pergaminhos. Se eles saírem de minha posse sem a minha permissão, ou se eu sentir que possam sair, então eles se desintegrarão sem deixar vestígios — era mais um blefe de Augusta, mas Dania não sabia disso. Augusta tinha, de fato, esse feitiço em anotações, mas ela não chegara a ativá-lo. Ela concordava com Dania que aquele saber era precioso demais para ser destruído.

Os olhos de Dania se apertaram.

— Entendi. Você pegou os pergaminhos do escritório de Blaise e agora quer que eu vote segundo você deseja.

Augusta simplesmente bateu os ombros em resposta, dando a Dania um olhar divertido.

— Talvez — falou ela de forma casual.

— Quem pode dizer o que aconteceu na casa de Blaise? Certamente não houve testemunhas de qualquer forma.

Dania olhou para ela, um olhar calculado no rosto.

— Quer dizer que se votar segundo você quer, você dará para mim? Os pergaminhos?

— Sim — Augusta sorriu. — Na verdade, eu lhes darei agora. Tudo que quero é que em troca, sua promessa sobre o voto... e sua ajuda em localizar alguns livros na biblioteca.

Retirando os pergaminhos do bolso, ela os entregou a Dania, que os aceitou com um olhar reverente.

A mão da idosa tremeu de avidez quando ela desenrolou os pergaminhos e rapidamente olhou para eles. Augusta sabia que ela conseguia ver vestígios de seu feitiço incendiário neles, por isso ela não tinha medo que Dania a traísse. No minuto seguinte, Dania parecia tão absorta nos pergaminhos que Augusta teve que pigarrear de novo para lembrar Dania da presença dela.

Quando Dania olhou para cima, Augusta lhe deu um olhar frio.

— Então? — falou — Temos um acordo?

Dania hesitou, parecendo devastada e Augusta sabia que aquilo era difícil para ela. Ela queria os pergaminhos, mas ela também era leal a Ganir.

— Tenha em mente — Augusta disse suavemente — que esses pergaminhos contém um saber perigoso, um saber que foi usado para criar aquela coisa que precisamos destruir. Se você não os pegar e esconder nas profundezas da biblioteca, eu não terei escolha a não ser incendiá-los. Eu não posso deixá-los à mercê de ninguém. Poderiam facilmente cair em mãos erradas, entende?

— Não — A palavra parecia arrancada da garganta de Dania.

— Não, você não pode destruí-los, eu fico com eles e lhe darei o voto que deseja.

— Está bem — Augusta sorriu novamente.

— Eu sabia que nos entenderíamos quanto a isso. Agora, eu também preciso de um livro sobre feitiços de localização, de paralisia e de sucção de energia, assim como alguns textos para o projeto de física no qual venho trabalhando.

E com isso, a missão dela estava terminada. Agora, tudo que Augusta tinha a fazer era aguardar pela votação e esperar que ela não tivesse se enganado a respeito de Gina.

## Capítulo 10: Barson

Entrando furtivamente nos corredores da Torre, Barson ajustou seu capuz, certificando-se de que cobria seu rosto. Até agora, ninguém havia prestado atenção nele, tornando seu plano de permanecer escondido incrivelmente fácil de ser realizado.

Aproximando-se do alojamento da Guarda, agora vazias, ele olhou em torno para confirmar que ninguém o tivesse visto e entrou no local familiar, abaixando seu capuz no caminho. Conforme esperado, seus aliados já estavam lá, reunidos no local que usualmente servia como área de treinamento para os soldados. Barson havia pedido a Dara para enviar uma mensagem Contato para todos eles, e parece que eles tinham recebido o convite.

Havia cinco feiticeiros lá, de pé — três homens e duas mulheres. Quando ele entrou, a mais nova, Kira, deu um passo à frente e sorriu para Barson.

— Olá, Capitão — ela disse de forma calorosa.

— Estamos felizes em vê-lo com vida.

— De fato — Vashel entrou na conversa, com as mãos mexendo nervosamente na bainha de sua túnica.

— Ouvimos rumores bastante perturbadores recentemente.

Ele era um homem magro e baixo de idade indeterminada, tinha sido um dos últimos a entrar para a causa de Barson e parecia ansioso por sua decisão.

— Não deve acreditar em boatos. Eu não sou um homem fácil de matar — Barson disse, mal conseguindo esconder seu desdém. Ele detestava a fraqueza e a indecisão de todas as formas. Vashel não estava dentre os cinco primeiros feiticeiros que Barson havia se aproximado e, se não fosse pelo fato de Ganir ter conseguido se livrar de dois de seus potenciais aliados, Barson jamais teria pensado em trabalhar com esse homem. De qualquer maneira, no entanto, ele esperava que a ambição de Vashel ganhasse de sua covardia.

— Acho que todos sabemos disso — Noriella disse calmamente, olhando para Barson. Uma feiticeira talentosa, como Dara, ela estava cansada de ter negadas oportunidades de crescimento. Ela havia sido a primeira de fora a se juntar à causa e Barson a admirava por sua determinação em assumir as coisas para si.

— Na verdade, é com isso que contamos.

As outras duas pessoas no local — Pavel e Mittel — permaneceram em silêncio. Os dois feiticeiros de meia idade eram primos, embora fossem suficientemente parecidos para serem gêmeos, os dois com cabelo ruivo brilhante e pele com sardas. Pelo que Dara disse a Barson, eles eram próximos como irmãos, tendo trabalhado juntos em pesquisas ocultas durante décadas. Foi o encerramento peremptório de tais pesquisas que fez com que eles se aliassem a Barson. Aparentemente, um feiticeiro cuja pesquisa era negada era uma coisa perigosa — um fato que Barson anotou para futura referência.

Em geral, todos seus cinco aliados estavam frustrados com o atual regime. Seus motivos específicos eram diferentes, mas tudo se resumia a desgosto com o Conselho e com a hierarquia na Torre. Os camponeses não eram os únicos que se sentiam negligenciados e oprimidos pelos governantes das terras. Muitos feiticeiros de menor patente também estavam descontentes, com seus sentimentos agravados pelo sentido de direito de posse que todos os membros da classe possuíam. Para Barson, esta era mais uma falha da Revolução dos Feiticeiros. Nos tempos antigos, quando os reis justos reinavam, todos sabiam seu lugar e havia certa satisfação quanto a isso. Na era moderna, no entanto, a ilusão da

mobilidade ascendente trouxe descontentamento, tanto para a classe superior quanto para a classe baixa, estimulando intranquilidade desnecessária na sociedade de Koldun.

Era uma situação que Barson pretendia remediar quando fosse rei.

— Então — ele disse de forma calma, olhando em torno da sala para as pessoas que iam ajudá-lo a conseguir aquele objetivo — parece que poderemos colocar nosso plano em ação antes do que esperávamos, graças a alguns acontecimentos recentes. Em que pé vocês estão em relação às tarefas que Dara pediu que realizassem?

E, nos próximos vinte minutos, ele ouviu enquanto lhes contavam sobre os feitiços que haviam preparado, cada um deles mais ávido para impressioná-lo com seu conhecimento e habilidade. Barson aquiesceu e os elogiou, dando a eles a aprovação que claramente ansiavam, enquanto sua mente pensava em estratégias para a batalha por vir. Não seria fácil, mas ele tinha confiança de que iriam vencer.

Quando a reunião chegava ao final, Barson instruiu seus aliados a ficarem de olho em Ganir e nos acontecimentos em geral na Torre.

— Se o velho espirrar, eu quero ficar sabendo — disse a eles, que prometeram manterem-no informado.

Satisfeito, Barson deixou o alojamento da Guarda, colocando o capuz novamente na cabeça. Assim que o Conselho realizasse a votação, ele iria falar com Augusta.

Ele mal podia esperar para vê-la novamente.

## Capítulo 11: Blaise

— O que foi? — Ara perguntou, notando o que parecia ser uma expressão de alerta no rosto de Blaise.

— Eu não sei — Blaise respondeu.

— Ouvi uma espécie de animal. Estava rosnando.

— Que espécie de animal?

Blaise ouviu mais atentamente. Ele não ouviu um rosnado de novo, mas ele ouviu alguma coisa pesada se movendo através da floresta.

— Eu acho que há mais de uma criatura.

Ela franziu as sobrancelhas, parecendo perturbada.

— Devem ser muito grandes — Blaise disse, fechando os olhos para se concentrar mais no que ouvia.

— Eu ouço os passos deles. Parece que tentam andar com leveza, mas seu peso bate nos galhos e nas moitas, revelando como são.

Ao abrir os olhos, ele viu a garota ali, de pé, com o rosto pálido.

— Precisamos acordar os outros — ela disse com premência.

— O que é?

— Eu não sei, mas se for alguma coisa das Florestas Sombrias, precisamos nos preparar imediatamente.

Eles correram para as tendas, chegando primeiro em Kostya. Assim que Ara explicou a situação, ele ordenou que os outros fossem acordados. Somente Maya, Esther e Gala tinham permissão para continuar dormindo.

— A que distância diria que está o barulho que ouviu? — Kostya perguntou a Blaise, com voz tensa.

Blaise pensou.

— A uns oitocentos metros, eu acho.

— Como? Não tem como você ouvir tão longe assim — Shram disse, zombando.

— Tem certeza de que não dormiu e sonhou isso?

— Estávamos acordados os dois — Ara disse de forma aguda, olhando com desaprovação para Shram.

— E ele conseguiu ouvir assim tão longe porque ele fez um feitiço para aumentar a audição. E fique feliz de ele ter feito isso. Se existe a mínima possibilidade de haver alguma coisa assim das Florestas Sombrias aqui, tão perto da vila...

Os outros homens fizeram que sim com a cabeça.

— Ela está certa — disse um homem louro.

— Temos que averiguar isso e, se for uma ameaça, temos que resolver isso.

— Você não precisa ir, Blaise — Kostya disse, aparentemente tomando uma decisão.

— Pode ser perigoso.

— Eu quero ir — Blaise disse.

— Mas devemos deixar alguém aqui para tomar conta daquela tenda.

Ele apontou para onde Gala e as mulheres mais velhas dormiam.

— Sim, e precisamos ter a certeza de que alguém avise a todos na vila, caso algo saia errado em

nossa caçada — Ara acrescentou.

— Então está resolvido — Kostya disse, mandando que quatro homens ficassem ali. O resto reuniu as armas e seguiu com cuidado em direção ao barulho.

Deixando os caçadores irem na frente, Blaise falou as palavras do feitiço de escudo novamente, colocando uma bolha protetora em volta da tenda. Não duraria muito, mas era melhor do que nada.

Então, ele correu para alcançar os outros, olhando os cartões de feitiço pelo caminho. Ele não estava preparado para encontros com criaturas selvagens, mas ele tinha certeza de que poderia improvisar.

À medida que se aproximavam da fonte do barulho, Blaise ergueu o dedo, avisando aos caçadores para tomarem cuidado.

— Eu ouço somente um deles agora — ele sussurrou para Kostya — Será que os outros se foram?

— Vamos ver o que teremos que enfrentar — Kostya sussurrou — A que distância está?

— Não muito longe. Parece que está vindo em nossa direção.

Os caçadores armaram seus arcos.

Dois minutos depois, um rugido poderoso encheu o ar. Blaise sentiu um arrepio frio descer por sua espinha. Qualquer que fosse aquela criatura, ela parecia grande e cruel.

E corria direto para eles.

Os caçadores se espalharam em semicírculo e puxaram a corda de seus arcos. Pareciam assustados, mas determinados.

Foi então que a criatura veio para cima deles.

Irrrompendo da mata, era um borrão de pelo escuro, garras e dentes, com pequenos olhos amarelos que tinham uma espécie de brilho refletor.

Era também gigantesco. Por um instante, Blaise pensou que fosse um urso, mas a criatura era ainda maior, com uma cauda grossa, um focinho longo e pontudo e movimentos que pareciam com os de um chacal ou de uma raposa.

Os arqueiros lançaram suas flechas.

Somente duas chegaram ao alvo e o couro da besta parecia grosso demais para que as flechas penetrassem. Uma das flechas caiu inofensivamente no chão, enquanto a outra se alojou na imensa pata da criatura.

O som que fez foi de arrepiar os cabelos. E, antes que alguém pudesse reagir, a coisa saltou numa árvore próxima, dando um pulo acima das cabeças dos caçadores pasmos, e desapareceu na floresta.

— Temos que ir atrás dele — Kostya gritou, aparentemente cheio de coragem pelo êxito. Antes que Blaise pudesse objetar, os caçadores partiram em disparada, forçando-o a correr atrás deles para acompanhá-los.

— O que era aquilo? — Blaise conseguiu perguntar, chegando em Ara. Ele não sabia como os caçadores conseguiam se mover tão depressa através da floresta escura. Mesmo com sua visão aumentada, ele achava difícil manter um ritmo tão acelerado.

— É um urso-lobo — ela respondeu arfando, abaixando-se para evitar um galho mais baixo.

— Um urso-lobo? Quer dizer um híbrido de urso com lobo? Eu não sabia que essas coisas ainda existiam — Blaise lembrou das velhas histórias sobre o feiticeiro que havia feito experimentos em criaturas vivas. Augusta, a certa altura, tinha ficado obcecada com essas histórias, usando-as como exemplo dos perigos do excesso de confiança na feitiçaria.

— Oh, eles existem — Ara murmurou, respirando pesado por causa da corrida.

— As Florestas Sombrias estão cheias deles. Eu acho que alguns chegaram até e lá e procriaram como coelhos. É por isso que praticamente poucas pessoas passam por aquelas florestas, por isso e por causa das plantas venenosas.

— E como você e os outros passaram? — Blaise saltou sobre uma grossa raiz de árvore, mal

conseguindo se manter de pé quando seu pé foi parar em um buraco. Puxando o pé com força, ele correu atrás de Ara, que seguia correndo num ritmo perigoso.

— É uma longa história — ela arfou, aparentemente atingindo o limite de sua resistência. Ele via gotas de suor brilhando na testa dela.

Naquele momento, eles chegaram numa grande clareira. Precipitando-se pelos arbustos, eles pararam abruptamente ao chegarem ao meio dela.

Os outros caçadores já estavam lá, paralisados.

A criatura que haviam seguido não corria mais. Tinha se voltado para enfrentá-los, de pé no outro lado da campina.

E, em torno da clareira, Blaise via outros iguais de pé e um círculo em volta dos caçadores, com os olhos amarelos brilhando no luar.

O urso-lobo os havia levado para uma emboscada.

\* \* \*

A parte fria e racional de Blaise involuntariamente admirou a inteligência da criatura. Era um planejamento de longo prazo em ação. Como seus parentes mais conhecidos, os ursos-lobos pareciam caçar em bando, e ser bons em coordenar suas ações.

Eles também pareciam saber como caçar humanos.

— Estamos fritos — Ara sussurrou, de pé ao lado dele. Blaise notou medo e resignação na voz dela e parte de seu próprio choque pareceu murchar.

Os arqueiros se preparavam freneticamente para soltar as flechas, com as mãos trêmulas, mas Blaise notava a falta de esperança no rosto deles. Em torno, ele ouvia rugidos baixos e furiosos, e via o brilho amarelo refletido nos olhos das criaturas.

No máximo, teriam segundos antes que os ursos-lobos atacassem.

Com o coração disparado, Blaise pegou sua Pedra Interpretadora e começou a pegar cartões de feitiço. Pelo canto do olho, ele viu Shram pegando uma longa faca.

— O que está fazendo? — um dos homens falou com contragosto.

— Vou morrer em meus próprios termos — o homem com cicatriz cerrou os dentes, agarrando a faca bem com força e investindo. Antes que ele pudesse dar mais do que alguns passos, houve uma movimentação indistinta e Shram estava no solo, com uma massa enorme raivosa em cima dele.

— Não! — Ara soltou um grito agudo enquanto Blaise colocava um cartão na Pedra, soltando a bola de fogo que ele havia preparado antes.

A luminosidade foi tanta que feriu a visão aumentada de Blaise. Mas parece que atingiu mais a besta, queimando seu pelo. Com um rugido, o urso-lobo saltou de cima de Shram, rolando em dor pelo chão.

Era uma grande criatura, Blaise notou com a parte de sua mente que ainda mantinha a frieza. Talvez fosse o macho alfa do bando. Com as mãos trêmulas, Blaise desesperadamente tentou pegar seus cartões. Não havia tempo para escrever nada novo. E ele tinha apenas instantes para improvisar outra coisa, antes que as criaturas se recuperassem e atacassem em massa.

— Consiga ganhar tempo — ele gritou para Kostya, começando a recitar o feitiço do escudo.

Os arqueiros soltaram suas flechas mediante o comando de Kostya. Muitas atingiram os alvos mas, como antes, poucas penetraram no couro grosso dos animais. Enfurecidos, os ursos-lobos vieram para cima deles e, naquele momento, o feitiço do escudo feito por Blaise se manifestou. Em vez de chegarem aos caçadores, o peso maciço das bestas foi de encontro à parede cintilante da bolha protetora que Blaise tinha conseguido criar.

— Por quanto tempo vai durar? — Kostya perguntou, com a voz apertada pela ansiedade. Dois

homens arrastavam Shram da beira da bolha. Ele parecia estar mal, com o braço totalmente estraçalhado.

— Não muito tempo — Blaise disse de forma tensa — Eu tenho uma ideia, mas preciso me concentrar.

A ideia dependia de várias hipóteses. A maior delas era se um feitiço feito para humanos funcionaria nesses híbridos de animais. Blaise achou que poderia funcionar, porque muitos desses feitiços tinham sido testados inicialmente em animais, mas não havia garantia.

Sua outra hipótese era de que as criaturas fossem de fato como lobos em seu comportamento.

Escrevendo freneticamente seu feitiço, Blaise ouvia as criaturas atacando a bolha repetidamente, cada vez mais enfurecidos a cada tentativa. Ele sabia que quase não havia tempo, uma vez que a pressão contra a bolha de feitiço tendia a enfraquecê-la com maior rapidez. Era como se as criaturas também soubessem disso, porque elas continuavam a bater contra e a unhar a parede invisível.

Com as mãos escorregadias pelo suor, Blaise colocou o feitiço assim que ficou pronto. E então ele observou, esperando para ver se funcionava.

Visivelmente, nada parecia ter mudado nele ou nos seus companheiros. No entanto, os ursos-lobos pararam de atacar a bolha. Em vez disso, pareciam confusos, com suas caudas longas abanando de um lado para outro.

Naquele instante, o brilho da bolha começou a esmaecer com o tempo do feitiço, chegando a seu final. Se o feitiço de ilusão de Blaise não funcionasse corretamente, estariam todos à mercê das criaturas.

— O que está acontecendo? — Kostya perguntou, parecendo temeroso.

— Eu usei um feitiço ilusório — Blaise explicou falando baixo — Se eu fiz corretamente, eles nos verão como um bando rival de ursos-lobos. Na verdade, eles veem o que vemos, uma imagem espelhada deles mesmos. E nos ouviram rosnando em vez de falando.

— E agora? — Ara sussurrou, com o corpo inteiro tremendo.

— Agora precisamos ameaçá-los a nos deixar em paz — Blaise respondeu, esperando que essa ideia funcionasse. Poderia ser eficaz com lobos, mas não sabia se funcionaria com essas criaturas.

— Está bem — Kostya disse, entendendo imediatamente a tarefa diante deles — Vamos nos espalhar e andar em direção a eles. não demonstrem medo.

Todos começaram a seguir em frente, dois dos homens na retaguarda dando apoio a Shram.

Os ursos-lobos rangeram os dedos ameaçadoramente quando os humanos começaram a se aproximar. O alfa do bando, o que tinha atacado Shram antes, deu um passo à frente dando um grande rosnado. Enquanto os caçadores continuavam a se mover em frente, no entanto, a criatura começou lentamente a se retirar, aparentemente intimidada pela aproximação do 'bando'. Blaise havia usado propositadamente a imagem do alfa para criar a ilusão, fazendo dos humanos todos 'lobos-ursos' tão grandes quanto o líder do bando. Eram nove humanos, incluindo Blaise, contra oito ursos-lobos.

Ainda assim, os animais pareciam hesitantes em ir embora. Uma coisa que Blaise não havia sido capaz de fazer com o feitiço era mascarar o cheiro verdadeiro dos humanos. Enquanto os animais viam e ouviam outros de sua própria espécie, eles indubitavelmente sentiam o cheiro de humanos na vizinhança e ficavam avessos a deixar suas presas.

Blaise e os caçadores precisavam fazer algo mais agressivo antes de o feitiço da ilusão terminar.

— Comecem a gritar — Blaise disse aos outros — Gritem o mais alto que puderem, como se suas vidas dependessem disso. Porque depende.

E ele deu um grito tipo grito de guerra, que ele esperava soar como um poderoso rugido ao ouvido dos animais. Os caçadores fizeram o mesmo, suas vozes se unindo em um som de uma cacofonia furiosa.

Os ursos-lobos deram um passo para trás, um após o outro. Blaise via suas orelhas se movendo e suas caudas indo de um lado para o outro, em desagrado. Ele continuou a berrar, apesar de estar com a garganta doendo e as orelhas ressoando.

E, quando ele estava quase certo de que o plano ia falhar, o líder dos ursos-lobos soltou um rugido alto e se virou, desaparecendo na mata. O resto do bando o seguiu, e Blaise os ouvia correndo através da floresta, indo para o leste, de volta para as Florestas Sombrias.

Os caçadores e Blaise pararam de gritar. Tremendo após o resultado, eles olharam para a campina agora vazia com expressões pasmas nos rostos.

Os caçadores mal podiam crer que haviam sobrevivido, e Blaise sabia exatamente como se sentiam.

\* \* \*

Depois de todos terem tido chance de ficarem um pouco mais calmos, Blaise andou até Shram, o único que tinha se ferido durante o encontro. O homem com a cicatriz estava sentado no chão, segurando seu braço rasgado. Blaise via o sangue escorrendo do ferimento, apesar da bandagem improvisada que alguém tinha colocado contra ela.

Curvando-se perto do homem, Blaise pegou sua Pedra Interpretadora e uns poucos cartões de feitiço para começar a preparar um feitiço de cura.

— O que está fazendo, feiticeiro? — o homem perguntou de forma brusca, observando os esforços de Blaise.

— Tentando curar seu ferimento, claro — Blaise respondeu, continuando a escrever.

— Precisamos ir para o acampamento e seu ferimento vai nos atrasar.

Shram franziu as sobrancelhas, mas não objetou enquanto Blaise terminava de escrever e carregava os cartões na Pedra. Assim que o feitiço começou a agir, Shram suspirou, com os olhos esbugalhados. Blaise sabia o que ele estava sentindo, um alívio imediato da dor. Uma dor que devia ter sido muito forte, a julgar pelo tamanho do ferimento. O urso-lobo tinha literalmente rasgado a pele de Shram, pele que agora estava sarando.

Alguns minutos após, o sangramento havia parado e o ferimento tinha desaparecido.

Lentamente erguendo-se, Shram tocou no braço e a expressão no seu rosto oscilava entre admiração e ressentimento. Blaise também se levantou e estava para sair andando, quando Shram agarrou seu braço.

— Obrigado, feiticeiro — ele disse de forma grosseira — Por isso e por ter salvado minha vida antes.

E, antes que Blaise pudesse reagir, o homem foi embora, aparentemente tão pouco à vontade com aquela cena quanto o próprio Blaise.

## Capítulo 12: Augusta

Na manhã da votação, Augusta acordou tonta e com uma enorme dor de cabeça. Ela mal havia dormido, se revirando na cama a noite toda, pensando na votação que ocorreria. Sempre que se deixava levar pela imaginação, ela sonhava com Barson e com imagens da morte dele diante de seus olhos.

Saindo da cama com dificuldade, ela se forçou a escrever um feitiço de cura para dor de cabeça, para que conseguisse um semblante desanuviado. A falta de sono era uma das poucas coisas que não se conseguia combater com feitiços. Ninguém entendia totalmente o processo fisiológico do sono e como ele ajudava o organismo humano.

Quando suas têmporas não estavam mais latejando, Augusta se vestiu e se aprontou. Andando em direção aos corredores da Torre, ela viu os aprendizes que a olhavam com curiosidade. Em toda a Torre havia cochichos de rumores e especulação sobre a próxima reunião. Quando ela se aproximou do Salão do Conselho, ouviu o gongo que anunciava o início da reunião.

A maioria dos Conselheiros já estava reunida no interior da sala e Augusta os cumprimentou com a cabeça enquanto se encaminhava para se sentar em seu trono. Ganir já estava lá. Como sempre, ele era o que tinha usado o gongo. Dania também estava lá, parecendo pouco à vontade e culpada. Augusta imaginou que ela não estava feliz com sua tarefa.

Quando Kelvin e Furak chegaram, a votação começou.

Era um costume tão antigo quando o escritório do Conselho de Feiticeiros em si. Cada Conselheiro tinha uma pedra de voto que precisava ser teletransportada para uma das urnas de votos: a vermelha para ‘sim’ e a azul para ‘não’. As caixas ficavam na Balança da Justiça no meio da grande mesa de mármore. Quando a votação terminava, o peso das pedras forçava a Balança a se inclinar na direção para a qual a votação tendia. E, então, cada uma das pedras de votos voltava para seu dono original.

O processo era para ser tanto justo quanto anônimo e Augusta se perguntou novamente como Blaise tinha sabido qual tinha sido o voto dela no julgamento do irmão dele.

Ganir permaneceu sentado silenciosamente em vez de se dirigir a todos, como geralmente fazia. Augusta desviou o olhar dele e pegou o olhar de Jandison. Ele fez que sim praticamente imperceptivelmente e se levantou.

— Os que forem a favor de uma ação contra a criatura, votem ‘sim’ — falou Jandison, se dirigindo ao Conselho em voz alta.

— Se obtivermos uma votação de ‘não’, discutiremos qual será a próxima opção.

Perfeito, Augusta pensou. As escolhas eram de alguma forma não conhecidas contra uma ação claramente definida. Era da natureza humana evitar a incerteza. Jandison realmente estava totalmente do lado dela e, pela primeira vez, Augusta se perguntou se ele não teria o que necessário para liderar o Conselho no lugar de Ganir.

Ao sinal de Jandison, ela teletransportou sua pedra de votação para a caixa vermelha e aguardou, com a respiração presa. Alguns segundos depois, a Balança da Justiça se inclinou, a caixa vermelha se abaixando com o peso das pedras.

O destino da abominação de Blaise estava selado.

— Está feito — Jandison disse.

— Vamos nos reunir de novo para decidir qual será o próximo passo.

A expressão no rosto de Ganir era assustadora em sua imobilidade. Augusta percebia a fúria que havia dentro dele, mas ele não falou nada a ninguém.

Em vez disso, o Líder do Conselho se levantou e saiu da sala.

\* \* \*

Exausta, mas triunfante, Augusta foi para seus aposentos. Ao entrar no quarto, ela começou a se despir sem ânimo, precisando muito de um descanso. Ainda havia muito a ser feito, feitiços a serem escritos, planos a serem consolidados mas, naquele momento, Augusta só se sentia capaz de mergulhar em sua cama.

De repente, com o canto do olho, ela percebeu um movimento rápido. Girando em pânico, ela viu uma sombra no canto e seu coração pareceu que ia sair pela boca.

Antes mesmo que ela pudesse começar a recitar um feitiço protetor, a figura se ergueu e surgiu na luz.

Era Barson, o homem que ela pensava ter perdido.

## Capítulo 13: Gala

Ao acordar na manhã seguinte, Gala tentou se lembrar de seu sonho, mas os detalhes lhe fugiam. Ela só conseguia lembrar de sentir curiosidade e medo, como se tivesse aprendido alguma coisa surpreendente.

Levantando-se, ela percebeu que estava sozinha na tenda e ouviu uma conversa animada lá fora. Ajeitando seu cabelo e as roupas, ela saiu da tenda, intrigada pelos pedaços de conversa que entreouvira.

— Falaram em ‘ursos-lobos?’ — ela perguntou, se aproximando de um pequeno grupo que incluía Maya, Esther, Blaise e alguns caçadores.

— Ah, pois é, Gala, você não vai acreditar no que aconteceu — Esther exclamou.

— Fomos atacados ontem à noite por essas... essas criaturas!

— Que criaturas? — Gala olhou para eles, surpresa.

— Híbridos de ursos e lobos que um feiticeiro criou há muito tempo. Parece que eles se desenvolveram nas Florestas Sombrias — Maya falou, com a voz repleta de uma agitação temerosa.

— Pelo que os homens os descreveram, temos sorte de Blaise estar na vigília e tê-los ouvido antes que chegassem ao acampamento.

— Tenho certeza de que eles não teriam atacado um acampamento tão grande — Blaise interrompeu, parecendo pouco à vontade — E, além do mais, todos participaram em intimidá-los.

— Sim — Kostya disse, aproximando-se do grupo.

— Mas foi seu feitiço que tornou isso possível. E eu não teria tanta certeza de que não atacariam o acampamento. Já houve interações com aqueles animais antes e nunca terminaram bem. Eles são atrevidos e soubemos que um único deles pode matar até cinco homens. Com um bando tão grande como era, eles poderiam ter destruído metade de nossa vila.

Blaise ainda parecia relutante em ganhar o crédito pelo que tivesse ocorrido na noite passada.

— Fico feliz em ter podido ajudar — disse para Kostya — E, se houver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar a proteger sua vila de um perigo futuro, por favor, me avisem. Talvez existam feitiços que eu possa criar para manter essas feras longe do povoado.

— Isso seria ótimo — Kostya disse, aparentemente não mais tão desconfiado da feiticeira — Agradeceríamos muito.

Cheia de curiosidade, Gala olhou para o grupo.

— O que são esses ursos-lobos? — ela perguntou — O que aconteceu? Por favor, me contem a história toda.

E nos próximos vinte minutos, ela ouviu chocada enquanto os caçadores descreveram suas aventuras durante a noite e sobre a forma inventiva como Blaise os havia defendido das criaturas.

— Por que não me acordou? — ela perguntou a Blaise — Com certeza eu poderia ter ajudado.

— Não — Ele balançou a cabeça — Você já passou por coisas demais. Eu não ia colocar você em perigo de novo, não se eu pudesse impedir isso.

Gala olhou para ele, incerta de como se sentia com relação à extrema proteção de Blaise.

— Mas você mesmo correu perigo — ela protestou — Você e o resto das pessoas daqui.

— Gala... — Blaise se aproximou dela e colocou as mãos nos ombros dela — Eu consegui resolver, está bem? Por favor, não se preocupe mais. Terminou. Vamos arrumar as nossas coisas e ir para a vila antes que tenhamos que passar outra noite aqui.

Em com isso, ele abaixou seus braços e se afastou para ir se juntar aos homens que estavam desarmando as tendas, deixando Gala com o cenho franzido para ele.

Foram várias horas até que finalmente chegassem a Alania. Se não fosse o acaso de terem se encontrado com aqueles homens, Gala duvidada se chegariam a tal local. As casas eram pequenas e escondidas entre as árvores, se misturando tão bem à paisagem, que eram praticamente invisíveis. Em geral, eram feitas de madeira, com telhados cobertos por trepadeiras e outros tipos de plantas. Não havia campos cercando a vila e Gala não viu sinais de animais domésticos. Como Kostya lhes havia dito, a caça e a colheita alimentavam a vila.

Ao chegarem a uma morada maior no centro da vila, Kostya anunciou que era a casa dele.

— Esta é minha esposa, Liva — ele disse, entrando e apontando para uma mulher gordota sentada à mesa da cozinha.

Surpresa, Liva se levantou.

— Quem são essas pessoas? — ela perguntou ao marido, olhando para todos com curiosidade.

— Liva, eu lhe apresento Esther, Gala, Maya e Blaise — ele respondeu — Nos conhecemos na floresta e eu os convidei para se juntarem a nós, aqui em Alania.

Um sorriso de boas vindas surgiu no rosto largo de Liva, como resposta.

— Ah, mais refugiados? Excelente! Que bom que conseguiram passar pela floresta. Da última vez que alguém chegou foi aquela adorável jovem, Ara — e isso já faz quase dois anos.

— Não são exatamente refugiados — Kostya disse — Ouviu falar de Blaise, não ouviu?

Liva franziu a testa.

— Blaise? O feiticeiro?

— Ele mesmo — Kostya disse — Essas pessoas são seus companheiros.

— Oh — Liva pareceu confusa por um instante, mas se recuperou rapidamente.

— Ora, tudo bem, sejam bem-vindos. Temos prazer em tê-los aqui. Eu imagino que tenham feito uma boa viagem?

— Fizemos — Blaise disse, sorrindo para ela — E agradecemos por nos oferecer sua hospitalidade. Eu lhe asseguro que não quero lhes fazer mal.

— Foi o que imaginei — Liva disse calmamente — Senão Kostya não os teria trazido para cá. Posso lhes oferecer alguma coisa para comer?

— Não estou com fome, obrigado — Blaise disse — Mas tenho certeza de que Gala, Esther e Maya gostariam de uma refeição.

— Obrigada, gostaríamos sim — Esther disse — E você também deve comer, Blaise. Liva, posso ajudar em alguma coisa?

— Mulher, eu preciso sair para caçar de novo — Kostya interrompeu — Tudo bem se eu deixar as visitas com você?

— Claro. Eu cuido deles — Liva fez um movimento como enxotando-o pela porta e Kostya rapidamente saiu da casa. Gala teve a impressão de que ele ficava pouco a vontade com tantos convidados e preferiu deixar a tarefa para a esposa.

Assim que ele se foi, Liva se virou para Esther.

— Eu gostaria de uma ajuda — ela falou com um sorriso, respondendo à pergunta que Esther fizera mais cedo — Eu jamais recuso a oferta de uma ajuda a mais na cozinha.

— Excelente — Maya logo falou.

— Então também vou oferecer meus serviços.

E em menos de um minuto as três mulheres estavam amistosamente cortando raízes e legumes e colocando-os numa frigideira com algo que tinha o cheiro de carne frita.

Gala permanecia silenciosa, observando tudo calmamente. Ela era fascinada por aquela gente e

seu modo de vida. Havia algo naquela casa que a fazia se sentir esquisita. Pouco depois, ela percebeu que estava sentindo uma espécie de feitiço. Ela não sabia o que o feitiço podia fazer, mas ela o sentia no aposento.

— Que feitiço você está usando? — ela perguntou a Liva, falando pela primeira vez. Ela imaginou que Liva estivesse fazendo o feitiço, já que Blaise não tinha tido chance de escrever nem de recitar nada.

Liva se voltou lentamente para ela.

— Como assim, menina? — ela perguntou, como se não soubesse. No entanto, as pupilas dela estavam dilatadas e Gala viu que seus dedos se contorceram levemente. Eram sinais de que ela não estava sendo verdadeira, Gala pensou. Será que Liva se sentia pouco à vontade com aquele assunto?

Gala pensou em mudar o assunto para não incomodar a mulher, mas ela estava curiosa demais.

— Esse feitiço tem o objetivo de alegrar as pessoas ou de curar pequenos males? — insistiu ela, tentando descobrir o que exatamente estava sentindo.

Liva parecia tanto surpresa quanto amedrontada.

— Como sabe disso? — ela perguntou, olhando espantada para Gala.

Gala encolheu os ombros, sem saber direito como explicar. Ela, às vezes, sentia feitiços, como se parte dela estivesse sintonizada com as mudanças na trama do Reino Físico, resultantes da feitiçaria.

— Você é feiticeira? — Blaise perguntou a Liva, olhando surpreso para a anfitriã.

— Não sou feiticeira — Liva negou — Eu apenas me interesso por alguns feitiços, só isso. Ninguém sabe disso, nem mesmo meu marido.

Ela pausou, dando a Blaise e a Gala um olhar suplicante.

— E eu gostaria que ficasse assim, se não se importam. Os feiticeiros não são muito benquistos por aqui.

— Oh, não se preocupe — Maya disse de maneira tranquilizadora — Vamos guardar seu segredo. Eu não sei por que acha que deve esconder seu dom, mas respeitamos seu direito em fazer isso.

— Respeitamos sim — Esther acrescentou, e Gala e Blaise aquiesceram com a cabeça concordando.

— Que bom — Aparentemente considerando a questão encerrada, Liva voltou a cortar os legumes.

Agora era Blaise que não conseguia segurar sua curiosidade. — Mas como aprendeu? — ele perguntou, analisando Liva — Eu nunca conheci ninguém que apenas tentasse praticar a feitiçaria.

— Eu aprendi com meu pai — Liva explicou, mexendo os legumes na frigideira. Havia um toque de nostalgia na voz dela — Ele era um aprendiz que teve o braço arrancado durante seu primeiro teste na Torre. Ele também feriu outro aprendiz. Para puni-lo, mandaram que ficasse fazendo tarefas subalternas na Torre e ele achou melhor ir embora. Ele era muito orgulhoso, o meu pai. Ele continuou a aprender alguns feitiços por conta própria e, apesar de não ser dos melhores, ele me ensinou alguma coisa em segredo.

— E por que seu pai não a levou para a Torre? — Blaise perguntou, franzindo o cenho — Se você tinha aptidão para a feitiçaria, deveria ter se tornado uma acólita.

— Quando ele começou a me ensinar, já estávamos aqui, muito longe da Torre. Além do mais, ele os odiava e não gostaria que eu o deixasse para ir para Turingrad. E eu não faria isso. Já era um milagre termos conseguido chegar aqui. Ela continuou a se ocupar com a preparação dos alimentos, parecendo pouco à vontade com aquele assunto.

— Posso ajudar? — Gala perguntou, se aproximando da mulher. Do tempo que passara na estalagem, ela tinha aprendido a cozinhar e queria ajudar, se Liva permitisse.

Liva olhou para ela com dúvida.

— Se quiser, menina. Por acaso é feiticeira, como aquele ali? — e apontou para Blaise com o

queixo.

— Mais ou menos — Gala murmurou, começando a cortar os cogumelos — Mas não sou muito boa nisso.

— Não é boa? — Esther debochou — Ah tá, claro.

— Ainda estou aprendendo — Gala insistiu e Blaise olhou feio para Esther, em reprimenda, fazendo com que a velha mulher se calasse. Blaise não queria que aquelas pessoas soubessem sobre os poderes imprevisíveis de Gala, que percebeu isso e concordou com a decisão. Devido ao que havia acontecido antes, ela entendeu a importância da discrição e estava disposta a fazer o que pudesse para se adaptar nesse novo local.

— E pegou todas essas plantas na mata? — Maya perguntou, mudando de assunto. As mulheres começaram a conversar sobre a melhor maneira de encontrar cogumelos comestíveis. Ouvindo-as, Gala trabalhava calada, sem querer atrair atenção para si.

Logo em seguida, a comida ficou pronta.

Sentaram-se para comer em uma mesa grande de madeira.

— A sua casa é bem grande para vocês dois — Blaise observou, notando que a mesa tinha lugares para seis.

— Parece grande agora — Liva sorriu — Mas quando nossos três filhos moravam com a gente, era bem movimentada. Os meninos cresceram e se casaram, foram morar nas casas deles, por isso temos espaço livre.

— A comida está maravilhosa — Gala disse assim que começaram a comer — Nunca comi nada tão delicioso antes. E era verdade, mesmo aos sabores ricos e saudáveis que ela saboreava agora.

— A comida é mais fresca do que a que existe nos territórios — Liva explicou — O solo aqui não foi tão desgastado.

— Além do que ela provavelmente está faminta — Esther resmungou, dando um olhar gélido para Gala, que piscou, surpresa, depois se dando conta de que, inadvertidamente, havia ofendido a mulher que a tinha alimentado tantas vezes.

— Seu ensopado também é saboroso — ela reafirmou para Esther, tentando consertar a gafe — E você tem razão, eu estou mesmo com muita fome.

A expressão de Esther amainou.

— Eu sei, filha. E a comida aqui é muito boa, eu admito. Olhem só, até Blaise está comendo.

Virando-se para seu criador, Gala notou que ele devorava os alimentos com sinais de puro prazer.

Ao terminarem, Gala se sentiu confortavelmente satisfeita e relaxada. Não demorou e ela começou a ficar com sono e a bocejar.

— Vocês devem estar cansados da viagem — Liva disse — Eu tenho dois quartos extras. Ela pausou, olhando para Blaise e Gala — Talvez vocês dois possam ficar com um e Maya e Esther possam ficar no outro?

Blaise pareceu pego de surpresa, mas Gala gostou bastante da ideia.

— Claro — disse ela, animada — Eu gostaria muito de dormir com Blaise.

A ideia de dormir perto de seu criador era bem atraente para ela.

Maya e Esther caíram no riso, e Blaise pareceu pouco à vontade, por algum motivo. Liva sorriu. Gala ergueu as sobrancelhas para elas, sem saber o que havia feito de errado dessa vez.

— Claro que gostaria, menina — Maya disse depois de um tempo, limpando as lágrimas de riso — Se eu fosse nova como você, eu também gostaria.

— Claro que gostaria, sua vadia — Esther parecia que ia morrer de tanto rir.

— Vadia? — Gala perguntou, arqueando mais as sobrancelhas. Então ela se deu conta. Nos livros, ela havia lido que, às vezes, “dormir” era um eufemismo para ter relações sexuais. Elas devem ter pensado que ela queria aquilo com Blaise.

Elas não estava totalmente erradas, mas não foi o que ela quis dizer. No entanto, ela teve a impressão de que se tentasse se explicar, ela tornaria as coisas ainda piores. Ninguém admitia querer sexo assim tão diretamente, pelo menos ela sabia disso e se sentiu um pouco envergonhada de ter, sem querer, quebrado aquele tabu da sociedade.

Naquele instante, Blaise entrou na conversa.

— Acho que chega — ele disse calmamente, com um tom sério que cortou a hilaridade que reinava na sala.

— Gala está cansada e precisamos descansar. Liva, obrigado por sua hospitalidade e agradecemos e aceitamos sua oferta dos quartos.

E assim ele seguiu Liva até a parte de trás da casa, com Gala seguindo agradecida atrás deles, enquanto Maya e Esther recomeçaram a rir sentadas à mesa da cozinha.

Ao chegarem ao quarto, Liva apontou para a cama — um colchão de palha no chão — e saiu rapidamente, reprimindo um sorriso.

Gala bocejou de novo, sentindo-se cansada, e Blaise se voltou para ela.

— Gala — ele falou suavemente, aproximando os dedos para tocar carinhosamente seu rosto — vamos dormir, está bem?

Ela concordou, seus lábios se tornando pesados. Por mais intrigada que estivesse com a possibilidade de fazer sexo com Blaise, no momento, o sono era algo igualmente atraente.

Blaise se afastou, tirando os sapatos e a túnica, e se sentou na cama. Gala o imitou, juntando-se a ele. Bocejando, ela se deitou e viu que Blaise deitou ao lado dela. Nos últimos momentos antes de ela cair no sono, ela sentiu que ele colocou seus braços em torno dela, puxando-a para mais perto... e então, ela dormiu, aconchegada e feliz com o abraço dele.

\* \* \*

Quando ela acordou, Blaise já tinha saído. Ao entrar na cozinha, Gala o viu sentado à mesa, conversando com Liva.

— Bom dia — ele disse de forma cálida, olhando para Gala que entrava no aposento — Venha tomar café e depois podemos dar um passeio para conhecer a área em torno daqui.

Gala sorriu para ele, empolgada com a ideia e começando a comer os frutos silvestres que Liva tinha preparado para o café. Agora, que ela não estava tão cansada, mal podia esperar para passar mais tempo com Blaise.

Alguns minutos depois, ela terminou o café e estava pronta para explorar.

Saindo da casa, Gala e Blaise seguiram por um caminho largo feito pelos aldeãos. Era uma espécie de rua, a única rua da aldeia. Depois de passarem por algumas casas, eles saíram do caminho principal e foram para a floresta.

Enquanto andavam pelo bosque, Gala observava a maravilhosa natureza que os cercava.

— Isso aqui é lindo — ela falou enquanto entravam em uma pequena clareira na floresta.

— Não tão lindo quanto o lago de ontem, claro, mas muito bonito.

Blaise sorriu para ela.

— Quer voltar lá?

— Claro — Gala disse, devolvendo o sorriso — Mas não é longe daqui?

— Não se formos voando — ele disse enquanto começava a entoar as palavras de um feitiço. Ao terminar, ele explicou:

— Isso vai trazer a cadeira até nós. Deve chegar logo.

Gala sorriu para ele.

— Ótimo. O que vamos fazer enquanto esperamos?

Ela tinha uma ideia...

— Que tal se eu tentar ensinar você a controlar sua magia? — Blaise sugeriu.

Não era exatamente o que Gala tinha em mente, mas ela também queria isso.

— Claro, eu adoraria — ela falou com sinceridade. Talvez se ela pudesse controlar melhor suas habilidades, Blaise não acharia que devia protegê-la o tempo todo.

— Tenho algumas ideias de como fazer isso — ele disse, sentando-se na relva. — Acho que, para começar, vou ensinar você a fazer feitiços da forma como fazemos, verbais e escritos. Pode ajudar você a entender melhor, para que consiga controlar aquela sua parte que faz alguma coisa similar.

Aquilo fazia sentido para Gala. Ela se sentou ao lado dele e lhe deu atenção.

— Eu queria muito ter acesso a minha casa — ele falou melancólico — Tornaria as coisas bem mais fáceis.

Ele pareceu triste por um momento, mas se recompôs. — Mesmo assim, ainda devo saber como lhe mostrar como se faz um feitiço verbal e também trouxe alguns feitiços escritos comigo, quando saí correndo para salvar você. Eles devem servir por ora.

Gala assentiu, com uma ideia começando a se formar em sua mente. Talvez Blaise não precisasse ficar sem sua casa por muito tempo...

— Outra coisa que podemos tentar é que você aprenda a controlar e a entender suas emoções, já que você parece fazer magia quando vivencia sentimentos fortes – continuou Blaise — Isso pode ser um pouco mais difícil. Ao contrário do Código de Feitiço, as emoções são muito imprecisas.

— Eu adoraria saber mais sobre as emoções humanas em geral — Gala disse, olhando calorosamente para ele.

Ele sorriu.

— Então, por que não começamos com feitiços? – falou ele — e vemos o que faremos depois. Como você provavelmente já sabe, tanto os feitiços verbais quanto os escritos necessitam que você aprenda uma nova linguagem. Duas linguagens relacionadas, sendo mais exato. Uma se constrói a partir da outra então, quando você dominar os feitiços orais, aprender a parte escrita será fácil.

— Eu acho estranho que o feitiço oral seja mais difícil, mas os escritos permitem criar feitiços mais complicados — Gala acrescentou, lembrando-se do que Blaise havia lhe dito certa vez.

Ele concordou.

— A melhor analogia é fazer cálculos aritméticos complexos de cabeça, que seria como usar os feitiços orais, a calcular equações escritas no papel. A aritmética de cabeça é mais difícil, e a complexidade da aritmética que você pode fazer é muito menos...

Gala inclinou a cabeça.

— Acho que isso não se aplica a mim...

Ele riu.

— Correto, claro. Eu quase ia esquecendo que você faz esse tipo de cálculo. Mas eu posso afirmar que, para a maioria das pessoas, a minha analogia funcionaria. Acontece que com os feitiços escritos, pela maior simplicidade e maior força da linguagem de código, é possível dar maior complexidade ao feitiço. Já com os feitiços verbais, quanto mais longos e complexos forem, maior o risco de erro — ou de falar alguma coisa errada. Houve muitos acidentes e mortes desastrosas por causa disso.

Ele pausou e depois acrescentou, de forma irônica:

— Houve feitiços que deram errado por causa de algo tão simples quanto um espirro.

— Um espirro? — Gala achou engraçado aquela coisa absurda.

Ele sorriu levemente.

— Verdade. E outra característica poderosa dos feitiços escritos é que dá para misturar e combinar componentes de feitiços já existentes, ou até mesmo feitiços curtos e simples que já se

provaram eficazes. Isso permite que se prepare antes, em vez de ter que recriar o feitiço desde o começo recitando-o, e isso obviamente poupa tempo.

Gala concordou. Tudo aquilo fazia sentido para ela. Ela se impressionava que Blaise fosse o criador da linguagem simplificada e que permitia a forma de feitiçaria escrita. Ela se lembrou que ele havia lhe dito que ele e Augusta haviam inventado a Pedra Interpretadora, e ela sentiu uma pontada aguda de uma emoção difusa. Ela não gostava da ideia de ele ter estado tão próximo daquela mulher, ela percebeu, de ter trabalhado com ela, de tê-la amado.

— Por que não começar pelo teletransporte? — ele disse, interrompendo os pensamentos dela.

— É um feitiço bem simples. Você fez isso sem controle consciente, mas eu vou lhe ensinar a fazer isso usando um feitiço oral.

— Isso seria maravilhoso — Gala falou, ansiosa.

De todos os feitos que havia realizado, o que menos entendia era o fato de ter conseguido ir de um lugar a outro, num piscar de olhos.

— Ótimo — Ele sorriu — Antes de entrarmos em detalhes da linguagem em si, vou lhe falar sobre o espírito em que deve entrar ao fazer isso. Você precisa pensar no mundo que a cerca como um conjunto de coordenadas. Pense no espaço tridimensional em volta como pequenos cubos ou esferas, o que achar melhor, e crie uma convenção matemática para dar nome a cada local.

Gala visualizou uma malha diante dela, imaginando a campina coberta por pequenas pedrinhas colocadas igualmente, onde cada pedra tinha seu próprio nome singular. Os nomes não eram complicados: a pedra um estava ao lado da pedra dois e assim por diante, um milhão de vezes em torno da área da campina. Ela conseguia facilmente imaginar uma campina inteira repleta dessas pedras imaginárias e dar nome a elas em torno do volume de espaço. Se quisesse o que Blaise chamava de coordenada, ela apenas tinha que nomear a pedra certa.

— Já consegui — disse para ele. O processo todo levou minutos para ela.

Ele ergueu as sobrancelhas, parecendo impressionado.

— Eu estava só iniciando minha explicação...

Gala sorriu para ele.

— Bem, você pode continuar. Eu já entendi essa coisa de coordenadas.

— Tudo bem, teletransportar requer que você escolha uma coordenada para onde queira ir. Você precisa planejar o feitiço com cuidado. Se você vai para algum lugar fora de sua linha de visão, é melhor planejar o que pode ocorrer se já houver um objeto naquela coordenada. É por isso que o teletransporte em longa distância é tão perigoso.

Ele inspirou, e então continuou.

— Você precisa imaginar seu corpo dividido nas mesmas subunidades das coordenadas, para que você possa especificar exatamente o espaço que irá ocupar quando o feitiço for feito.

Isso também fez sentido para Gala. Ela imaginou seu próprio corpo feito de pedras. Se ela quisesse colocar as pedras formando seu corpo em outro local, ela precisava decidir que pedras iria deslocar. Ela fez que sim com a cabeça para demonstrar que havia entendido.

— Quando isso tiver sido feito, você usa as palavras que já foram inventadas por alguém para essa tarefa, e apenas preencha as variáveis que eu expliquei. É uma tarefa simples, porque você não está inventando um novo feitiço. Alguém, há muito tempo já fez isso. Você está apenas ajustando isso, para que funcione como você quer. E, depois, só precisa recitar o feitiço interpretador.

— O que exatamente é um feitiço interpretador? - Gala interrompeu — Eu sei que já falou disso antes.

Blaise sorriu.

— Bom, eu posso lhe explicar o que faz, mas eu só consigo ter um palpite de como age. Pelo que sei, ele pega a lógica do feitiço e a transmite para o Reino do Feitiço, de alguma maneira, e então o

feitiço age no nosso Reino Físico.

— Entendi — Gala falou, pensativa. Ela tinha mais perguntas, mas elas podiam aguardar.

— Por favor, pode me ensinar o que devo dizer no feitiço de teletransporte?

Blaise lhe deu uma aula do idioma. Foi longa, mas Gala achou tudo fascinante. Blaise repetia como ela pegava as nuances da arcana com rapidez e como ela conseguia dar saltos pulando anos de aprendizado. Gala aceitava os elogios com prazer, mesmo que essa forma de realizar feitiços não a atraísse tanto quanto fazê-los diretamente.

O idioma em si era bastante natural para ela. Era preciso e lógico. Havia coisas que eram afirmações condicionais, como: se A é verdadeiro, B se segue, como existia na fala normal. No entanto, nos feitiços orais, essas afirmações tinham definições formais e sempre deviam ser faladas de forma específica. Havia muitas palavras para fórmulas e bastante construtos matemáticos com sua própria versão gramatical.

Após horas treinando, Blaise concluiu que ela estava pronta. Gala fechou os olhos e recitou o feitiço, seguido pela litania Interpretadora. Era para que ela fosse teletransportada por uma curta distância. Quando terminou de falar, ela abriu os olhos e viu que o rosto de Blaise estava muito mais próximo dela. Antes do feitiço, eles estavam sentados com a distância de um braço, mas agora o joelho dela tocava no dele. Mesmo que ela tivesse planejado exatamente assim, a sensação de admiração era surpreendente.

Totalmente feliz, Gala olhou nos olhos de Blaise. Ele não desviou o olhar e ela sentiu a ligação crescente entre eles. A alegria imediatamente se transformou em outra coisa, algo que somente Blaise fazia com que ela sentisse. Seu coração acelerou e, inconscientemente ela se aproximou mais dele, e seu corpo começando a quase dor por um desejo estranho.

— Gala...

Havia um tom profundo na voz de Blaise. Aquilo fez com que a pele dela formigasse com uma ardência, como se ela estivesse queimando por dentro.

— Você tem certeza disso?

Gala olhou para ele e então, sem dizer palavra, ela colocou as mãos nos ombros dele.

— Eu não sou tão ingênua quanto você imagina — ela murmurou antes de colocar seus lábios nos dele. Ela ouvia a respiração de Blaise mais forte, e ele a abraçou, puxando-a mais para perto e tornando o beijo mais ardente. O fogo que queimava dentro de Gala se espalhou até que ela não conseguia mais pensar, tomada pelas sensações. A intensidade de seus sentimentos era forte demais, bastante aguda, quase como quando ela havia perdido o controle, antes. E então, repentinamente, ela sentiu um calor insuportável, um calor que vinha de dentro dela.

Ofegante, ela se afastou e viu que a campina ao redor deles estava em chamas.

Ela devia ter ateado fogo nela acidentalmente.

## Capítulo 14: Barson

— Soube que você achou que eu tinha morrido? — Barson disse, se aproximando enquanto Augusta apenas continuava a olhá-lo, parecendo paralisada.

— Você...

O rosto dela estava pálido e seus lábios mal conseguiam se mover.

— Você não está morto.

— Não, não estou — ele falou com suavidade, puxando-a para ele. Ele sentiu que ela começou a tremer e uma satisfação tomou conta dele. Ela gostava dele. Ela realmente se importava com ele. Ninguém podia fingir aquele tipo de reação física. Ele também sentiu uma pitada indesejada de culpa por tê-la feito passar por aquilo, culpa essa que ele imediatamente reprimiu. Como ele esperava, o Conselho havia votado a favor de enfrentar a ameaça da jovem feiticeira e ele suspeitava que a “morte” da Guarda havia sido um fator contribuinte para tal decisão.

— Como? — Augusta sussurrou, tocando no rosto dele com sua mão tremula — Eu pensei ter visto você morrer... Isto é real? Você é real?

— Ah, eu sou real — Barson garantiu para ela, pegando no colo e levando-a para cama.

— Quer que eu lhe mostre como sou real? — ele murmurou, começando a retirar as roupas dela.

E nas próximas duas horas, ele provou a ela que estava totalmente vivo e bem.

\* \* \*

E, quando finalmente ficaram deitados, lassos, nos braços um do outro, Augusta começou a chorar. Surpreso, Barson afagou o cabelo brilhante dela, sem saber o que fazer.

— Sinto muito — ela falou depois de alguns minutos, enxugando as lágrimas — Acho que estou exausta e... e muito aliviada por você estar vivo. Eu ainda não acredito. Como isso aconteceu?

Barson hesitou por um momento, depois decidiu que ele não tinha nada a perder contando a ela sobre a batalha. Enquanto ele explicava como a jovem feiticeira havia sarado muitos deles, Barson sentiu que a tensão aumentava no corpo de Augusta.

Afastando-se dele, ela o encarou através do olhos molhados de lágrimas.

— Que poder... — ela sussurrou, e havia terror em sua voz — Um poder desumano e não natural...

— Sim — Barson disse — Eu nunca vi nada igual antes. Era eufórico, impressionante... e a maneira como ela brandia a espada...

Ele não conseguia esconder a admiração na voz dele, o que pareceu aborrecer Augusta. A expressão dela se fechou, seus olhos se apertaram formando fendas douradas e ele rapidamente acrescentou:

— Claro, ela é perigosa e deve ser controlada.

— É preciso acabar com a existência dela — A voz de Augusta era baixa e furiosa — Esse tipo de criatura não pode continuar vivendo.

— Criatura?

Augusta concordou, e então ela contou para ele a história mais incrível que ele já ouvira. Ao terminar, ele olhou para Augusta com descrédito. Somente um feiticeiro faria algo tão tolo, criar uma vida sem pensar nas possíveis consequências. A arrogância deles não tinha limites.

— Todos sabem que a Guarda sobreviveu? — Augusta perguntou, interrompendo aquela linha de pensamento.

Barson imediatamente entendeu onde ela queria chegar.

— Não — ele disse, olhando para ela — Eu vim antes de meus homens.

Ele suspeitava de que essa seria a reação de Augusta e ele ficou feliz que ela estivesse levando a conversa naquela direção.

— Eu não sei como falar isso com delicadeza — ela disse lentamente, encarando-o — Mas você acha que seus homens poderiam tirar merecidas férias nas próximas semanas?

— Ah é? — Barson arqueou as sobrancelhas. Ela estava fazendo exatamente o que ele esperava.

— Você ter sobrevivido pode... mudar as coisas — Augusta disse com calma — Pode colocar em dúvida a validade dos votos, já que foram baseados em informações potencialmente falsas.

— Eu entendo — Barson escondeu sua satisfação — Vamos fazer como você quer e eu vou continuar morto por ora. Embora, claro, isso não será fácil para a família de meus homens.

Ele acrescentou essa última frase para dar uma aparência de relutância. Ele não queria parecia muito ávido.

— Eu sei — Augusta franziu um pouco o cenho — Eu não quero que eles sofram, mas isso é importante demais para ser votado novamente. Precisamos que o Conselho acabe com ela. Você entende bem isso, não?

— Entendo — Barson suspirou, fingindo estar pensando naquilo. Talvez possamos fazer com que meus homens se vistam de camponeses, por ora, e visitem suas famílias em segredo.

— Acho uma ótima ideia — Augusta disse, dando um breve sorriso para ele — Obrigada. Eu fico lhe devendo isso.

— Claro, se Ganir descobrir isso...

Barson deixou que sua voz parecesse meio consumida.

— Não se preocupe. Eu cuido de Ganir se for preciso — ela disse, e havia um brilho endurecido no olhar dela.

— Nesse caso, vamos fazer como você quer — Barson prometeu, se inclinando para beijá-la de novo.

A coisa tinha saído até melhor do que ele esperava. Tudo estava se encaixando muito bem.

\* \* \*

— Tem uma coisa que preciso lhe falar — Dara disse, dando um abraço em Barson enquanto ele entrava na casa dela.

— O que é? - Barson perguntou, curioso, seguindo-a até o estúdio dela.

— Na verdade, seria melhor se você visse isso por si mesmo.

Ela o levou até a mesa no meio da sala e pegou uma agulha. — Tome, fure seu dedo. Você vai querer registrar isso.

— Muito bem — sem nem se importar em questionar Dara, Barson segurou a agulha contra seu dedo, fazendo com que uma gota de sangue surgisse. Então, ele pressionou a gota contra a Esfera de Captura de Vida que estava na mesa.

— Que bom. Agora pegue isso — Ela deu para ele uma gota e ele percebeu que ela queria reter a informação naquela gota, para ter a experiência de consumo registrada. O que estivesse naquela gota tinha que ser bem importante.

Colocando a gota na boca, Barson sentiu que ela estava tomando conta de sua mente.

\* \* \*

*Pegando a gota, Dara a colocou debaixo da língua, curiosa para saber o que ela continha. Tinha sido encontrada no chão do escritório de Jandison, jogada descuidadamente embaixo da mesa dele. Ajudava o fato de Jandison ser descuidado. Ele jamais notaria sua ausência, pensou ela antes de ser tomada pelo conteúdo.*

\* \* \*

*Jandison observava os estágios finais do processo de votação com um misto estranho de satisfação e de arrependimento. Ele não gostava de Louie — o rapaz tinha sido sempre um marionete de Ganir, tratando Jandison sem qualquer respeito — mas Jandison ficou muito aborrecido ao saber dos resultados da votação.*

*Claro, aquilo apenas beneficiaria Jandison naquela altura. Ele precisava de alguma maneira de reduzir a influência de Ganir sobre o Conselho, e esse era o primeiro passo nessa direção. Ganir e os filhos de Dasbraw eram íntimos, mas não o seriam por muito tempo. Se tudo saísse de acordo com os planos, Louie estaria acabado e Blaise, logo começaria a odiar Ganir.*

*Jandison precisaria falar com Blaise sobre a sentença. Ele diria a Blaise que tinha mudado de ideia, mas era tarde demais. Ele explicaria como ele tinha sido persuadido a votar com o restante do Conselho e como todos, menos Blaise, haviam votado da mesma maneira.*

*E todos terminariam votando da mesma maneira — pelo menos Jandison tinha terminado de mover as pedras de votos para seus locais adequados.*

\* \* \*

*Recobrando seus próprios sentidos, Dara olhou para a Esfera. Ela nunca tinha ficado tão surpresa na vida. Antes que ela pudesse analisar mais isso, ela rapidamente tocou na Esfera com o dedo ainda com sangue e criou uma nova gota.*

\* \* \*

— O que foi isso? — Barson perguntou chocado, olhando para a irmã — Será que entendi corretamente? Teve algo a ver com uma adulteração dos votos?

Ela concordou, com os olhos brilhando.

— Sim. E eu duvido que ele tenha apenas adulterado os votos com relação ao julgamento de Louie.

— Mas por quê? — Barson perguntou, franzindo o cenho.

— Por que fazer algo tão traiçoeiro?

— Porque eu acho que é a forma de ele ficar com aquilo que acha que tem direito — Dara disse com uma insinuação de admiração.

— Porque, controlando os votos, ele — e não Ganir — se torna o verdadeiro líder do Conselho... e faz tempo que eu suspeito que é isso que Jandison quer.

— Claro — Barson disse devagar — ele é o mais velho, mas a maioria o considera apenas um especialista em teletransporte, nada mais. Mas a votação se trata disso, não é mesmo? As pedras não são transportadas lá dentro?

— Sim, exatamente — Dara sorriu para ele — Ele deve ter conseguido uma maneira de mover as pedras de uma caixa para a outra, conforme lhe fosse útil. Eu não acho que ele as teletransporte, já que eu li que as caixas são feitas de forma impenetrável a esse tipo de magia, mas talvez ele tenha criado uma

espécie de caminho ou um portal entre elas, para superar essa restrição.

— Os pormenores de como ele faz isso não são importantes — Barson disse, interrompendo o discurso empolgado dela. Como todas as feiticeiras, Dara podia ficar falando sobre detalhes de feitiços por horas a fio.

— Precisamos é descobrir como podemos usar essa informação.

— Eu já pensei nisso — Dara disse, sorrindo — Eu acho que seria útil se Ganir soubesse disso.

Barson pensou nisso por um instante.

— Sim, eu acho que você tem razão. Dividir e conquistar pode ser a boa tática aqui. Precisamos ter certeza de não colocarmos em dúvida a validade da última votação.

Ela pareceu pensativa.

— Sim, queremos criar a suspeita na mente de Ganir, mas não dar a ele a arma de uma prova incriminadora.

— Que tal uma carta anônima? — Barson sugeriu — Podemos fazer com que chegue aos aposentos de Ganir. Isso o deixaria com suspeitas, mas não seria o suficiente para que ele fizesse acusações publicamente.

— Certo — Dara parecia entusiasmada — E se ele fizesse isso, todos achariam que ele não sabia perder porque a última votação não saiu como ele queria. Mas a carta seria o suficiente para deixá-lo desconfiado e suspeitar de Jandison — e isso poderia tirar a atenção dele de nós e criar mais dissidências no Conselho.

— Excelente — Barson deu um olhar de aprovação para a irmã — Vamos fazer isso.

## Capítulo 15: Blaise

Percebendo o que estava acontecendo, Blaise saltou, xingando. A campina ao redor deles estava pegando fogo e as chamas devoravam os arbustos com velocidade assustadora. A fumaça era densa e nociva, asfixiando a todos, e ele ouviu Gala começando a tossir. Não havia tempo a perder.

Agindo por instinto, Blaise começou a recitar as palavras de um feitiço que ele tinha usado para apagar o incêndio na casa dele, durante a visita de Augusta. Ele ouvia a própria voz ficando cada vez mais rouca por causa da fumaça, e imaginou rapidamente porque todas as mulheres de sua vida estavam tentando incendiá-lo. Ao terminar o feitiço, ele mal conseguia falar — mas uma espuma começou a sair das mãos dele, apagando o fogo com velocidade recorde. Em minutos, o fogo tinha sido apagado e eles estavam no meio de uma clareira encharcada, olhando para as cinzas do que tinha sido uma bela pradaria verde.

— Eu sinto muito! — Gala gemeu, cobrindo o rosto com as mãos.

— Oh, Blaise, eu sinto tanto... eu perdi o controle de novo. Eu poderia ter ferido você...

— Gala, pare.

— Blaise pegou as mãos dela e suavemente as colocou na lateral do corpo dela — Você não fez nada de errado. Não é culpa sua que ainda não consiga controlar suas emoções — apenas quer dizer que você precisa apressar seu treinamento. - Ela ainda parecia chateada, por isso ele acrescentou:

— Além do mais, eu tenho a impressão de que você teria nos teletransportado daqui se as coisas ficassem quentes demais. Ele sorriu para ela, convidando-a para entrar no clima de humor.

Ela balançou a cabeça, ainda parecendo aborrecida.

— Talvez... mas não tem garantia disso. Minha magia ainda é muito imprevisível.

Ela parecia frustrada.

— Olha, Gala, eu fiquei lisonjeado — Blaise disse, colocando as mãos em seu rosto — Foi uma reação e tanto ao meu beijo.

Ela começou a reagir, e então ele a viu olhando para trás dele. Soltando-a, Blaise se virou rapidamente, pronto para lutar contra o que houvesse — mas era apenas a espreguiçadeira, finalmente chegando do lago.

— Acho que precisamos de uma mudança de cenário — ele disse, olhando em volta, para o prado queimado — Vamos voltar para o lago.

— Sim, por favor — Ela parecia ávida e ele sabia que ela estava tão ansiosa para sair dali quanto ele.

— Então vamos.

Levando Gala para a cadeira, Blaise fez um feitiço para que ela voltasse a seu tamanho normal e então eles subiram nela. Pensando na luta com os ursos-lobos, ele desejou que ela insistisse para que voassem para a vila, na noite anterior, em vez de caminhar com os caçadores. Não levava muito tempo para chegar ao lago dessa forma.

— Este é um lugar bom para ter mais aulas — ele disse, enquanto desciam na encosta do lago. O local ainda tirava o fôlego por sua beleza. Olhando para as águas mansas, ele se lembrou de nadar ali com Gala, e a uma onda de calor passou pelo seu corpo. Ele, definitivamente, precisava ensiná-la a controlar suas emoções, pensou ele ironicamente. Não seria bom ter que queimar toda a floresta se eles tivessem mais intimidade.

Eles foram para uma pequena área de relva na orla da floresta. Gala se sentou sobre um tronco de

árvore e Blaise se sentou ao lado dela.

— Por favor, se sente confortavelmente — ele disse, notando que Gala estava empoleirada de uma maneira estranha.

— Minha postura importa? — perguntou ela, olhando para ela.

— O que importa é você estar confortável — Blaise explicou.

Ela dobrou as pernas, sentando sobre elas e puxou os ombros para trás. Havia uma sensualidade nessa postura e Blaise sentiu certa reação. Concentre-se, pensou ele. Não pense naquele beijo.

— Eu não sou especialista nisso — ele começou, respirando fundo para relaxar — Eu só sei que essas técnicas ajudaram que eu me concentrasse quando eu era criança. Minha mãe me ensinou. Acontece que eu era uma criança hiperativa e tinha problemas em me concentrar em certas tarefas, por isso, ela achou que isso, ao lado de alguns feitiços, me ajudaria a relaxar e a deixar minha mente mais clara. Mais tarde, quando eu atravessava um período muito difícil, depois da morte de Louie, eu pratiquei esses métodos de relaxamento para me ajudar a recobrar um pouco de equilíbrio.

Ela se sentou ali, ouvindo, absorvendo cada palavra dele.

— Feche os olhos e se concentre em sua respiração — Blaise disse para ela — Não pense em mais nada.

Ela fechou os olhos e seu rosto assumiu uma expressão serena e introspectiva.

— Agora sinta sua respiração — Blaise lhe disse, tentando tornar a própria voz o mais calmante possível.

— Não tente controlar, apenas se concentre nela. Inspire e expire, inspire e expire... Tente sentir o momento exato quando termina de expirar o ar. Sentiu isso? Você percebe quando o ar que inspira se transforma no ar que você expira?

Por sua experiência, ele sabia que era muito difícil perceber o momento exato, mas tentar fazer quietava incrivelmente a mente.

— Agora, tente suavemente diminuir o ritmo de sua respiração — ele disse, depois de alguns minutos — Comece a contar mentalmente até cinco até inspirar e mais cinco até você expirar.

Ela concordou, continuando a respirar enquanto ele a instruía e via que ela se saía extremamente bem para alguém que fazia aquilo pela primeira vez. Isso era bom. Se ela dominasse a técnica, isso poderia acalmá-la, quando precisasse. Ele via que a tensão se esvaia em seu rosto e no corpo enquanto ela parecia o mais relaxada possível. Em vez de sua costumeira expressão de empolgação e de curiosidade, ela parecia serena, beatífica. Até parecia que ela estava...

Blaise ficou de queixo caído. Não, não *parecia*. Gala estava realmente começando a voar. Até agora ela estava a alguns centímetros do solo, mas ele não fazia ideia de até que altura ela chegaria, se ele permitisse que ela continuasse.

— Muito bem — ele disse calmamente, sem querer assustá-la — Agora, lentamente comece a voltar a sua velocidade normal de respiração.

Ela seguiu as instruções dele e ele a viu descendo, lentamente. Quando suas pernas dobradas tocaram no tronco de árvore, ele pediu que ela abrisse os olhos.

— Isso foi maravilhoso — ela disse, sorridente.

— Eu me senti muito equilibrada e calma. Depois também comecei a sentir uma leveza.

— Sim, deu para notar — Blaise sorriu.

— Sentiu?

— Você começou a flutuar — Blaise explicou, abrindo mais seu sorriso.

— Oh — ela franziu um pouco o cenho — Isso quer dizer que eu falhei?

— Não. Você parece se encrencar quando chega a um extremo de emoções ou de sensações, e acho que o flutuar ocorreu porque você foi capaz de ficar extremamente calma e relaxada. Isso não torna a técnica menos útil. Se você estiver assoberbada por uma emoção estressante, usando essa estratégia

fará com que você atinja um estado mais seguro e neutro — falou ele, esperando ter mesmo razão.

— Para dizer a verdade não me surpreendi de ter flutuado — Gala disse, olhando para ele — Eu acho que quis isso. Eu me senti tão bem e tão leve...

— Que bom — Blaise ficou feliz em ouvir isso.

— Agora, precisamos saber como podemos usar isso que você aprendeu para controlar sua criação de feitiços.

— Eu quero experimentar uma coisa — ela disse com uma expressão travessa no rosto e, antes que Blaise reagisse, ela começou a andar para a água. Blaise imaginou que ela ia nadar, mas ela não tirou a roupa. Foi apenas quando ela deu o primeiro passo que ele finalmente entendeu o que ela estava fazendo.

Ela estava caminhando pelas águas tranquilas do lago, sem criar quaisquer ondulações com os pés.

Sorrindo com o feito dela, Blaise pegou sua Pedra Interpretadora e rapidamente fez um feitiço para si — e então, ele se dirigiu para a água, se juntando a Gala na caminhada pela superfície da água.

Parecendo ouvir alguma coisa, ela olhou para trás, para Blaise e imediatamente começou a afundar. Ela tinha perdido o foco, percebeu ele. A concentração era essencial para ela, segundo parecia. Ela já estava com as belas coxas dentro d'água quando ele pegou a mão dela.

Com o apoio dele, ela pareceu se recuperar rapidamente, com os pés novamente deslizando pela água enquanto eles seguiam. Blaise sabia que o feitiço dele só duraria por um período limitado de tempo, por isso, tentou desfrutar o máximo daquilo. Fazia muito tempo que ele não fazia algo assim — usar a magia simplesmente pela pura diversão de vivenciar alguma coisa que ninguém mais podia fazer.

Depois de alguns minutos, Gala diminuiu o ritmo e pegou a outra mão dele, ficando os dois de frente, no meio do lago. Ele sentia o batimento cardíaco familiar que aumentava neles, e abaixando a cabeça, ele a beijou de novo. Ela retribuiu o beijo impetuosamente, envolvendo os braços em torno do pescoço dele. Seus corpos se moveram e se juntaram num meneio, quase como se dançassem... E, então, Blaise sentiu que seu feitiço tinha terminado. Ele começou a afundar e Gala arfou, perdendo a concentração.

Os dois caíram na água com um som de espirro de água. Ali, longe da costa, a água era muito mais fria e Blaise sentia a frieza penetrando em sua roupa. O momento quente havia terminado. Praguejando e rindo, eles nadaram para terra.

Saindo do lago com as roupas pingando, eles voltaram rapidamente para a espreguiçadeira.

— Acho que chega de treino por agora — Blaise disse, sorrindo para Gala.

— Você fez aquilo que era para ser feito hoje.

Ela sorriu de volta para ele.

— Fiz, não fiz? Finalmente controlei um feitiço!

\* \* \*

Depois de terem voltado do lago, Gala foi ter com Maya e Esther, e as mulheres foram ver uma mulher grávida na vila. Blaise ficou só em casa com Liva. Esta era a oportunidade de por em prática uma ideia que estava pairando em sua mente desde a meia-dança dele com Gala, no lago.

Indo para o quarto que ele dividia com Gala, ele pegou alguns cartões de feitiço e sua Pedra Interpretadora. Ele queria dar um presente para Gala e sabia exatamente o que ela gostaria. Enquanto ele escrevia o feitiço, ele se pegou sorrindo. Estava louco para ver a reação de Gala quando isso acontecesse.

Enquanto terminava, ele ouviu uma batida hesitante na porta.

— Entre — ele falou, sem se preocupar em guardar as provas de seu trabalho. Pelo que ele sabia

sobre Liva, ele achava que ela não se importaria que ele fizesse feitiços na casa.

A mulher entrou com uma expressão no rosto. Quando ela viu os cartões e a Pedra, seus olhos se esbugalharam.

— É a Pedra Interpretadora? — ela perguntou de forma reverente — Eu soube dessa nova invenção através de recém-chegados, mas nunca tinha visto uma.

— Sim, esta é a Pedra — Blaise disse — Você gostaria de vê-la?

O rosto de Liva se iluminou.

— Ah, posso? — Ela se aproximou e pegou o objeto preto com os dedos trêmulos.

— Isto é incrível... É verdade que se pode fazer todo o tipo de feitiços complexos com ela?

— Sim, é verdade — Blaise confirmou, e repetiu algumas das coisas que ele tinha explicado a Gala, antes, naquele dia. Liva ouviu com atenção, presa a cada palavra dele. Havia uma expressão de ânsia no rosto dela e ele percebeu que ela estava faminta pelo conhecimento arcano, tanto quanto ele mesmo.

— Para que você usa os feitiços? — ele perguntou a Liva, imaginando como ela conseguia fazer magia em um lugar que parecia torcer o nariz para a feitiçaria, em quaisquer de suas formas.

— Ah, eu só uso para coisas que não são atribuídas a feitiços — ela disse, olhando para ele.

— Quando alguém está doente de uma forma que nada mais dá jeito, eu, às vezes, uso um feitiço para que a pessoa se sinta melhor. Nem sempre consigo curar, mas eu tento aliviar a dor de alguma forma.

— Isso é impressionante — Blaise disse, observando a mulher com um renovado respeito. Os feitiços de cura não são fáceis, especialmente quando feitos de forma oral. A base de conhecimento dela era maior do que ele tinha imaginado.

— Eu também dou uma ajuda com a comida nos meses de inverno — ela acrescentou, parecendo lisonjeada pelo elogio, — e quanto chegam as tempestades.

— Isso acontece com frequência?

Ela balançou a cabeça.

— Felizmente, não. Mas quando acontece, é brutal. As pessoas morrem e temos que reconstruir nossas casas. As piores chegam a fazer graves danos às florestas, destruindo plantas comestíveis e fazendo com que os animais se escondam em outras regiões.

— E então, o que você faz? — Blaise perguntou, curioso — Como a vila sobrevive?

— Tem algumas árvores frutíferas na orla da vila, assim como algumas nozes — ela explicou — Eu consegui um meio de ajudar as árvores a ficarem mais viçosas, mesmo em tempos difíceis. Não é tão diferente de criar um feitiço de cura. O resto da vila acha que as árvores são incrivelmente robustas. E com isso e com a carne que salgamos, geralmente conseguimos sobreviver.

— Isso é impressionante, Liva — Blaise disse, impressionado com a engenhosidade da mulher. Ele nunca tinha ouvido falar de alguém que usasse uma variante de um feitiço de cura para fortalecer árvores. Ele mesmo havia trabalhado nesse tipo de problema, mas sua abordagem era a de modificar as sementes para produzir plantações mais resistentes. Enquanto pensava nisso, ele anotou mentalmente oferecer aquele tipo de sementes para os habitantes da vila, devido aos problemas que tinham com as tempestades.

Havia também outra coisa que ele podia fazer para ajudar os vilarejos, pensou Blaise.

— Que tal se você aprendesse o feitiço escrito? — ele perguntou a Liva. Com uma ferramenta mais poderosa, ele sabia que aquela mulher poderia fazer ainda mais pelo seu povo.

— Ah, eu adoraria — Liva exclamou, um amplo sorriso aparecendo em seu rosto. E então, o sorriso diminuiu — Mas eu não precisaria de uma Pedra Interpretadora para isso?

— Sim, precisaria — Blaise falou sorrindo para ela.

— Por sorte, eu tenho uma boa ideia de como fazer uma. Eu posso criar uma para você, com o tempo. Por ora, você pode praticar na minha.

— Isso seria incrível — Liva disse — mas eu não sei se posso comprar um tesouro assim..

— Liva, por favor...

Blaise lhe deu um olhar aborrecido.

— Você nos oferece hospitalidade. Isso é o mínimo que posso fazer em troca. E, antes que ela pudesse protestar, ele acrescentou:

— Por que não vem junto com Gala e comigo para ter uma aula amanhã? Acontece que pretendo começar a apresentá-la aos feitiços escritos.

## Capítulo 16: Augusta

O rato branco corria pela jaula enquanto Augusta preparava a última versão de seu feitiço. Quando ficou pronto, ela colocou os cartões na Pedra Interpretadora e aguardou. Os resultados foram quase que instantâneos.

Em segundos, o rato ficou prostrado, parecendo morto.

Chegando-se até a gaiola, Augusta pegou o animalzinho e o estudo atentamente, sentindo seu batimento cardíaco. Ele não estava morto. O feitiço tinha funcionado como devia. Os livros de Dania tinham sido bem úteis.

Suspirando, Augusta colocou o ratinho de volta na jaula e começou a preparar o próximo feitiço de seu arsenal. Esse, se tivesse êxito, mataria o rato, então, Augusta, em vez disso, resolveu experimentá-lo numa barata.

Ela também fazia progresso com seus projetos de física e os resultados que ela descobrira eram de tirar o fôlego — e assustadores. Ela vinha pensando nessa teoria há meses, mas só depois da “morte” de Barson que ela tinha percebido o potencial destruidor do que ela estava estudando. Se estivesse certa, ela poderia usar esse poder anteriormente inimaginável para destruir a criatura, se todas as outras medidas falhassem. Ela precisava apenas de um feitiço viável para ser usado com a teoria.

Depois de alguns minutos, ela percebeu que sua atenção estava novamente vagando. Pela primeira vez na vida, Augusta estava com dificuldades em se concentrar no trabalho. Desde a hora em que tinha acordado sozinha na cama, naquela manhã, ela tinha sido pega por um senso de falta de realidade. Era difícil para ela acreditar que, depois de tudo, Barson tinha sobrevivido — que ele estava vivo e mais cheio de vitalidade do que nunca.

Tudo que ela tinha feito desde aquela terrível batalha tinha se baseado na suposição de que ele estava morto, que a criatura o havia matado junto com os outros membros da Guarda. Será que Augusta tinha feito a coisa certa em comprometer o Conselho a aquele tipo de ação? Naquele momento, ela não tinha dúvidas, mas agora, ela se perguntava se não devia ter feito outra coisa. Se ela poderia ter destruído o monstro sem colocar Blaise em perigo nesse processo.

Seu olhar se voltou para uma pequena gota que estava na mesa dela. Era a que ela tinha pegado na casa de Blaise durante sua última visita até lá — a que tinha ficado jogada no chão. Ela suspeitava que essa gota continha uma memória dela e de Blaise juntos... uma memória que seu ex-amante claramente não valorizava mais.

Ela hesitou por um momento e então pegou a gota, quase que involuntariamente.

Fechando os olhos, Augusta colocou a gota embaixo da língua.

\* \* \*

*Blaise estava sentado com Augusta em um grande auditório, assistindo a um show diante deles. Era um espetáculo diferente de qualquer outro, com todas as cores do arco-íris se mesclando e se separando em grandes esferas. As esferas pareciam enormes bolhas de sabão se movendo em padrões fractais, fluindo ao som de uma música calma que acompanhava o show.*

*— Eu sempre achei que a feitiçaria seria algo belo - Blaise sussurrou, se aproximando de Augusta, — mas isso é verdadeiramente impressionante.*

*Ela olhou para ele, seus olhos cor de âmbar refletindo as luzes.*

— *Você tem razão, é maravilhoso.*

*Blaise sentiu um calor familiar em seu peito, um tipo de carinho misturado a um desenho devastador. Mesmo depois de sete anos juntos, Augusta ainda era a mulher mais bonita que ele já havia visto, sem falar a mais inteligente. Com pequenos desacordos filosóficos deixados de lado, ela era tudo que ele sempre quis.*

*Estava na hora, Blaise decidiu. Ele tinha esperado pelo momento perfeito e não poderia ser outro melhor do que este.*

*Chegando-se, ele pegou a mão dela e a segurou suavemente. E levou a palma até seus lábios, beijando cada dedo segundo a tradicional declaração de intenção. Os olhos delas se arredondaram questionando, a boca suave se abrindo surpresa e ele rapidamente falou:*

— *Augusta, meu amor, você quer ser minha noiva?*

*Ela piscou, olhando para ele, e depois um sorriso de pura felicidade encheu seu rosto.*

— *Sim... Sim, Blaise, claro.*

*Ele nunca se sentira tão feliz na vida.*

\* \* \*

Recobrando os sentidos, Augusta abriu os olhos, sentindo a queimação das lágrimas. Ela não sabia que Blaise havia captado a memória do noivado deles. Ele deve ter gravado sem lhe contar. Ela lembrava que estava com uma sacola grande naquele dia, mas ela não sabia que ela continha a nova Esfera que o irmão havia dado a ele.

A dor em seu peito era quase insuportável. Por um momento, ela sentiu como se tivesse perdido Blaise novamente. E se ver através dos olhos dele tinha sido devastador. Nos últimos meses, com Barson, ela tinha conseguido se convencer de que estava bem, que tinha ultrapassado o desfazer de sua relação de oito anos, mas a verdade era que ela jamais seria capaz de apagar Blaise totalmente de suas memórias.

Levantando-se, ela andou até a janela, olhando para as ruas de Turingrad, abaixo. Ela sentia seu rosto molhado pelas lágrimas que rolavam e ela as enxugou com a manga de seu vestido de seda. Mais do que nunca, ela queria poder voltar no tempo e desfazer tudo que tinha acontecido nos últimos dois anos, mas isso não era nem uma possibilidade teórica.

Ela teve que viver com as consequências de sua ações. E Blaise também. Ela não podia deixar que suas emoções atrapalhassem no fazer tudo direito de novo, por mais que isso doesse.

A criatura de Blaise não podia continuar vivendo, e essa memória não havia mudado nada.

## Capítulo 17: Blaise

Por pedido de Blaise, Liva os levou a um lugar mais deserto nas montanhas. Era uma precaução de segurança por parte dele. Ele não queria que Gala, acidentalmente, destruísse metade da floresta com um feitiço que desse errado. Ele não explicou seu motivo, para não ferir os sentimentos de Gala, e sabia que ela simplesmente pensaria que ele queria que desfrutassem da paisagem, que realmente era de tirar o fôlego.

Eles levaram meia hora para ir voando até lá e Blaise aproveitou o tempo ensinando para Liva como operar a espreguiçadeira. Como ele suspeitava, ela aprendia rapidamente, dominando os novos feitiços orais com facilidade. Quando chegaram ao local, ela estava dirigindo e aterrissou a espreguiçadeira sozinha, deleitada com a liberdade de usar o feitiço fora da visão de seus companheiros da vila.

Gala passou a viagem sentada calada, parecendo absorta pela paisagem. Quando se embrenharam mais pelas montanhas, o verde da floresta e da relva foi substituído pelo amarelo e o laranja das pedras nuas. O vento também aumentou, soprando do oceano.

— As tempestades chegam mais aqui — explicou Liva quando Blaise lhe perguntou sobre as pedras com aparência estranha.

— E, mesmo quando está calmo, como hoje, os ventos tendem a ser mais fortes, retirando toda a vida das pedras, com o tempo.

Quando se aproximaram do que parecia ser uma grande fenda na terra, Liva os dirigiu para um voo mais baixo. Eles iam para um cânion, Blaise percebeu enquanto desciam. De perto, o cânion era imenso. As montanhas pareciam muralhas, se erguendo em volta deles. Era um local devastado e majestoso, e os três ficaram em silêncio quando a espreguiçadeira tocou no solo, pasmos com a magnificência da natureza.

Após terem explorado um pouco a área, Blaise iniciou suas instruções.

— Eu vou lhes ensinar o básico de feitiços elementares — disse ele, olhando para as duas mulheres — Vocês vão manipular o poder do fogo, como nossos aprendizes geralmente o fazem.

Gala e Liva concordaram, observando-o atentamente.

— Primeiro, e antes de tudo, eu preciso lhes ensinar a linguagem do feitiço escrito. É similar à linguagem arcana verbal. Tem as declarações condicionais que vocês duas conhecem, mas também contém algumas extensões poderosas e construtos matemáticos que não existem na linguagem oral. Isto, por exemplo — ele desenhou um símbolo de um loop no cartão.

— É um construto de repetição que chamamos de “loop”. Ele permite que seu feitiço repita uma ação muitas vezes sem que você precise escrevê-lo mais de uma vez.

— Então, é como dizer “faça isso cem vezes?” — Gala perguntou, parecendo fascinada.

— Sim, mas também permite que você diga coisas tipo: “eleve a temperatura dessa água em um grau até que ela comece a ferver” — explicou Blaise ao escrever a versão do feitiço que ele tinha acabado de falar. Era muito mais elegante e preciso no cartão do que seria se fosse falado.

Nas próximas duas horas, ele continuou a explicar sobre o básico da linguagem, falando sobre como usar fórmulas e cálculos no papel, em vez de fazer a matemática complexa de cabeça. E, então, tiraram algum tempo para comer o alimento que Liva havia trazido. Blaise prosseguiu com a lição.

— Há dois caminhos para todos os feitiços — ele disse para elas.

— A maneira mais difícil é começar do nada e especificar em código exatamente o que você quer

que aconteça. Há infinitos modos de fazer isso, como também há modos infinitos de escrever um poema usando palavras. É também algo que consome muito tempo. E uma maneira mais fácil, a que estou ensinando a vocês hoje, é usar algo que alguém já escreveu antes e modificar para seus próprios fins.

Liva franziu o cenho.

— Então quer dizer que uma pessoa comum pode aprender a fazer alguns feitiços apenas copiando esses símbolos sem entendê-los?

— Sim — Blaise disse, tentando esconder a amargura de sua voz.

— Essa era minha esperança original, que a Pedra Interpretadora permitisse que as pessoas fizessem isso. Mas, infelizmente, não aconteceu assim. Teoricamente, uma pessoa poderia, de fato, fazer um feitiço copiando apenas algo que já existisse, mas era necessário o acesso a uma Pedra Interpretadora e o Conselho não permite que isso aconteça.

— E eu imagino que muitos feitiços exigiriam pelo menos algum entendimento básico da linguagem — Gala falou, olhando para Blaise — mudando as variáveis e daí por diante.

— Sim, é verdade — Blaise confirmou e seguiu para a demonstração do feitiço em sim. Só de pensar na forma como os feiticeiros tentaram manter esse conhecimento para si mesmos o deixava furioso.

Respirando fundo várias vezes para tentar se acalmar, ele pegou um cartão em branco e começou a escrever, explicando cada palavra e símbolo ao fazer isso. Aqui, pelo menos, ele podia fazer a diferença ensinando feitiçaria a quem precisava.

O feitiço que ele escolheu demonstrar era simples. Apenas queimaria alguns arbustos secos próximos a eles. Ao terminar, ele colocou o cartão pronto na Pedra.

Conforme esperado, o arbusto à direita dele incandesceu rapidamente no ar seco do cânion.

Agora, era a vez de Liva.

Blaise observou enquanto ela cuidadosamente escreveu seu feitiço, alterando as variáveis para ter como alvo um arbusto diferente. Primeiro, pareceu que ela não ia proporcionar energia cinética suficiente para que o arbusto se incendiasse, mas então ela percebeu sua omissão e consertou isso antes de colocar os cartões na Pedra.

Em segundos, o arbusto-alvo também pegou fogo, fazendo que a mulher desse gritinhos de empolgação. Gala bateu palmas e Blaise sorriu para elas, contente com o progresso de suas alunas.

— Agora eu quero tentar — Gala disse, claramente ávida para começar, e Blaise lhe deu os utensílios para escrever. Para surpresa dele, o código que ela começou a escrever era diferente daquele que ele as havia ensinado. Aparentemente, ela tinha decidido improvisar. Enquanto ela estava ocupada, Blaise secretamente escreveu um feitiço para proteção de Liva e de si mesmo, caso algo saísse errado.

Quando Gala terminou a escrever seu código, Blaise olhou os cartões dela. Ele tinha certeza de saber o que aconteceria quando o feitiço fosse feito, mas mesmo assim estava feliz com a proteção em torno deles.

— Prossiga — ele disse à Gala, e observou enquanto ela colocava os cartões na Pedra.

A planta-alvo começou a arder lenta e graciosamente, galho por galho. O padrão desse incêndio era surpreendentemente complexo. De alguma maneira, Gala tinha conseguido elevar a temperatura do arbusto em partes, focalizando nos galhos de tamanho e secura específicos. E então, no que pareceu ser de forma coordenada, a planta inteira foi consumida pelas chamas.

— Lindo — Liva falou, parecendo profundamente impressionada.

— Impressionante — Blaise concordou, reverberando seu sentimento.

— Obrigada — as maçãs do rosto de Gala brilharam com os elogios.

Eles continuaram a falar sobre feitiços escritos até Liva confessar que estava cansada. Gala e Blaise ainda não queriam parar, mas Blaise bondosamente disse a Liva que terminariam com as lições por aquele dia. Gala pareceu um pouco aborrecida e Blaise sentiu que ela queria permanecer um pouco

mais naquela área maravilhosamente bela.

— Por que você não vai com a espreguiçadeira? — ele sugeriu a Liva.

— Gala eu ficaremos mais um tempo aqui para conhecer a área. Você pode aterrissar na floresta ao lado da vila para que ninguém a veja.

Liva franziu a testa.

— Mas como vocês vão voltar?

— Eu chamo a espreguiçadeira de volta quando você tiver terminado de usá-la — ele disse para ela e passou os próximos minutos convencendo-a a aproveitar a oportunidade para praticar seus feitiços orais. Liva finalmente aceitou e subiu na espreguiçadeira, e Blaise e Gala ficaram sós.

— Tenho um feitiço especial que escrevi para você — ele disse a Gala, quando a espreguiçadeira desapareceu na distância.

— É um presente.

— Um presente? Por quê? — O rosto de Gala se iluminou, animada.

— Porque você é maravilhosa — Blaise disse suavemente — e porque eu quis fazer uma coisa boa para você.

— Oh, obrigada.

— Primeiro, experimente o presente e depois decida se quer me agradecer — Blaise interrompeu, sorrindo.

Pegando vários cartões, ele os carregou na Pedra. Ele havia criado o presente no lago, enquanto segurava Gala nos braços. Quando os primeiros acordes da música soaram e o rosto de Gala assumiu uma expressão entusiasmada, ele viu que tinha sido uma boa ideia. O feitiço era feito para fazer o ar vibrar exatamente da maneira certa, imitando o som de instrumentos tocando uma música.

— Eu criei essa melodia para você — ele explicou, observando enquanto Gala fechava os olhos, balançando-se com a música.

— É tão linda — disse ela baixinho depois de alguns minutos, abrindo os olhos e se deparando com o olhar dele — Eu ouvi a música antes, na vila, mas era tocada por instrumentos. Esta parece mais pura e me emociona ainda mais. Podemos dançar?

— Claro — Blaise disse, aproximando-se dela. Ele era obrigado a concordar com ela em relação à pureza da música. Era como se as montanhas secas e amarelas decidissem cantar para eles, como se a própria natureza quisesse expressar seu amor. A melodia que ele havia criado tinha a intenção de mostrar a Gala como ele se sentia, mas transcendia algo simples como os sentimentos humanos, sem semelhança com qualquer instrumento terreno.

Colocando as mãos na cintura de Gala, ele lentamente começou a se mover ao som da música. A vibração dos sons de baixa frequência ecoavam em seu coração agitado. Ela parecia se derreter em seus braços, seus movimentos combinando perfeitamente com as viradas lentas e meticulosas da melodia. Era como se eles estivessem sintonizados, seus corpos se movendo como se fossem um só.

Quando a música chegou a um crescendo e começou a se tornar mais lenta, ele se inclinou e a beijou novamente, com a respiração se agitando ao sentir a maciez de seus lábios. As mãos dele envolveram a cintura dela, puxando-a ainda para mais perto, quando ele ouviu algo atrás dele.

Virando-se rapidamente, ele olhou para o invasor, instintivamente segurando Gala pressionada contra ele.

— Sinto muito interromper uma dança tão graciosa, mas precisamos falar agora — falou o Líder do Conselho, olhando diretamente para Blaise.

## Capítulo 18: Gala

— Gala, corra. É Ganir, do Conselho — Blaise falou, empurrando-a para trás dele. Sua face estava endurecida pela raiva.

— Teletransporte-se, se puder. Ele pode ser o primeiro de muitos.

Enquanto falava, ele tirou sua Pedra e vários cartões, começando a escrever neles com incrível velocidade.

O velho se aproximou deles.

— Estou aqui sozinho e somente com intenções pacíficas — ele disse, abrindo as mãos para mostrar que estavam vazias. Ela achou que ele parecia estar sendo verdadeiro, mas sentiu que Blaise não estava convencido.

Decidindo fazer a vontade de Blaise e, ao mesmo tempo, fazer algo que ela queria fazer, Gala se interiorizou. Aprender a fazer feitiços usando o código de fato havia modificado as coisas para ela, permitindo que ela entendesse melhor como ela tinha feito magia acidentalmente antes, e o melhor de tudo, como ela podia controlar isso. Esta era sua chance de tentar um feitiço simples. Se não funcionasse, então ela tentaria fazer como Blaise havia pedido.

O feitiço que ela imaginara era bem diferente de tudo que ela havia visto antes, mas lhe parecia bem intuitivo. Ela estaria ali, mas nenhum dos homens saberia disso e, para isso, ela precisava subjugar toda a luz a sua volta, da maneira correta.

Ela se concentrou na matemática da tarefa, fingindo que ela estava prestes a realizar um feitiço usando um dos métodos que Blaise havia lhe ensinado naquele dia. Era uma simulação, mas lá no fundo ela sabia que tinha uma rota direta para atingir seu objetivo. O treinamento tinha permitido que ela notasse que não precisava das palavras enfadonhas ou de suas primas ligeiramente mais elegantes, as palavras escritas. De certa forma, algo como a Pedra Interpretadora já estava inscrita em sua mente. E agora ela sentia isso.

Ela inspirou profundamente, deixando que sua mente ficasse clara. Dessa vez, aconteceu mais rápido do que ela havia praticado no lago. Então, ela se concentrou no que pretendia conseguir, fazendo os cálculos mentalmente. Um segundo depois, tudo se escureceu, como se ela tivesse perdido a visão. Por um momento, Gala entrou em pânico, certa de que havia feito algo errado, mas depois percebeu o que havia acontecido. Ela havia feito um trabalho minucioso demais com a luz. O interior de seus olhos precisavam refletir alguma luz para que ela visse. Para resolver esse problema, ela precisava retirar os olhos do feitiço, o que resultaria em um visual estranho de globos oculares voando no ar, atrapalhando a finalidade do feitiço de invisibilidade. Ah, tudo bem, Gala pensou, talvez ela não precisasse ver, ouvir já bastaria.

— Ela se teletransportou? — Ganir perguntou e sua voz penetrou no casulo de escuridão que encapsulara Gala — Assim tão rápido?

— Como você me encontrou? — Blaise perguntou com voz endurecida. Gala ficou assustada com a raiva amarga que ouviu. Ela nunca ouvira Blaise falar assim antes, nem mesmo no lago, quando enfrentara os caçadores.

— Eu utilizei um feitiço localizador em você — Ganir respondeu calmamente.

— Eu o coloquei em você durante o nosso último encontro. Você sabe que essas coisas são bastante imperceptíveis.

— Você deve ter embutido no feitiço pacificador — Blaise disse, com voz tensa. Gala achou

que, junto com a raiva, dava para notar um leve tom de admiração.

— Sim, claro, fiz isso — a voz de Ganir fazia parecer que ele sorria.

— Você sempre foi brilhante, filho.

— Não me chame assim — a voz de Blaise endureceu de novo.

— Por que veio até aqui? Dê-me uma boa razão para eu não matá-lo agora mesmo.

— Porque vim para lhe falar sobre algo importante — Ganir pausou, e Gala o ouviu respirar fundo.

— O Conselho votou para acabar com você e com sua criação. Estão se preparando, e é questão de tempo até encontrarem você.

Gala sentiu algo desagradável que ela identificou como medo e ressentimento. Por que as pessoas não podiam deixá-la em paz? Ela não pretendia fazer mal a ninguém, nem mesmo àqueles soldados que a atacaram antes.

— Claro, agora vão me achar — Blaise disse com amargor.

— Você está aqui, não está?

— Eu não tenho intenção de contar nada ao Conselho — Ganir disse — Será que não está claro para você agora que estou do seu lado?

— Nada está claro para mim — Blaise disse rispidamente — Se você acha que vou confiar assim tão facilmente em você, pode saber que está enganado.

— Blaise... tem uma coisa que você deve saber — a voz de Ganir parecia pesada — Eu tenho fortes motivos para crer que a votação durante o julgamento de Louie e em várias outras ocasiões pode ter sido subvertida.

— Subvertida? Do que você está falando?

— Pode me dizer como sobre que os votos foram unânimes? Quem lhe disse que todo o Conselho, a não ser você, tinha votado a favor da execução de Louie?

Blaise bufou.

— Você acha que vou revelar minha fonte?

— Foi Jandison? — Ganir insistiu — Blaise, por favor, isso é muito importante. Eu acho que Jandison andou manipulando o Conselho desde que eu e você nos falamos sobre o julgamento de Louie e você me disse que sabia que eu votei a favor da morte dele, quando eu sei muito bem que não votei. Eu fiquei com profundas suspeitas do procedimento de votação. E, depois, eu recebi uma carta, uma carta anônima dizendo que os votos durante o julgamento de Louie tinham sido manipulados.

— Você acha que Jandison manipulou os votos? — Blaise parecia incrédulo.

— Por quê? O que ele ganharia com isso?

— Foi ele? — Ganir parecia frustrado — Blaise, foi Jandison que falou com você depois da votação?

— Que provas tenho de que não está mentindo para mim agora, tentando fazer com que eu revele algo que me foi dito confidencialmente? — Blaise perguntou, e Gala ouviu a raiva fervendo em sua voz.

— Eu posso lhe provar — Ganir disse — Eu examinei bem meus arquivos de Capturas de Vidas e quero que você pegue isso.

Gala ouviu o barulho arrastado de passos enquanto Ganir, presumivelmente, se aproximava de Blaise.

— Se eu usar essa gota, estarei a sua mercê — Blaise disse, ainda parecendo inflexível. Gala queria poder ver o que estava acontecendo para poder entender melhor o estado emocional de seu criador.

— Você poderá usar mais tarde para verificar minhas palavras — Ganir disse — Esta gota contém minhas lembranças do julgamento de Louie, incluindo minha memória de votar contra a execução.

Por alguns instantes houve silêncio. Então, Blaise falou de novo.

— Tudo bem, vou assistir isso depois. Mas me diga uma coisa. Se é verdade, por que não foi ao Conselho com essa informação?

— Porque a essa altura eu só tenho palavras, minhas suspeitas e uma carta anônima — Ganir explicou — Não é o bastante para acusar publicamente um dos nossos, e menos ainda pedir um julgamento.

— E o que pretende fazer?

— Tenho algumas ideias de como provar isso — falou o velho — Da próxima vez que fizermos uma votação, eu saberei mais sobre a divisão e vou registrar isso como prova.

— Como vai fazer isso? — Blaise agora parecia curioso — O processo foi feito para ser anônimo.

— Eu criei um feitiço complicado, similar ao do localizador, que estará embutido em minha pedra de voto. Isso vai me mostrar exatamente onde minha pedra estará depois de a colocar na urna de votos. Eu pretendo voltar de forma a não ser bom para Jandison. Se ele esteve realmente por trás disso, então minha pedra vai ser trocada de local e eu terei a prova.

— Vai ser realmente uma prova — Blaise disse, parecendo pensativo.

— Se você conseguir replicar a gota quando a tomar, eu ficarei grato — Ganir disse, parecendo levemente aliviado. Gala achou que ele estava feliz por Blaise estar menos zangado, embora ela não fizesse ideia do que o homem quisesse ao fazer o pedido.

— Como assim replicar? — Blaise emitiu a pergunta não dita por Gala.

Ela ouviu fascinada enquanto Ganir explicava como alguém podia preservar as informações contidas nas gotas. Blaise pareceu bem interessado também, fazendo várias perguntas para esclarecer o simples processo.

— Então, me prometa que você vai tomar a gota assim que puder — Ganir disse, concluindo o ensinamento sobre a Captura de Vida.

— Como vou saber se você não manipulou a gota? — Blaise perguntou — Se alguém pode manipular uma Captura de Vida esse alguém é você, seu criador.

— Fico honrado em que pense tão bem de mim — Ganir parecia até divertido agora.

— Mas eu lhe asseguro, o que você está dizendo é impossível.

— Nada é impossível se você criar o código certo — Blaise falou de forma zombeteira.

— Tem razão. Seria teoricamente possível, mas extremamente — Ganir acrescentou — Pergunte-se isso: mesmo que eu pudesse fazer isso, por que me daria a tanto trabalho?

— Porque você quer Gala para seus próprios propósitos.

Havia novamente raiva na voz de Blaise.

Ela ouviu o homem lamentar com um suspiro.

— É verdade que sinto curiosidade a respeito dela — Ganir admitiu — Mas tudo que quero é aprender sobre ela. Ela é importante para você, e por causa disso, eu quero ajudar a salvá-la.

O velho parecia tão sincero que Gala se emocionou com suas palavras.

— Foi por isso que enviou a Guarda dos Feiticeiros atrás dela? — Blaise falou sarcasticamente — Para que a salvassem com suas espadas e flechas?

Gala se encolheu, lembrando-se da luta. Talvez Blaise tivesse razão em não confiar em Ganir. Aqueles soldados certamente não tinham intenções pacíficas.

— Eu apenas enviei alguns homens atrás dela para que a levassem a Turingrad — Ganir agora parecia na defensiva.

— Eu não sei como a Guarda inteira terminou indo, eu certamente não autorizei isso.

— Sim, claro. Eles agiram por conta própria.

— Agiram sim — Ganir insistiu — Isso ou então sua ex-noiva teve a ver com o fato. Você sabe que ela namorava o Capitão da Guarda, não sabe?

— Augusta? — Blaise pareceu surpreso.

— Ela namorava Barson? Não, eu não sabia disso. Está me dizendo que ela fez com que a Guarda viesse atrás de Gala?

Ganir deu um profundo suspiro de lamento.

— Não posso afirmar com certeza, porque não sei até onde vai o envolvimento dela com essa trama. É possível que Barson tenha sido, ele mesmo, responsável por isso.

— Que trama? — Blaise pareceu tão confuso quanto Gala se sentia.

Outro suspiro de Ganir.

— Isso não importa agora. Estão todos mortos, graças a você e a sua criação.

Gala mordeu os lábios para não falar. Tudo dentro dela queria protestar contra aquela acusação injusta. Os soldados não estavam todos mortos, ela havia curado muitos deles.

— Todos mortos? — Blaise vocalizou os pensamentos dela. — Como assim todos mortos? A maioria estava viva e bem quando eu os vi pela última vez.

Houve um silêncio mortal.

— Entendo — Ganir falou depois de alguns momentos — Barson é mais esperto do que eu pensei. Ele também está vivo?

— Eu não sei — Blaise respondeu friamente — Eu me preocupei mais em ajudar Gala do que a prestar atenção aos soldados que tentaram matá-la.

— Bem, agora é problema meu — Ganir disse com resignação — Eu acho que vou ter que lidar com eles diretamente.

— Do que está falando?

— Blaise, meu filho, volte para Turingrad, por favor — e a voz de Ganir tentava ser convincente, enquanto ele fazia o pedido.

— Estamos com problemas e eu preciso de sua ajuda. De sua ajuda e da de sua criação.

— O nome dela é Gala — Blaise disse de forma gélida — E problemas no Conselho são boas novas para mim. Eu lhe desejo o melhor lidando com Augusta e o Capitão dela. Parece-me que ela finalmente encontrou alguém brutal o bastante para o gosto dela.

Gala franziu o cenho, detectando um tom não familiar na voz de Blaise. Ele parecia zangado com Augusta e Gala pôde notar que a notícia de que ela estava com alguém tinha incomodado Blaise, e isso, de alguma forma, também incomodou Gala.

— Eu agora preciso ir — Ganir disse, interrompendo os pensamentos de Gala.

— Cuide de você e de Gala. Quando tiver chance de usar a gota, por favor, entre em contato comigo e me diga o nome do informante. Isso é muito importante, filho.

— Está bem — Blaise disse de forma seca.

— Agora, vá.

Gala permaneceu em silêncio até que ouviu o velho partir. Blaise chamou o nome dela, mas ela permaneceu silenciosa e escondida. Ela precisava digerir o que tinha acabado de ouvir e queria privacidade para o que pretendia fazer para Blaise.

Após alguns minutos, ela ouviu o barulho tipo esguicho de uma espreguiçadeira. Blaise devia ter entrado nela, porque ela o ouviu recitando os feitiços verbais para direcionar a espreguiçadeira. Quando se fez silêncio de novo, Gala desfez seu feitiço de luminosidade e se tornou novamente visível. Ela pôde ver a espreguiçadeira de Blaise voando sobre o cânion, à distância e, por ora, ela estava só.

Era a oportunidade perfeita para fazer o que pretendia. Pelo que havia lido, presentes tinham que ser retribuídos, e ela tinha ideia do que Blaise gostaria de ganhar.

Ela iniciou tentando acalmar sua mente, como Blaise a havia ensinado. Ao ter certeza de que suas emoções estavam sob controle, ela começou a fazer os cálculos de um complexo feitiço de teletransporte. A matemática disso era bem complicada, embora ela não tivesse dúvida de que poderia fazer isso

corretamente. Ela tinha olhado bem para o objeto em que estava pensando e também tinha estado dentro dele. Verificando mentalmente tudo novamente, ela realizou o feitiço.

Quando deu certo, ela ficou radiante de felicidade. Era sua primeira tentativa séria de magia controlada, e o resultado tinha sido espetacular. Ela sabia que Blaise mal acreditaria ao ver o que ela tinha feito para ele.

Ele ia amar o presente, pensou ela, olhando para o enorme objeto diante dela.

Estimulada pelo sucesso, ela olhou para a espreguiçadeira de Blaise voando à distância. Ele fora capaz de fazer o feitiço anterior, isso também deveria funcionar. A complicação vinha do fato de a espreguiçadeira estar se movendo, mas a velocidade era bastante constante e ela podia levar aquilo em conta em seus cálculos mentais. Bastou um segundo para que ela estivesse sentada na cadeira, ao lado dele.

— Blaise, eu consegui, eu me teletransportei do chão até aqui — ela disse, olhando para o rosto pasmo dele.

## Capítulo 19: Barson

Barson franziu o cenho, olhando para o mapa da Torre aberto diante dele. O local era literalmente uma fortaleza.

— Tem certeza de que é o momento certo? — Dara perguntou, parecendo preocupada.

— Acho que não encontraremos um momento melhor — Larn respondeu dando um sorriso tranquilizador para a futura esposa.

Larn e alguns dos tenentes mais próximos de Barson finalmente haviam chegado a Turingrad, disfarçados de camponeses. Barson ficou feliz em vê-los ali, mesmo que isso aumentasse o risco de ficarem expostos. A essa altura, ninguém além de seus familiares mais próximos sabia que a maioria da Guarda estava viva, e precisavam manter isso assim por um pouco mais de tempo.

— Eu tenho novidades interessantes com relação a Ganir — Larn disse, virando-se para Barson.

— Mandamos Mittel segui-lo novamente. Parece que Ganir fez uma longa viagem.

— Uma viagem para onde? — Barson perguntou, tirando os olhos do mapa.

— Para as montanhas no oeste.

Larn pegou o mapa maior de Koldun que estava no canto da mesa.

— Mittel voou atrás dele e ele viu Ganir aterrissar lá.

Ele apontou para uma área montanhosa atrás das Florestas Orientais.

— Interessante — Barson disse pensativamente.

— Eu me lembro de ver Blaise e sua criatura voando naquela direção. Será que há alguma ligação...

— Mesmo que não haja, você pode querer dar essa informação para Augusta — Dara disse — Já existe tensão entre ela e Ganir, acho que não seria ruim se ela acusasse o velho de tentar minar a mais recente missão do Conselho.

Barson ponderou.

— Sim — ele disse após alguns momentos.

— É uma boa ideia, de fato. Na verdade, eu acho que é hora de eu informar tudo a Augusta.

Dara pareceu surpresa.

— Tem certeza de que ficará do nosso lado?

— Não — Barson admitiu com franqueza — Não tenho, mas a essa altura ela já está muito metida nisso. O fato de ela querer que ficássemos como mortos e a solicitação dela anterior de irmos contra a criatura... Bem, digamos que ela não estaria disposta a revelar o envolvimento dela nesse assunto para o resto do Conselho. No mínimo, o interesse próprio a impedirá de nos trair.

Isso e o fato de que Augusta gostava dele, ou pelo menos era o que Barson esperava.

## Capítulo 20: Augusta

Ao ouvir a porta se abrir, Augusta tirou os olhos do feitiço em que estava trabalhando — o poderoso feitiço finalmente estava começando a tomar forma. A figura de ombros largos de Barson apareceu na porta. Em vez de usar o seu uniforme usual da Guarda, ele estava usando um traje de mercador, com capuz.

Por um momento, eles se entreolharam em silêncio e depois Augusta se ergueu e andou em direção a ele. Ele a puxou para abraçá-la e a beijou com um desejo premente. Antes que se deixassem levar, ele se afastou.

— Augusta... tem uma coisa que você precisa saber — ele disse de forma calma, ainda segurando-a nos braços.

— Um feiticeiro amigo meu viu Ganir deixar a Torre e foi atrás dele.

Augusta olhou para ele, surpresa com a mudança de tema.

— Um feiticeiro amigo seu? Quem?

— Não importa — Barson disse — O importante é para onde Ganir foi e por que ele foi lá.

— Para onde ele foi?

Barson deu um passo para trás retirando um mapa de uma bolsa que ele trazia pendurada ao ombro.

— Para cá — ele disse, apontando para um lugar na parte oriental da terra — Parece que ele aterrissou em algum local desse cânion.

Os punhos de Augusta se fecharam. O velho a havia traído mesmo.

— Entendo. Deve ser lá onde se escondem. Mas como Ganir saberia disso... a não ser que os estivesse ajudando a esconder o tempo todo.

— Sim, foi também o que pensei quando eu soube disso — Barson disse.

— Parece que o Líder do Conselho tem colaborado secretamente com nosso inimigo. Eu não vejo outro motivo para ele ir às montanhas. Não é exatamente uma viagem curta.

Ela franziu o cenho ao pensar em uma pergunta.

— Por que esse feiticeiro seguiu Ganir?

— Porque eu pedi a ele para ficar de olho em Ganir para você — Barson disse — Porque achei que algo assim poderia acontecer.

Augusta olhou para o amante com curiosidade. Ela tinha subestimado Barson. Ele parecia ser tão bem versado em intriga quanto qualquer feiticeiro na Torre. Por que ela não havia notado isso antes?

— Seu enviado chegou perto o bastante para ver Blaise? — ela perguntou, olhando para seus traços fortes — Ele viu a criatura? Acha que estão escondidos no cânion?

Barson encolheu os ombros.

— Eu só sei que Ganir aterrissou. Minha fonte foi covarde e não se aproximou. Segundo relatou, ele teve que usar as nuvens como cobertura o tempo todo e manteve uma boa distância entre Ganir e ele.

Augusta concordou.

— Entendi.

Não havia a quantidade de detalhes que ela queria, mas era o suficiente. Sua intuição praticamente gritava que as suspeitas de Barson estavam certas, que Ganir de fato havia ido se encontrar com Blaise. Ela sentiu uma raiva que a queimava com esse pensamento

— Acho que chegou a hora de Ganir e eu termos uma conversa — ela falou lentamente, como que

resmungando alto. — Talvez ele seja capaz de responder a essas perguntas.

Barson franziu o cenho.

— Como assim, ‘ter uma conversa?’ Você deve contar aos outros sobre isso, enfrentá-lo em uma reunião pública.

Augusta olhou para ele, ligeiramente aborrecida.

— Eu vou cuidar disso de minha maneira.

Por mais que ela agradecesse a ajuda de Barson, ela não tinha intenção de receber conselhos políticos de um soldado, mesmo que fosse um que parecesse mais esperto do que ela imaginava.

A expressão de seu amante pareceu ficar sombria

— Augusta, não faça nada apressado. Ele é um feiticeiro poderoso e não quero que você corra perigo. E, por falar nisso, precisamos falar sobre o que acontecerá quando o Conselho lidar com a criação de Blaise.

Augusta ergueu as sobrancelhas.

— Como assim?

— Eu não quero que você vá com eles — ele disse, encarando-a de volta — É perigoso demais.

— Perigoso demais? Está dizendo que o Conselho todo não consegue lidar com essa coisa?

— Você não estava lá — Barson disse — Você não viu o que ela consegue fazer. Ela é uma garota bonita com aparência frágil, mas ela lutava melhor do que qualquer guerreiro experiente. E então eu estava praticamente morto e ela me fez reviver.

Havia pasmo e uma admiração mal contida na voz dele e uma suspeita repentina e ruim mexeu com a mente de Augusta.

— Ela tocou em você? — ela perguntou de forma baixa, com o coração batendo mais forte.

— Ela fez algo a você?.

O estômago dela pareceu embrulhar com a lembrança de como o inspetor de Kelvin havia mudado, e com a paixão de Blaise pelo monstro. Estaria Barson também afetado pela criatura? Teria ela mexido com a mente dele ou ele estava simplesmente reagindo à beleza ilusória dela?

— O quê? — Barson pareceu surpreso com as perguntas dela.

— Eu lhe disse, ela me curou quando eu estava lá caído, todo quebrado pela queda. Mas isso não é importante, eu não quero que você vá nessa missão.

Augusta se sentiu eriçada.

— Você não me diz o que devo fazer — ela falou de forma uniforme, com a pulsação ainda rápida pela suspeita de que a criatura pudesse ter atingido Barson de alguma maneira, ou pior, que ele a desejasse.

As narinas de Barson se abriram.

— Você não entende. Há coisas maiores em jogo aqui.

— Eu entendo exatamente o que está em jogo aqui — Augusta o interrompeu e sua fúria aumentava a cada minuto.

— Você também não quer aquela coisa morta, quer? Você, Blaise, ela conquistou todos vocês. Escolheu bem sua aparência, não foi? Os homens parecem não conseguir pensar direito quando se trata dela.

Os olhos de Barson faiscaram de raiva.

— Eu só estou tentando proteger você.

— Eu não preciso de proteção de alguém que nem consegue fazer um feitiço básico — Augusta disse de forma ríspida, perdendo a paciência.

Ela era mais do que capaz de se cuidar e o fato de que ele tentava tornar implícito que ela era uma donzela frágil, precisando de proteção, aumentava sua fúria. Ela não ia deixar um soldado qualquer lhe dizer o que fazer, principalmente quando estava começando a suspeitar das motivações dele.

— É disso que precisa — de um homem que consiga fazer feitiços?

O músculo de sua mandíbula pulsou e ele deu um passo na direção dela.

— É disso que se trata para você? É por isso que você quer tanto destruir essa criatura? Porque ela está com *ele*? Você ainda deseja seu ilusionista recluso?

Augusta literalmente viu o mundo em vermelho.

— Saia — ela sibilou, apontando para a porta.

— Saia antes que eu lhe mostre exatamente o que um ‘ilusionista’ pode fazer.

— Está me ameaçando? — A voz de Barson se tornou perigosamente suave.

— Eu não lido bem com ameaças, Augusta.

Levada pela fúria, Augusta andou para trás para pegar a Pedra Interpretadora que estava sobre a mesa. Antes que ela pudesse pegá-la, no entanto, ela sentiu os braços fortes dele em torno dela, trazendo-a para perto e pressionando-a contra seu corpo musculoso. Ela o empurrou, mas era como querer mover uma montanha com as mãos e a sensação de impotência era ainda mais enraivecadora. A boca dela se abriu para recitar um feitiço que ela não sabia qual e que não importava a essa altura, mas os lábios dele fecharam sua boca com um beijo rude e cheio de raiva, e tudo que ela pôde fazer foi se largar impotente nos braços dele.

Ela sentia o calor da paixão que aumentava entre eles mas, antes que fosse adiante, os braços dele a soltaram e ele deu um passo para trás, com o peito erguendo-se de raiva e algo mais.

Com o corpo todo tremendo, Augusta tentou falar alguma coisa, mas as palavras não saíam de seus lábios inchados. E antes que ela conseguisse se controlar, ele se virou e saiu rapidamente do aposento, batendo a porta atrás de si.

## Capítulo 21: Blaise

Chocado, Blaise olhou para Gala, que tinha acabado de se materializar na espreguiçadeira dele. Ela tinha se teletransportado até lá, uma manobra muito complicada, devido ao fato de a espreguiçadeira estar em movimento no ar naquele momento.

— Eu consegui — ela disse, sorrindo para ele — Eu controlei um feitiço novamente. Para dizer a verdade, alguns feitiços.

Recuperando-se do choque, Blaise a puxou para si, assustado com o que pensou que poderia acontecer se ela tivesse feito um pequeno erro de cálculo e aterrissasse dentro da cadeira, em vez de em cima dela. Ou até mesmo dentro do próprio Blaise. O coração dele batia forte em seu peito.

Ela o abraçou por um breve momento e depois se afastou, olhando para ele.

— Isso não foi bom? — ela perguntou com orgulho — Eu fiz exatamente o que era para fazer e nada mais.

Blaise concordou, mas sem falar nada. O sorriso dela esmaeceu.

— O que houve? — ela perguntou — Está aborrecido comigo?

Blaise respirou fundo, deixando que o resquício de tensão saísse

— Não — ele conseguiu dizer de forma uniforme.

— É apenas que o que fez é perigoso e eu imaginei o que poderia ter acontecido se você tivesse cometido um erro de cálculo.

As sobrancelhas delicadas dela se ergueram.

— Um erro? Como achar que dois mais dois é cinco? Eu acho que não faria tal coisa.

— Está me dizendo que você é infalível? — Blaise perguntou, divertido pela arrogância inadvertida de Gala.

— Eu não me acho infalível — Gala franziu o cenho para ele. — Você sabe que eu tenho problemas com feitiços, algumas vezes. Mas eu não sei como poderia errar na aritmética. É tão simples e direta. Os cálculos sempre levam ao mesmo resultado. É apenas uma questão de pensar neles por alguns instantes.

Blaise sorriu para ela, seu pulso lentamente voltando ao normal.

— Entendi. Bom, eu posso lhe assegurar que o resto de nós comete erros o tempo todo.

Ela sorriu de volta para ele e então uma expressão travessa tomou conta do rosto dela.

— Eu tenho algo para você — ela disse, parecendo tão empolgada quanto uma criança em dia de aniversário.

— Uma espécie de presente.

— O que é?

— Feche os olhos — ela falou, indo para trás dele e colocando suas pequenas palmas nos olhos dele.

— Vamos voltar para onde você se encontrou com Ganir.

— Você quer que eu navegue na espreguiçadeira assim?

— Bem, eu também posso nos teletransportar até lá.

— Não, tudo bem — Blaise falou rapidamente — Eu navego. E, fazendo o possível para lembrar para onde precisavam ir, ele dirigiu a espreguiçadeira para aquela direção, com Gala ocasionalmente corrigindo a rota.

— Pare aí — ela finalmente disse, tirando as palmas dos olhos dele e Blaise piscou algumas

vezes, deixando que seus olhos se acostumassem novamente com a luminosidade.

— Ali está — ela falou, apontando para baixo e ele olhou naquela direção.

O que ele viu o fez prender a respiração por um instante.

— Aquilo é... é a minha casa? — ele finalmente conseguiu perguntar, se voltando para Gala.

A grande estrutura estava no cânion rochoso abaixo, parecendo intacta como ela a havia visto da última vez, em Turingrad.

— É.

Ela lhe deu um largo sorriso.

— Você disse que queria ter acesso a seu trabalho, então em o trouxe aqui para você.

— Mas trouxe como?

— Eu a teletransportei, claro.

Blaise ficou boquiaberto. Ele nunca tinha ouvido falar de ninguém que tivesse teletransportado um objeto tão grande como aquele a tal distância. Era possível na teoria, mas não factível na prática. A não ser que a pessoa tivesse a mente criada no Reino do Feitiço, ele pensou com admiração, olhando para a bela jovem mulher sentada ao lado dele.

— Você gostou? — ela perguntou com incerteza, com seus olhos azuis sombrios, enquanto ele não dizia nada. Blaise afastou o que restava de seu espanto e pegou a mão dela.

— Gala, eu adorei — ele falou com sinceridade, notando que o rosto dela se iluminava de novo.

— Você quer entrar? — ela perguntou animadamente — Pronto, vamos aterrissar.

Sorrindo, Blaise dirigiu a espreguiçadeira para o solo. Assim que aterrissaram, ele saltou e se dirigiu para a casa, com uma empolgação cada vez maior. Seu estúdio estava ali. Sua sala de arquivos. Todas suas anotações. Bem, pelo menos as que Augusta não havia destruído, pensou ele com uma ponta de raiva. Tentando afastar da mente a memória desagradável de seu último encontro e da recente visita de Ganir, ele se concentrou no presente surpreendente de Gala.

Entrando na casa, ele olhou para o entorno familiar e sentiu certa nostalgia. Todas as sua coisas, seus quadros, estátuas, até mesmo a espada-alfinete verde que havia viajado ao Reino do Feitiço. Tudo estava ali, como ele se lembrava. Mesmo que Blaise não tivesse estado em casa por pouco tempo, tanta coisa havia acontecido que era estranho estar ali, onde ele havia passado tanto tempo depois da morte de Louie. A casa tinha sido o santuário dele fora do mundo e agora ele a tinha de novo, graças às incríveis habilidades de Gala.

— Você pode ver a Captura de Vida agora — Gala disse, interrompendo-o — A que Ganir lhe deu.

Blaise praticamente ficou paralisado. Será que Gala tinha um jeito de ler a mente dele?

— Eu estava lá quando vocês conversaram — ela admitiu, parecendo um pouco envergonhada.

— Estava? — Blaise franziu o cenho, confuso.

Gala concordou, e começou a explicar como ela tinha conseguido ficar invisível depois que ele tinha lhe pedido para partir.

— Você está ficando muito melhor em controlar sua magia — Blaise falou, quando ela acabou de falar. Ele sabia que devia se zangar por ela não ter ouvido o que ele lhe pedira, mas estava pasmo e impressionado demais com os feitos dela. Ela já realizava feitos que ele tinha imaginado serem impossíveis.

Quando passavam pela biblioteca Gala parou, olhando para o aposento cheio de livros. Vendo o desejo no rosto dela, Blaise sorriu.

— Você gostaria de ler mais? — ele perguntou e sorriu quando ela praticamente pulou de empolgação.

— Sim, eu adoraria! — disse com os olhos brilhando. — Ainda há tantos livros que não li. Se importa se eu os ler?

— Não, à vontade — Blaise lhe disse — Enquanto isso, eu vou ver a gota que Ganir me deu. E deixando Gala com sua leitura, ele foi para seu estúdio.

\* \* \*

Ao se aproximar de seu estúdio, Blaise hesitou ao pensar nas informações que Ganir havia lhe dado. Ele não sabia que as gotas podiam ser preservadas, mas agora que ele sabia, não conseguia parar de pensar sobre uma gota em especial que ele havia guardado.

Virando-se, Blaise andou até o local de seus guardados. Ao entrar no aposento, ele olhou para os pequenos frascos e garrafas contendo memórias dos últimos dois anos. Muitas eram gravações de seu trabalho, mas outras eram bem mais pessoais. Parando diante de um determinado frasco, o frasco com um sinal de uma caveira e de ossos, ele o pegou com um misto de sentimento de medo e reverência. Pelo que sabia, era a única gota desse tipo.

Ela continha a gravação da morte do irmão, do ponto de vista de Louie. Tinha sido o último ato desafiador de Louie, captando sua própria execução através da ferramenta que ele havia partilhado com os plebeus. Era também seu último grandioso experimento. Durante as semanas que levaram a sua decapitação, Louie havia subornado um guarda para lhe levar uma Esfera. O sangue derramado sobre a Esfera durante a execução foi o que permitiu que o loop da gravação se fechasse, criando a gota que Blaise havia recuperado depois.

Blaise nunca ousara vê-la antes. Era preciosa demais para usá-la por capricho. Agora, no entanto, ele sabia como preservar a gota, mas olhou para ela e sentiu que ainda não tinha coragem suficiente para fazer isso. Seria devastador demais sentir a agonia do irmão e saber que Blaise tinha sido incapaz de salvá-lo.

Inspirando para se acalmar Blaise, em vez disso, pegou outra gota, aquela que Ganir lhe dera. Por mais interessante que pudesse ser experimentar algumas memórias do passado, Blaise precisava se concentrar no aqui e agora, e para fazer isso, ele precisava saber se Ganir estava dizendo a verdade.

## Capítulo 22: Gala

A pilha de livros aos pés de Gala crescia rapidamente. A cada livro que lia, a velocidade parecia aumentar, até que ela estava devorando um livro inteiro em questão de segundos.

Blaise tinha uma coleção e tanto quando se tratava de assuntos que interessavam Gala. Ela atacou a feitura de feitiços orais primeiro, devorando tanto textos modernos quanto antigos. Parecia que cada feiticeiro, cada autor, tinha sua própria abordagem ao código, embora houvesse também padrões em comum. Quando Gala não encontrou mais livros sobre o assunto, ela seguiu para a confecção de feitiços escritos.

Havia menos livros sobre o tópico, já que era uma invenção recente, mas havia material suficiente para mantê-la ocupada por alguns minutos. Enquanto ela consumia os textos, ela achou divertido como havia menos variedade no código de feitiços escritos. Parecia que agora, que os feitiços podiam ser reutilizados, os feiticeiros apenas copiavam os mesmos feitiços componentes repetidamente, em vez de tentarem melhorar as ofertas existentes ou começarem do zero.

Ao esgotar os livros sobre feitiçaria, Gala procurou qualquer coisa que pudesse lhe dar um entendimento melhor de como o mundo funcionava. Química, física, matemática, biologia, psicologia... Ela sabia que eram tão importantes para a feitiçaria como o próprio código. Embora seu objetivo principal fosse controlar seus feitiços, ela gostava de aprender como o mundo natural funcionava. O oxigênio, por exemplo, Gala achou impressionante que ele fosse um elemento, tanto do ar que ela respirava quanto da água que ela bebia. Ele também era essencial para controlar os feitiços de fogo.

Após terminar de ler, a pilha de livros em volta dela estava até a altura da cintura.

Examinando a si própria por um momento, Gala percebeu que ela agora podia falar ou escrever vários feitiços. Não havia nada nos livros que ela não poderia fazer. Mas ela queria mais. Ela sabia que, da forma dela, de como ela havia feito feitiços esporadicamente antes, era algo mais direto e mais poderoso. Mais puro, em certo sentido. Com o novo conhecimento absorvido, ela sentia que estava a ponto de entender como sua mente funcionava. De certa forma, ela era como a Pedra Interpretadora, só que usava os pensamentos e as emoções dela como inputs, e não como cartões. Tudo que ela precisava fazer era conformar aqueles pensamentos e emoções adequadamente.

Ela decidiu experimentar uma coisa, um teletransporte, algo que ela já estava começando a dominar. Ela viu mentalmente como um feitiço oral soaria para o teletransporte de todos os livros que estavam no chão para seus lugares originais. Então, ela visualizou como isso ficaria em um código escrito. E depois, limpando a mente através de uma respiração lenta, ela tentou fazer aquilo diretamente.

Naquele momento, Blaise entrou no aposento.

— O quê... — ele começou a falar, mas parou no meio da frase, boquiaberto quando os livros começaram a desaparecer do chão e a reaparecerem nas prateleiras. Em poucos instantes, a bagunça havia acabado e as estantes estavam bem arrumadas como antes.

— Isso foi incrível, Gala — ele murmurou, olhando para o local — Eu nunca vi ninguém realizar um feitiço tão bem coordenado antes.

Gala sentiu suas bochechas ficarem quentes com o elogio.

— Obrigada — ela disse suavemente.

Depois, lembrando-se da gota, ela perguntou:

— Ganir disse a verdade?

— Sim — Blaise falou, com o sorriso sumindo de seu rosto — A gota realmente mostrou que ele

votou contra a morte de Louie e eu senti a dor que ele sentiu com o resultado da votação.

Ele parou e seus lábios se apertaram

— Eu me enganei com relação a Ganir. Deixei que minha raiva e meu ódio ofuscassem meu julgamento, e assim ficou mais fácil que Jandison me enganasse.

— E o que isso significa? — ela perguntou com o coração doendo pela dor que ela via no rosto de Blaise.

— Significa que Jandison terá muito que explicar.

A voz de Blaise era monocórdia e Gala viu algo assustador nos olhos dele.

— Tanto para o Conselho e para mim.

— Você vai dizer a Ganir que foi Jandison que lhe contou sobre a votação?

Blaise concordou.

— Eu já enviei uma mensagem de Contato para ele. Sei que ele levará isso direto ao Conselho.

— Você acha que isso mudará alguma coisa com relação ao Conselho vir atrás de nós? Afinal, se Jandison andou manipulando os votos, a última decisão tomada poderia ser considerada inválida?

— Sim, poderia. Ganir disse que ele vai me manter informado dos acontecimentos sobre isso. Eu acho que posso confiar nele, mas não cegamente. Se Ganir nos encontrou, os outros também podem fazer isso. É uma tristeza, mas acho que vamos ter que sair deste lugar.

— O quê? Não! — Gala não conseguiu esconder sua decepção.

— Acabamos de chegar aqui e Liva disse que ela vai nos apresentar a todos na vila. Eu gostaria de ficar e de conhecer mais gente.

— Gala... — Blaise suspirou, olhando para ela — Não seria uma coisa sábia.

— Por favor, só por mais um pouquinho? — Gala implorou — Ganir vai levar algum tempo para voltar a Turingrad. Não devem vir atrás de nós amanhã mesmo se, de alguma forma, soubessem que estamos aqui.

Blaise hesitou, visivelmente em dúvida.

— Está bem — ele disse finalmente — Vamos ficar, mas não por muito tempo. Eu não vou colocar você em perigo de novo.

## Capítulo 23: Augusta

Tremendo de fúria, Augusta olhou para a porta fechada antes de começar a andar para lá e para cá em seu quarto. Como Barson ousava tratá-la como se fosse posse dele? E como Ganir tinha ousado trair todo o Conselho se aliando a Blaise e àquela abominação?

Eles tinham que resolver a questão do velho. Agora, antes que ele fizesse algum mal. Depois, ela pensaria no que fazer a respeito do comportamento irrazoavelmente desconfiado de Barson.

Pegando a Pedra e os cartões que ela havia preparado para outro fim, Augusta os colocou na bolsa e se apressou em sair. Enquanto caminhava, um plano começava a se formar em sua mente.

Ela tinha que tirar Ganir de seu estúdio, já que ele estaria em vantagem lá dentro. A grande questão era como realizar isso. Havia uma maneira, mas seria uma manobra arriscada. Parando por um instante, Augusta se sentou em um dos bancos de pedra que ficavam em linha nos corredores e começou a escrever. Ao terminar, ela verificou novamente seus cálculos.

Aquela ideia deveria dar certo, ela decidiu.

Levantando-se, ela se apressou em direção aos aposentos de Ganir, e, quando virava a esquina, ela viu o braço direito de Barson, Larn, e dois soldados passarem por ela. Ela olhou para trás sem acreditar no que vira e sua fúria aumentou. Barson não manteve sua promessa feita a ela. Ele devia manter os homens escondidos, mas eles estavam ali, passeando pelos corredores da Torre, bem ao lado dos aposentos de Ganir.

Respirando para se acalmar, ela deixou aquele assunto de lado, por ora, e se concentrou na tarefa que tinha pela frente. Parando a poucos metros da porta de Ganir, ela colocou alguns cartões na Pedra para criar alguns feitiços de defesa, dando maior atenção a defesas mentais.

Então, ela bateu à porta, com decisão. Uma. Duas vezes.

A porta se abriu e Ganir estava lá, com a fisionomia calma e sem expressão.

— Você foi ao encontro de Blaise? — Augusta perguntou de forma direta, sem se importar com quaisquer delicadezas.

— A criatura estava com ele?

Os olhos do homem se arregalaram quase que imperceptivelmente e Augusta soube que era verdade, que Barson não tinha mentido. Ganir realmente traíra a ela e ao Conselho.

— Não tente negar — ela disse quando Ganir abriu a boca. — Eu sei da verdade. Você não passa de um traidor.

— Você ousa *me* chamar de traidor? — Ganir soava incrédulo. — Você, que está de conluio com seu amante ‘morto’? Eu lhe concedi o benefício da dúvida, mas agora vejo que você está aliada a ele.

As sobrancelhas de Augusta pareceram se unir. Então, Ganir sabia que a Guarda não estava morta. Será que Barson a traíra contando isso para o Líder do Conselho? O que o velho queria dizer com estar ‘aliada’ a seu amante? Com um ódio ainda mais intenso, ela viu Ganir dando alguns passos para trás, e percebeu que em instantes ele estaria perto da mesa dele, onde estava sua Pedra Interpretadora.

Não havia mais tempo a perder.

Carregando o cartão que ela havia preparado antes, Augusta fechou os olhos e se envolveu com os braços. Quando ela abriu os olhos, ela e Ganir estavam no telhado da Torre, com toda Turingrad abaixo deles.

Sem dar chance de Ganir se equilibrar, Augusta prosseguiu com seu feitiço anteriormente preparado.

Era pura energia cinética, concentrada toda em um ponto. Deveria fazer com que ele voasse do telhado, mas Ganir mal se mexeu. Ele devia estar com um feitiço defensivo feito para si, ela se deu conta, observando-o tatear e retirar cartões dos bolsos e começar um feitiço transformador, ao mesmo tempo.

Ao ver aqueles cartões, ela pegou sua Pedra, sua maior vantagem naquele momento.

O primeiro feitiço oral de Ganir era um ataque de fogo elementar. Ele atingiu o escudo que Augusta havia preparado e ondas de fogo se espalharam pelo telhado. Era o feitiço mais poderoso desse tipo que ela já havia visto.

Agilmente colocando o cartão pré-escrito na Pedra, Augusta retaliou com um raio. Ele atingiu a defesa de Ganir, fazendo com que o cheiro de ozônio permeasse o ar. O velho, no entanto, continuava ileso.

Ele também tentava escrever algo nos cartões. Por que faria isso, se estava sem a Pedra? Não havia como ele ser capaz de pegar a Pedra de Augusta e ela não funcionaria com ele, de qualquer maneira, porque ela estava personalizada para ela.

Ao mesmo tempo em que escrevia, Ganir recitava as palavras e um feitiço oral. O fato de ele poder fazer as duas coisas ao mesmo tempo era impressionante. Augusta não conhecia ninguém que pudesse realizar duas tarefas exigindo tanta concentração, ao mesmo tempo. Isso o tornava ainda mais perigoso, pensou ela, enquanto colocava mais cartões na Pedra.

O próximo feitiço dela tinha sido feito para atingir Ganir com rápidas mudanças de temperatura. Quando o feitiço começou a agir, o ar em torno dele cintilou, passando de escaldante para congelante e de volta a escaldante, em questão de segundos. O escudo dele se manteve, mas Augusta sabia que ele começaria a enfraquecer em breve.

De repente, uma expressão de triunfo apareceu no rosto de Ganir. Para seu choque, Augusta viu que ele agora estava segurando a Pedra dele. Ele devia ter conseguido isso com o feitiço oral que recitou antes, percebeu ela com desalento, enquanto ela rapidamente colocava mais feitiços defensivos em sua própria Pedra.

Não adiantou. De repente, ela sentiu um medo debilitante, um medo nebuloso, indefinido de tudo e de qualquer coisa. Quando menina, ela tinha um medo apavorante de aranhas, e era como aquele mesmo medo, só que multiplicado por mil. Houve um grito contido em sua garganta, um pânico irracional, embora opressivo. A visão dela escureceu, seu coração batia como um tambor e um suor frio descia pelo seu corpo. Ela nem conseguia gritar, suas cordas paralisadas pelo terror. Se ela não estivesse com seu escudo a coisa teria sido mil vezes pior, ela percebeu vagamente, lutando contra o terror repugnante que incapacitava seu pensamento.

Ganir literalmente tentava assustá-la até a morte.

O medo se intensificou, ondas de medo a invadiam com o pensamento de que se ele tivesse êxito, o Conselho pensaria que ela morreria de causas naturais. Nem procurariam por seu assassino. A fúria, aguda e curadora, tomou conta de seu pensamento, dando-lhe força para mexer os braços. Pelo canto do olho, ela viu Ganir escrevendo outra coisa em um cartão.

Ela não tinha muito tempo. O próximo feitiço dele seria o fim dela.

Conseguindo se recompor, Augusta conseguiu pegar, com mãos trêmulas, um feitiço que ela tinha preparado para outra finalidade. Uma nova onda de medo a invadiu, fazendo com que quase deixasse o cartão cair, mas ela conseguiu colocá-lo na Pedra antes de cair de joelhos.

O tempo pareceu se tornar mais lento. Ela ouvia sua própria respiração dissonante e o bater pesado de seu coração. Em algum lugar, no fundo de sua mente, ela registrou o fato de que Ganir oscilou e depois afundou no chão, quando as ondas de medo que a assolavam diminuíram levemente.

Lutando para ficar de pé, Augusta se aproximou do corpo caído de Ganir para ter certeza de que seu feitiço havia funcionado.

Então, ela começou a trabalhar num feitiço para acalmar e curar sua mente abalada.

## Capítulo 24: Barson

Barson fazia o que ele sempre fazia quando estava zangado: canalizava isso no treino. Havia três sacos de areia caída no chão, destruídos pelos punhos dele, que seguia para um treino com a espada. Ele sabia que era arriscado permanecer na Torre, mas nenhum feiticeiro jamais visitava o alojamento dos da Guarda, e Barson precisava descarregar a tensão antes de voltar para a casa de Dara.

Augusta era impossível, ele pensou entre respirações cansadas, brandindo a espada em um arco amplo e furioso. Ele tinha intenção de contar a ela sobre seu plano, mas ela tinha torcido tudo, fazendo acusações que não tinham sentido. E depois sugerir que ele não podia protegê-la porque não sabia fazer feitiços? Ele sempre admirou a força e a independência dela, mas desta vez ela tinha ido longe demais. Ele não suportaria aquele tipo de desrespeito, e principalmente de uma mulher que ele queria como companheira na nova ordem.

A intenção dele, naquele dia, era desmaiar de exaustão em sua sala de treino e estava indo num bom caminho para isso quando o som de passos chamou sua atenção. Ao se virar, ele viu Larn caminhando em sua direção, acompanhado de Zani e Puga, dois de seus melhores tenentes.

Respirando pesado, Barson abaixou sua espada. O que eles estariam fazendo na Torre quando deviam estar escondidos? Teriam vindo aqui para se exercitar também?

— Por que estão aqui? — ele gritou quando eles se aproximaram — Eu não lhes disse para ficarem escondidos?

Estranhamente, eles não responderam, apenas continuaram a andar.

Quando se aproximaram, Barson notou a falta de expressão em seus rostos. Os olhos estavam vidrados e sem foco, como se estivessem dispersos por exaustão ou por causa de bebida. Mas se fosse isso, o que estavam fazendo na sala de treinos? E por que não lhe responderam?

— Larn, pare e explique o que está havendo — Barson ordenou. Não houve reação, mas Barson viu os músculos da mão direita de Larn ficarem tensos enquanto seus dedos apertavam o punho de sua espada.

Devia ser algum tipo de brincadeira por parte de Larn.

— Não estou com humor para frivolidades — Barson disse a eles, de forma ríspida.

— Expliquem-se.

Em vez disso, eles desembainharam suas espadas.

Estarrecido e aborrecido, Barson assumiu uma posição defensiva incomum, pegando mais fortemente sua espada e, naquele momento, eles atacaram.

Eles atacaram com uma fúria que o pegaram totalmente de surpresa. Não era um treino.

Por algum motivo desconhecido, o melhor amigo de Barson e dois de seus confiáveis soldados estavam decididos a matá-lo.

Desviando-se dos primeiros golpes, Barson pensou freneticamente na situação. Tinha que haver uma explicação.

— Alguém está mantendo Dara como refém? — ele gritou para Larn, bloqueando a segunda onda de ataques.

— É por isso que foram obrigados a fazer isso?

Um corte em seu ombro esquerdo foi a única resposta.

O corte não era profundo, mas seu efeito era sombrio.

Se Barson não se concentrasse, ele morreria.

## Capítulo 25: Blaise

Entrando na casa de Liva, com Gala, Blaise viu Esther e Maya sentadas à mesa com a anfitriã.

— Ah, chegaram os dois pombinhos — Esther exclamou com um sorriso largo no rosto

— Liva me disse que teve uma aula e tanto hoje.

Gala sorriu, iluminando seu rosto.

— Liva fez um ótimo trabalho no feitiço dela – disse ela, olhando para a mulher.

Liva corou, feliz e envergonhada pelo elogio.

— Ora, eu nem chego nem perto dessa menina.

Ela apontou para Gala.

— Ela tem um verdadeiro talento.

— Oh, sabemos disso — Maya disse secamente — Acredite, sabemos disso.

— Então, estamos comemorando? — Gala perguntou, parecendo animada com esse pensamento.

— Eu adoraria conhecer todos.

— Estávamos apenas esperando que vocês dois voltassem — Liva falou, sorrindo.

— Agora que chegaram, vou avisar aos outros e podemos começar.

\* \* \*

Todos se reuniram em uma grande clareira perto da orla da vila. Uma grande fogueira queimava no meio, com um javali sendo assado em um espeto.

— Os caçadores o pegaram hoje — Liva disse com orgulho quando se aproximaram da reunião.

— Não é sempre que temos um banquete assim e estamos felizes de podermos lhes dar as boas-vindas à vila, adequadamente.

Blaise contou cerca de cem pessoas, variando em idade de infantes até anciãos. Era um assentamento de bom tamanho, ele percebeu ao observá-los.

— Tome, Blaise, beba — uma mulher morena atraente falou, chegando-se a ele e lhe entregando uma xícara e barro. Ela lhe pareceu vagamente conhecida e a forma como falou fez parecer que eles se conheciam.

— Obrigado — Blaise falou e percebeu que aquela mulher era Ara, a caçadora que ele tinha conhecido antes. Ele quase não a reconheceu naquele vestido azul bem feminino, com o longo cabelo solto e descendo pelas costas. Ela parecia tanto com um menino antes que a transformação era estarrecedora. Tomando um gole da bebida que ela lhe ofereceu, Blaise se engasgou e fez careta.

— O que é isso?

Ela riu, batendo nas costas dele.

— Bagas fermentadas. Não é tão sofisticado quanto o vinho que você deve estar acostumado, não é?

Blaise sorriu para ela.

— Eu geralmente não bebo, mas o vinho que já tomei realmente era bem diferente.

Naquele momento, Gala se aproximou deles com uma expressão estranha no rosto. Ela parecia quase zangada. Encaixando seu braço no cotovelo de Blaise, ela deu a Ara um olhar arrogante.

— Acho que Blaise não gostou dessa sua bebida — ela disse de forma ríspida.

Blaise olhou chocado para sua criação. Ele ninguém a vira ser propositadamente rude. Será que

não gostava de Ara por algum motivo?

Ara retribuiu a Gala com um olhar igualmente desdenhoso.

— Eu acho que como ex-membro do Conselho, Blaise pode decidir por si mesmo o que ele gosta ou não — ela começou a falar e Blaise viu que a mão livre de Gala estava se retesando. Ele teve ciência da verdade. Gala estava com ciúmes. Ele precisava diluir a situação e rapidamente.

— Gala — falou ele de forma branda — que tal darmos uma volta? Acho que o ar fresco seria bom para nós. Ara, obrigado pela bebida. Na verdade era bem gostosa.

E antes que Gala pudesse protestar, ele a levou para o bosque, tentando não notar a expressão decepcionada no rosto de Ara.

— Gala, você ficou com ciúmes? — ele perguntou quando não podiam mais ser ouvidos pelos moradores — Foi por isso que você agiu daquela forma com Ara?

Gala olhou para ele com uma expressão tempestuosa no rosto.

— Você gosta dela? — Para surpresa dele, havia um tom de mágoa na voz dela.

— Você a deseja? Porque eu acho que ela deseja você.

— O quê? Não! — Blaise não podia crer que alguém tão belo se sentisse inseguro.

— Você é a única que eu quero. Como pode chegar a pensar de outra forma? Ara estava apenas sendo gentil.

— Não estava não — Gala disse calmamente.

— Eu já a vi olhando para você antes. Ela não age de forma gentil com os outros, somente com você.

Blaise respirou fundo.

— Apesar do que Ara sinta ou não, o que importa aqui é o que eu sinto — ele disse, encarando Gala.

— E posso lhe assegurar, você não tem com que se preocupar. Eu não penso nela de outra maneira.

Um leve rubor surgiu no rosto dela.

— Desculpe — ela disse, olhando para o outro lado — Eu não sei o que me deu. Não é lógico, mas eu não gosto de pensar em você com outra mulher. Mesmo com Augusta, embora saiba que foi coisa do passado.

— Gala...

Blaise pegou a mão dela, colocando-a entre as palmas das dele. O coração dele batia mais rápido e uma sensação parecida com euforia tomou conta dele.

— acredite-me — ele disse suavemente — Eu não consigo pensar em outra pessoa a não ser você.

Ela olhou para ele, sua expressão era incomumente vulnerável.

— E eu não consigo pensar em outra pessoa que não seja você — ela sussurrou, com os olhos bem abertos e molhados à luz do crepúsculo.

Incapaz de resistir, Blaise abaixou a cabeça e a beijou, suas mãos deslizando pelas costas dela, apertando-a mais contra si. Foi o pensamento de que toda a vila estava a menos de quinze metros de distância que o impediu de parar no beijo.

— Venha — ele murmurou, pegando-a novamente pela mão. — Vamos voltar e, por favor, não se chateie por cada mulher com quem falo. Eu juro a você que não significam nada para mim.

Gala lhe deu um sorriso suave.

— Está bem, eu vou tentar.

Quando voltaram, o javali estava pronto e as mulheres começavam a cortar pedaços grossos de carne pingando de gordura. Liva deu a Gala e a Blaise dois pratos de madeira disformes cheios de carne e de legumes assados, e eles se sentaram para comer perto da fogueira.

Um homem idoso, de cabeça branca estava sentado perto deles, com algumas crianças reunidas em torno dele. Ele contava uma história infantil. Quando Blaise procurou ouvir, ele percebeu que era um dos mitos das terras do oriente.

— No início, há mil anos, o mundo era só água — o homem idoso começou, com a voz profunda e sonora.

— Não havia ninguém além de dois irmãos, o Monstro do Mar e a Criatura Trovão. Eles moravam juntos, na água e no céu, até que um dia tiveram uma grande briga. A Criatura Trovão tinha inveja da liberdade do Monstro do Mar poder nadar e, num ataque de raiva, ele arrancou o coração do Monstro do Mar. O coração se tornou a terra de Koldun e o a carne do Monstro do Mar se tornou seu povo. Com a perda do irmão, a Criatura Trovão enlouqueceu de solidão, seus uivos criando tempestades que cercam nossa terra até hoje.

O idoso fez uma pausa e Blaise viu que as crianças olhavam para o velho com olhos arregalados de fascínio, e Gala também.

— Não foi o que eu li — ela disse ao idoso, parecendo confusa. — E o que li parecia bem mais plausível.

Blaise sorriu pela confusão dela.

— Gala, são apenas velhas histórias, lendas. Não devem ser consideradas literalmente.

O contador de histórias idoso franziu o cenho para Blaise.

— O que quer dizer com isso, feiticeiro? São histórias que são transmitidas a gerações. Você tem alguma outra explicação de como tudo começou?

— Bem, na verdade, sim — Blaise disse lentamente.

Ele não queria ofender as pessoas e suas crenças, então ele precisava prosseguir com cautela.

— Não temos todas as respostas, mas sabemos algumas coisas, com certeza. O mundo é muito antigo. Mil anos não passam de um momento, comparados a sua verdadeira idade. De fato, há árvores que são mais velhas que isso, dá para saber a idade delas pelo número de anéis que há dentro de seus troncos. Os feiticeiros que estudam padrões climáticos encontraram alguns pinheiros que têm mais de cinco mil anos de idade.

O idoso olhou para ele chocado e algumas crianças deram risadinhas, curtindo o desacordo entre adultos.

— Mais de cinco mil anos? — um menino perguntou, com os olhos redondos de surpresa.

— É muito tempo para que uma árvore fique viva.

— De fato — Blaise disse, sorrindo para a criança.

— Mas essa não é a única prova sobre a verdadeira idade de nossa terra. Há estalactites nas cavernas dessas montanhas aqui que crescem cerca de dez centímetros a cada mil anos. Devido ao tamanho de algumas delas, devem estar crescendo há centenas de milhares de anos, e claro, há também as montanhas. O cânion que fica aqui perto foi formado pela erosão da água e de outros elementos, um processo que provavelmente levou milhões, e não milhares de anos.

O homem idoso ainda parecia cético.

— Se isso for verdade — ele disse — então de onde veio Koldun e todos nós? Como surgimos?

— Esta é uma boa pergunta e que os sábios vêm ponderando há eras — Blaise disse.

— Uma teoria recente é que a natureza formou as pessoas, da forma como as pessoas criaram os cães de caça e cães pastores a partir do lobo primitivo.

Ele ia continuar sua explicação quando um barulho forte abalou o solo. Ao mesmo tempo, o céu se iluminou com uma luz ofuscante branca e roxa antes de escurecer de novo.

Todos ficaram paralisados e uma das crianças menores começou a chorar. Somente Gala parecia mais curiosa do que alarmada.

— Foi um trovão? — Blaise perguntou, olhando para os rostos amedrontados em torno da

fogueira.

— Eu nunca ouvi um tão alto.

O idoso ficou de pé, suas mãos tremiam.

— Sim, feiticeiro, foi um trovão. Parece que uma tempestade está vindo para cá.

## Capítulo 26: Augusta

Quando ela parou de tremer dos pós-efeitos da batalha com Ganir e o medo debilitante deixou sua mente, Augusta começou a pensar nas consequências do que ela havia feito.

O corpo sem força de Ganir estava caído no chão. Ela se ajoelhou ao lado dele e pressionou seus dedos contra seu pescoço para sentir a pulsação. Ela ainda estava lá, ainda forte. O Líder do Conselho estava vivo, mas a mente dele estava em coma profundo, como ela pretendia. Claro, ela não tinha planejado esse feitiço particularmente em Ganir, mas ela ficou feliz em ter os cartões com ela. O feitiço havia salvado a vida dela. E, agora que ela sabia que também funcionava com pessoas, ela definitivamente precisava preparar novos cartões antes de partir de Turingrad.

Agora, que ela tornara o velho inconsciente, Augusta não sabia o que fazer com ele. Idealmente, ela deveria matá-lo, mas a ideia de tirar a vida de outro feiticeiro lhe era repugnante. Apesar de suas diferenças, ela sempre respeitara as habilidades de Ganir e a ideia de matá-lo a sangue frio a incomodava.

Mas ela não podia deixar que os outros o achassem. Eles imediatamente suspeitariam de feitiçaria e, como as diferenças entre Augusta e Ganir eram do conhecimento público, isso não seria um bom presságio para ela. Mesmo sabendo que ela estava certa quanto a isso, ela não tinha dúvidas de que haveria um julgamento, o que poderia atrasar a missão vindoura de destruir a criação de Blaise.

Não, ela não poderia deixar isso acontecer. Ganir precisava desaparecer.

Após ponderar sobre o problema por um minuto, Augusta começou a trabalhar em um feitiço complexo e muito arriscado. Havia chance de que ela matasse Ganir, mas isso seria melhor do que matá-lo diretamente.

Quando o feitiço ficou pronto, ela colocou os cartões e viu o corpo do velho feiticeiro desaparecer. Então, se seus cálculos estivessem corretos, ele reapareceria na mansão de Ganir, em seu território, longe de Turingrad. Ela conhecia o local porque Ganir havia dado uma festa lá, há vários anos, e ela e Blaise tinham sido convidados. Claro, se Ganir tivesse mudado alguma coisa na sala de sua casa, ou se ela tivesse feito um pequeno erro de cálculo, ele poderia facilmente acabar morto. Ela não se sentia muito culpada por isso, principalmente depois que ele tivesse planejado matá-la com aquele feitiço do medo.

Olhando mais uma vez para o telhado vazio, Augusta abriu a porta que levava até lá e começou a descer a escada sinuosa. Ela precisava voltar ao estúdio de Ganir e não queria arriscar novamente um teletransporte.

Andando pelos corredores, ela se certificou de que ninguém a visse se aproximar dos aposentos de Ganir. Ela precisava descobrir alguma coisa, qualquer coisa que lhe desse mais informações sobre onde Blaise e sua criatura estavam. Parecia improvável que eles estivessem em um cânion isolado, embora aquele cânion fosse um bom local para começar a procurar por eles.

Abrindo a porta calmamente, Augusta inspecionou o local. Ganir era sempre incrivelmente arrumado. Ela não encontrou nenhuma anotação recentemente deixada ou garrafas com gotas de Capturas de Vida. Enquanto olhava, no entanto, ela notou uma única gota dentro da Esfera dele.

Sem hesitar ela foi até lá, se sentou em uma cadeira e levou a gota até a boca.

Ganir observava os três homens que estavam amarrados em seu estúdio, os três soldados de Barson que tinham sido pegos em uma taverna em Turingrad. As amarras não eram necessárias, a rigor, porque ele já havia feito um feitiço pacificador neles. Mesmo assim, não custava ser cauteloso. Algumas mentes mais fortes podiam sair da letargia do feitiço prematuramente, o que poderia ser um problema com esses homens. Ele precisava se concentrar em um feitiço-chave, aquele que finalmente o livrasse do incômodo que Barson representava.

Naquele momento, uma mensagem de Contato chegou a sua mente.

— Ganir, aqui é Blaise. Eu quero confirmar suas suspeitas. Jandison foi, de fato, quem me contou a respeito da divisão dos votos.

Ao ouvir isso, Ganir foi tomado por uma fúria tão forte que ele chegou a tremer. Por causa da traição de Jandison, ele havia perdido Louie e, depois, quase perdera Blaise. Ganir nunca tivera filhos e os filhos de Dasbrow eram como filhos para ele. E agora, Louie estava morto e Blaise o odiava.

Jandison pagaria por isso. Ganir faria com que ele pagasse.

Enquanto isso, havia outro problema, mais urgente, que precisava ser resolvido. Barson tinha cometido um erro fatal ao fingir estar morto, porque agora Ganir faria com que essa mentira se tornasse realidade.

Andando até os homens capturados, ele pegou sua Pedra Interpretadora e começou a colocar os cartões que ele havia preparado antes. Este era um feitiço do qual ele se orgulhava e era uma desventura que ninguém aprendesse isso. Esse grau de controle mental era o feitiço psicológico mais avançado e Ganir não sabia de qualquer outro que pudesse fazer algo dessa magnitude.

Não, não era verdade, ele se corrigiu. Gala, a criação de Blaise, podia fazer isso e ainda mais. Ela tinha literalmente modificado o cérebro de Davish sem forçosamente controlar seus pensamentos, como Ganir estava prestes a fazer com esses soldados. E o efeito de seu feitiço tinha sido de natureza permanente, enquanto que o de Ganir seria no máximo temporário, embora ele só precisasse de algumas horas para obter seu objetivo.

Ele desejava desesperadamente poder falar com ela, para aprender como a mente dela funcionava e como ela tinha surgido. Ele queria se aprofundar no mistério que representava essa criatura vinda do Reino do Feitiço, e era frustrante que Blaise fosse tão superprotetor com ela. O jovem a via como uma mulher desejável, o que Ganir podia entender, de alguma forma, mas a beleza dela havia cegado Blaise quanto ao verdadeiro potencial dela. Com alguém como Gala a seu lado, Ganir se tornaria impossível de ser parado. Ele jamais precisaria usar intriga ou subterfúgios com o Conselho novamente. Um toque das belas mãos dela e eles pensariam o que ela gostaria que pensassem.

Quando o feitiço que ele fez nos soldados finalmente surtiu efeito, Ganir pôde ver o olhar vidrado deles. Agora, era seguro que ele os deixasse ir. A programação deles era simples: matar Barson e a si mesmos. Se, por acaso, a última parte não desse certo, eles não se lembrariam de nada mesmo, já que o feitiço havia sido criado para suprimir a memória deles dessa manipulação da mente.

Desamarrando os soldados, Ganir os fez sair do aposento, primeiramente olhando do lado de fora para ter certeza de que ninguém os visse sair.

Então, quando estava prestes a se sentar e pensar na melhor forma de solucionar a questão de Jandison, ele ouviu uma batida na porta. Aborrecido, ele furou o dedo e tocou com o sangue na Esfera, terminando a gravação.

\* \* \*

Saindo da Captura de Vida, Augusta sentiu seu coração batendo forte. Então, tinha sido por isso

que ela havia visto os homens de Barson no corredor. Ganir os tinha colocado contra seu amante. Augusta sentiu um frio nas veias ao lembrar de vê-los na prática. Por melhor que Barson fosse, seus homens também eram bem treinados e, o mais importante, ele não esperava qualquer traição por parte deles.

Levantando-se, Augusta saiu correndo do aposento para ir ao encontro de Barson. Apesar de suas diferenças, ela precisava avisá-lo disso. Ela não sabia por que Ganir odiava tanto Barson. Seu amante havia lhe dito que o Líder do Conselho tinha lhe dado a informação errada sobre a rebelião de camponeses muito maior do que a informada, mas ela tinha se esquecido disso, distraída pela criação de Blaise. Agora não importava, ela tinha que encontrar Barson antes que o plano de Ganir se efetivasse.

Ela não suportaria perdê-lo de novo.

## Capítulo 27: Gala

Assim que ouviram a palavra ‘tempestade’, os moradores da vila que estavam sentados próximos de Gala ficaram de pé com expressão de pânico nos rostos.

Gala olhou para eles com curiosidade.

— Uma tempestade? Estão falando de uma das tempestades marinhas que vêm de além das montanhas? — Ela havia visto uma tempestade comum antes, na verdade havia criado uma, e não lhe pareceu tão ruim assim. O estado atmosférico que se aproximava tinha que ser diferente, para criar tais reações.

— Sim — Liva disse sinteticamente, se abaixando para pegar os restos de comida.

— Precisamos nos abrigar em casa e esperar que não sejamos diretamente atingidos.

— O que acontece se forem? — Blaise perguntou, parecendo mais intrigado do que preocupado.

— Essas tempestades são realmente tão terríveis quanto dizem?

— São piores — o ancião disse de forma sucinta.

— Piores do que pode imaginar, feiticeiro. Você pode não acreditar na Criatura Trovão, mas você está para testemunhar sua força.

Em poucos minutos, todos os moradores da vila tinham deixado a clareira e voltado para suas casas. Blaise pegou a mão de Gala e correu com ela atrás de Liva, que corria bastante a essa altura.

— Precisamos fechar todas as persianas e colocar madeira nas janelas — ela disse para Blaise

— Eu não sei quando a tempestade vai chegar aqui, mas pode ser em menos de uma hora, devido à altura daquele trovão.

— Que tal eu ajudar? — Blaise sugeriu.

— Se você reunir todos, eu posso colocar um escudo protetor em volta deles. Será mais eficiente do que apenas colocar madeira nas janelas.

— Qual a força de seu escudo? — Liva perguntou com dúvidas.

— Essas tempestades costumam ser muito, muito poderosas.

Blaise considerou o fato e uma expressão pensativa surgiu em sua face.

— Então, que tal assim? — ele sugeriu depois de um instante. — Colocamos madeira nas janelas e eu fortaleço as paredes de algumas casas. Todos se reúnem nelas e então eu coloco um escudo protetor nessas casas.

Liva concordou.

— É uma boa ideia. Eu vou falar com os outros, dizer para virem para minha casa. É uma das maiores e, em minha casa e na de meu vizinho, poderemos acomodar todos. Eu encontro você em casa.

Gala observou enquanto a mulher desaparecia pela rua e depois olhou para Blaise.

— Você já viu uma dessas tempestades? — ela perguntou, imaginando o fenômeno.

— É realmente muito pior do que os raios e trovões comuns?

— Eu nunca vi uma — Blaise lhe disse, pegando sua mão enquanto andavam para a casa de Liva.

— Mas eu ouvi histórias e li a respeito delas. Há boa razão para as montanhas não serem consideradas um local habitável.

Naquele momento, um lampejo de luz cegante iluminou o céu riscado de roxo e o estrondo do trovão que se seguiu foi tão alto que Gala literalmente sentiu o chão tremer embaixo de seus pés.

— Parece que está mais perto — ela comentou preocupada, olhando para cima. O medo dos moradores se transmitia a ela, embora ela ainda não entendesse como uma chuva, vento e raios pudessem

ser tão perigosos.

— Parece mesmo, não é? — Blaise parou na entrada da casa de Liva e olhou para o céu.

— Sabe, nunca pensei que tivesse a oportunidade de ver uma delas de verdade. Deve ser fascinante, principalmente se tivermos a certeza de que ninguém sairá ferido.

Gala concordou, correndo para dentro de casa quando uma leve chuva começou a cair. Blaise a seguiu, já pegando seus instrumentos de magia. Ela observou enquanto ele espalhava seus cartões na mesa e começava a escrever o que parecia ser uma série de feitiços complexos.

— Posso ajudar? — ela perguntou — Talvez eu também possa fazer alguma coisa.

Blaise hesitou por um segundo.

— Você entende os feitiços que estou escrevendo?

— Claro — Gala disse, surpresa por ele perguntar.

— Na verdade, eu acho que posso fazer isso até de forma mais eficiente, se eu escrever os feitiços. Eu posso fazer do meu jeito. Eu preciso mesmo praticar mais.

Ele lhe deu um sorriso pesaroso.

— Às vezes, eu me esqueço de como você se tornou tão avançada em tão pouco tempo. Nesse caso, por que você pega a casa do vizinho e fortalece suas defesas o máximo que puder? Eu vou colocar uma bolha protetora em volta das casas.

— Por que não coloca uma bolha protetora em volta de toda a vila?

— Porque é uma tarefa muito mais complexa e quanto maior a bolha, menos estável ela é. É mais fácil proteger algo pequeno, como uma pessoa.

Gala concordou e correu para fora. Outro lampejo de raio quase a cegou e ela sentiu que o vento aumentava e a chuva se intensificava, com a água fria açoitando seu rosto.

A tempestade estava a caminho.

## Capítulo 28: Barson

A gravidade da situação começava a preocupar Barson enquanto ele continuava a lutar contra Larn e os dois outros soldados. Ele já estava cansado do treino e Larn era um dos seus melhores soldados. Eles haviam treinado juntos desde a infância. Para piorar as coisas, Zanil e Pugan, embora não fossem os melhores arqueiros, eram excelentes com a espada.

Larn fez uma finta tripla e Barson mal conseguiu bloquear o que poderia ter sido um golpe fatal. Fazendo círculos pela sala, com os pés levantando a areia dos sacos que Barson havia destruído antes, a mente de Barson pensava acelerada. Por que Larn estava fazendo aquilo? Seria um jogo de poder? Era difícil para Barson acreditar, embora ele soubesse que a história militar estava repleta de situações em que o segundo no comando tentasse chegar ao topo, Larn era praticamente da família, prestes a se casar com a irmã de Barson e certamente não faria sentido que ele fizesse isso.

Enquanto a luta continuava, Barson fazia o possível para se defender sem matar seu futuro cunhado. Embora isso tornasse a luta mais desafiadora, ele não poderia fazer isso. Ajudava o fato de que os três homens lutassem seu coordenar seus movimentos. Era estranho, mas ele estava grato por isso. Ele também estava confuso. Todos sabiam lutar em équite e o fato de não usarem aquela poderosa vantagem era estranho. Seria algum sinal do que realmente estava acontecendo? Se fosse, Barson ainda não tinha certeza do que seria.

Zanil o atacou em seguida, deixando Pugan e Larn para trás.

Barson tomou uma decisão instantânea. Fingindo atacar o ombro esquerdo de Zanil, ele mudou de tática quando o homem o bloqueou e enfiou sua espada profundamente na coxa do oponente. O sangue jorrou do ferimento mas, para decepção de Barson, Zanil não parou. Em vez disso, ele continuou a atacar Barson, a cada passo fazendo com que cada vez mais sangue jorrasse do ferimento de sua perna. Era como se Zanil tivesse perdido todo o raciocínio, todo senso de autopreservação.

Uma terrível suspeita abalou a mente de Barson. Feitiçaria. Seus homens estavam, de alguma forma, sendo controlados.

Blasfemando, Barson se aproveitou dos movimentos desajeitados de Zanil e lhe deu um soco no rosto, derrubando-o. Naquele momento, Pugan e Larn foram para cima dele de novo. Embora não agissem de maneira coordenada, eles atacavam juntos, forçando Barson a recuar, enfrentando seu ataque furioso.

Tudo aconteceu em um movimento pouco claro. Pugan partiu para o antebraço de Barson, ocasionando outro ferimento. A dor foi aguda, mas lhe deu consciência. Vendo uma abertura na defesa de Pugan, Barson ergueu sua espada contra a garganta exposta do soldado, esquivando-se do ataque de Larn, ao mesmo tempo. Do canto do olho, ele viu o jovem soldado cair ao chão, seu sangue penetrando na areia derramada.

Não havia tempo para culpa ou arrependimento, já que Barson se sentia enfraquecer pela própria perda de sangue. Se ele não levasse a luta a uma conclusão rápida, ele morreria.

O que fosse que tivesse sido feito a Larn parecia tê-lo tornado um lutador melhor, de alguma maneira. O problema de Larn geralmente era deixar que suas emoções tomassem conta dele, mas agora ele parecia estar lutando com uma precisão fatal, metodicamente, sem paixão. Uma investida seguida por um bloqueio, seguido por um contra-ataque, repetidamente.

A luta prosseguia e Barson começou a sentir de forma mais aguda sua perda de sangue. Uma onda de tontura tomou conta dele, toldando sua visão. Larn investiu contra ele, naquele momento, e suas espadas se confrontaram. Reunindo suas últimas forças, Barson deu um soco no estômago de Larn, com

força, desesperadamente, esperando que a dor tirasse o homem do feitiço tomava conta dele.

Não aconteceu. Em vez disso, Barson sentiu uma queimação no seu ombro direito quando a espada de Larn penetrou em sua defesa.

Apesar do ferimento, a mão direita de Barson, instintivamente se moveu para bloquear o que teria sido um golpe fatal. Ao mesmo tempo, a mão esquerda de Barson pegou a espada de Larn com toda sua força. Dependia disto para desarmar o inimigo. Quase deslocando o ombro, Barson arrancou a espada de Larn, fazendo com que o objeto voasse pela sala.

Desarmado, Larn continuou sem emitir um som. Em vez disso, ele bateu no ombro ferido de Barson, fazendo com que se espalhasse uma explosão de dor. Xingando, Barson sentiu sua espada escorregar por entre seus dedos adormecidos. Quando a espada caiu ao chão, ele conseguiu chutá-la para o outro lado da sala.

Os dois estavam sem armas, a não ser por seus punhos, mas isso não diminuía nem um pouco o perigo. Larn lutava como um homem possuído e Barson fazia o possível para permanecer consciente enquanto tentava derrubar Larn com sua mão esquerda, ainda funcional.

Era um esforço fútil e Larn continuava a atacar com golpes ininterruptos no corpo ferido de Barson. Com a visão escurecendo, Barson fingiu tropeçar, como se estivesse desmaiando, e quando Larn veio para cima dele, Barson subiu com a mão direita em um terrível golpe de baixo para cima, ignorando a dor de seu ombro ferido. Indistintamente, ele achou ter ouvido o barulho de osso quebrado, mas não estava claro se era do pulso dele ou do queixo de Larn. E, então, tudo escureceu para Barson e ele finalmente perdeu a consciência.

## Capítulo 29: Blaise

Enquanto Blaise continuava trabalhando nos feitiços protetores, as pessoas começaram a chegar, uma família por vez. Não demorou muito e todos os cômodos da casa de Liva estavam repletos de moradores da vila. Crianças corriam, gritando de excitação, enquanto a maioria dos adultos estava sombria e assustada, tensa de ansiedade.

Enquanto isso, o tempo lá fora parecia piorar a cada segundo. A chuva açoitava as janelas e o vento aumentava, suas rajadas atingindo a casa com força impressionante. Cada lampejo de raio parecia cada vez mais próximo, cada ribombar de trovão mais ensurdecedor do que o anterior.

— Todos vieram para cá? — Blaise gritou, tentando ser ouvido apesar do ruído caótico das vozes, do vento e da chuva.

— Quando eu colocar os escudos nas casas ninguém poderá mais passar.

— Eu não sei — Liva gritou de volta, empurrando para o lado uns meninos para poder se aproximar dele.

— Muitos deles estão na outra casa em que Gala está trabalhando.

Blaise praguejou em silêncio. Devido à velocidade com a qual a tempestade se aproximava, era preciso que todos estivessem em segurança antes que fosse tarde demais. Ele não fazia ideia do quão terrível seria a tempestade, mas se fosse como contam as histórias, ele sabia que poderia ser fatal.

Como se para dar maior força a seus pensamentos, as persianas de madeira da janela da cozinha, já com madeiras, começaram a tremer, o vento fazendo-as bater com tal força que um painel se partiu, voando pelo aposento. Uma criança gritou e depois começou a chorar alto, e Blaise viu uma menininha com o braço sangrando. Ele hesitou por um segundo, querendo curá-la, mas havia uma tarefa mais importante que ele precisava realizar antes. Se ele não colocasse o escudo e fortalecesse logo as paredes da casa, todos estariam em apuros.

Quando Blaise estava terminando as últimas linhas de seu feitiço, ele ouviu um baque alto e depois outro e mais outro. Pareciam pedras caindo sobre a casa, cada barulho mais assustador do que o outro. Ele ouvia a madeira acima deles estalando e quebrando e ele sabia que teria que se apressar antes que o telhado caísse sobre eles. Um apertão gelado comprimiu seu peito quando ele se deu conta de que Gala estava lá, que ela estava enfrentando a tempestade sozinha.

— É granizo – alguém gritou.

— O granizo começou. Mãe, olha só o tamanho dos pedaços de gelo!

Forçando-se a ignorar os gritos de pânico, Blaise escreveu a última linha do feitiço e rapidamente verificou seu trabalho antes de colocar os cartões na Pedra.

Um minuto depois, o pior do barulho cessou, o escudo abafava o som do granizo. Levantando-se, Blaise correu para a porta, louco para retirar Gala da outra casa.

— Blaise, para onde você vai? — Liva gritou.

— É perigoso demais lá fora!

— Eu já volto — Blaise gritou de volta — Eu apenas preciso ir ver a casa do vizinho. E abrindo a porta, ele saiu.

\* \* \*

A visão que Blaise teve foi surreal. O céu estava de um roxo profundo e violento, com nuvens pesadas

que se estendiam até onde o olhar alcançava. Lampejos de raios dividiam intermitentemente o céu e o cheiro de ozônio era forte no ar. Além da barreira, o granizo terrível continuava, com pedras de gelo caindo do céu como se fossem seixos rolando pela lateral de uma montanha.

Olhando para baixo, incrédulo, Blaise viu que alguns pedaços de gelo embaixo de seus pés eram maiores do que sua cabeça. Se ele não tivesse colocado o escudo a tempo, o telhado teria sido destruído. Como estava, sua barreira não duraria muito durante aquele tipo de agressão, ele percebeu, olhando para cima com o brilho tremeluzente da bolha que cercava as duas casas.

Com o coração batendo rapidamente, ele atravessou a rua, as paredes da bolha forneciam proteção contra o granizo e o vento. Mesmo assim, ele sentia o estalar da eletricidade no ar e o pelo fino de suas costas se elevava em reação a isso.

De repente, um lampejo forte de luz o cegou e o chão vibrou debaixo de seus pés. Centelhas voaram fora da barreira e Blaise percebeu que uma árvore havia sido atingida por um raio e a força do impacto a havia partido.

Quase que imediatamente, houve outro lampejo seguido de outro estrondo de trovão. Ainda correndo, Blaise percebeu que o raio tinha atingido novamente a vila, dessa vez ateando fogo a uma das casas.

A tempestade estava piorando.

Batendo desesperadamente na porta da casa do vizinho, Blaise olhava, incrédulo, a força fatal que atingia a vila repetidamente, com o gelo derretendo onde os raios tocavam o solo.

— Blaise!

A porta se abriu tão repentinamente que ele saltou, assustado. Gala estava lá de pé, com uma expressão preocupada no rosto.

Tremendamente aliviado em ver que ela estava bem, ele a abraçou por um breve segundo.

— Venha — ele disse, se afastando.

— Precisamos voltar para a casa de Liva. Eu deixei minha Pedra lá inadvertidamente e preciso criar um novo escudo, já que esse não vai aguentar por muito tempo. Você terminou tudo?

Ela concordou.

— Eu acabei de fortalecer a casa. Uma mulher se feriu tentando chegar até aqui e eu a curei, por isso que demorei tanto.

— Que bom, vamos — Blaise disse de forma sintética, pegando a mão dela. Um raio atingiu a barreira e centelhas voaram por toda parte, quando ele viu que a bolha tremia ainda mais.

— Temos que voltar para lá, agora.

Eles correram para a casa de Liva enquanto a barreira tremia repetidamente, seu brilho se esmaecendo em pontos enquanto o granizo do tamanho de grandes pedras continuava a bater contra ela, e faíscas de raios repetidamente a atingiam.

— Rápido, entre! — Blaise empurrou Gala para dentro de casa na hora em que o escudo cedeu perante o ataque.

Ele mesmo estava a menos de trinta centímetros da porta quando ouviu um estalo assustador, seguido de uma dor tão intensa que tudo pareceu se escurecer para ele.

## Capítulo 30: Augusta

Correndo pelos corredores, Augusta ignorava os olhares pasmos que lhe davam os aprendizes e outros feiticeiros. Tudo que importava para ela agora era encontrar Barson. Para onde ele teria ido?

Como ela esperava, os aposentos dele estavam vazios. Com a respiração rápida e inconstante, ela parou para pensar por um instante. Havia um feitiço que ela podia fazer para ajudar na busca, ela percebeu, depois de um momento. Se Barson estivesse em algum lugar da vizinhança, talvez ela pudesse ouvi-lo.

Pegando seus cartões, ela desesperadamente começou a escrever. Dois minutos depois, ela ouviu camundongos guinchando nos corredores distantes e conversas do outro lado da Torre.

Ela ouviu um som que quase fez seu coração parar. O tilintar de metal batendo contra metal. Vinha do alojamento de treinamento da Guarda.

Augusta correu até lá com o máximo de velocidade que pôde.

Virando a esquina, ela viu Barson engajado em um combate mortal com seu amigo Larn. Dois outros homens estavam caídos no chão, cercados por areia e sangue. Quando ela abriu a boca para gritar o nome de Barson, ela viu os dois homens tombarem no chão, e uma poça de sangue se espalhando de seus corpos.

— Não! — Augusta não fazia ideia de como ela conseguira chegar do outro lado da sala, mas de repente ela estava lá, ajoelhada ao lado de Barson. Ela ouvia sua respiração difícil e lágrimas de gratidão rolaram pela face dela. Ele não estava morto. Pelo menos ainda não. Com as mãos trêmulas, ela pegou seus cartões e começou a fazer um feitiço de cura.

Era uma corrida contra o tempo. O feitiço precisava ser preciso, mas a cada segundo que passava, Barson perdia cada vez mais sangue. Com a audição aumentada, Augusta ouvia o coração dele funcionando cada vez com mais dificuldade enquanto seus pulmões lutavam para captar o máximo de ar. Ela tentou se concentrar, não perder o foco, mas lágrimas atrapalhavam sua visão, os cartões ficando manchados do sangue que parecia vir de toda parte.

Com uma última batida descompassada, o coração de Barson parou.

Augusta queria gritar. *Não*. Ela não ia deixar aquilo acontecer. Ela não podia deixar. O feitiço ainda não estava completo, mas ela começou a colocá-lo na Pedra assim mesmo, usando uma das mãos para colocar o cartão e a outra para escrever as últimas linhas.

Finalmente o feitiço ficou pronto.

Ela aguardou com a respiração presa até que os ferimentos começassem a sarar, mas nada aconteceu.

Todo seu corpo começou a tremer. Rastejando-se para cima de Barson, Augusta começou a pressionar ritmadamente o peito dele com as mãos, tentando que o músculo cardíaco funcionasse de novo. Abaixando-se, ela colocou sua boca na dele e começou a soprar ar para os pulmões dele. Augusta nunca havia feito esse tipo de cura manual antes. Ela não sabia se estava fazendo direito, mas não importava. Ela não podia desistir, não podia deixar Barson morrer. Parecia que ela estava fazendo aquilo há uma eternidade, mas havia passado apenas alguns momentos até que ela ouviu um batimento fraco.

Rindo e chorando, ela se afastou sentada e observou o feitiço começando a fazer efeito, os ferimentos lentamente se refazendo e o tecido danificado começando a se unir de dentro para fora.

Quando Barson estava totalmente sarado, ela voltou sua atenção para Larn. O soldado estava caído, inconsciente, no chão, com a mandíbula quebrada. Sentindo-se extremamente sugada, mesmo assim

Augusta conseguiu escrever outro feitiço para ele, tanto para livrar a mente dele da influência de Ganir, quanto para sarar seus ferimentos.

Ao terminar, ela não tinha mais energia para os dois outros homens. Um deles parecia estar morto há muito, e o outro estava simplesmente apagado. Sentindo que iria desmaiar a qualquer momento, Augusta se encaminhou desgastada para seus aposentos. Haveria uma reunião do Conselho em poucas horas e ela precisava muito descansar. Ela precisava estar em sua melhor forma naquela reunião.

Seu último pensamento antes de ela desmontar na cama foi que ela devia ter matado Ganir.

## Capítulo 31: Barson

Barson voltou a si no chão da sala de treinos coberto de sangue e areia. Para sua surpresa nada doía demais, ou não doía mesmo, ele percebeu ao ficar de pé.

Ouvindo um gemido, ele se virou e viu Larn caído em cima de Znil, que parecia lentamente recobrar a consciência.

— Explique-se — Barson disse com a voz rouca, olhando em volta ao procurar sua espada. Ao vê-la no chão, ele foi até lá para pegá-la, apesar de parecer que Larn tinha recobrado os sentidos.

Larn se virou para ele.

— Barson, eu não sei o que aconteceu.

Seus olhos estavam arregalados, seu rosto de uma palidez incomum.

— Fomos atacados?

— *Eu* fui atacado — Barson olhou para o amigo com os olhos apertados.

— O que foi aquilo? Você enlouqueceu?

— Como assim?

Larn parecia confuso.

— A última coisa de que lembro é de estar bebendo vinho na taverna. Será que bebi demais? Como vim parar aqui na Torre e o que aconteceu conosco?

Barson inspirou profundamente. Era o que ele tinha suspeitado. Alguém, e ele tinha boa ideia de quem, tinha feito seus próprios homens se voltarem contra ele. Suas entranhas se revolveram pelo ódio e Barson começou a explicar tudo a Larn, inclusive suas suspeitas sobre o feitiço em mentes.

— E agora? — Larn perguntou quando Barson terminou. Suas sobrancelhas formando uma ruga de preocupação.

— Se Ganir sabe que estamos vivos, isso muda tudo.

— Não necessariamente — Barson disse.

— Tem uma reunião do Conselho esta noite. Vashel descobriu como escutar tudo. Eu não quero fazer nada apressado até sabermos mais.

Enquanto saíam do local, com anil e Larn a carregar o corpo de Pugañ, Barson pensou que ele ainda deveria estar sangrando.

Alguém havia curado seus ferimentos.

A pergunta era: quem?

## Capítulo 32: Gala

Gala entrou aos tropeços na casa de Liva, empurrada por Blaise. Recuperando-se rapidamente, ela se virou para dizer alguma coisa e viu Blaise cair quando um enorme pedaço de granizo o atingiu na lateral da cabeça.

O coração dela pareceu parar de bater. Ela não teve total consciência de pegá-lo e de arrastar seu corpo para a sala, mas deve ter feito isso, porque ela se viu agachada diante do corpo inconsciente de Blaise no meio da cozinha, cercada por Maya, Esther e os moradores da vila.

Ele sangrava muito, uma poça vermelha se formava a partir do ferimento na cabeça dele e Gala sabia que ela tinha que fazer alguma coisa para ajudá-lo. No entanto, o pânico não a deixava pensar claramente, pois suas emoções estavam caóticas e fora de controle. O granizo açoitava a casa com força mortal e ela ouvia as mulheres gritando enquanto partes do telhado começavam a cair. Ela sabia que precisava se acalmar, se controlar, mas tudo que ela conseguia ver era Blaise e seu terrível ferimento.

— Gala, eu preciso que você se concentre. Você está me ouvindo? Por favor, se concentre.

Era Liva, com a voz calmante e consistente, penetrando a neblina de medo angustiante que toldava a mente de Gala. Respirando fundo, Gala tentou seguir o conselho dela, percebendo que ela estava prestes a perder o controle de seus poderes novamente, algo que poderia ser desastroso para todos os interessados.

— Gala, está tudo bem, ele está respirando.

Era Esther falando com ela agora, e Gala sentiu que seu pânico diminuiu. Buscando no âmago de seu ser, ela pensou em tudo que havia aprendido até ali e tudo que Blaise lhe ensinara e, simultaneamente, começou a trabalhar em dois feitiços.

Um minuto depois, o bombardeio de granizo fatal parou quando o escudo substituto de Gala entrou em ação. Ao mesmo tempo, a cabeça ferida de Blaise começou a se curar quando ela fez uma versão mais objetiva de um feitiço de cura usado nos soldados, anteriormente. Ele ainda estava inconsciente, mas ela sabia que logo ele estaria bem.

Tremendo, Gala ficou de pé. Ela não sabia que o medo poderia ser tão paralisante, que quase perder Blaise podia toldar sua mente daquela forma. Ela jamais queria vê-lo em perigo novamente. Ela jamais permitiria que ele corresse perigo novamente.

— Gala, você se lembra de quantas pessoas havia na outra casa, aproximadamente? — Liva perguntou, com um tom cheio de ansiedade, agora que o perigo imediato a Blaise tinha terminado.

— Todos conseguiram ficar a salvo?

— Havia vinte e oito adultos e cinco crianças — Gala respondeu, instantaneamente se lembrando do leiaute da casa de onde acabara de sair e mentalmente contando as pessoas que estavam lá.

— Tem certeza? — Liva perguntou, com um ar de preocupação no rosto.

— Havia somente trinta e três pessoas lá?

Gala concordou. Ela tinha certeza.

— Quantas devia haver?

— Pelo menos quarenta — Liva falou, desesperada.

— Eu acho que ainda deve ter ficado uma ou duas famílias lá, fora da proteção que você e Blaise criaram para nós.

O sangue de Gala congelou. Havia pessoas fora da proteção do escudo? Se ainda estavam vivas, não ficariam por muito tempo, a não ser que ela os trouxesse para segurança imediatamente.

Correndo para a porta da frente, ela a abriu novamente e saiu. Ela ouvia que Blaise começava a acordar, mas a última coisa que ela queria era colocá-lo em perigo de novo ou que ele a impedisse de ajudar aquelas pessoas. Ela tinha que agir e tinha que fazer isso agora, antes que fosse tarde demais.

Saindo pela rua, Gala olhou rapidamente para a vila. Várias casas por perto estavam pegando fogo por causa dos raios, enquanto muitas outras estavam em escombros pelo vento e pelo granizo. Os raios e trovões não paravam em uma agressão infinita aos sentidos, mas o pior de tudo era algo que ela via à distância, uma coluna como um funil ligando o céu com o terra.

Um furacão. Ela tinha lido brevemente sobre eles em um dos livros.

Ela sentia que ele se aproximava, sentia seu poder destrutivo. Mesmo com o barulho do granizo que açoitava sem parar, ela podia ouvir o rugir do monstro que se aproximava.

Dois monstros na verdade, ela percebeu com um calafrio que ia até os ossos quando viu outro furacão mais longe, no leste. Então, ela viu um terceiro e um quarto. Era uma parede de furacões que pareciam vir direto para a vila.

Uma estranha clareza surgiu na mente de Gala. Ela começou a fazer os cálculos, a pressão do ar, a temperatura, a direção e a velocidade dos diferentes ventos. Tudo apontava para uma conclusão. Quando os furacões os atingissem, o escudo seria destruído em segundos e assim seria com todos os subsequentes que ela criasse.

Se ela não surgisse com outra forma de protegê-los, todos morreriam.

Sentando-se no chão, Gala começou a respirar da forma como Blaise lhe ensinara. Quando seu batimento cardíaco diminuiu, ela pode sentir que começava a flutuar como antes, mas dessa vez ela não parou.

Em vez disso, ela se concentrou em seu primeiro feitiço.

Ela iniciou tentando alterar a temperatura. Isso exigia fazer com que as moléculas do ar se movessem mais rapidamente em um determinado espaço, só que o espaço tinha que ser bem amplo para causar qualquer diferença na tempestade. Enquanto trabalhava, ela voava para mais perto do escudo e a mente dela permitia que ela o abrisse e fechasse em segundos, deixando que seu corpo passasse. Agora, ela estava totalmente exposta aos elementos e ela podia sentir o efeito da mudança de temperatura no ar. Em vez de atingir a pele dela, o granizo derretia, virando água gelada em torno dela. Já era um progresso, mas o trabalho dela havia só começado.

Ela agora estava alta o bastante para ver a vila embaixo, com os furacões se aproximando rapidamente. Para manter o medo à distância e para solidificar sua concentração, Gala fechou os olhos. Ela sentia o chiado da eletricidade no ar, sentia o cheiro de ozônio dos raios, mas ela ignorava tudo, concentrando-se apenas com a tarefa diante dela.

Ela seria difícil, mas a única forma de salvar a vila. Realizando agilmente milhares de cálculos necessários em sua mente, Gala abriu os olhos e desencadeou a força necessária contra a tempestade.

O ar começou a se mover em volta dela, cada corrente e contracorrente se misturando em perfeita harmonia. Cada golpe dos ventos da tempestade ia de encontro a um dos criados por ela, as forças se neutralizando até que parecesse que o vento não estaria mais lá. Era um processo lento e laborioso, mas Gala sentia que ele funcionava. Em minutos, as nuvens densas se deslocaram, criando uma abertura na tempestade, uma abertura que abrangia a área em torno da vila.

Em todos os outros locais a tempestade tinha a violência de antes, mas o céu acima da vila começou a ficar claro, uma fenda de céu pontilhado de estrelas parecia espreitar através da escuridão.

## Capítulo 33: Augusta

— Onde está Ganir? — Jandison perguntou alto, dirigindo-se para o resto do Conselho. Era uma reunião marcada regularmente e ninguém se atrasava sem uma boa desculpa.

Augusta estava sentada, calada, sem querer chamar atenção para si. A última coisa que ela queria era, de alguma forma, estar comprometida com o desaparecimento de Ganir.

— Alguém sabe onde ele está? — Jandison repetiu, olhando em torno da sala.

— Posso saber — Dania disse, mexendo na bolsa.

— Eu tenho um feitiço localizador dele. Nós colocamos um em cada um, há alguns anos, só por precaução. Eu nunca o verifico, mas eu posso fazer isso.

Augusta sentiu que o sangue havia fugido de sua face. Havia boa chance de Ganir ter morrido durante sua experiência de teletransporte. E se assim fosse, Dania saberia disso, já que o feitiço localizador só ficava ativo se a pessoa que o portava estivesse viva.

— Alguém tem um mapa de Koldun? — Dania perguntou, levantando os olhos da bolsa, enquanto Augusta observava aterrorizada Moriner dar o objeto solicitado para Dania.

A idosa imediatamente começou a murmurar palavras de um feitiço de revelação, um feitiço verbal rápido necessário para mostrar a localização no mapa. Alguns minutos depois, um ponto azul brilhante apareceu no mapa, bem no meio do território de Ganir.

Augusta soltou a respiração que tinha prendido. Afinal, Ganir estava vivo. O experimento de teletransporte que ela fez tinha dado certo.

— Parece que ele foi para casa — Dania disse, parecendo confusa.

— Por que ele faria isso sem dizer para ninguém?

— Talvez porque ele discordasse da última votação e demonstrasse seu desdém pelo Conselho não vindo à reunião? — Kelvin sugeriu, inclinando sua cadeira para frente.

— Tenho certeza de que Ganir tem um bom motivo para não estar aqui — Augusta disse com benevolência, se recuperando de seu pânico anterior. De certa forma, Dania tinha lhe feito um favor. Ninguém devia suspeitar de qualquer delito agora.

— De qualquer modo, o protocolo reza que, na ausência de um dos membros, a reunião deve continuar normalmente — Jandison disse, com os olhos brilhando.

— Não podemos deixar que a relutância de Ganir nos impeça de fazer a coisa certa.

— Não, não podemos — Kelvin concordou.

— Precisamos cuidar disso de uma vez por todas.

— Nem sabemos onde a tal criatura está — Dania objetou — Então, o que vamos fazer? Varrer toda Koldun procurando por ela?

— Dania — Augusta disse lentamente, pensando na melhor forma de dizer isso — Você consegue alterar o parâmetro de tempo do feitiço revelador para mostrar a localização de Ganir na semana passada? Talvez haja outro motivo para ele não estar aqui hoje.

Dania franziu o cenho.

— O que você está querendo dizer?

— Ela tem razão — Jandison falou, aparentemente entendendo a situação.

— Todos sabemos como Ganir era próximo dos filhos de Dasbraw. Por que não modifica os parâmetros, Dania, como Augusta sugeriu?

Augusta notou que Jandison parecia estar sentado de forma mais ereta, sua postura e seu

comportamento mais confiante do que o normal. Ele estava assumindo o papel de Líder do Conselho, percebeu ela com certa diversão.

Mesmo assim, ela via que Dania não estava disposta a ceder. A idosa precisava de uma cutucada.

— Seja cuidadosa com o mapa ao fazer isso — Augusta disse suavemente, sabendo que Dania seria a única a entender a referência.

— Documentos antigos podem ser bem frágeis...

Dania abriu a boca e depois a fechou. Ela entendeu bem. Se ela não fizesse o que Augusta pedira, os pergaminhos que Augusta lhe dera, os que continham os escritos de Lenard, poderiam ser atingidos. Era um dilema, violar a privacidade de Ganir ou deixar que os preciosos pergaminhos fossem destruídos, e Augusta queria ver o que a idosa ia fazer.

— Tudo bem — Dania disse, cedendo abruptamente.

— Vamos ver o que posso fazer.

Depois de mais um feitiço revelador, o mapa mostrou uma série de pontos azuis mapeando a localização de Ganir. Havia uma trilha clara para as montanhas no oeste, uma trilha que parava onde parecia ser um cânion.

— Que interessante — Kelvin falou, com um sorriso largo no rosto.

— Parece que Ganir tem viajado bastante ultimamente.

— De fato — Jandison parecia realmente feliz.

— Eu não consigo pensar em nenhum motivo para Ganir sair de Turingrad, a não ser um.

— Ele deve ter estado em contado com Blaise o tempo todo — Augusta falou, como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer.

— E se for o caso, talvez seja onde a criatura esteja escondida. Bem ali, em algum lugar em torno daquele cânion.

Dania cerrou os lábios, irritada, mas não falou nada. Augusta sabia que ela tinha colocado a idosa em uma situação insustentável, mas ela não se importava. O fato importante era que o Conselho tinha chegado exatamente a mesma conclusão que Augusta esperava que chegasse, que Ganir era um traidor e que sabia a localização de seus inimigos.

— Então, o que fazemos agora? — Moriner perguntou, olhando para Jandison.

— Se realmente estão lá, então precisamos criar um plano de ação. Todos vimos como a criatura é poderosa. Não podemos chegar lá despreparados.

— Não, não podemos — Augusta concordou.

— De fato, eu já comecei a pensar em alguns feitiços.

— Precisamos de algo poderoso e precisamos um bom plano de coordenação — Kelvin interrompeu, dizendo o óbvio.

— Eu tenho algo que poderemos usar — Augusta disse, quase incapaz de esconder sua empolgação nervosa.

— Eu o chamo de feitiço da fusão. É poderoso, muito mais poderoso do que tudo que já viram. Se feito corretamente, certamente nos permitirá separar a água em oxigênio e hidrogênio e depois fazer com que o hidrogênio se funda, tornando-se hélio.

Ela então prosseguiu explicando o que isso significaria e como o poder desencadeado seria semelhante ao poder que alimentava o sol e as outras estrelas.

O silêncio que se seguiu à explicação foi ensurdecedor.

— Mas espere — Gina falou, encarando Augusta — Segundo sua matemática, a energia liberada nesse evento seria incomensurável. Certamente nos mataria junto com a criatura.

Augusta concordou. Ela não podia culpar a jovem colega por estar temerosa. Se não fosse controlado, o feitiço poderia matar mais do que eles. Se seus cálculos estivessem certos, o feitiço seria capaz de destruir meia Koldun.

— Eu tenho uma forma de contê-lo a uma pequena área —ela disse a Gina.

— Seria um feitiço defensivo complexo, mas eu tenho confiança de que pode ser feito e que poderemos assegurar nossa segurança.

— Precisamos estudar mais isso — Jandison falou.

— Devido à grandeza do poder destrutivo desencadeado por esse seu feitiço da fusão, devemos usar essa medida somente se não tivermos escolha.

— Concordo — Moriner falou.

— Claro — Augusta disse.

— Eu ficaria feliz em usar meios mais convencionais contra a criatura. Alguém tem alguma sugestão?

— Bem — Jandison falou — Olha só minha proposta...

E eles seguiram criando um plano que parecesse ter êxito e Augusta saiu da reunião se sentindo bem mais confiante sobre as possibilidades. Se tudo desse certo, seu feitiço da fusão não seria necessário e ela certamente não precisariam utilizar seu plano C.

## Capítulo 34: Barson

— Você foi até a sala de treinamento da Torre? — Barson perguntou a Dara, sentado à mesa dela.

— Ou você colocou algum tipo de escudo protetor em mim, algo que pudesse curar ferimentos quando ocorressem?

— O quê? Que tipo de feitiço seria esse?

Ela olhou para ele, surpresa.

— Eu nunca ouvi falar de um feitiço de cura antecipado. Por que está perguntando isso?

Franzindo o cenho, Barson contou a ela sobre o ocorrido com Larn e os outros. Enquanto ele falava, o rosto dela empalidecia.

— Um de vocês poderia ter morrido — ela sussurrou, com o olhar repleto de horror.

— Barson, obrigada por você não tê-lo matado. Eu ouvi rumores sobre os truques de controle mental de Ganir, mas eu nunca pensei que ele fosse capaz de fazer algo assim.

Barson fez um gesto de desdém com a mão.

— Claro. Eu jamais mataria Larn. Mas se você não me curou — ele disse, retornando a sua preocupação original — Então, quem foi?

— Augusta? — Dara sugeriu — Ou talvez um de nossos aliados, embora eu não saiba o que qualquer um deles estaria fazendo no alojamento da Guarda.

— Bem, certamente não foi Vashel — Barson disse, pensando na conversa que ele tivera com seu aliado.

— Ele me contou o que ouviu da reunião do Conselho e tenho certeza de que ele teria mencionado se tivesse me feito um favor tão grande assim.

— O que ele disse? — Dara interrompeu e Barson lhe contou sobre a ausência de Ganir e dos planos do Conselho com relação à criatura.

— O feitiço sugerido por Augusta parece muito perigoso — Dara falou, com os olhos arregalados de surpresa e de uma relutante admiração.

— Mas devo confessar, sua amante é brilhante. Muito brilhante...

— E também muito teimosa — Barson falou, começando a ficar novamente zangado ao lembrar da briga que acabara de ter com Augusta.

— E muito arrogante quanto se trata das habilidades dela.

Ao olhar interrogador de Dara, ele contou à irmã sobre o que havia acontecido, explicando como a briga tinha ficado fora de controle antes que ele pudesse falar com ela sobre seus planos para a Torre.

— E o que pretende fazer com relação a ela? — Dara perguntou quando ele terminou.

— Eu não sei — Barson admitiu.

Ele detestava o fato de não ter conseguido fazer com que Augusta ficasse na Torre, onde ele poderia cuidar de sua segurança. Gostando ou não, com as coisas como estavam, ele não podia forçá-la a fazer nada.

— Eu não gosto da ideia de ela ir atrás da tal criatura, mas eu não sei como impedi-la — ele falou, frustrado.

Se Augusta fosse uma mulher comum, seria fácil. Ele poderia trancá-la num quarto e mantê-la ali. Mas com uma feiticeira, as coisas eram mais complicadas.

Dara lhe deu um sorriso solidário.

— É isso que acontece quando você se apaixona por uma feiticeira — ela disse, como um eco

dos pensamentos dele.

— Se ela quer ir, você tem que deixá-la ir e esperar o melhor. Se alguém é capaz de obter bons resultados, esse alguém é Augusta. Além do mais, não tem outra escolha. Estamos perto demais de nosso objetivo para que você se distraia com esse assunto.

Barson concordou, mas com o maxilar bem rígido. Ele sabia que a irmã tinha razão. Ele não podia gastar sua energia lutando contra Augusta agora, não quando havia tanta coisa em jogo.

— Sim — ele concordou, forçando seus pensamentos a se afastarem de sua amante.

— Não há tempo a perder. De acordo com Vashel, o Conselho vai partir para as montanhas amanhã, o que significa que precisamos finalizar nossos planos esta noite.

## Capítulo 35: Blaise

Recobrando lentamente a consciência, Blaise viu que se sentia perfeitamente bem, um fato que o surpreendeu, já que sua última lembrança era da tempestade. Abrindo os olhos, ele viu Maya, Esther e alguns moradores da vila em volta dele, com os rostos bem preocupados.

— O que aconteceu? — ele perguntou, tornando-se ciente de um silêncio anormal. O barulho ensurdecedor da tempestade tinha parado. Ele ainda ouvia um ribombar ocasional de um trovão, mas agora estava distante, como se a tempestade tivesse passado. O coração dele saltou quando ele notou que Gala não estava à vista.

— Onde ela está?

— Você deve procurar lá fora, Blaise — Maya disse, com uma estranha expressão no rosto.

Franzindo o cenho, Blaise ficou de pé. As pessoas se afastaram, deixando que ele passasse e ele se encaminhou para a porta. Abrindo-a com cuidado, ele olhou para fora, esperando ser açoitado pela chuva ou pelo vento, mas estava tudo calmo. Será que Gala tinha conseguido colocar o escudo?

Saindo, ele olhou para o céu e o que viu o fez parar de respirar por um momento.

O céu exatamente acima estava claro, mas nas orlas, a tempestade continuava. Ele via raios que saíam das nuvens escuras em um ataque sem fim e também os furacões, à distância, mas nada daquilo tocava a vila ou a área imediatamente próxima dela.

A única marca no céu iluminado pela lua era um pequeno ponto perto da orla das nuvens negras.

Ouvindo passos atrás dele, Blaise se virou e viu Maya e Esther ali, de pé, olhando para o céu.

— Cadê a Gala? — ele perguntou — O que está acontecendo?

— Não está vendo? — Esther disse de forma reverenciosa, apontando para cima — Ela está lá.

Olhando para cima, Blaise olhou com mais atenção para o ponto que ele havia notado antes. Ele não conseguia distinguir o que era, mas era fácil de adivinhar. Correndo de volta para a casa, ele pegou um de seus feitiços já preparados e o colocou na Pedra. Um segundo depois, a visão dele ficou aguçada como a de uma água e sua audição aumentou.

Saindo para a rua de novo, ele olhou para o céu com o coração batendo forte no peito.

O pontinho era realmente Gala. Ela estava flutuando no ar, com uma expressão calma e quase que bem-aventurada no rosto. Seus olhos estavam fechados e os lábios curvos em um leve sorriso. Ela estava linda e extremamente tranquila, e ela era quem controlava a tempestade, ele percebeu com um frio percorrendo sua espinha.

A mente dele vacilou com a magnitude do que ele testemunhava. A complexidade estava além de sua compreensão. Ela não somente criava padrões climáticos, mas ela estava diretamente reagindo contra a tempestade. Aquilo parecia impossível.

Por um instante, uma premência de ir até ela e de trazê-la de volta, para a segurança foi quase que subjugante, mas Blaise se impediu, sabendo que interromper a concentração dela poderia ser fatal. Ela estava no controle, naquele momento, e precisava ficar assim para a segurança de todos, não obstante a preocupação dele pela segurança dela.

Voltando sua atenção para o solo, ele viu a mesma surpresa e choque refletido no rosto dos moradores da vila que tinham saído da casa.

— Ela é impressionante, não é? — Liva falou baixo, olhando para o céu, e Blaise concordou.

Ele sabia que um novo mito havia nascido.

Com o perigo imediato da tempestade desviado, Blaise se concentrou em ajudar a vila a cuidar da devastação que ela havia deixado. Começaram buscando sobreviventes entre os que não tinham conseguido chegar à segurança antes de o pior da tempestade acontecer. Com sua audição aumentada, Blaise conseguiu localizar cinco pessoas soterradas embaixo dos destroços de suas casas e curar seus ferimentos. Enquanto isso, os moradores da vila encontraram um casal de idosos que já não podia ser ajudado por ele, esmagados pelo telhado de sua casa.

Quando todos foram contabilizados, começaram a avaliar os prejuízos nas casas. Além da casa de Liva e da de seu vizinho, nenhuma outra casa estava habitável. Várias casas haviam sido queimadas por raios, enquanto o granizo tinha destruído o telhado de muitas outras.

Tinha sido um desastre terrível.

— Vamos levar anos para nos — Liva sussurrou com os olhos marejados de lágrimas ao olhar para a pilha de escombros no lugar onde antes havia casas.

— Em todos meus anos aqui, eu nunca vi uma tempestade tão forte. Geralmente há danos, mas nunca perdemos tanto.

O coração de Blaise ficou apertado pela piedade. Ele não podia nem imaginar o que aquelas pessoas pensavam, como elas deviam estar devastadas. O que mais o incomodava era o olhar de derrota no rosto daquelas pessoas estoicas. Elas tinham sobrevivido a tanto, para serem forçadas a começar tudo de novo.

Olhando em torno, uma ideia começou a surgir na mente dele. Ele e Gala não poderiam ficar por muito tempo, mas antes de partirem, havia algo que ele poderia fazer para que os moradores da vila não sofressem isso novamente. Ele poderia usar a feitiçaria para ajudá-los a reconstruir e ter a certeza de que as casas construídas fossem muito mais fortes do que as estruturas que haviam perdido. As casas em Turingrad eram geralmente feitas de pedra e eram muito mais robustas por causa disso.

Não levou muito tempo para reunir as pedras do tamanho e do formato certo. O feitiço para furá-las era bem fácil, o buraco interior era um meio círculo, cujo código era direto. A abertura da porta era mais complicada. Mesmo assim, embora longe de ser um construtor de casas de pedra, Blaise conseguiu criar um feitiço para uma abertura bastante uniforme para o espaço vazio dentro de cada pedra.

Agora, ele tinha casas de pedra em miniatura.

Era hora de criar outro feitiço. Este era mais cheio de nuances, já que ele precisava de moléculas de pedras multiplicadas na quantidade e no alinhamento certo. Após uma hora de código concentrado, Blaise se encaminhou para o que era a praça da vila, colocou sua pedra no meio e se afastou, colocando o cartão de feitiço na Pedra Interpretadora.

Um minuto depois, apesar de não ser a casa de forma estética mais aprazível, ela era feita de rocha sólida e muito mais durável do que qualquer coisa feita de madeira. Alguns outros feitiços trataram de criar as janelas.

A primeira casa estava feita.

Agora Blaise tinha que criar mais vinte delas.

Várias horas depois, exausto de não parar de usar códigos, Blaise olhou para cima para verificar como estava Gala. Ela ainda flutuava lá, com os olhos fechados. No entanto, a tempestade em volta da vila estava começando a amainar, as nuvens negras lentamente se dissipando e os lampejos de raios se tornando menos frequentes.

Ele não fazia ideia do que ela estava sentindo ou da quantidade de esforço necessário para

controlar uma força tão poderosa da natureza. Ela parecia bem tranquila, mas ele ainda se preocupava com ela. A essa altura, no entanto, ele só podia esperar que a tempestade passasse e que ela descesse.

Enquanto ele continuava a progredir com as casas de pedra, os moradores começaram a se reunir em torno dele, observando com assombro.

— Blaise, estas casas que criou são como fortalezas — Ara exclamou, andando até uma das estruturas.

— Eu acho que elas aguentam até uma tempestade com essa que acabamos de ter.

— A ideia é essa — Blaise respondeu, dando-lhe um sorriso cansado.

— Claro, vocês ainda precisam construir paredes internas para dividir em vários aposentos, mas pelo menos a estrutura externa básica está pronta. Eu também adicionei alguns marcadores de odores nas paredes externas das casas para que afastem os ursos-lobos e outras criaturas de seu gênero de Alania.

Ao pensar nisso, Blaise se lembrou que ele ainda precisava dar aos moradores algumas sementes com feitiço, para que eles pudessem plantar frutas e legumes que sobrevivessem a tempestades. Felizmente, ele tinha uma pequena quantidade delas guardada na casa dele, no cânion. Ele teria que se lembrar de pegar as sementes na próxima vez que ele e Gala fossem até lá. Ele também queria dar uma Pedra Interpretadora para Liva. Isso levaria um tempo para ser feito, mas ele tinha os materiais para isso na casa dele.

— Vocês vão partir em breve, não é? — Esther perguntou de forma calma, chegando-se a ele. Ele tinha contado a ela, antes, sobre a visita de Ganir e ela sabia que ele e Gala não poderiam ficar na vila por muito tempo.

— Sim, temos que ir — Blaise hesitou por um instante — Você e Maya vão ficar aqui, não?

Esther concordou.

— Estamos ficando muito velhas para viajar de um lado para outro da montanha — ela falou, com pesar.

— E eu acho que podemos ajudar essas pessoas. Não há parteiras aqui.

Blaise sorriu para ela.

— Claro, eu entendo.

Ele sentiria falta das duas mulheres, mas ele não queria arrastá-las em suas viagens. De qualquer forma, elas já tinham deixado suas vidas confortáveis para trás por causa dele.

— Eu gostaria de podermos ficar, mas eu acho que estaria colocando todos em perigo, ao ficar aqui. Se vierem atrás de nós, não iremos calmamente, e as coisas podem se tornar violentas.

O queixo de Esther tremeu.

— Por que não deixam você em paz? — ela falou, frustrada — Você não está fazendo mal a ninguém.

— Eles têm medo — Blaise disse — De Gala, do desconhecido...

Os lábios de Esther se apertaram quando ela olhou para o céu.

— Se eles soubessem realmente quem ela é, perceberiam que é uma tolice — falou ela veementemente.

Blaise concordou.

— Eu sei, mas eles nem raciocinam, e é por isso que precisamos partir.

— E quando vocês vão?

— Assim que pudermos — Blaise respondeu, olhando para cima, para a figura pequenina de Gala no céu.

— Assim que pudermos...

## Capítulo 36: Gala

A mente de Gala estava tranquila. Ela se concentrou na respiração e na tempestade pelo que parecia anos, mas poderia facilmente ter sido apenas minutos, era difícil saber, naquele estado. Com o tempo, ela sentiu que sua concentração estava diminuindo e ela lentamente abriu os olhos.

A tempestade tinha passado, com apenas algumas nuvens perdidas permanecendo à distância. Soltando um suspiro de alívio, ela permitiu que seu corpo descesse lentamente.

Olhando para baixo, ela ficou chocada ao ver a vila transformada. Havia uma espécie de novas estruturas, construções que pareciam pedras arredondadas que ela notou pela vila, só que elas eram gigantescas, do tamanho de casas. Os moradores estavam nas ruas, observando a descida dela.

Ao se aproximar, ela ouviu que eles a saudavam e batiam palmas. Blaise estava lá, silencioso, com uma expressão inexpugnável no rosto.

Quando seus pés tocaram o solo, ele já estava lá, puxando-a para lhe dar um abraço. Ela sentiu que o corpo dele tremia e percebeu que ele havia temido por ela, que ele se preocupou com ela tanto quanto ela se tinha se preocupado por ele. Por um minuto, ele simplesmente a segurou forte, sem dizer palavra, mas então os braços dele a soltaram e ele a afastou para encará-la.

— Como você se sente? — ele perguntou de forma calma, olhando para ela.

— Você parece exausta.

— Na verdade, eu me sinto maravilhosamente bem — ela admitiu, olhando para ele. Ela sentia uma espécie de energia reprimida e de animação. Ela não estava cansada. Em vez disso, ela se sentia poderosa, como se pudesse mover montanhas ou lutar contra outra tempestade.

Claro, parte do que ela sentia não tinha nada a ver com as consequências de ter controlado a tempestade, mas tudo tinha a ver com o próprio Blaise.

— Você não se sente cansada? — Blaise parecia chocado.

— Você ficou lá em cima por quase vinte horas.

Gala sorriu para ele.

— Eu, na verdade, me sinto melhor do que me sentia antes.

Enquanto Blaise olhava pasmo para ela, ela se deu conta de que a vila inteira tinha se reunido em torno deles. Deslizando o braço para a cintura de Blaise, ela se voltou para olhá-los.

Maya e Esther a observavam com orgulho, enquanto os outros pareciam emudecidos pelo respeito. Por um momento, ela se deu conta do estranho sentimento humano de vergonha, mas rapidamente passou e ela sorriu para eles, feliz em ver que todos que ela conhecia estavam bem.

— Venha, vamos para minha casa — Blaise disse, olhando para ela.

— Se você não estiver cansada, eu gostaria de pegar alguns itens de magia para a viagem que faremos. Amanhã de manhã voltamos aqui para nos despedir.

— Já vamos partir? — Gala franziu o cenho desapontada.

Ela sentia que estava começando a conhecer as pessoas na vila e não queria partir.

— Para onde vamos?

— Eu ainda não sei — admitiu Blaise — Mas não quero colocar ninguém em perigo permanecendo aqui. Você ouviu o que Ganir me contou. É possível que já tenhamos ficado tempo demais.

Gala reprimiu sua decepção. Ela sabia que Blaise tinha razão. A última coisa que ela queria era que alguém se ferisse por causa dela. Além do mais, poderia haver coisas interessantes no mundo, lá fora, e ela sentiu que sua curiosidade começou a despertar lentamente quando ela pensou nas maravilhas

que tinha para ver.

— Tudo bem — ela disse, com um sorriso reaparecendo em seu rosto — Então vamos até a sua casa.

\* \* \*

Depois de verificar se as pessoas estavam se instalando em suas casas novas, eles pegaram a espreguiçadeira de Blaise e voaram para o cânion. No caminho, Blaise fez a Gala perguntas detalhadas, tentando aprender como ela tinha sido capaz de controlar a tempestade.

Gala tentou ao máximo explicar exatamente como tinha sido. Se pelo menos ela pudesse, de alguma forma, fazer com que Blaise vivenciasse aquilo... E então, ela lembrou da Captura de Vida. Talvez com o feitiço certo ela pudesse criar uma gota. Ela guardou a ideia para depois. Agora, ela fez o possível para explicar como tudo dependia de ficar calmo e no controle, como ele havia lhe ensinado, além da natureza matemática do mundo.

Ao chegarem ao cânion, ela viu Blaise olhando para baixo, para a casa, com uma expressão desejosa no rosto.

— Sabe — ela disse, sorrindo — Para onde formos, eu posso teletransportar a casa para lá, de novo.

— É verdade — Blaise devolveu o sorriso — Então eu vou levar apenas o que for absolutamente necessário para nosso voo.

Ao aterrissarem, Gala viu que a casa havia sobrevivido à tempestade praticamente sem danos. Parecia que o paredão do cânion fornecia um escudo natural e ela notou que a própria casa tinha uma estrutura muito mais robusta do que as antigas casas dos moradores da vila.

Eles entraram na casa e Blaise foi para a sala de arquivos para pegar seus cartões e levá-los para o estúdio, preparando-se para a viagem. Enquanto isso, Gala foi de aposento em aposento, lembrando-se de seus primeiros dias naquele mundo. Agora, relembando, ela notava o quanto havia mudado. Embora não tivesse passado muito tempo, ela sentia que era uma pessoa diferente da garota que saiu daquela casa, teimosamente determinada a conhecer o mundo. Ela ainda estava faminta por conhecimento, mas ela não deixaria que essa fome a separasse de Blaise novamente. Ele significava muito para ela agora.

Entrando em um dos quartos, ela se postou na janela colorida e olhou para o céu noturno. A lua estava praticamente cheia e tudo parecia ligeiramente surreal, com a luz e sombra mesclando-se de maneira estranha e bonita.

Ouvindo passos atrás dela, ela se virou e viu Blaise de pé na soleira da porta, observando-a. A luz do luar refletia as características másculas do rosto dele e havia um olhar inescrutável em seus olhos.

Lentamente ele andou até ela, e ela pôde sentir a atração magnética entre eles, a forma como a pele dela se aquecia com a proximidade dele. Ele olhou para ela, com seus olhos escuros nas sombras e então se inclinou para beijá-la, com as mãos segurando suavemente os ombros dela.

Era tanto familiar quanto diferente, a sensação dos lábios dele nos dela. Ela sentia o coração acelerar, a respiração se tornar mais rápida com a onda de calor que a inundava. Era irresistível e ela tentava acalmar suas emoções inconstantes, temendo o que poderia acontecer se ela perdesse o controle.

Blaise ergueu a cabeça, ainda com ela nos braços.

— Eu amo você, Gala — ele disse suavemente, e ela sentiu que iria explodir de tanta emoção. Ela queria dizer a ele o que sentia e repentinamente encontrou uma forma, uma forma que parecia com a maneira como funcionavam as Capturas de Vida. A mente dela devia estar lidando com esse processo e agora, num lampejo, ela soube. Não seriam necessárias gotas físicas. Ela alcançou a mente de Blaise com a dela, deixando que ele sentisse os pensamentos, as emoções dela.

Os olhos de Blaise se arregalaram e ficaram vagos por um momento, mas então ele pareceu voltar

a si. Ele não falou nada, mas quando ele se aproximou dela de novo, ela sentiu a necessidade, o desespero dele em ficar mais perto.

Sem mais palavras, Blaise a pegou e a carregou para a cama. O coração dela começou a bater feito louco. Ela tinha lido sobre o que iria acontecer, mas não fazia ideia de como realmente seria.

Colocando-a de pé, Blaise tirou as roupas dela, com mãos suaves, embora impacientes. Ela se lembrou do dia em que o conheceu e como a visão do corpo dela o perturbava. Não havia nada daquilo agora. O toque dele era seguro e conhecedor, os olhos dele brilhavam à luz do luar. Gala também queria que ele ficasse nu, mas ela não se deu ao trabalho de usar suas mãos para despi-lo. Um desejo e um momento de concentração fez com que as roupas deles fossem teletransportadas para o chão.

Eles se beijaram e acariciaram o corpo um do outro pelo que pareceu um longo tempo, fazendo com que o desejo dela se intensificasse ainda mais. Quando eles se uniram, ela não conseguia pensar em nada a não ser no prazer que ela sentia. Era tão lindo que ela tinha certeza de que havia alguma magia envolvida. Durante os momentos mais intensos, ela também conseguia sentir o que ele sentia, e ela sentia que ele sentia as emoções dela. Ela não estava no controle daquela magia, mas ela sabia que, de alguma forma, era responsável por ela.

De repente, ela teve um flashback de antes de ter aparecido no laboratório dele. Ela estava flutuando sem fazer força, uma simples mente no Reino do Feitiço. Ela se lembrava claramente e sabia que, de alguma forma, algo do que estava acontecendo agora tinha ajudado a aumentar a amplitude de sua consciência. Era como se partes escondidas de sua mente quisessem surgir plenamente nessa experiência deliciosa e, como penitência, elas soltaram seu controle.

Enquanto sua mente se expandia, ela sentia que seu foco no prazer se intensificava. A cada vez que aumentava, ela achava que tinha chegado ao limite e não seria capaz de sentir um êxtase maior mas, apesar disso, ela via que estava enganada. Outra parte de sua mente subconsciente se rendia e a sensação, incredivelmente, ficava mais intensa.

Quando a intensidade chegou a um pico insuportável, ela teve uma visão. Ela viu a si mesma e a Blaise à distância, como se ela os observasse de longe. Ela viu as coisas que ele fazia com ela e ela com ele. Ela viu a cama flutuando acima do solo. Ela viu objetos ao acaso voando em volta deles. E, então, ela viu uma luz forte, cegante em volta das figuras abraçadas. A luz se tornou cada vez mais forte, mas em vez de ser cegante, ela a enchia de uma sensação de beleza e de admiração. Ela irradiava calma, paz e um prazer inacreditável. O brilho da luz cresceu e cresceu até que ela sentiu que estava olhando para a beleza cegante do sol.

Então, de repente, a luz explodiu quando o prazer chegou a alturas insuportáveis e ela sentiu sua consciência diminuir, seus sentidos subjugados pela experiência.

## Capítulo 37: Barson

Barson olhou para o mapa da Torre e para a lista de nomes que Dara reuniu. Aquelas pessoas tinham sido consideradas inúteis, teimosas demais ou instáveis demais para serem confiáveis para apoiar a causa de Barson. Elas seriam eliminadas imediatamente, enquanto que os outros feiticeiros teriam a chance de se render e se juntar a Barson e seus novos aliados.

Para verificar novamente toda a logística, ele reviu o plano repetidamente com Dara e Larn.

— Alguma pergunta? — Barson inquiriu ao terminar.

Dara balançou a cabeça

— Não. Mas tem uma coisa que precisam saber, uma coisa estranha que ouvi de um dos aprendizes da Torre.

— O que é?

— A casa de Blaise, em Turingrad, está desaparecida — ela disse.

— Parece que há apenas um buraco no chão onde ela costumava ficar. Todas as pessoas estão falando sobre isso.

— O quê? — Larn pareceu surpreso.

— Alguém derrubou a casa do feiticeiro?

— Não — Dara disse pacientemente — Não foi derrubada. Ela simplesmente se foi. Desapareceu.

— Você acha que o Conselho foi responsável por isso? — Barson perguntou, confuso.

— Não faço ideia - Dara respondeu. — É apenas estranho.

Barson franziu o cenho, tentando descobrir por que alguém faria uma casa desaparecer. Era, sem dúvida, um ato de feitiçaria, mas os motivos por trás disso não estavam claros.

— Dara, você tem certeza de que nenhum de nossos novos aliados nos trairia? — Larn perguntou, mudando de assunto. — Afinal, uma coisa é ter ambição e outra totalmente diferente é participar de assassinar pessoas que conhecem.

— Bem, eles não estarão matando com as próprias mãos — Dara retorquiu.

— Eles simplesmente nos fornecirão os feitiços e ficarão como nosso suporte.

— Ela está certa — Barson disse, deixando de lado o mistério da casa desaparecida.

— Além do mais, eles já estão metidos nisso demais a essa altura. Pelo que concerne ao Conselho, eles já são traidores. Da perspectiva deles, mesmo se nos traírem, o Conselho os escutará assim mesmo, pelo que fizeram até agora.

Só que o Conselho poderá não existir em breve, ele pensou. Em vez de júbilo, essa ideia enchia Barson de horror. Ele devia ter encontrado uma maneira de convencer Augusta pela lógica, para que ela não fosse. Mas agora era tarde demais. O Conselho acabara de partir da Torre.

Dara concordou, trazendo Barson de volta de seus pensamentos sombrios.

— Sim, exatamente. Eles têm tanto a ganhar quanto nós. Na nova ordem haverá os respeitados conselheiros do rei, em vez de fazer todo o possível para ter o pouco de reconhecimento que o Conselho decide lhes dar agora.

O tom dela tinha uma amargura conhecida.

Retirando da mente todos os pensamentos em Augusta, Barson deu um tapinha no ombro de Dara em sinal de apoio silencioso. A irmã não era única a ter esses sentimentos. Havia muitos feiticeiros talentosos que tinham dificuldade em receber o reconhecimento e o respeito que mereciam. Enquanto que

o sistema atual era supostamente meritocrático, dois séculos de jogos políticos e do aumento da longevidade dos atuais membros do Conselho significavam que havia pouco espaço para subir além do nível de acólito sênior. O Conselho também não ajudava a questão, tratando essas pessoas como seus lacaios. Para cada história de êxito, como a de Augusta, havia dezenas de outras de acólitos amargurados e decepcionados. Apesar de seu suposto intelecto, esses feiticeiros pouco sabiam sobre governar, Barson pensou com desprezo. Ele não tinha dúvidas de que faria um trabalho muito melhor.

— Eu também os escolho cuidadosamente — Dara continuou, olhando para Larn.

— Cada um de nossos aliados foi entrevistado através de Capturas de Vida e não demonstraram pensamentos de traição.

— Mesmo assim, esses covardes podem mudar de ideia agora que o plano está entrando em ação

— Larn murmurou resfolegando, parecendo convencido.

Barson sabia que o amigo estava totalmente com eles, mas era bem de Larn se preocupar diante de um grande evento. Sua natureza argumentativa tendia a surgir nesses momentos.

— Não mudarão — Dara disse, pegando a mão de Larn e apertando-a como forma de reassegurá-lo.

— Eu lhe asseguro isso. Além do mais, sem o Conselho, esses feiticeiros são como crianças sem os pais. Eles não estão acostumados a pensar por si mesmos.

— E quando o Conselho voltar — Barson disse calmamente, — Se é que voltará, estaremos prontos.

## Capítulo 38: Gala

Acordando no meio da noite, Gala percebeu que sua mente estava dentro de seu corpo novamente e ela ouviu a respiração calma e uniforme de Blaise. Ele dormia ao lado dela, seu corpo comprido esticado do outro lado da cama.

Ele ficou lá, deitada, silenciosamente, pensando. Nenhum dos livros que ela havia lido falava de algo perto do que ela havia sentido. Era algo que, de certa forma, alterava a mente, que na verdade expandia a mente. Era como se a intensidade incrível de prazer a ajudasse a chegar a novas e desconhecidas partes dela mesma. Era estranho, embora excitante, e ela mal podia esperar para explorar mais isso.

Chegando-se mais perto de Blaise, ela o beijou no rosto e voltou a dormir, com o braço em volta da cintura dele.

\* \* \*

Da próxima vez que ela acordou, era de manhã cedo. Espreguiçando-se, Gala sorriu e se levantou, sem querer acordar Blaise. E naquele momento, ela sentiu.

Uma sensação de perigo, de ameaça iminente.

Eles tinham sido encontrados.

Seu sangue congelou nas veias. Eles estavam vindo atrás dela e de Blaise. Eles queriam ferir, talvez até matar, o homem que ela amava.

Ela não ia deixar aquilo acontecer. Ela não podia suportar o pensamento de colocá-lo em perigo, de vê-lo ferido novamente.

Ela o protegeria a qualquer custo.

## Capítulo 39: Blaise

Ouvindo os movimentos de Gala, Blaise acordou. Os acontecimentos da noite passada invadiram sua mente ainda enevoada pelo sono e um largo sorriso surgiu em seus lábios. O termo “fazer amor” não poderia descrever o que havia acontecido na noite anterior. Algo transcendente havia acontecido entre eles, algo que ele jamais havia sentido antes. Ele tinha sentido o que Gala sentira, tinha se unido a ela em um nível que era além do físico. Ele tinha tido um vislumbre da mente dela e tinha visto uma incrível profundidade nela, uma profusão de camadas que eram impressionantes em sua beleza sutil.

O fato de ela se levantar interrompeu suas recordações. Abrindo os olhos, ele viu Gala nua saindo furtivamente pela porta.

— Aonde você vai? — ele perguntou sonolento, se apoiando em um dos cotovelos.

Ela lhe deu uma olhada ligeiramente culpada.

— Você devia dormir um pouco mais — ela disse, e ele sentiu um estranho tom de tensão na voz dela.

— Eu já volto.

— Você vai assim, nua?

Ele se sentou, percebendo que algo estava fora de ordem.

Ela pausou, então olhou para baixo, como se percebendo que ela não estava vestida. Um segundo depois ela já estava vestida com um simples vestido branco. Então, sem falar mais nada para Blaise, ela deslizou saindo pela porta.

Blaise pulou da cama e agilmente vestiu suas roupas. Ele estava com uma péssima sensação a respeito daquilo.

Quando ele se aproximou da porta, ele sentiu algo estranho. Algum feitiço o havia atingido, percebeu ele, sentindo um leve zunido na cabeça. Ele não sabia o que era, a não ser que era uma espécie de magia mental.

Correndo para a porta, ele repentinamente parou ao chegar na soleira. Era como se um bloco tivesse se formado, não deixando que ele passasse. Seu corpo ficou pesado e desajeitado, sem controle. Alguém, provavelmente Gala, havia feito um feitiço que o impedia de sair. Ela devia ter feito isso para protegê-lo do que quer que fosse que estivesse lá fora, uma proteção que ele não precisava e não queria.

Furioso, Blaise tentou sair repetidamente, sempre obtendo o mesmo resultado. Ele simplesmente não podia dar um passo além da sala. Sua mente se recusava a deixá-lo.

E, então, ele ouviu o primeiro barulho forte. A casa balançou com o impacto e ele quase caiu. Seu estômago se contraiu com um misto de medo e raiva debilitantes. Qualquer que fosse o perigo, Gala estava enfrentando aquilo sozinha, enquanto ele estava preso em casa como um inútil acólito.

Voltando-se, Blaise deu uma olhada frenética em torno do local, procurando a Pedra dele. Ela não estava à vista. Ele não a havia levado para o quarto na noite anterior. Xingando entre dentes, ele correu para a janela, desesperado para ver o que estava acontecendo. O vidro fosco fazia tudo parecer embaçado. Com a frustração aumentando, Blaise pegou a mesinha de cabeceira mais próxima e a arremessou contra a janela, partindo o vidro em pedacinhos.

Agora, ele conseguia ver lá fora. A visão dele ainda estava mais aguçada do que o normal por causa do feitiço de aumento de visão que ele tinha usado durante a tempestade, e quando ele olhou para o cânion, um lampejo de luz colorida, à distância, chamou sua atenção. Franzindo a testa, Blaise tentou descobrir o que era e, naquele momento, ele viu uma figura familiar do outro lado do cânion.

Era Moriner, um dos membros do Conselho.

O Conselho o havia encontrado — e Gala os enfrentava sozinha, tendo trancado Blaise no quarto, para sua própria proteção.

Fúria e temor se abrigaram no peito de Blaise, fazendo com que ele se sentisse sufocar. Ele precisava sair daquela casa e precisava fazer isso agora.

Aproximando-se da porta do quarto de novo, Blaise tentou clarear a mente em um esforço de se livrar daquele bloqueio mental que Gala colocara no caminho dele. Não pense nisso, apenas saia, ele disse a si mesmo, caminhando para a porta.

Não funcionou. Ele tinha a sensação de forçar contra uma barreira física, uma barreira que era tão impenetrável quanto qualquer parede.

Agitado, Blaise começou a caminhar, ocasionalmente parando para olhar para fora.

De repente, ele teve uma ideia. Gala tinha impedido que ele saísse andando, mas será que tinha pensado em evitar que ele se teletransportasse? Olhando para fora, ele tentou calcular a distância. Esse feitiço seria perigoso, especialmente porque ele teria que fazê-lo da maneira antiga, oralmente. Se Gala não estivesse em apuros, ele não o arriscaria.

Inspirando profundamente, ele se forçou a se concentrar para lembrar o código arcano complexo necessário para realizar o feitiço. Ele tinha memorizado isso antes, para fins de votação no Conselho, e agora estava feliz em ter feito isso.

Quando terminou de fazer alguns cálculos preliminares, ele começou a recitar o feitiço. Ele queria ter horas para verificar três vezes tudo, mas não havia tempo para tão precaução. Ele tinha que agir agora.

Quando ele estava chegando no final do feitiço, quando estava para recitar as coordenadas, sua língua congelou. Blaise quase rosnou de frustração. O feitiço de Gala devia ter sido cuidadoso o bastante para prever a possibilidade de teletransporte.

Um som ainda mais alto veio de fora, fazendo com o peito dele ficasse contrito de medo. Será que as montanhas estavam se separando?

Severamente determinado, Blaise tentou o feitiço de teletransporte de novo. Dessa vez ele modificou as coordenadas de um local fora da casa para dentro, no corredor de baixo.

Funcionou sem dificuldade. Quando ele acabou a litania interpretadora, Blaise se viu na parte de baixo da casa.

A intuição dele estava certa. O feitiço de Gala não tinha sido suficientemente variado para evitar que ele se teletransportasse para dentro da casa.

Sem muitas esperanças, ele correu para a porta da frente. Abrindo-a, ele tentou sair, mas a mesma força o impediu na soleira da porta. Ele continuava condenado a ficar dentro de casa, mas pelo menos ele tinha acesso a sua Pedra e a uma visibilidade muito melhor do que estava acontecendo no cânion.

E o que estava acontecendo era seu pior pesadelo.

## Capítulo 40: Gala

Enquanto Gala saía da casa, ela avaliava a situação diante dela. Apesar de o cânion em si parecer vazio, ela conseguia avistar algumas pequenas figuras no topo, estrategicamente posicionadas em volta das paredes do cânion.

Eles estavam cercados pelo Conselho.

O coração de Gala se acelerou. Ela tinha que afastá-los da casa e de Blaise, o mais rápido que pudesse.

O primeiro feitiço deles chegou a ela enquanto ela seguia, em meio a um teletransporte para o outro lado do cânion. Houve um ribombar profundo dentro da terra e uma enorme pedaço de pedra embaixo de seus pés se transformou em lava líquida. Por um momento, ela só conseguia sentir a dor da queimação, acompanhada pelo cheiro enjoativo de carne queimada, mas então Gala reagiu defensivamente, transformando as pedras de volta a seu estado frio.

Ela agora estava de pé em um pedaço de lava sólida, e seus pés já começavam a sarar.

Arfando, ela olhou para os agressores e viu a luz do sol da manhã refletida em várias Pedra Interpretadoras. Ela se sentiu tanto com raiva quanto resoluto. Ela não queria ser responsável por qualquer outra morte, mas esse era um confronto do qual não podia fugir. O Conselho viria atrás deles, repetidamente, não importa para onde fossem. A única maneira de acabar com isso era mostrar a eles a inutilidade da violência. Gala apenas precisava ter certeza de que não perderia o controle durante o processo.

Ela começou a relaxar da maneira como Blaise lhe ensinara. Quando sua mente começou a se limpar das preocupações, o próximo ataque a atingiu.

Desta vez era uma energia quente. Gala sentiu que ela se acumulava em torno dela, prestes a ocasionar uma brutal explosão, e ela a impediu, dissipando-a com facilidade.

Ao mesmo tempo, ela percebeu que precisava de uma estratégia. Uma ideia lhe surgiu. O que alguém fizesse seria refletido e redirecionado para sua fonte. A beleza do feitiço era que ela não seria pessoalmente responsável por qualquer mal que viesse de seus agressores. Ela não estaria fazendo mal a eles, mas sim a si mesmos tentando fazer mal a *ela*.

Rapidamente tentando verificar a logística do feitiço, Gala o colocou em torno dela, como se fosse um escudo defensivo. Ela precisaria estar vigilante, mas agora ela podia se concentrar em permanecer calma.

Ela ficou imediatamente feliz por ter tomado aquela precaução. O próximo feitiço foi uma medida das mais injustas que ela pudesse esperar.

Um enxame de aves bloqueou o céu. De várias espécies diferentes, desde pombos até falcões, todos voando na direção dela. Gala não sabia o que poderia ter feito sem seu feitiço refletor, pois ela detestaria ferir aquelas criaturas inocentes. Agora, no entanto, quem controlava a mente daquelas aves teria uma surpresa.

Quando as aves atingiram um determinado limiar de proximidade de Gala, o feitiço refletor começou a agir e a rota de voo das aves mudou. Primeiro, voaram para o leste, depois para o nordeste, então sem rumo em volta do cânion, como se a fonte do feitiço estivesse se movendo. Sentindo pena dos pobres animais, Gala os liberou do feitiço e eles começaram a voar indo embora.

Ela relaxou novamente, chegando ao ponto de fechar os olhos. Agora que ela estava razoavelmente protegida, ela precisava saber como estava Blaise. Suavemente, ela tentou se chegar a ele

tentando tocar a sua mente, como fizeram na noite anterior. Ela jamais tinha sido capaz de fazer aquilo antes, mas a união deles tinha modificado alguma coisa, estabelecendo uma ligação ainda mais profunda entre eles, e ela sentiu que chegar a ele, agora, seria possível.

E ela estava certa. Embora ela não pudesse ler totalmente a mente dele, ela sentia os ecos das emoções que ele sentia. Blaise não estava feliz com ela. Na verdade, ele estava tão zangado que sentiu que as emoções dele distraíam o estado calmo da mente dela. Sem querer perder o controle, ela tentou embotar um pouco a ligação. Blaise ficaria no fundo da mente dela, ele decidiu, para que ela pudesse manter um olhar mental nele, dessa forma. Enquanto isso, ela se concentraria em outras questões.

Pensando novamente nas aves, ela se perguntou porque o padrão de voo delas tinha sido tão errático.

De repente, ela sentiu que as emoções de Blaise se modificavam de frustração para medo. Com o coração reagindo aos saltos, Gala abriu os olhos e viu uma pedra rolando em direção a ela. Aliviada, ela percebeu que temia por *ela*, que era a preocupação dele que ela sentia. Era uma preocupação desnecessária, ela pensou, com a mente dela ainda ocupada com o quebra-cabeça do voo instável das aves.

Como esperado, o deslizamento de pedras vindo para ela alterou sua trajetória, com o feitiço refletor de Gala fazendo com que voltasse para sua origem. Ampliando sua visão, Gala observou as pedras subirem a parede do cânion em direção a uma pequena figura, uma figura que imediatamente desapareceu daquele local.

Agora estava claro para ela. A pessoa que havia lançado o deslizamento de pedras tinha se teletransportado para outro local. O deslizamento de pedras voltou para o local original onde seu oponente estava, mas não lhe causou nenhum mal.

Ela não tinha calibrado o feitiço de uma forma tão fina para levar em conta o teletransporte, Gala percebeu, finalmente entendendo porque as aves tinham voado de forma tão errática. Os membros do Conselho estavam se teletransportando em torno do cânion para evitarem ser atingidos pelos feitiços dela.

Naquele momento uma saraivada de ataques vieram para Gala, de diferentes direções, distraíndo-a daquele pensamento. Raios, tremores de terra, era como se ela estivesse de volta no meio da tempestade, e estava começando a ficar impossível respirar calmamente com aquilo tudo ocorrendo. Gala queria gritar com eles. Será que não percebiam que se a aborrecessem, isso poderia significar a própria perdição para eles? Que se ela perdesse o controle, tudo poderia acabar mal? Em algum nível, ela entendeu que retaliar diretamente não seria tão diferente daquilo que seu feitiço refletor estava fazendo, mas mesmo assim ela preferia desse jeito.

De repente, os ataques pararam. Antes que Gala pudesse relaxar, no entanto, ela sentiu os ecos de Blaise iniciando algum tipo de luta na casa.

## Capítulo 41: Blaise

Com o coração batendo furiosamente no peito, Blaise olhava a cena diante dele.

Na parte afastada do cânion, cercada por inclinações rochosas estava Gala. Ela parecia calma e serena, da forma como estava quando lutava contra a tempestade. Os membros do Conselho estavam no topo do cânion, espalhados em torno dela. Em alguns lugares, Blaise viu o brilho negro, como o carvão de suas Pedras Interpretadoras. Eles tinham vindo preparados e ele não tinha dúvidas de que a ofensiva deles tinha sido planejada com precisão fatal.

Ele não tinha certeza do que fazer, mas fosse o que fosse, ele precisaria de sua Pedra Interpretadora.

Voltando-se, ele subiu correndo, lembrando-se que tinha deixado a Pedra em seu estúdio. O feitiço não o impedia de subir. No entanto, assim que ele pegou a Pedra, os cartões de feitiço que ele havia preparado para a viagem deles e tentou sair do estúdio, o maldito feitiço de Gala começou de novo.

Agora, no entanto, Blaise estava mais bem equipado para lidar com ele. Com um rápido feitiço escrito, ele se teletransportou para fora do estúdio, são e salvo. Ele estava se arriscando naquele dia, fazer um feitiço de teletransporte com tão pouca ponderação... Normalmente, ele teria verificado três vezes seus cálculos, mas não havia tempo para tal meticulosidade.

Voltando correndo para a porta da frente, Blaise viu Moriner novamente. Para surpresa dele, o conselheiro estava numa parte totalmente diferente do cânion, a essa altura. Blaise franziu o cenho. A única maneira de chegar àquela distância tão rapidamente era pelo teletransporte. Parecia que Blaise não era o único a realizar esse feitiço perigoso hoje. Era estranho que Moriner estivesse se arriscando tanto, no entanto, devido a sua posição vantajosa.

Foi então que Blaise viu Moriner terminar um feitiço e lentamente um deslizamento gigantesco de pedras começou a se mover em direção à Gala. As pedras desgastadas do cânion se desprenderam da montanha e rolaram adquirindo maior massa e ímpeto pelo caminho. Moriner parecia estar direcionando e aumentando o deslizamento, fazendo com que se movesse cada vez mais rápido.

Blaise sentiu uma onda de medo, mas antes que ele pudesse fazer alguma coisa, olhou para as pedras. Um momento depois, o deslizamento parou e então começou a se mover na direção oposta, subindo a montanha. Blaise ficou pasmo. Havia feitiços reflexivos que podiam repelir ataques, mas ele jamais vira nada daquele nível e potência. Enquanto as pedras deslizavam para cima, elas reuniam velocidade até que estavam indo para Moriner com a mesma força que tinham ao cair em direção a Gala. Era uma visão assustadora.

Pouco antes de Moriner ter sido atingido pela massa de pedras, ele desapareceu.

Surpreso, Blaise vasculhou todo o cânion. Para onde Moriner tinha ido? Ele via os outros, e então ele viu Moriner de novo, do lado oposto do cânion. O mistério da relocação rápida do conselheiro ficou mais intenso. Blaise não viu Moriner fazer nada com a Pedra dele, e o conselheiro não tinha tido tempo para recitar quaisquer feitiços. Como ele havia se teletransportado?

Outra Pedra Interpretadora lampejou de forma escura à luz do sol e Blaise focalizou seu dono, Kelvin. O rosto do homem era uma máscara de fúria. Ele odiava Gala, Blaise percebeu. Fiel a sua especialidade, Kelvin tentava manipular o clima, um ataque que não preocupava Blaise em especial, devido ao recente encontro de Gala com a tempestade.

Apesar disso, ele observou com ansiedade enquanto algumas nuvens lentamente se reuniram acima de Gala. Previsivelmente, dois pequenos raios seguiram na direção de Gala, vindo das nuvens. O

trovão reverberou pelo cânion, ensurdecendo Blaise por um momento.

Para surpresa dele, Gala não reagiu, e então ele percebeu que ela não precisava reagir. O feitiço que ela havia usado para fazer as pedras voltarem para Moriner ainda estava ativo e, em vez disso, o raio bruscamente mudou de direção, seguindo para Kevin.

Kelvin também desapareceu bem a tempo.

O céu ficou brilhante novamente. Blaise fez uma carranca. Ele também não tinha visto aquele membro do Conselho dizer ou escrever nada.

Continuando a observar os eventos do cânion, Blaise começou a fazer seus próprios preparativos. Ele gostava da ideia por trás da barreira refletora de Gala e teve uma ideia de escrever um feitiço que funcionaria de forma similar. Poderia não ser tão potente, mas poderia ser bastante útil.

Enquanto escrevia o código, ele continuava de olho no campo de batalha. Por mero acaso, seu olhar chegou em Jandison. Claramente, o velho estava tentando ficar na discrição, escondido atrás de uma pedra.

Uma fúria aguda surgiu em Blaise, quase sufocando-o. Aquele homem tinha sido o responsável pela morte de Louie e pelo Conselho estar se movimentando com tanta facilidade, Blaise percebeu com repentina clareza. Jandison era o principal especialista em teletransporte e estava usando suas habilidades para teletransportar os outros membros do Conselho. Ele os movia como peças em um tabuleiro depois de seus ataques em Gala.

Antes que a raiva pudesse toldar seu pensamento, Blaise suprimiu todos os pensamentos em Louie. Por mais doce que a vingança fosse, ele precisava se concentrar, primeiro, em ajudar Gala.

Respirando fundo, Blaise observou o campo novamente.

Não havia sinal de Ganir. Por que será que o velho não tinha lhe avisado que o Conselho estava a caminho? Será que finalmente ele tinha passado para o lado deles? Não parecia ser o caso. A ausência de Ganir da luta dizia muito. Claro, Blaise também não tinha conseguido localizar Augusta, cuja lealdade não estava em dúvida. Embora ele não a visse, ele sentia as mãos dela naquilo. Sua ex-noiva sempre tinha sido boa em estratégia e ele tinha certeza de que ela tinha algo a ver com o planejamento dessas movimentações de teletransporte. Onde estaria ela? O que estaria tramando?

Voltando sua atenção novamente para o feitiço reflexo, Blaise o finalizou e colocou na Pedra. E então, resolvido a usar a estratégia do Conselho contra o próprio Conselho, ele imediatamente começou a trabalhar em um feitiço de teletransporte. Isso poderia ser uma maneira de ajudar Gala e obter a vingança dele, pensou Blaise com uma satisfação amarga.

O feitiço funcionou sem dificuldades, teletransportando um Jandison confuso para a casa de Blaise. Agora, o inimigo estava ao alcance, embora provavelmente protegido por um escudo.

Sem dar ao oponente a chance de se recuperar, Blaise atingiu Jandison com um feitiço de aquecimento. O feitiço não funcionou, e Blaise não esperava que funcionasse, mas pareceu enfraquecer o escudo do velho.

Finalmente percebendo o que estava acontecendo, Jandison procurou a própria Pedra. Ao ver isso, Blaise tentou distraí-lo com perguntas, enquanto pegava um de seus ataques, parcialmente feito.

— Como você fez? — ele perguntou de forma ríspida — Como alterou a votação?

Jandison ficou boquiaberto.

— O quê... Como você... — ele falou de forma confusa.

— Nem tente mentir para mim — Blaise disse com raiva, tentando escrever no cartão ao mesmo tempo.

— Eu agora sei da verdade.

A expressão do conselheiro se alterou lentamente, com um olhar dissimulado aparecendo.

— Bem, se você sabe, então eu acho que não faz mal lhe contar — ele disse, aparentemente se recuperando do choque. Ele também estava realizando multitarefas, com suas mãos remexendo em sua

bolsa.

— Eu criei um vértice de teletransporte de uma das caixas para a outra — ele explicou, e o tom de orgulho na voz dele alimentou a fúria de Blaise.

— Por quê? — Blaise logo falou, rapidamente escrevendo as últimas linhas do código. Ele queria arrancar a resposta do velho juntamente com algumas de suas entranhas.

— Por que mentiu para mim, antes?

— Eu queria que você tivesse uma desavença com Ganir. Meu problema é com ele, não com você — Jandison falou sem um pinga de vergonha.

— Eu sempre gostei de você, espero que saiba disso. Eu sinto muito que as coisas tenham saído assim, mas talvez ainda possamos encontrar um meio de haver um entendimento.

Enquanto falava, as mãos de Jandison carregavam seu próprio feitiço.

Naquele momento, Blaise também terminou seu feitiço e, sem hesitar, ele o desencadeou, com a raiva fervendo sem controle em seu interior.

A criação de Blaise atingiu Jandison primeiro. Era um feitiço de esmagar ossos, embora não fatal. Se tivesse atingido o alvo, Jandison estaria em agonia, mas vivo. A ideia do feitiço era penetrar o escudo de Jandison, que poderia ter sido projetado para suportar apenas ataques letais.

Para decepção de Blaise, o escudo de Jandison se manteve e, ao mesmo tempo, o feitiço de ataque de Jandison começou a entrar em ação.

Objetos começaram a voar em direção a Blaise, tudo, desde quadros a estátuas, que estavam no corredor. Quando chegavam perto de Blaise, eles eram repelidos pelo feitiço recente de Blaise, e voavam para Jandison, aterrissando nos pés do conselheiro, derrotados pelo escudo poderoso que o velho tinha à sua disposição. Então, eles voavam para Blaise de novo, repetidamente, indo do escudo dele para o de Jandison, com mais objetos se juntando ao ataque a cada segundo.

Blaise notava que sua barreira refletora não seria capaz de suportar o ataque por muito tempo. Olhando freneticamente em volta do aposento, ele viu a coisa verde tipo espada, a agulha que havia viajado até o Reino do Feitiço e voltara, e que voava para cima dele.

Tendo total conhecimento que seu feitiço refletor estava em seus últimos estertores, Blaise se preparou para uma proeza desesperada. Saltando para o lado, ele pegou a agulha-espada com a mão direita. Ela era afiada e ele sentia que cortava sua própria palma, talvez até o osso. A dor era alucinante, mas ele se recusou a desistir. Sem hesitar, ele arremessou a agulha-espada em Jandison, colocando um feitiço de cura na Pedra ao mesmo tempo. Blaise esperava que a distração do objeto arremessado lhe desse chance de se recuperar.

Para seu choque, em vez de bater inofensivamente contra a poderosa barreira de Jandison, a espada penetrou nela, ferindo Jandison bem no peito.

A última expressão de Jandison foi de completo e absoluto choque. Blaise não o culpava por isso. Um escudo tão poderoso devia ser impenetrável a quaisquer ataques físicos. Claramente, a espada era algo mais do que uma experiência que falhara.

Antes que Blaise pudesse pensar mais nisso, um lampejo de luz brilhante branqueou tudo.

## Capítulo 42: Barson

O dia do júzo final tinha chegado.

Levantando da cama, Barson agilmente pegou sua armadura e suas armas. Dara já estava acordada e a comida estava na mesa quando ele desceu. Larn também estava lá com a expressão endurecida e cheia de tensão. Não havia nada mais que falar, nada a discutir.

Era hora de agir.

Embora Barson não estivesse com fome, ele se forçou a comer tudo que Dara colocou no seu prato, sabendo que precisaria de força para a tarefa sangrenta pela frente. Então, os três seguiram para a Torre, onde o resto dos homens de Barson já estavam esperando.

Era perto da meia noite e a Torre inteira estava dormindo quando os soldados entraram pelos corredores. Os moradores da Torre confiavam em feitiços defensivos para guardá-los durante a noite, feitiços que os aliados de Dara e Barson tinham neutralizado nas últimas semanas. Sem esses feitiços e sem a Guarda a seu lado, os feiticeiros estavam praticamente desprotegidos.

Ao sinal de Barson, seus homens se espalharam, se dispersando em pequenos grupos.

A tomada da Torre havia começado.

## Capítulo 43: Augusta

Augusta se escondeu do lado de fora da casa de Blaise, ouvindo atentamente com sua audição ampliada por um feitiço. Franzindo o cenho, ela tentou entender o que ela ouvia. Jandison tinha feito algo com a votação? Blaise sabia disso? Ela nem conseguia começar a colocar em sua mente uma história tão incrível. Ela tinha que saber exatamente o que era, mas agora, ela precisava se concentrar na tarefa diante dela.

Augusta tinha algumas razões para não ajudar Jandison. Primeira e mais importante, com ele fora do campo de batalha, ela tinha que se concentrar no plano B, o feitiço de fusão. Ela também precisava de um Blaise enfraquecido, como possibilidade, caso o plano B falhasse, e um confronto com Jandison certamente conseguiria isso. Além do mais, se o que ela acabar de ouvir fosse verdade, Jandison tinha feito ela e os outros membros do Conselho de bobos e ele merecia o que quer que fosse que Blaise tivesse feito a ele.

Voltando sua atenção para o plano B, ela se concentrou no feitiço de fusão. Era perigoso e Augusta tinha esperanças de evitar usá-lo. Agora, no entanto, parecia inevitável. A criatura era poderosa demais, desviando todos os feitiços usuais com facilidade. Até mesmo a expressão do rosto ela era calma e serena, como se não estivesse ligando.

Não, eles não tinham outra escolha a não ser usar o feitiço da fusão e fazer isso agora. Colocá-lo em ação requeria coordenação da maioria dos membros do Conselho. Com Jandison fora de questão, eles não podiam se dar ao luxo de perder mais membros do Conselho. Augusta tinha sido encarregada da logística por trás daquela coordenação. Envolvia feitiços de contato preparados antecipadamente. Cada conselheiro tinha um par de outros membros que entrariam em contato, um principal e outro de apoio.

Com o coração batendo freneticamente no peito, Augusta carregou o feitiço, que devia ir para Moriner, seu contato de apoio, substituindo Jandison. Ele entraria em contato com seu contato primário, Gina, que entraria em contato com Furak, e assim por diante até que os cartões estivessem todos colocados com precisão no tempo e em ordem.

Embora soubesse ter feito os cálculos corretamente, Augusta se sentiu pouco à vontade. Eles combatiam o descomedido com o descomedido e as consequências de qualquer erro poderiam ser catastróficas. O feitiço da fusão era um trabalho de beleza aterrorizante, aproveitando o poder do sol e das estrelas. As energias que seriam liberadas eram inimagináveis. Segundo Augusta sabia, nada dessa magnitude já tinha sido feito na história de Koldun. Mas, por mais aterrorizante que fosse o feitiço, ele não assustava tanto Augusta quanto a abominação contra a qual lutavam, e ela tinha confiança de que a barreira poderosa que tinham criado para conter o feitiço o aguentaria.

Observando o campo de batalha, Augusta utilizou um simples feitiço para proteger sua visão. Embora a barreira devesse protegê-los dos efeitos danosos do feitiço, ela calculou que uma diminuta porcentagem de luz escaparia. Devido às forças em jogo, ela não queria se arriscar a ficar cega.

Quando o feitiço começou a agir, uma esfera cintilante de aproximadamente trinta metros de diâmetro se formou em torno da criatura de Blaise. Aquela era a barreira. A terra que tocasse na parte inferior da esfera era retirada, criando uma cratera embaixo dos pés da criatura. Isso não importunou a monstruosidade de Blaise. Em vez de ficar de pé na camada inferior da esfera, ela estava flutuando no ar, dentro da bolha esférica, ainda parecendo ter uma calma que não era humana.

E, quando Augusta notou os detalhes, o feitiço de fusão entrou em ação e ela viu uma ofuscante explosão de luz.

## Capítulo 44: Gala

Gala se sentia dilacerada. Ela queria ajudar Blaise, mas se ela fosse para a casa agora, ela se transformaria no ponto focal para o ataque do Conselho. A sensação de inutilidade, de ser incapaz de proteger quem ela amava, era insuportável. Gala sentia que sua calma começava a diminuir e seu coração começava a bater rapidamente em seu peito.

Naquele momento, ela começou a sentir algo estranho, um feitiço sem precedentes estava sendo feito. Ela notou que podia sentir a magia antes, mas ela nunca havia sentido nada daquele calibre. Muitas pessoas trabalhavam juntas, e o faziam em algo grande.

Enquanto isso, Blaise continuava a lutar na casa. Fechando a carranca, Gala lutou para ter controle, determinada a dominar sua magia, ao invés de ser seu fantoche, mas o temor que sentia por Blaise era forte demais. Com a mente aos saltos, Gala sentiu o que restava de sua calma se desintegrando, enquanto suas emoções tomavam conta.

No início, ela novamente sentiu a ilusão de sua mente deixar o corpo, só que dessa vez era diferente, mais físico. Ela se viu de um ponto de vista de vantagem no céu. Era como se ela estivesse vendo o cânion através do olhar de uma ave e era exatamente o que estava ocorrendo, percebeu ela. De alguma maneira, sua mente subconsciente tinha se ligado a das aves que a tinham atacado antes.

Era estranho, como se ela estivesse em dois lugares ao mesmo tempo. Ela via o rosto de seus agressores de cima, no ar e, ao mesmo tempo, ela via uma esfera brilhante cercar seu corpo, tanto do ponto de vista dela quanto do da ave. E de cima, novamente, ela se viu flutuando naquela bolha brilhante. Era uma coisa que ela não tinha nem percebido que estava fazendo.

Havia algo sinistro naquela bolha que a cercava, uma ameaça sutil que ela ainda não podia entender totalmente. Ela também sentiu pequenas mudanças em seu corpo, como se houvesse outro feitiço se ligando a ela. Tentando examinar isso em mais detalhes, ela sentiu o primeiro golpe de energia dentro da esfera que a encapsulava.

O feitiço refletor repeliu o golpe, forçando-o para fora, de volta para sua fonte, mas a bolha evitou que saísse de suas paredes. A energia aumentou, de uma forma que não dá para imaginar, poderosa e destrutiva, enchendo o espaço em volta de Gala e enfraquecendo suas defesas. Não havia mais qualquer esperança de manter o controle, de permanecer calma diante daquele redemoinho. Tudo que Gala podia fazer era tentar sobreviver. Ela não fazia mais escolhas conscientes. Em vez disso, aquela parte profunda, ainda desconhecida, de sua mente estava no controle.

Uma dor ardente, queimante sobrecarregou seus sentidos enquanto o tempo pareceu lentificar. Ela sentiu seu corpo começando a se desintegrar, cada célula gritando em agonia em sua torturante morte. A energia explosiva era impiedosa, aterrorizante, mas mesmo assim a mente de Gala sistematicamente a analisava e separava seus componentes. E então ela soube o que era, soube que era a mesma força que energizava as estrelas acima. O hidrogênio se fundindo, formando o hélio, uma reação terrível que sua mente não encontrava um jeito de impedir.

Então, em vez de impedi-la, sua mente encontrou uma solução diferente.

Ela se livraria da energia enviando-a para outro lugar, para o próprio Reino do Feitiço.

Enquanto a mente de Gala fazia os cálculos necessários, sua agonia se intensificou até que ela não suportasse mais, até que ela se viu totalmente forçada para fora de seu corpo moribundo. Ela estava totalmente dentro da ave agora, não apenas vendo, mas sentindo o que ela sentia.

Momentaneamente, houve um alívio da dor, mas Gala então cometeu o erro de olhar para baixo,

para a bolha brilhante, uma bolha que agora brilhava com a intensidade do sol. Em um instante, a ave ficou cega e incapaz de enxergar, começou a cair.

Caindo no solo, Gala soube, de alguma forma, que ela estava para deixar o corpo da ave. Com toda sua força de vontade, ela tentou fazer com que a ave voasse novamente, mas antes que ela soubesse se sua tentativa desesperada tinha tido êxito, ela estava de volta em seu próprio corpo.

A dor era torturante. Sua carne havia se desintegrado, rasgada pelas terríveis forças da reação de fusão, mesmo assim estava se recompondo, de alguma forma sendo curada pela orientação de sua mente subconsciente, uma mente que parecia residir em outra parte, agora.

Incapacitada pelo agonia atordoante, Gala perdeu totalmente o controle com a mente da ave. A criatura estava morta. Subjugada, ela começou a perder a parte que restava de seu controle consciente para uma emoção assoberbante, a raiva.

Então, em um lampejo, ela sentiu que a mente de Blaise ficara vazia, como a da ave.

## Capítulo 45: Augusta

Mesmo com o feitiço protetor da visão, Augusta sentiu uma dor cegante nos olhos. O som da explosão reverberou através de seu corpo, rompendo seus tímpanos e o solo embaixo de seus pés tremeu com tal força que ela foi lançada ao chão, torcendo dolorosamente o tornozelo. Estupefata e ofegante, ela procurou um feitiço de cura, com os dedos trêmulos mal conseguindo colocá-lo em sua Pedra.

Quando o efeito de cura começou, ela sentiu sua dor no tornozelo ceder primeiro. Ela ainda não tinha certeza, mas sua audição também parecia estar voltando e ela ouvia uma espécie de barulho de pés se arrastando dentro da casa de Blaise. Os olhos dela se recobravam lentamente, no entanto, mas ela mal conseguia distinguir a luz da escuridão. Ela tinha pressa, por isso usou outro feitiço de cura para auxiliar na recuperação da visão.

Quando Augusta finalmente conseguiu ver, a primeira coisa para onde olhou foi para o outro lado do cânion e seu estomago se revirou pelo que viu.

Em um ser humano, as forças liberadas teriam feito com que ele se desintegrasse em cinzas, deixando a esfera brilhante vazia, mas aquela criatura, no entanto, ainda estava lá. Embora não estivesse mais flutuando, serena, ela ainda existia e estava deitada de lado no fundo da bolha, encolhida em posição fetal.

No máximo, talvez estivesse ferida, Augusta percebeu com desalento. Mas definitivamente estava viva, e ela sabia disso graças ao feitiço localizador embutido em seu feitiço de fusão. Ela tinha esperanças de não precisar dele, mas tomou a precaução assim mesmo. Esse feitiço localizador permitiria que Augusta soubesse onde a criatura estaria o tempo todo e, o mais importante, se estava viva.

Ela precisava do feitiço localizador para seu plano C, um plano que ela esperava não precisar utilizar.

No entanto, agora, não havia escolha.

Levantando-se lentamente, Augusta se forçou a caminhar até a casa de Blaise.

\* \* \*

Já lá dentro, ela encontrou Blaise deitado no chão do corredor. Parecia que a explosão o havia derrubado também. Um fino fio de sangue saía da frente dele, e ele parecia confuso, como se tivesse acabado de recobrar a consciência. Por um instante, ela teve o estranho impulso de curá-lo, aliviar sua dor, mas aquilo era absurdo, diante do que ela estava prestes a fazer.

— Você — ele sussurrou, se apoiando em um cotovelo e olhando para ela.

— O que você fez?

Augusta viu que ele pegava sua Pedra Interpretadora e os cartões e ela rapidamente pegou seu próprio feitiço, o que ela tinha preparado especificamente para aquela ocasião.

No entanto, era tarde demais. O feitiço de Blaise a atingiu primeiro. Imediatamente, os pensamentos de Augusta se confundiram, sua mente parecendo virar mingau. Um feitiço de confusão, percebeu ela, ainda com um canto do cérebro que tinha permanecido não afetado. Um feitiço de confusão que tinha passado por suas defesas enfraquecidas.

Tudo pareceu ficar lento, cada pensamento, cada decisão exigindo um grande esforço. *Por que ele não tentou matá-la?*, ela se perguntou de forma enevoada. Os olhos dela deram com o corpo

ensanguentado de Jandison e sua visão flutuou por um momento. *Por que Blaise não tinha usado um feitiço fatal nela também? Será que ainda sentia alguma coisa por ela? Não, isso era tolice,* Augusta disse para si mesma. Ele amava sua criatura agora. Ela não podia se esquecer disso, não podia esmorecer nem por um instante, não se quisesse sobreviver.

Reunindo todas suas forças, Augusta se concentrou no que ela precisava realizar, a simples tarefa de carregar o cartão preparado em sua Pedra. Pareceu levar horas, mas finalmente ela conseguiu colocá-lo.

Blaise se estirou no chão e fechou os olhos quando o feitiço dela entrou em ação. Paradoxalmente, Augusta sentiu alívio que ele não estivesse em pé, que ele não tivesse caído e se machucado mais. Era ridículo sentir aquilo, em virtude do que ela iria fazer em seguida.

Apesar de tudo, ele parecia paralisado. Parado demais.

*Eu não o matei,* Augusta pensou, afastando o que restara de sua confusão. Como Ganir, Blaise estava meramente em coma induzido por ela.

O próximo conjunto de feitiços, no entanto, poderia terminar por matá-lo, se a criatura não agisse como Augusta esperava.

## Capítulo 46: Gala

Sem mais poder sentir sua ligação com Blaise, Gala sentiu que sua raiva se transformava em uma fúria cega.

Quase sem consciência do que estava fazendo, ela enviou a casa de Blaise de volta para seu local usual, em Turingrad. Se ele ainda estivesse vivo, ele não estaria a salvo aqui, não com o que estava para acontecer.

Uma vez feito isso, ela fechou os olhos e se concentrou na força mais poderosa que havia conhecido antes da explosão: as terríveis tempestades marinhas. Mentalmente indo para além das montanhas, Gala mediu precisamente o pedaço do local, do ar, acima do oceano, e o teletransportou para o cânion.

O céu explodiu com raios, granizo e furacões. A tempestade tomou conta de cada centímetro do cânion, com raios mortais acontecendo a cada segundo, transformando o solo rochoso em cristal. O rugir uivante dos furacões e dos golpes do granizo combinados formavam uma cacofonia ensurdecadora, com lençóis de chuva tornando o fundo do cânion num lago, em questão de segundos.

Era um pesadelo, do qual Gala estava protegida pela mesma bolha que haviam usado contra ela.

A tempestade durou com o máximo de sua intensidade por apenas alguns minutos, e depois começou a se dissipar, não mais mantida pelas condições climáticas que a trouxeram do oceano. Quando o céu começou a clarear novamente, a própria fúria de Gala se esvaiu, substituída pelo reconhecimento tenebroso do que ela havia feito.

O cânion estava totalmente destruído. Ela tinha perdido o controle de novo e, ao fazer isso, ela poderia ter matado pessoas. O Conselho tinha pretendido lhe fazer mal, provavelmente matá-la, mas ela não queria que eles morressem. Ela devia ter encontrado alguma outra forma.

Antes que um arrependimento amargo pudesse consumi-la de novo, Gala se concentrou naquilo que ela ainda tinha que fazer: encontrar Blaise. Fechando os olhos, ela se concentrou e se teletransportou para a casa dele, que agora estava de volta a Turingrad.

\* \* \*

Uma bonita mulher de cabelos castanhos estava curvada sobre o corpo deitado de Blaise. Quando Gala apareceu, ela rapidamente olhou para cima, agarrando sua Pedra Interpretadora. A expressão no rosto dela era cheia de medo e de ódio.

— Se fizer alguma coisa comigo, ele morre — ela disse, olhando para Gala com um olhar fulminante cor de âmbar.

— Ele está apenas inconsciente agora, mas eu uni a vida dele à minha, e à sua.

— Como assim? — Gala sussurrou, com o coração batendo em um misto de fúria e temor. Ela devia ser Augusta, a ex-noiva de Blaise, a mulher que ele amara um dia. A mulher que o traiu e a seu irmão.

A mulher que incitou o Conselho contra Gala e Blaise.

— Eu usei um feitiço nele que está ligado a você — Augusta disse de forma monótona.

— A vida dele está sendo drenada enquanto falamos, drenada pela sua própria existência. Ele está morrendo por sua causa, porque você está aqui, viva, ao invés de estar morta, como deveria estar.

Gala cerrou os dentes, lutando contra a vontade de atacar Augusta. Ela podia sentir a verdade das

palavras da mulher. Havia um feitiço complexo tecida em torno de Blaise e que o ligava tanto a Gala quanto a Augusta. A trama que o unia à Gala parecia estar lixiviando algo dele, matando-o lentamente, porém de fato.

Examinando a si mesma, Gala percebeu que ela havia sentido algo antes, que um feitiço tinha sido misturado àquela terrível explosão. As alterações eram sutis, mas passíveis de serem notadas, principalmente agora que ela se concentrava nelas. O feitiço fazia com que ela pudesse ser localizada em qualquer local e, enquanto Gala existisse, a lixiviação continuaria.

Gala poderia potencialmente destecer aquele feitiço, mas levaria tempo demais e ela não sabia por quanto tempo Blaise suportaria isso, com sua vida sendo drenada a cada segundo.

— Tem apenas uma maneira de você salvá-lo — Augusta falou com os olhos brilhando com algo que suspeitosamente pareciam lágrimas.

— Sua vida pela dele, é a única maneira. Eu sei que você é poderosa demais para que eu a destrua e eu sei que você pode me destruir em um segundo. Ao fazer isso, você o matará. Ele criou você, ele lhe deu tudo, até mesmo o coração dele. Você vai deixá-lo morrer assim?

Gala olhou para Augusta e uma sensação doentia azedava seu estômago. A mulher queria que ela se matasse, que extinguisse sua própria existência. Era impensável, mas também era o pensamento de Blaise morrer.

Devastada, ela olhou para Augusta, com a mente revisando todas as situações possíveis. Com o feitiço que Augusta havia colocado nela, simplesmente não adiantaria se teletransportar e ela sentia que Blaise não sobreviveria por muito tempo. Não havia escolha, Gala tinha descobrir uma forma de se matar, se ela quisesse salvar Blaise.

Ela pensou em uma situação mórbida após outra, ateando fogo em si, afogando-se no fundo do oceano, cortando seu corpo com uma espada, mas cada uma delas tinha uma falha. Ela não sabia se poderia morrer daquela forma. Ela não fazia ideia se seu subconsciente acabaria assumindo o controle, salvando Gala à custa de Blaise.

Ela via apenas uma alternativa.

Fechando os olhos, Gala se lembrou do feitiço que ela havia feito quando a terrível explosão foi usada contra ela. Ela sabia que a energia daquela calamidade tinha sido direcionada para o Reino do Feitiço. Ao analisar isso, ela percebeu que poderia repetir o feitiço com uma diferença: seria ela quem iria para o Reino do Feitiço dessa vez.

Gala abriu os olhos para olhar Blaise pela última vez e depois os fechou novamente. Respirando fundo, ela enviou a Blaise uma breve mensagem de contato e colocou seu plano em ação.

Quando ela se tornou consciente de novo, ela não era mais capaz de ouvir, ver, tocar ou sentir cheiros.

Ela estava de volta ao Reino do Feitiço.

## Capítulo 47: Blaise

Sendo levado por um estranho vazio, Blaise repentinamente se tornou consciente de uma intrusão em sua mente, de palavras que pareciam aparecer do nada.

As palavras se Gala, ele percebeu, com o pensamento lento e moroso.

— Blaise, meu amor, Augusta tornou impossível que eu ficasse no Reino Físico, por isso tive que partir desse mundo e arrisquei voltar ao Reino do Feitiço. Eu não sei o que me aguarda lá e eu queria que você soubesse que os últimos dias que passamos juntos foram os dias mais maravilhosos de minha existência até agora. Gala.

A mensagem parecia reverberar na mente dele, repetindo-se enquanto ele lentamente começava a digerir seu significado. Lembrando-se de Augusta e de seu feitiço, Blaise percebeu que Augusta tinha feito algo a ele, fazendo com que ele apagasse.

Quando a consciência voltou, Blaise percebeu que seu corpo estava deitado no chão. Seus membros pareciam estar fracos e pesados, drenados de toda energia. Uma onda de desamparo tomou conta dele quando ele teve conhecimento do significado pleno das palavras de Gala.

Ela tinha ido embora.

A mulher que ele amava mais do que a si mesmo tinha ido embora desse mundo.

Ele não sabia como Augusta tinha conseguido aquilo, mas agora não importava. Ele não podia se deixar levar pela tristeza e pelo ódio que abalavam seu interior, ele precisava ser capaz de pensar, planejar sua vingança.

Ele ouvia que havia alguém no local com ele, e ele fez o possível para ficar parado, fingindo estar inconsciente. Abrindo uma fresta dos olhos, ele viu sua Pedra Interpretadora e alguns cartões jogados no chão, a pouca distância. Ele poderia pegá-los rapidamente, mas a pouca distância parecia ser quilômetros, devido à fraqueza paralisante que ainda tomava conta de seu corpo.

Houve o som de passos leves e um farfalhar de saias e então o cheiro familiar de jasmim o envolveu quando Augusta se ajoelhou ao lado dele.

— Eu sei que está acordado — ela falou suavemente, esfregando levemente a mão no rosto dele.

— Você não precisa fingir para mim. Eu já vi você acordar muitas vezes.

Blaise abriu os olhos, não escondendo o ódio que queimava dentro dele.

— O que você fez? — ele perguntou, com a voz baixa e rouca.

— O que você fez, Augusta?

Ela olhou para ele, e seu olhar se endureceu.

— Está morta — ela disse de modo curto, o olhar mais duro, e ele viu que a mão dela apertava sua Pedra Interpretadora.

— Eu sei porque coloquei um feitiço localizador nela e ele não mostra nada. E você está bem vivo e não perdeu sua essência de vida, que eu tinha ligado àquela criatura.

O ódio de Blaise se intensificou. Então era assim que ela tinha feito: Augusta usou os sentimentos de Gala por Blaise contra Gala.

Algo do que ele sentia deve ter aparecido em seu rosto porque ela pegou alguns cartões e os segurou perto da Pedra.

— Nem pense nisso — ela disse calmamente — Você não vai conseguir.

Blasfemando contra os pós-efeitos do feitiço sugador, Blaise deixou seu corpo relaxar, como que aceitando a verdade das palavras dela. Com as pálpebras semicerradas, ele olhou para os cartões no

chão, avistando um feitiço paralisador que seria bastante útil.

Ao mesmo tempo, ele ouviu Augusta soltar um suspiro cansado.

— Ouça, Blaise...

O tom dela era conciliador agora.

— Eu fui obrigada a fazer, você não vê? Ela era perigosa demais... Se você tivesse visto o que aquela criatura fez...

Sem querer ouvir as palavras de Augusta, Blaise reuniu todas as forças que lhe sobraram. Ele teria somente uma tentativa e tinha que conseguir. Ignorando a fraqueza gritante em seus músculos, ele rapidamente rolou em direção à Pedra, com as mãos freneticamente em busca dos cartões.

E, quando ele cegamente colocou um na Pedra, o feitiço de Augusta o atingiu com força total.

Foi como se tivesse sido atingido por um raio. Cada célula de seu corpo explodiu em agonia, seu corpo se sacudindo com o golpe de energia. A dor foi tão intensa que ele perdeu a consciência de novo e sua mente ficou vazia.

\* \* \*

Quando Blaise voltou a si, ele primeiro tomou consciência da batida pesada e lenta de seu coração. Seu corpo era uma grande bola de dor e cada inspiração até seus doloridos pulmões exigia um esforço brutal. Gemendo, Blaise tentou se mexer, mas essa tentativa enviou ondas de dor através de seu corpo, novamente.

Nauseado, ele se forçou a ficar parado, desejando que a tontura em sua cabeça cedesse. O feitiço que Augusta tinha usado nele era quase letal.

Após alguns minutos, ele conseguiu abrir os olhos. Ignorando a dor no pescoço, ele lentamente virou a cabeça e inspecionou o saguão.

Augusta estava deitada no chão, ao lado dele. Ele tinha conseguido atingi-la com o feitiço paralisante apesar de tudo, percebeu ele, com alívio. Os olhos dela estavam fechados e havia uma pequena poça de sangue sendo formada de um ferimento na lateral da cabeça dela. Ela deve ter batido com a cabeça ao cair. Provavelmente uma misericórdia, Blaise pensou com uma frieza que não lhe era característica. De outra forma, o feitiço a deixaria consciente, mas incapaz de se mover, uma sensação que provavelmente era pior do que a simples inconsciência.

Rolando dolorosamente para o lado, Blaise chegou até a Pedra que estava perto dele. O simples movimento fez com que seu estômago se agitasse, mas ele conseguiu fechar a mão em volta da Pedra e pegar alguns cartões antes de ser obrigado a fechar os olhos para evitar a tonteira nauseante. Depois de alguns movimentos, ele forçou suas pálpebras a abrirem novamente para verificar o que ele estava segurando.

Havia apenas um cartão que era remotamente ligado a um feitiço de cura. Praguejando, Blaise viu seu lápis caído no chão e procurou pegá-lo com a mão tremendo do esforço necessário para pegar o objeto. Depois, ignorando a queimação em seu estômago, ele começou lentamente a escrever o feitiço adequado.

Sabendo não estar em seu melhor estado mental, Blaise levou mais tempo para executar a tarefa, certificando-se que o feitiço estivesse seguro. Se ele acidentalmente se matasse, ele jamais veria Gala novamente. A raiva tomou conta dele novamente com esse pensamento e, assim que o feitiço o curou, ele se pôs de pé, com cada célula de seu corpo clamando por vingança.

Andando até Augusta, ele olhou para a figura deitada, com um plano vingativo se formando em sua mente. Sua ex-amante tinha tentado torná-lo um instrumento indesejado da destruição de Gala, e Blaise queria ter certeza de que ela se arrependeria disso.

Descendo até seu depósito, ele cuidadosamente escolheu algumas gotas. A primeira era uma

Captura de Vida do que Blaise havia sentido no dia da votação em que Louie tinha sido sentenciado. *Que ela vivencie como é ter seu irmão condenado à morte.* A próxima era da conversa de Blaise com Augusta sobre o voto, quando ele soube que ela tinha votado a favor da punição contra seu irmão. *Que ela vivencie a traição da mulher que se ama.*

Depois, pegando a garrafa que tinha o rótulo da caveira e dos ossos, Blaise parou, pensando se seria uma punição cruel demais. Mas então, as palavras de Gala surgiram na mente dele novamente e sua resolução se solidificou. *Que Augusta vivencie a morte de Louie através do próprio olhar dele. Que ela veja as consequências das próprias ações.*

Inflexivelmente decidido, Blaise voltou para o estúdio para escrever o feitiço adequado. Ao terminar, ele colocou os cartões na Pedra e desceu para ver se havia funcionado.

O feitiço era simples, mas de uma beleza complexa. O fato de as gotas poderem ser reutilizadas tinha tornado aquilo possível. Era um loop, um loop das Capturas de Vida que ele tinha escolhido, aparecendo repetidamente na mente de Augusta.

De pé, ao lado dela, ele observou o que acontecia.

Primeiro, uma agulha voou até o dedo de Augusta. Então, a Esfera de Captura de Vida flutuou ao lado de um pouco de sangue, iniciando o processo de gravação. Depois disso, a primeira gota de Captura de Vida que Blaise escolhera voou para a boca de Augusta.

Ele não observou o resto. Ele sabia que, depois de um tempo, uma nova gota seria formada na Pedra e se juntaria à filha que aguardava sua vez de ser consumida por Augusta. Isso continuaria repetidamente até que o feitiço paralisante ou o feitiço do looping perdessem sua potência, o que levaria um tempo bem longo, se Blaise tivesse feito seu trabalho de forma correta. A cada gravação subsequente, Augusta vivenciaria um pouco de sua própria reação também. Seria um loop infinito de desespero e arrependimento, ou pelo menos era o que Blaise esperava que acontecesse.

— Talvez você aprenda algo com isso — ele disse a ela, embora ele soubesse que Augusta não o ouvia agora. Não deixando que seu coração tivesse qualquer indício de fraqueza ou remorso, Blaise voltou para seu estúdio.

Ele não podia mais pensar em Augusta. Ele precisava descobrir como ele se reuniria a Gala.

\* \* \*

Blaise passou as próximas horas revendo tudo que se relacionava ao Reino do Feitiço.

Ele desejava simplesmente poder trazer Gala de volta, mas ele não conseguia pensar em uma maneira de fazer isso. Durante a criação dela, os feitiços para criar a mente dela e para fazer com que ela se manifestasse no Reino Físico tinham sido mesclados. Pelo que ele sabia, não havia uma forma de simplesmente chegar ao Reino do Feitiço e trazê-la de volta. Isso requereria uma compreensão profunda do Reino do Feitiço, e a única pessoa que poderia chegar a tentar algo de tal complexidade seria a própria Gala.

No entanto, ele havia tido sucesso uma vez em enviar um objeto ao Reino do Feitiço, percebeu Blaise, pensando na agulha que tinha voltado como uma estranha espada. Era uma ideia louca, mas era a única maneira na qual conseguia pensar para chegar até Gala. O pensamento de ela sozinha lá era insuportável para ele.

Reelaborando e ampliando o feitiço da agulha, Blaise se colocou como alvo, tentando aperfeiçoar o feitiço e usando o melhor de sua habilidade. Ao terminar, ele ainda não tinha certeza do resultado. Levaria meses de cuidadosos testes e experimentação para assegurar a segurança do feitiço, mas ele não tinha o luxo de todo esse tempo.

Fortificando-se mentalmente, Blaise colocou os cartões na Pedra Interpretadora e esperou para ver os resultados.

## Capítulo 48: Barson

Com as roupas encharcadas de sangue, Barson calmamente abriu a porta onde dois de seus próximos alvos dormiam. Dara entrou atrás dele, com passos bem silenciosos. Ela estava pálida de cansaço, mas o olhar em seu rosto era de austera determinação.

Dois aprendizes de feitiçaria dividiam o quarto. Aquela, cuja cama estava mais perto da porta, era Jundi, um nome que estava na lista de Barson. Embora o quarto estivesse bem escuro, Barson conseguia avistar sua forma pela pouca claridade da lua que entrava pela janela. Pegando sua adaga, Barson se aproximou da mulher que dormia e com um movimento silencioso cortou a garganta dela. Houve um gargarejo discreto, seguido por um odor agudo e metálico de sangue e de morte.

A colega de quarto de Jundi continuava dormindo, sem perceber. Era Hanta, uma jovem feiticeira cujo nome não estava na lista.

Dara se aproximou da cama de Hanta e tocou no ombro da moça.

— Acorde — ela falou suavemente, colocando um feitiço em sua Pedra. Um segundo depois, o quarto estava iluminado por uma luz amarelo pálido.

A moça abriu os olhos com um olhar chocado aparecendo em seu rosto. Arfando, ela dobrou-se como um canivete e se sentou, segurando o cobertor diante dela, para se proteger. Quando seu olhar deu com a colega de quarto morta, o olhar chocado se transformou em horror.

— Você não vai fazer nenhum barulho, nem tentar fazer nenhuma besteira — Barson disse calmamente, mantendo visível sua adaga suja de sangue.

A feiticeira olhou para ele e seu corpo começou a tremer embaixo do cobertor.

— Capitão? O...o que está acontecendo? P...por que está fazendo isso? Eu pensei que estivesse morto.

— Sim, pois é, eu já ouvi muito isso hoje — Barson falou impacientemente — Agora, ouça com atenção, Hanta. Eu não estou aqui para responder a perguntas suas. Você tem duas opções: ou se unir a Jundi hoje, ou se unir a mim.

— Unir-me a você? — A mulher parecia estar entrando em choque, com o rosto praticamente lívido.

— Como assim? Você é da nossa Guarda...

Dara sorriu, sentando-se na cama, ao lado de Hanta.

— Não é mais, querida — ela falou suavemente — Ele está para se tornar nosso rei. E você pode se juntar a ele ou tentar lutar contra ele. De qualquer maneira, o resultado será o mesmo, mas com a primeira opção você será regamente recompensada por sua lealdade, enquanto que com a segunda...

A voz da irmã se calou e ela olhou significativamente para a adaga nas mãos de Barson. O olhar de Hanta seguiu o da irmã e visivelmente se acovardou.

— Agora — Barson disse calmamente, aproximando-se da feiticeira.

— O que você escolhe?

— Escolho você — Hanta falou apressadamente, indo para trás, na cama.

— Eu sabia que você seria razoável — Dara disse de forma reasseguradora.

— Foi por isso que mantive seu nome fora da lista. Agora vamos discutir o programa de vigilância de Captura de Vida que eu criei, um programa que assegurará que nunca haverá um mal entendido entre nós.

Nos próximos poucos minutos, a irmã de Barson explicou tudo sobre como os pensamentos dos

feiticeiros seriam cuidadosamente observados e monitorados através de Capturas de Vida, para evitar qualquer traição. Hanta ficava assentindo com a cabeça para demonstrar que entendia, com lágrimas rolando pelo rosto e Barson viu que a feiticeira seria como os outros com os quais havia lidado naquela noite sangrenta, que ela se alinharia ao novo regime.

Quando Dara terminava sua explicação, a porta do quarto de Hanta se abriu e Zanyl entrou.

— Larn me enviou para lhe dizer que não conseguimos encontrar pelo menos quarenta pessoas de nossa lista, algumas delas são bastante perigosas.

Barson franziu o cenho. Isso não era bom. Ele esperava uma operação rápida e controlada e parecia que as coisas estavam prestes a se complicar.

Seus pensamentos foram interrompidos por um barulho forte que vibrou através da Torre.

— O gongo — Dara falou, pondo-se de pé.

— Alguém entrou na Sala do Conselho e está avisando o resto sobre o perigo. Podem estar se reunindo lá, enquanto estamos aqui.

Deixando Hanta chorando pelo corpo de sua colega de quarto, os dois correram pelos corredores sinuosos da Torre até a Sala, reunindo os soldados e feiticeiros aliados pelo caminho. Ao chegarem, viram Larn e um grupo de soldados diante das gigantescas portas.

— Estão trancadas — Larn informou, chegando-se a Barson.

— Como quer que lidemos com isso?

Barson se virou para Dara.

— Você e seus aliados podem evitar que eles se teletransportem, ou de outra forma, saiam da Sala?

— Hum — Ela ficou pensativa.

— É a maior sala da Torre, por isso é complicado, mas eu aprendi algumas coisas de Jandison. Podemos criar um campo de força...

— Sem ofender, mana, mas não estou interessado nos detalhes — Barson falou, saudando outro grupo de soldados que surgia pelo corredor.

— Então a resposta é sim, podemos mantê-los lá — ela respondeu, parecendo levemente aborrecida.

— Bom, então eu vou deixar alguns soldados do lado de fora com você, para que se alguém quiser sair, você lide com isso.

Havia agora pelo menos cinquenta soldados diante das portas da Sala do Conselho. Pensando na melhor forma de ação, Barson decidiu que ele primeiro precisava de informações sobre o que os aguardava naquele aposento.

— Dara, em qual de seus aliados você mais confia? — ele perguntou, olhando para a irmã.

Ela pensou por um instante.

— Kira e eu somos amigas há alguns anos antes de eu lhe contar sobre nossos planos — ela disse calmamente.

— Eu acho que posso confiar mais nela.

— Você acha que consegue que ela entre e saia daquela sala em segurança? — Barson perguntou.

Dara pensou em seu pedido.

— Ela precisa se movimentar ou ela pode ficar parada?

— É melhor se ela puder se movimentar livremente.

— Nesse caso, podemos combinar um feitiço localizador com um feitiço de teletransporte muito bem escrito...

Dara começou, quando Barson encontrou o olhar dela, dando-lhe um olhar sardônico. Sua irmã jamais estivera em uma batalha antes e obviamente não entendia o valor da brevidade em situações críticas.

— Ah sim, desculpe, supremo comandante — ela disse zombando — O senhor não liga para esses detalhes. A resposta para sua pergunta é sim. Podemos fazer com que entre e saia.

\* \* \*

— Eu nunca fiz nada assim antes — Kira disse nervosamente, olhando para Barson — Eu não entendo nada sobre inspeção...

— Você não precisa entender — Barson explicou calmamente.

— Você estará usando uma Captura de Vida. Ao voltar, eu poderei ver através do seus olhos aquela sala. E eu entendo de inspeção. Apenas olhe tudo casualmente e pareça ter medo. Eles não sabem que você está conosco.

— Eu acho que parecer estar com medo será difícil de demonstrar — ela falou ironicamente.

E iniciaram uma sessão de Captura de Vida com Kira, Dara realizando os feitiços de teletransporte e localizador para colocar Kira na sala. Vashel, Mittel, Pavel e também se uniram e escreviam freneticamente feitiços para fortalecer a armadura já aprimorada dos soldados. Dara também insistiu que todos os membros da Guarda fossem protegidos contra ataques psicológicos. Isso, infelizmente, envolvia feitiços temporários, mas Barson anotou mentalmente que deveria trabalhar em algo mais permanente com a irmã. Talvez um dispositivo de cabeça aprimorado para proteger sua mente de feitiços quando ele fosse rei.

O retorno de Kira o tirou desses pensamentos. Assim que apareceu diante deles, ela furou o dedo e colocou uma pequena gota de sangue na Esfera de Captura de Vida.

Pegando a gota que se formou, Barson imediatamente a colocou embaixo de sua língua.

\* \* \*

*Kira queria ser corajosa. Ela queria impressionar o poderoso irmão de Dara.*

*Não. Ela se impediu de pensar em Barson, ao se dar conta de que a Captura de Vida mostraria seus pensamentos. Tentando se concentrar ela olhou em volta da sala onde acabara de aparecer. Havia pelo menos uns trinta feiticeiros reunidos na Sala do Conselho. Eles estavam amontoados no outro lado da sala, longe das portas gigantescas.*

*— Junte-se a nós rapidamente — falou uma voz que ela vagamente reconheceu como a de Pierre, um dos aprendizes mais antigos.*

*— Precisamos deixar o centro da sala livre, para que as pessoas possam se teletransportar em segurança. E enviar uma mensagem de Contato para qualquer um em que confie. Precisamos que todos se reúnam aqui o mais rápido possível. Parece que a Guarda fingiu estar morta e se voltou contra nós. Estão matando pessoas a torto e a direito e eu não sei por quanto tempo as portas os manterão do lado de fora.*

*Kira concordou, fingindo estar de acordo com as instruções. Claramente, Pierre e o resto não tinham percebido que Barson tinha ajuda de feiticeiros. Eles achavam que todos que pudessem entrar na sala trancada estavam do lado deles.*

*Ao caminhar pela enorme sala, ela viu mais pessoas se teletransportando. Aproximando-se de um dos feiticeiros, ela começou a lhe fazer uma pergunta quando sentiu uma sensação estranha que precede o teletransporte. Ela estava sendo levada para fora, percebeu, e em seguida, estava diante de Barson novamente, com o coração batendo mais rápido no peito. O dedo ainda sangrava e ela o pressionou contra a Esfera.*

\* \* \*

— Você se saiu bem, Kira — Barson disse, tentando reprimir um sorriso. Ele aparentemente tinha uma admiradora dentre os aliados.

— Eu tenho todas as informações de que preciso. Dara, prepare para que entremos e bloqueie a sala quanto ao teletransporte. Lembre-se que precisamos aparecer o mais perto do meio possível, já que há um espaço vazio lá.

Enquanto Dara trabalhava no feitiço, ele foi até seus soldados. Devido ao número de feiticeiros no interior, ele decidiu dividir seus homens. A maioria deles entraria na Sala do Conselho, enquanto o restante ficaria de guarda nas portas do local, caso algum dos feiticeiros tentasse escapar a pé.

Agora que ele tinha um momento para pensar, Barson percebeu como as pessoas estavam desesperadas naquela sala. Com o pânico, elas agiam como galinhas com cabeças cortadas, em vez de pensar estrategicamente. O toque do gongo deve ter alertado os outros sobre o perigo, mas também mostrou o local para Barson, e a escolha de local de reunião foi das piores. Eles deviam ter corrido, ou se teletransportado para fora, ao invés de se encurralarem no interior, onde não podiam usar seus feitiços mais destrutivos sem que matassem a si mesmos. A incapacidade deles em pensar como guerreiros dava vantagem a ele.

Quando os feitiços de Dara ficaram prontos, Barson falou para sua tropa:

— Soldados, vocês sabem que não faço discursos bonitos — ele falou calmamente — Mas, nesta ocasião, algumas palavras precisam ser ditas. Estamos em uma encruzilhada no momento. Se vencermos, e não tenho dúvida de que venceremos, este dia será lembrado para sempre como o início de uma nova era. Cada um e todos vocês entrarão para os livros de história. Hoje, estamos prestes a mudar o mundo — ele pausou, olhando para eles — Estão prontos?

Um urro de aprovação foi a resposta. Estudando seus rostos, Barson viu que seus soldados estavam tão famintos por isso quanto ele mesmo. Todos ansiavam pela vitória e cada um já a antecipava, já sentia seu gosto.

— Lembrem-se de seu treinamento e usem as fraquezas deles — ele falou quando o rugido arrefeceu.

— Cada feiticeiro naquela sala deve morrer.

## Capítulo 49: Gala

Então, este era o Reino do Feitiço, Gala pensou. Dessa vez, diferentemente de logo após seu nascimento, ela daria mais do que um breve vislumbre dele a sua mente consciente.

Tudo era dolorosamente familiar e extremamente estranho ao mesmo tempo. Gala percebeu com surpresa que os sonhos dos quais não lembrava antes eram desse lugar. Só que até mesmo seus sonhos não a prepararam para como realmente era. Se algo a preparara para isso, tinham sido os momentos em que ela nasceu, momentos dos quais não lembrava até agora.

Quando ela havia acordado para a autoconsciência, aqui, pela primeira vez, ela não estava de posse de seu corpo conhecido, o corpo ao qual ela tinha se acostumado, o corpo que Blaise achara atraente. Não, aqui ela era o que podia entender, na melhor forma, como uma pura mente. A sensação, se é que podia ser chamada assim, era a de voar ou de flutuar na água. Só que era infinitamente mais serena e cheia de paz.

Ela sabia de que devia estar petrificada por não ter corpo, mas ela não sentiu dificuldade nisso. Ter um corpo era sem sentido em um local onde nenhum de seus sentidos humanos funcionavam. A existência era de uma forma diferente, aqui. De uma forma que ela estava somente começando a entender.

Embora Gala não tivesse os agora familiares sentidos humanos, ela ainda *sentia*. Era como se sua mente estivesse conectada com a trama do próprio Reino do Feitiço, como se o Reino de Feitiço estivesse permeado por órgãos sensoriais e ela, de alguma forma, fosse capaz de acessá-los.

Ela ainda sentia algumas das emoções que vivenciara antes. Raiva de Augusta. Tristeza por sua perda de controle na batalha contra o Conselho. E, de forma irresistível, ela sentia amor e a falta de Blaise.

Ela tentou não deixar que suas emoções a confundissem. Seria fácil se confundir naquele lugar. Em vez disso, Gala se concentrou em seu ambiente.

Quando ela o analisou, ela entendeu mais. Havia cores e padrões caóticos que apareciam de vez em quando. Essas manifestações coloridas eram feitiços do Reino Físico, ela julgou, sem saber com certeza de onde vinham. Talvez seja isso, ela refletiu. Agora que pensava nisso, Gala percebeu que ela também era um padrão de luz e conexões. Seu padrão era bem mais complexo do que qualquer outro que vira, e muito mais estruturado, mas ela ainda enxergava a semelhança. *Eu sou um feitiço que aprendeu a pensar*, Gala pensou com assombro.

Ela também compreendeu que se ela se concentrasse em formas e cores diferentes, ela conseguia discernir os efeitos que esses feitiços teriam no Reino Físico.

Alguém estava realizando um feitiço bola de fogo, que parecia um padrão azul fractal aqui, um padrão que não parecia uma bola de qualquer tipo. E, mesmo assim, Gala sabia que produziria uma bola de fogo. Esse padrão era mais do que apenas uma forma, era também a temperatura, a trajetória e a localização no espaço e o tempo no Reino Físico. Muitas informações estavam codificadas naquele padrão azul.

Então, houve outra grande manifestação. Instintivamente Gala soube que um objeto mágico se formaria quando esse feitiço afetasse o Reino Físico. Houve informação sobre a permanência desse objeto no Reino Físico e detalhes de como seria, com todos seus vários atributos. Houve uma miríade de estipulações sobre como e quando quebraria as leis da natureza no Reino Físico, como seria menos pesado que o ar diante da maioria das condições, e Gala soube que seria uma espreguiçadeira voadora, como a em que ela e Blaise tinham viajado.

Outra forma fantástica tinha forma de uma fonte gigantesca, emitindo cores e sons. Era o que a Pedra Interpretadora de alguém fazia com o que tinha sido acionado a fazer.

Gala imaginou que, quando ela estava no Reino Físico, ela deve ter criado manifestações não muito diferentes disso.

\* \* \*

Ela não tinha certeza de quanto tempo tinha passado enquanto admirava aquelas exibições. Depois de um tempo, parte de sua estupefação diminuiu, e Gala começou a tentar descobrir onde ela estava. Assim que se concentrou nisso, se tornou claro que a ideia de ‘onde’, a ideia de localização tinha um significado diferente ali, no Reino do Feitiço, ao qual ela estava acostumada em Koldun.

Ela estava onde sua atenção estivesse. Seu pensamento era o que parecia determinar sua localização no Reino do Feitiço. Como esse processo funcionava, Gala não sabia, mas isso não parecia importar.

Ela sabia que ela queria voltar para Blaise. Ela *precisava* voltar. No entanto, se concentrar em voltar ao Reino Físico não funcionava do mesmo jeito que se mover no Reino do Feitiço. Gala tentou demandar isso do que a cercava, mas ela não fazia ideia como obter o que queria. Um pensamento perturbador chegou, um pensamento que ela havia tentado afugentar esse tempo todo. E se ela jamais visse Blaise de novo?

*Não.* Gala se recusava a desistir disso, a admitir a derrota. Ela encontraria um jeito de voltar para Blaise.

De repente, sua atenção mudou. Ela sentiu alguma coisa lá. Havia coisas lá, Gala percebeu, coisas que não eram feitiços do Reino Físico, mas totalmente outra coisa. Algo completamente desconhecido por sua mente.

Havia pensamento aqui. Uma espécie de raciocínio estranho.

Fascinada, Gala tentou discernir o que eram essas entidades inteligentes. Seus padrões de pensamento estavam se movendo e mudando constantemente e ela podia, ocasionalmente, vislumbrar algo nas mentes delas. Esses breves vislumbres revelavam inteligências que eram belas, embora assustadoras em sua diversidade.

Inteligências... Algo meio que mordiscou no fundo da mente dela, alguma memória que há muito tinha sido suprimida. Gala teve a sensação de que estava esquecendo algo importante e, então, repentinamente, lhe surgiu.

*Os sonhos.* Ela tinha sonhado com o Reino do Feitiço antes e, nos sonhos, ela tinha interagido com uma inteligência, aqui.

Uma inteligência que ela conhecia como Dranel.

Assim que Gala se lembrou de Dranel, ela sentiu um padrão de pensamento. Era reconhecível como o de seu sonho, mas ao mesmo tempo, havia diferenças. Não era só o fato de que o Reino do Feitiço de seus sonhos tinha sido diferente do modo como ela o experimentava agora. Não, era uma mudança na natureza do ser que ela agora buscava. Havia algo como uma falha no padrão normalmente belo.

— Dranel — ela chamou em sua mente, tentando falar com o padrão, como ela tinha feito em seu sonho.

Não houve resposta vindo para ela, mas Gala repentinamente estava submersa numa visão.

\* \* \*

*Dranel se tornou lúcido. O ser que ele tinha achado tão interessante, Gala, estava fazendo*

feitiços de novo. Ele a tinha observado fazer isso várias vezes e os algoritmos que ela produzia despertavam serenidade em Dranel, o tipo de serenidade que ele apenas sentia quando não estava lúcido.

*De alguma forma, ele sabia os efeitos desses feitiços no Reino Físico. Os conceitos eram distantes e desconhecidos: flutuação, cura, trovão... Dranel tinha apenas uma compreensão vaga do que eram.*

*Ele observou tudo aquilo com um senso lânguido de curiosidade, sua mente examinando os padrões diferentes dos feitiços. Foi somente quando ele sentiu algo poderoso se reunindo ali que ele percebeu que não ia ser um padrão que chegaria ao Reino do Feitiço em seguida, ia ser a energia destrutiva do feitiço em si.*

*Ele sentiu o solavanco quando a energia entrou no espaço que o cercava e ele instantaneamente soube que, se deixada, aquela força poderia destruir seu mundo. Sem hesitação, Dranel tomou uma decisão, pegar a energia para si.*

*Sua mente explodiu em agonia e a lucidez desapareceu.*

\* \* \*

Horrorizada, Gala emergiu da visão, separando sua mente dos pedaços de padrão que uma vez havia sido Dranel.

Ela havia feito aquilo, percebeu com desespero. Ela tinha enviado a energia do feitiço que o Conselho dirigiu para ela, para o Reino do Feitiço, buscando se proteger daquela força destrutiva. E, nesse processo, ela tinha conseguido ferir aquele ser inteligente.

Desesperada para consertar seu erro, Gala examinou o padrão de Dranel, tentando determinar o que tinha havia acontecido de errado com ele. Ela sentia as rupturas e os desalinhamentos, o dano da força explosiva que ela, inadvertidamente, tinha introduzido no habitat daquela entidade. Ela encontrou os erros e tentou consertá-los, deixando que sua mente se concentrasse no que o padrão deveria ser. O que era em seu sonho. Enquanto ela consertava os erros, ela podia sentir Dranel se modificando, a mente dele se curando de uma forma que parecia quase que física.

Após o que pareceu ser um longo tempo, mas que poderia facilmente ter sido um instante, Gala soube que o padrão de Dranel estava como era antes. Ele não estava consciente ainda, mas que isso viria, eventualmente.

Ela aguardava tal momento quando se distraiu por algo bem, bem mais importante.

Ela sentiu Blaise fazendo um feitiço.

Enquanto concentrava seus pensamentos no padrão que ele gerava, Gala novamente ‘viajou’ para algum lugar. Onde quer que ela estivesse agora, ela viu uma forma complexa com sons e gostos que ela achou hipnotizante. Logo ela soube o que o feitiço diante dela tinha a intenção de fazer.

Tinha a intenção de trazer Blaise para ela, para o Reino do Feitiço.

Só que estava fadado a falhar em seu objetivo.

Blaise tinha cometido um número de erros sutis, mas fatais em seus cálculos. Estava claro para ela que o feitiço não funcionaria conforme pretendido. Se permitido prosseguir em seu curso, terminaria por destruir a mente de Blaise, mas mesmo se não o fizesse, a próxima fase do feitiço, a fase que devia levar Blaise de volta para o Reino Físico depois, estava errada. Ainda assim, deu a Gala uma ideia de como era um feitiço de retorno e ela guardou aquele conhecimento para mais tarde, se concentrando na tarefa mais imediata diante dela.

Indo em direção ao feitiço, Gala tentou alterá-lo, consertar os erros que ela conseguia ver, como ela havia consertado o padrão de Dranel. Ela não sabia se funcionaria, mas ela tinha que tentar. Tudo em seu interior tremeu diante da possibilidade de o feitiço de Blaise ser transmitido em sua forma atual, que

ele morresse ao tentar chegar até ela. Havia apenas tempo para implantar alguns ajustes no feitiço dele. A prioridade era assegurar que ele sobrevivesse à viagem de vinda.

Ela se concentrou nos problemas na trama do feitiço. Consertar o feitiço veio naturalmente para ela. Os erros embotaram as cores brilhantes e os sutis padrões. Tudo que Gala precisava fazer era torná-lo belo novamente, como todos os feitiços completos eram. Seguindo sua intuição, ela partiu a estrutura do feitiço em partes menores. Se tivesse êxito, Blaise chegaria ao Reino do Feitiço, e nenhuma outra parte do feitiço teria efeito. Quando Blaise chegasse, ela trabalharia nos outros detalhes.

Tendo colocado o conserto em ação, Gala observou ansiosamente o padrão se desfazer, esperando desesperadamente que ela mesma não tivesse cometido erros.

## Capítulo 50: Barson

Quando Dara e seus colegas terminaram o feitiço para teletransportá-los para a Sala do Conselho, Barson se segurou. Ele sabia o suficiente sobre feitiçaria para perceber que era uma manobra perigosa. Em um segundo, ele estava dentro da sala. Seus soldados também estavam lá, todos menos dois. Ele viu bastante sangue no chão e um arrepio percorreu sua espinha quando ele entendeu o que havia acontecido.

Dois de seus homens haviam materializado no mesmo local, morrendo de forma medonha, nesse processo.

Tinha sido uma morte honrosa e algo com que Barson não podia lidar agora. Vendo o olhar chocado nos rostos dos feiticeiros, ele gritou: —Ataque! — e começou a correr através da sala gigantesca em direção ao grupo assustado de feiticeiros. Seus homens o seguiram, soltando um feroz grito de batalha.

Enquanto corriam, uma saraijada de poderosos feitiços começou a atacá-los. Calor terrível, frio de congelar os ossos... Pierre e seus colegas tentavam feitiços elementares em seu arsenal. Os feitiços tornavam lentos Barson e seus homens, mas a armadura mágica os protegia do pior, absorvendo a energia dos feitiços. Barson sabia que havia um limiar, um limite para aquela proteção, mas ele também sabia que isso era uma vantagem naquele campo de batalha. Em um espaço fechado como aquela sala, os feiticeiros estavam de mãos atadas quando se tratava de feitiços mais poderosos.

Então, começaram os ataques mentais. A Guarda tinha proteção contra isso também, mas Dara tinha avisado Barson sobre alguns leves efeitos que poderiam ser sentidos. O medo que tomou conta do ser dele não era absolutamente leve. Mesmo assim, Barson não deixou que isso o parasse, ele tinha sido treinado para enfrentar o medo e usar isso a seu favor. Correndo mais rápido, ele gritou: — Já! — e ergueu sua espada no ar.

Seus homens se uniram a ele e, um instante depois, uma pequena nuvem de flechas voou em direção aos feiticeiros. Em vez de chegarem ao alvo, no entanto, as flechas caíram inofensivamente no solo, batendo contra o escudo protetor que os feiticeiros tinham conseguido criar. Mas Barson não se deteve.

— Uma flecha — ele brandiu, tendo sido criada especificamente para lidar com aquela defesa mágica.

Seus homens concentraram todas as flechas em um local em especial, aumentando o impacto do ataque. Fora a irmã dele, que tinha criado aquela estratégia, e funcionou. A força combinada das flechas batendo no mesmo local fez com que o escudo protetor dos feiticeiros enfraquecesse e o próximo lote de flechas o dissipou completamente, deixando os oponentes de Barson sem sua principal defesa. Agora, as flechas dos soldados furavam a carne e gritos enchiam o ar enquanto os feiticeiros tentavam se espalhar, correndo em todas as direções.

— Contenham o perímetro — Barson ordenou, desembainhando sua espada. E, enquanto a gritaria se intensificava, ele e seus homens agilmente acabavam com os oponentes restantes.

Quando tudo terminou, o chão estava vermelho de sangue e havia corpos caídos em pilhas aos pés de Barson. Inspeccionando a sala, ele viu que todos seus homens tinham sobrevivido àquela fase da luta.

A tomada da Torre tinha acabado.

Fora uma vitória tão grandiosa quanto Barson tinha imaginado.

## Capítulo 51: Blaise

Blaise lentamente percebeu que estava consciente.

Ele ainda conseguia pensar, o que o fez raciocinar que ainda estava vivo. No entanto, quando ele tentou abrir os olhos, ele descobriu que não podia. Pelo que ele percebia, ele não tinha olhos... e nem um corpo que ele pudesse sentir.

O pânico lhe veio em ondas. A privação sensorial era tão aterrorizante que a mente dele entrou na escuridão novamente, consciente, mas desaparecendo outra vez.

Em um segundo acordar, Blaise se sentiu um pouco mais calmo. A percepção de onde estava, no Reino do Feitiço, era algo para sua mente entender. E, quando Blaise lentamente processou aquele fato, ele percebeu que ele *sentia*, embora não da mesma forma que ele vivenciava as coisas no Reino Físico. Era como se a estrutura de sua própria mente estivesse mudando, se aclimatando a seu novo ambiente.

Após um tempo, ele se tornou ciente de formas com cores, gostos e odores misturados a estranhos padrões matemáticos. Esses padrões eram hipnotizantes em sua complexidade. Enquanto Blaise os analisava com temor, ele sentiu uma sensação peculiar de pertencimento, algo maior do que ele mesmo. A sensação era calmante e atemorizante ao mesmo tempo, porque Blaise percebeu que ele poderia facilmente se perder nessa totalidade maior e esquecer que ele já existira.

*Não. Concentre-se, Blaise. Concentre-se.*

Não era por isso que ele estava ali. Gala. Ele precisava pensar em Gala. Concentrando-se nela, Blaise tentou imaginar como ela seria, e para seu choque, assim que o pensamento lhe veio, veio também uma avalanche de sensações.

Ele viu, sentiu o gosto e sentiu o cheiro de algo maravilhoso.

Parecia uma teia intrincada, só que era tridimensional, um pouco como os ramos de uma árvore no inverno, e cobria todo o espaço por perto. A teia se movimentava com a atividade, pequenos lampejos de luz indo para cima e para baixo nos pequenos feixes do padrão. Ao mesmo tempo, Blaise sentiu o odor da cor vermelha e sentiu o gosto do número sete. Ele sabia que essas ideias não tinham cheiro ou gosto no mundo dele, mas aqui tinham. Com uma estranha guinada, o vermelho parecia tranquilo, como flores de camomila e o número sete tinha um gosto doce, como de passas.

E, de alguma forma, Blaise soube quem estava diante dele.

— Gala — ele pensou com alegria, dirigindo-se ao intrincado desenho.

— Sim, sou eu — o pensamento dela chegou a ele em resposta.

A sensação de alívio era tão forte que Blaise teria tremido, se tivesse um corpo. Sua mente pulsava de alegria. Ele a tinha achado. Ela tinha conseguido.

Havia milhares de coisas que ele precisava perguntar a ela, mas tudo que ele pode dizer foi:

— Como você pôde fazer isso? Como pôde desaparecer daquele jeito?

As palavras vieram zangadas, embora a raiva fosse a última emoção que ele poderia estar sentindo agora.

Não houve resposta por um momento. Em vez disso, Blaise sentia que as cores do padrão de Gala mudavam. Houve um lampejo e a cor rosa camomila se tornou violeta, que tinha cheiro de alecrim, por algum motivo, e Blaise provou o treze, que o lembrou de um pêssego. Deslumbrado, ele vivenciou a maravilha que era sua criação.

— Você é linda até aqui — ele pensou para ela, sem se conter.

Em vez de um pensamento, ele sentiu uma resposta de um tipo diferente. Repentinamente, ele foi

tomado por uma sensação profunda de pertencimento, uma sensação intensa de felicidade que, de alguma forma, não era dele.

Ele estava sentindo as emoções de Gala, percebeu Blaise e tentou projetar seus próprios sentimentos nela. Todo o amor e a preocupação dele agora se transformara em uma alegria quase incandescente e ele deixou que ela sentisse isso, abrindo a mente como ele jamais tinha feito antes. Ela reagiu com uma pletora de sensações dela. Era intenso, mas ele não queria parar.

E, então, ele sentiu o padrão de Gala se unindo ao dele. Lenta e metodicamente eles se tornaram maiores, um padrão conjunto. Era estranho e maravilhoso, lembrando-o da noite anterior, quando eles tinham feito amor pela primeira vez.

Quando a fusão estava chegando ao fim, Blaise recebeu visões de Gala. Ele viu a vida inteira dela, por mais curta que fosse. Ele se viu através dos olhos dela, naquela primeira vez, no estúdio dele. Então, ele se tornou ela, lendo todos aqueles livros na biblioteca dele. Ele a vendo pela primeira vez na vila, o julgamento e a justiça, a maravilha e o horror do coliseu. Ele sofreu com ela na batalha com a Guarda dos Feiticeiros e sentiu arrependimento pelas vidas que ela destruiu. Ele se viu ensinando magia para ela, sentiu a batalha dela contra a tempestade e, em um lampejo violento, ele viu a noite deles juntos e a batalha posterior. Ele até viu o Reino do Feitiço através dos olhos de Gala e percebeu que ela o experimentava de uma maneira diferente. Os feitiços, o ser estranho que ela havia encontrado, até ele mesmo, Blaise via tudo. A visão culminou com um êxtase como nenhum outro, um prazer refinado que tinha nascido da mente, não do corpo. Parecia durar eternamente.

E, quando terminou, ele sentiu que ela explorava a mente dele da mesma forma que ele tinha feito com a dela, e o êxtase começou novamente.

## Capítulo 52: Barson

No dia depois da tomada, depois que todos os corpos tinham sido removidos da Sala do Conselho e o local tinha sido totalmente lavado, Barson reuniu seus homens e os feiticeiros que tinham sido poupados.

Olhando para os rostos diante dele, ele se sentiu triunfante. Este era um momento com o qual ele havia sonhado a vida toda, desde que ele soubera que era um descendente legítimo dos reis.

Dara e Larn estavam de pé à direita dele, de mãos dadas. À sua esquerda, estavam seus feiticeiros aliados e seus tenentes mais próximos. Todos os presentes estavam vestidos com seus melhores trajes e Barson usava uma armadura decorativa que tinha sido transmitida dos antigos tempos.

A única que faltava era a mulher que ele planejara ter a seu lado nessa cerimônia, Augusta. Onde ela estava? Onde estava o Conselho? As perguntas atormentavam Barson, interferindo em sua alegria com a vitória, e ele sabia que sua primeira ordem seria a de descobrir as respostas.

Mas antes, ele tinha que seguir com a cerimônia.

Dando um passo à frente, ele estudou seus novos súditos, observando enquanto um par de mulheres andava em direção ao trono carregando uma coroa de ouro em uma bandeja envolta em veludo. Quando elas se aproximaram, Dara pegou a coroa e a elevou acima da cabeça. Então, ela reverenciosamente a colocou na cabeça de Barson.

— Viva o rei! — ela bradou, se voltando para a multidão.

— Viva o rei! — O grito em resposta ecoou através dos corredores, enchendo a Torre com o som de um novo começo.

## Capítulo 53: Blaise

Quando a fusão das mentes tinha terminado há tempos, Blaise pensou no que ele aprendera com a experiência. Ele estava especialmente fascinado com as inteligências existentes naquele.

— O que você acha que Dranel é? — ele perguntou silenciosamente para Gala, lembrando-se da breve imagem que ele obteve da mente dela.

— Eu não sei — Gala respondeu, com certo torpor. Ela parecia ainda estar sob influência da fusão deles.

— Ele parece ser mais como você do que como eu, embora o padrão dele ainda seja bem diferente.

Blaise pensou naquilo, lembrando-se de ver seu próprio padrão através dos olhos dele e comparando-os na mente dele. Ele não via qualquer semelhança, mas também ele não tinha a capacidade de Gala de processar informações complexas rapidamente. Ter estado dentro da mente dela tinha sido uma experiência bem diferente. Ela era menos como um ser humano ali. Em vez disso, ela era algo diferente, algo maior.

Insistindo nisso, Blaise lentamente sentiu que seus pensamentos desapareciam enquanto recém-descobertos sentidos assumiam. Era tão lindo, tão tranquilo que a inexistência o seduziu a ficar ali.

\* \* \*

— Blaise? — o pensamento de Gala o trouxe à consciência.

— Sim? — ele respondeu, confuso.

— Você não pensou por um tempo — ela explicou, e ele detectou um toque de preocupação no padrão dela.

O que havia acontecido? Ele tinha desmaiado? Era possível que isso acontecesse naquele local? Levemente perturbado, Blaise tentou se concentrar novamente em algo que ele quase havia esquecido, embora tivesse estado em sua mente antes.

— Como voltamos? — ele pensou, lembrando-se finalmente de sua intenção original. Ele tinha ido ali para recuperar Gala. Salvá-la. Levá-la de volta para o mundo dele.

— Você quer voltar? — ela pensou de volta, com seu padrão parecendo pulsar com a sensação que Blaise somente poderia descrever como hesitação.

Ele não tinha certeza se queria. Essa existência era bastante direta e pura. Blaise podia sentir o que Gala sentia e ela conhecia seus pensamentos mais profundos. Mas, de alguma forma, ele ainda se sentia um intruso ali, embora o sentimento diminuísse a cada instante. Mesmo assim, à medida que a sensação diminuía, seu senso de identidade também o fazia, o sentido de saber o que e quem ele era. Era apenas a presença de Gala que parecia lhe dar uma espécie de base e Blaise teve uma sensação ruim sobre o episódio que ele tinha acabado de experimentar. Era possível que ele tivesse mais períodos de tempo sem pensamento, com sua mente mais absorvida pela beleza serena e matemática dos padrões em torno dele. Será que lentamente ele se perderia ali? Aquela ideia era assustadora.

— Então eu volto com você — ela disse de forma simples. Blaise não tinha tornado sonoro seus pensamentos, mas ela os respondia assim mesmo. Blaise também sabia o que Gala sentia àquele respeito. Ela se sentia muito mais ambivalente sobre o retorno. Ele entendia a hesitação dela. Ela era um produto dos dois reinos e se sentia quase tão à vontade aqui quanto no mundo dele. De muitas maneiras, ela

preferia aquele local sereno e surpreendentemente diferente. Não havia feiura ali, nem injustiça que ela tivesse que tolerar.

— Talvez possamos fazer alguma coisa quanto a isso — Blaise pensou, lembrando-se de suas intenções originais. Ele ainda queria ajudar as pessoas, eliminar o sofrimento que tinha deixado Gala tão constrangida.

Por um breve momento, ela pareceu pensar em algo que ele não conseguiu discernir. Então, um padrão apareceu diante dele. Uma forma estranha e complexa que não continha os componentes inteligentes que ele via em Gala.

— Isso é parte do feitiço que você teceu antes — ela explicou, projetando seus pensamentos para ele.

Blaise avaliou a forma com curiosidade. Tudo que ele vira, provara e cheirara eram texturas incomuns e coisas que não tinham nada em comum com as palavras arcanas que ele tinha escrito nos cartões.

Gala, no entanto, parecia saber o que fazer com aquilo. Ele via que ela estava alterando a estrutura, modificando-a enquanto a ladeava. Olhando de mais perto, Blaise notou que havia falhas na matemática intrincada do feitiço, erros que ele tinha feito inadvertidamente e via que Gala os consertava. As alterações começaram pequenas, mas com o tempo tinham praticamente recriado a estrutura, lhe dando nova vida. Com cada alteração que Gala fazia, novos gostos, cheiros e associações ocorriam a Blaise, inundando seus novos sentidos.

Finalmente, depois do que pareceu ser horas, a atividade parou.

— Está pronto? — o pensamento dela lhe chegou.

— Sim. Leve-nos para casa — ele pensou de volta e observou as cores da estrutura de feitiço brilharem mais enquanto eles partiam para o Reino Físico.

## Epílogo: Dranel

Dessa vez, quando a lucidez veio, Dranel soube quem era instantaneamente. A última coisa de que lembrava era de observar Gala. Ela tinha feito alguma coisa e ele tinha reagido. Fosse o que fosse, o tinha levado à calma profunda pela qual ele ansiava, mas agora a lucidez que ele frequentemente amaldiçoava estava de volta.

Os pensamentos de Dranel estavam mais claros do que jamais estiveram e ele chegou a uma decisão. Ele preferia muito mais a serenidade de não pensar a esse estado de lucidez. Sim, a lucidez tinha seus momentos, como quando ele observava Gala mas, por mais fascinantes que esses momentos fossem, no geral, eles não pareciam valer a pena para deixar o estado bem-aventurado em que ele se encontrava com tanta frequência.

Pensar em Gala distraiu Dranel novamente. Ele sentiu algo relacionado a ela. Um sentido de urgência. Um sentido de temor. Ela estava ali. E não na presença efêmera que ele havia testemunhado antes, quando soubera o nome dela. Não, ela estava ali da mesma forma que Dranel estava.

Rapidamente, ele levou sua atenção para ela e viu que era tarde demais. Ela tinha se envolvido em um feitiço. Ele examinou o algoritmo do feitiço. A implicação matemática era genial.

Era uma saída daquele reino, algo que Dranel pensava ser impossível iniciar do próprio Reino do Feitiço.

Ele reagiu instantaneamente. Ele não queria que Gala partisse. Ele queria interagir com ela uma vez mais.

Ele tentou modificar o padrão responsável pela partida dela, impedir seu desenvolvimento, mas não funcionou. Mesmo assim, Dranel sabia que seria capaz de fazer algo com aquele padrão, por isso, ele tentou de novo. Dessa vez, ele tentou tornar o feitiço mais lento e isso pareceu ter um pequeno efeito. Mesmo assim, ele teve apenas breves momentos para observá-la antes que ela se fosse. Por um momento, ele se perguntou se aquela demora, de alguma forma, não faria mal a Gala, mas decidiu que não. Na pior das hipóteses, como efeito colateral, poderia alterar indevidamente a linha de tempo quando ela aparecesse no Reino Físico.

Sem tempo a perder, Dranel começou a examinar Gala e a obra dela. Ao se maravilhar com a beleza dela, ele se tornou ciente de outra coisa. Ela não era o único padrão estranho mesclado naquele feitiço de partida. Havia outro. Curioso, Dranel verificou de mais perto aquele outro ser, e recuou.

Alguma coisa sobre aquele outro padrão encheu Dranel de temor. E foi somente então que ele percebeu o que era o temor. Era uma emoção, e as emoções eram o motivo pelo qual ele preferia nunca estar lúcido.

Aquele padrão evocava uma represa de emoções em Dranel, cada uma pior do que a anterior. Não era o padrão em si, pois Dranel tinha certeza de nunca tê-lo visto antes, mas a forma com que o padrão fazia Dranel sentir. Havia raiva e um senso de perda, anseio e arrependimento desesperados. Ele se sentiu tomado por sentimentos. E, no meio desse turbilhão, Dranel desejou uma coisa acima de tudo: que o silêncio do Reino do Feitiço levasse embora todas aquelas emoções.

Antes mesmo que ele pudesse pensar em como recuperar sua serenidade, o feitiço que tentara tornar mais lento, terminou sua execução, levando Gala e o que for que a acompanhasse para o Reino Físico.

Dranel ficou para trás, com os pensamentos em torvelinho. Ele queria voltar a sua existência tranquila anterior, mas não sabia como. Algo com relação ao que acabara de acontecer o perturbava

profundamente, e ele não entendia o que era.

Enquanto era levado, lúcido, pelo mundo cheio de padrões que o cercava, ele se percebeu ressentindo cada barulho, cada feitiço, que ele sentia como uma intrusão. Ele tentava ficar em um lugar onde não houvesse interrupções, ecos do Reino Físico, mas não conseguia encontrar esse local.

Com o passar do tempo, Dranel lentamente chegou à conclusão de que nada mais seria como era, a não ser que ele fizesse algo para recuperar a paz e tranquilidade pelas quais ele ansiava.

A não ser que ele silenciasse a fonte de sua aflição.

# Apresentação Preliminar

Obrigado por ter lido! Adoraríamos saber o que você achou do livro, por isso, se quiser escrever uma crítica, agradeceríamos muito por isso. Anna e eu usamos as críticas dos leitores para estabelecer objetivamente em qual, de nossas várias séries de livros, trabalharemos em seguida, e saber o que funciona e o que não funciona, portanto, qualquer e todo feedback franco é valioso para nós.

Assinem para receber meu boletim informativo em <http://www.dimazales.com/portuguese.html> e para saber quando sairá o próximo livro.

Obrigado pelo seu apoio! Eu agradeço de verdade.

E agora, vire a página para uma prévia de meus outros trabalhos...

# Trecho De *Encontros Íntimos*

## De Anna Zaires

**Nota:** *Encontros Íntimos* é um trabalho de colaboração de Dima Zales com Anna Zaires e é o primeiro livro da série de romance erótico de ficção científica aclamada pela crítica, *As Crônicas dos Krinars*. Ele inclui conteúdo sexual explícito e não é adequado para leitores menores de 18 anos.

\* \* \*

*Um romance sombrio e intrigante que atrairá fãs de relacionamentos eróticos e turbulentos...*

No futuro próximo, os krinars governam a Terra. Uma raça avançada de outra galáxia, eles ainda são um mistério para nós, e estamos completamente à mercê deles.

Tímida e inocente, Mia Stalis é uma universitária na cidade de Nova Iorque que sempre teve uma vida muito comum. Como a maioria das pessoas, ela nunca teve qualquer interação com os invasores. Até que um dia no parque muda tudo. Tendo atraído o olhar de Korum, ela agora deve lidar com um krinar poderoso e perigosamente sedutor que quer possuí-la e nada o impedirá de tê-la para si.

Até onde você iria para recuperar a liberdade? Quando sacrificaria para ajudar seu povo? O que escolheria ao começar a se apaixonar pelo inimigo?

\* \* \*

O ar estava fresco e claro enquanto Mia andava rapidamente por um caminho sinuoso no Central Park. Os sinais da primavera estavam por toda parte, de minúsculos brotos em árvores ainda nuas à proliferação de babás que aproveitavam o primeiro dia quente com crianças barulhentas.

Era estranho como tudo mudara nos últimos anos e, mesmo assim, como muito permanecera inalterado. Se alguém perguntasse a Mia dez anos antes como pensaria que a vida seria depois de uma invasão alienígena, isso não passaria nem perto do que imaginaria. *Independence Day*, *A Guerra dos Mundos* — nada disso chegava nem perto da realidade de encontrar uma civilização mais avançada. Não houvera lutas, nenhuma resistência de nenhum tipo no nível dos governos — porque *elas* não o tinham permitido. Pensando bem, estava claro como aqueles filmes eram bobos. Armas nucleares, satélites, jatos — eram pouco mais do que pedras e pedaços de pau para uma civilização antiga que podia cruzar o universo com velocidade superior à da luz.

Ao notar um banco vazio perto do lago, Mia andou na direção dele, com os ombros sentindo o peso da mochila onde estavam o *notebook* grande, de doze anos de idade, e vários livros antigos de papel. Aos vinte e um anos de idade, às vezes ela se sentia velha, fora de sincronia com aquele novo mundo de ritmo rápido, de *tablets* finos e celulares embutidos em relógios de pulso. O ritmo do progresso tecnológico não diminuía desde o Dia K. No máximo, muitos dos novos dispositivos tinham sido influenciados pelo que os krinars tinham. Não que os Ks tivessem compartilhado alguma da tecnologia preciosa deles. No que dizia respeito a eles, o pequeno experimento tinha que continuar sem interrupções.

Abrindo a mochila, Mia retirou o velho Mac. A coisa era pesada e lenta, mas funcionava. E, como uma universitária pobre, ela não podia comprar nada melhor. Fez login, abriu um documento do Word em branco e preparou-se para o processo doloroso de escrever o trabalho de sociologia.

Dez minutos e exatamente zero palavras depois, ela parou. A quem estava enganando? Se realmente quisesse escrever a maldita coisa, nunca teria ido ao parque. Apesar de ser tentador fingir que conseguia desfrutar do ar fresco e ser produtiva ao mesmo tempo, na experiência dela, aquelas duas coisas não eram compatíveis. Uma biblioteca velha e bolorenta era um local muito melhor para qualquer coisa que exigisse aquele tipo de esforço cerebral.

Xingando-se mentalmente pela própria preguiça, Mia soltou um suspiro e começou a olhar em volta. Observar as pessoas em Nova Iorque sempre fora uma atividade divertida.

A paisagem era familiar, com a pessoa sem-teto obrigatoriamente ocupando um banco próximo — ainda bem que não era o banco mais perto dela, pois ele parecia não ter um cheiro muito agradável — e duas babás conversando em espanhol enquanto empurravam carrinhos de bebê preguiçosamente. Uma garota corria em um caminho um pouco adiante, com Reeboks cor-de-rosa claros contrastando com a calça azul. O olhar de Mia a seguiu à medida que ela fazia uma curva, invejando a boa forma dela. O horário irregular de Mia deixava pouco tempo para exercícios e ela duvidava que conseguisse acompanhar a garota até mesmo por um quilômetro.

À direita, ela viu a ponte Bow sobre o lago. Um homem estava encostado no corrimão, olhando para a água. O rosto dele estava virado para o outro lado e Mia só conseguia ver parte do perfil. Mesmo assim, alguma coisa nele chamou a atenção dela.

Ela não sabia ao certo o que era. Ele era alto e parecia estar em boa forma sob o casaco de aparência cara que usava, mas aquilo era apenas parte do motivo. Homens altos e bonitos eram comuns na cidade de Nova Iorque, infestada de modelos. Não, era alguma outra coisa. Talvez a postura dele, muito quieto e sem nenhum movimento extra. Os cabelos eram escuros e brilhantes sob o sol claro da tarde, longos o suficiente na frente para se moverem de leve sob a brisa morna da primavera.

Ele também estava sozinho.

É isso, percebeu Mia. A ponte normalmente popular e pitoresca estava completamente deserta, exceto pelo homem parado sobre ela. Por algum motivo desconhecido, todos pareciam se manter à distância. Na realidade, exceto por ela mesma e o vizinho sem-teto possivelmente fedorento, toda a fileira de bancos no local altamente desejado à beira do rio estava vazia.

Como se sentisse o olhar dela sobre ele, o objeto da atenção de Mia virou lentamente a cabeça e olhou diretamente para ela. Antes mesmo que o cérebro consciente conseguisse fazer a conexão, ela sentiu o sangue congelando, deixando-a paralisada no lugar e incapaz de fazer qualquer coisa além de olhar para o predador que, agora, parecia examiná-la com interesse.

\* \* \*

*Respire, Mia, respire.* Em algum lugar na parte de trás da mente, uma voz racional fraca continuava repetindo aquelas palavras. Aquela mesma parte estranhamente objetiva dela notou a estrutura simétrica do rosto dele, com a pele dourada esticada sobre as bochechas altas e o maxilar firme. As fotografias e os vídeos dos Ks que ela vira não lhes faziam justiça. Parado a não mais de dez metros de distância, a criatura era simplesmente deslumbrante.

Enquanto ela continuava a encará-lo, ainda congelada no lugar, ele endireitou o corpo e começou a andar na direção dela. Na verdade, ele lentamente a perseguia, pensou ela tolamente, pois cada movimento dele lembrava o de um felino da selva aproximando-se de uma gazela. Durante o tempo todo, os olhos dele não se afastaram dos dela. Ao se aproximar, ela notou pontos amarelos individuais nos olhos dourados claros dele e os longos cílios grossos que os envolviam.

Ela olhou com descrença horrorizada quando ele se sentou no banco dela, a menos de sessenta centímetros de distância, e sorriu, mostrando dentes brancos perfeitos. Nada de presas, notou ela com uma parte funcional do cérebro. Nem mesmo traços de presas. Aquele era outro mito sobre eles, como a suposta aversão pelo sol.

— Qual é o seu nome? — a criatura praticamente ronronou a pergunta. A voz dele era baixa e suave, completamente sem sotaque. As narinas dele tremeram ligeiramente, como se estivesse inalando o perfume de Mia.

— Ah... — Mia engoliu nervosamente. — M-Mia.

— Mia — repetiu ele lentamente, parecendo saborear o nome. — Mia de quê?

— Mia Stalis. — Ah, droga, por que ele queria saber o nome dela? Por que estava lá, conversando com ela? De forma geral, o que ele estava fazendo no Central Park, tão longe de todos os centros dos Ks? *Respire, Mia, respire.*

— Relaxe, Mia Stalis. — O sorriso dele aumentou, expondo uma covinha na bochecha esquerda. Uma covinha? Ks tinham covinhas? — Você nunca encontrou um de nós antes?

— Não, nunca. — Mia soltou o ar rapidamente, percebendo que prendera a respiração. Ela ficou orgulhosa pela voz não ter soado tão tremula quanto se sentia. Deveria perguntar? Queria saber?

Ela tomou coragem. — O quê, ah... — Ela engoliu em seco novamente. — O que quer de mim?

— Por enquanto, conversar. — Ele parecia que estava prestes a rir dela, com os olhos dourados cintilando ligeiramente nos cantos.

Estranhamente, aquilo a deixou furiosa o suficiente para acabar com o medo. Se havia uma coisa que Mia odiava, era que rissem dela. Com a estatura baixa e magra e uma falta geral de habilidades sociais que vinha de uma adolescência desconfortável envolvendo o pesadelo de todas as garotas — aparelho, cabelos crespos e óculos —, Mia tivera bastante experiência como alvo.

Ela ergueu o queixo beligerantemente. — Ok, e qual é o *seu* nome?

— É Korum.

— Só Korum?

— Nós não temos sobrenomes, não da mesma forma que vocês. Meu nome completo é muito mais comprido, mas, se eu lhe dissesse qual é, você não conseguiria pronunciá-lo.

Bem, aquilo era interessante. Ela se lembrou de ter lido algo parecido no *The New York Times*. Tudo certo até o momento. As pernas já tinham quase parado de tremer e a respiração voltava ao normal. Talvez, apenas talvez, ela conseguisse sair dali com vida. Aquele negócio de conversar parecia seguro, apesar de a forma como ele a encarava, com aqueles olhos amarelados que não piscavam, ser enervante. Ela decidiu mantê-lo falando.

— O que está fazendo aqui, Korum?

— Acabei de falar, estou conversando com você, Mia. — A voz dele, novamente, tinha uma ponta de riso.

Frustrada, Mia soltou um suspiro. — Eu quis dizer, o que está fazendo aqui, no Central Park? Na cidade de Nova Iorque em geral?

Ele sorriu novamente, inclinando a cabeça ligeiramente para o lado. — Talvez estivesse torcendo para encontrar uma garota bonita com cabelos cacheados.

Aquilo foi a gota d'água. Ele estava claramente brincando com ela. Agora que conseguia pensar um pouco novamente, percebeu que estavam no meio do Central Park, à vista de uma infinidade de espectadores. Sorrateiramente, ela olhou em torno para confirmar aquilo. Sim, com certeza. Apesar de as pessoas estarem obviamente passando ao largo do banco onde ela e o outro ocupante de outro mundo, havia várias almas corajosas mais adiante no caminho olhando para lá. Um casal estava até mesmo filmando os dois, cuidadosamente, com a câmera do relógio de pulso. Se o K tentasse fazer qualquer coisa com ela, em um piscar de olhos estaria no YouTube e ele sabia disso. É claro que ele podia ou não

se importar.

Ainda assim, partindo do princípio que ela nunca vira nenhum vídeo de ataques de Ks a garotas universitárias no meio do Central Park, estava relativamente segura. Com cuidado, ela pegou o *notebook* e ergueu-o para colocá-lo de volta na mochila.

— Deixe-me ajudá-la com isso, Mia...

E, antes que conseguisse sequer piscar, ela o sentiu pegar o *notebook* pesado dos dedos subitamente moles, encostando gentilmente neles. Uma sensação parecida com um choque elétrico percorreu Mia quando ele a tocou, deixando as extremidades nervosas formigando.

Pegando a mochila, ele cuidadosamente guardou o *notebook* em um movimento suave e sinuoso.  
— Pronto, muito melhor agora.

Ah, meu Deus, ele tocara nela. Talvez a teoria de Mia sobre segurança em locais públicos fosse falsa. Ela sentiu a respiração acelerar novamente e, àquela altura, a pulsação estava bem além da zona anaeróbica.

— Eu tenho que ir agora... Adeus!

Ela nunca saberia como conseguiu dizer aquelas palavras sem hiperventilar. Agarrando a alça da mochila que ele acabara de soltar, ela se levantou depressa, notando em algum lugar no fundo da mente que a paralisia anterior parecia ter desaparecido.

— Adeus, Mia. Vejo você outra hora. — A voz suavemente zombeteira dele flutuou no ar fresco da primavera quando ela saiu, quase correndo com a pressa de se afastar.

\* \* \*

se quiser saber mais, acesse o site de Anna, <http://www.annazaires.com/portugues.html>, e registre-se na nova lista de lançamentos em português.

## Sobre O Autor

Dima Zales é um autor de ficção científica e fantasia que reside em Palm Coast, na Flórida. Antes de ser escritor, ele trabalhou na indústria de desenvolvimento de software em Nova York, tanto como programador quanto como executivo. De software comerciais de alta frequência para grandes bancos a apps móveis para revistas populares, Dima fez de tudo. Em 2013, ele saiu da indústria de software para se concentrar em sua carreira de escritor.

Dima possui mestrado em Ciência da Computação da NYU e dois diplomas universitários em Ciência da Computação / Psicologia de Brooklyn College. Ele possui também vários hobbies e interesses, sendo o mais singular deles o mentalismo em nível profissional. Ele simula a leitura da mente em palcos e de forma particular, tendo realizado shows para empresas, pessoas de posses e amigos.

Ele também se dedica a bons hábitos alimentares e ao condicionamento físico, portanto, ele deverá viver o bastante para terminar todos os projetos de livros que começa. De fato, ele espera alcançar os progressos tecnológicos que possam fazer com que ele viva para sempre (biologicamente ou de outra forma). Além disso, ele também gosta de aprender sobre tecnologias atuais e futuras que possam melhorar nossa vida, inclusive a inteligência artificial, o biofeedback, interfaces cérebro/computador e implantes de aprimoramento cerebral.

Além do *O Código de Feitiçaria (O Código de Feitiçaria: Volume 1)*, que foi indicado para o prêmio Roné 2014, e *O Reino do Feitiço (O Reino do Feitiço: Volume 2)*, Dima colaborou em vários romances com a esposa, Anna Zaires. As Crônicas dos Krinars, uma série de ficção científica erótica tem sido best-seller em sua categoria e foi reconhecida por *Marie Claire* e *Woman's Day*. Se você gosta de romances eróticos com uma trama singular, não deixe de ler, principalmente o primeiro livro da série (*Encontros Íntimos*) que está disponível no Brasil. Mas saiba que os livros de Anna Zaires são bem mais explícitos.

Anna Zaires é o amor de sua vida e grande inspiração em todos os aspectos de sua escrita. Ela definitivamente acrescenta seu toque mágico a tudo que Dima cria, e os livros não seriam o que são, sem ela. Os fãs de Dima são encorajados a saber mais sobre Anna e seu trabalho em <http://www.annazaires.com/portugues.html>.